

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ELIANA ALDA DE FREITAS CALADO

**AUTOBIOGRAFIAS DE SIMONE DE BEAUVOIR:
SUJEITO, IDENTIDADE, ALTERIDADE**

BRASÍLIA

2012

ELIANA ALDA DE FREITAS CALADO

AUTOBIOGRAFIAS DE SIMONE DE BEAUVOIR: SUJEITO, IDENTIDADE,
ALTERIDADE

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em História ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade de Brasília, na área de História Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Cristina Kirschner

BRASÍLIA

2012

ELIANA ALDA DE FREITAS CALADO

AUTOBIOGRAFIAS DE SIMONE DE BEAUVOIR: SUJEITO, IDENTIDADE,
ALTERIDADE

Tese apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Doutor
em História ao Programa de Pós-
Graduação em História, da
Universidade de Brasília, na área de
História Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Tereza
Cristina Kirschner

Data de aprovação: _____, _____ de _____.

Banca examinadora: _____ (Presidente)

_____ (Suplente)

BRASÍLIA

2012

A Leonor (1908 – 1997), minha avó materna. Nascida no mesmo ano de Simone de Beauvoir, não teve a oportunidade de conhecer o mundo das letras. Isso não se mostrou, todavia, impedimento para sua sabedoria, generosidade e bom humor, dons que a acompanharam por toda vida e continuam vivos na lembrança dos que sabem de sua história.

À memória de Marcus Vinícius Macedo Cysneiros (1968-2010), colega amável, aguerrido e entusiasmado pelos estudos, que, partindo tão bruscamente deste mundo, não teve tempo de concluir sua relevante tese.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos;

À equipe do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, especialmente, às Professoras Márcia Kuyumjian e Albene Meneses, coordenadoras durante o período em que cursei o doutorado, e a Pedro Gonçalves, cuja simpatia tornava mais leve a burocracia acadêmica;

À Professora Tereza Kirschner, por aceitar me acompanhar nessa jornada e pela orientação atenciosa;

Às Professoras Cléria Botelho e Germana Henriques Pereira, pela gentileza de participar da banca de defesa e, assim, contribuir para melhoria dessa pesquisa;

Ao Professor Daniel Faria, pelas críticas construtivas e importantes sugestões dadas por ocasião do exame de qualificação e por concordar em fazer parte da banca de defesa;

Ao Professor Raimundo Barroso, que acompanha minha trajetória acadêmica desde a graduação, sempre me apoiando de maneira muito respeitosa, e por estar presente nessa defesa;

À Professora Maria Angélica Madeira, pela leitura atenta e pelas valiosas sugestões conferidas por ocasião da qualificação;

À Professora Maria Filomena Pinto da Costa Coelho e ao Professor André Leme Lopes, por aceitarem a suplência das bancas de qualificação e de defesa, respectivamente;

Ao estímulo dos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, em especial, Eleonora Zicari, Nancy Alessio, José Walter Nunes e Márcia Kuyumjian, com quem tive oportunidade de cursar disciplinas no primeiro ano de doutorado;

Às queridas amigas que fiz no Planalto: Denise Gama, Gláucia Péclat e Sheila Luppi, por tornarem meus dias no cerrado mais felizes;

A Azemar dos Santos Soares Júnior, pela amizade, pelo carinho, bem como por dividir as inquietações acadêmicas e burocráticas;

À coordenação do curso de história das Faculdades Integradas de Patos, nas pessoas de Dione Assis e de Maria do Socorro Lucena, que me apoiaram no meu projeto de qualificação profissional;

Às amigas, colegas de trabalho, e companheiras de estrada: Etiene Mendes Rodrigues, Hildênia Onias, Luciana Queiroz, Michelle Dayse Marques e Vaneide Lima;

Aos amigos e às amigas, que me acompanharam de perto nessa caminhada, me apoiando e me confortando: Ana Paula Falcão, Ana Thália Nóbrega, Fernanda Rocha, Héric Dayann e Maximiano Lopes Machado;

A Fabrício Moraes, pelo passado, presente e futuro que temos juntos, agradeço o amor, a amizade, o apoio e a extrema paciência;

Aos meus cunhados, Alain Bleu e François Deplagne, por manterem mais vívido meu laço com a França;

À minha irmã Adriana, por todo apoio e confiança, por me receber tão carinhosamente em sua casa quando fui participar do colóquio em homenagem ao centenário de Simone de Beauvoir e por me presentear com dois sobrinhos maravilhosos, Guilherme e Luan;

À minha irmã Luciana, pelo companheirismo e incentivo constantes, por me proporcionar a melhor das estadias em Brasília e por me dar a oportunidade de conviver com Heloíse, Gabriel e Eleonora;

A Eleonora e a Luan, que nasceram durante esse percurso, reanimando-o e revelando belezas e levezas a cada dia;

A Guilherme, cuja doçura aliviou o frio do inverno francês e por me dar a honra de ser tia de alguém tão companheiro e gentil;

A Heloíse e Gabriel, cujas irrupções barulhentas no meu quarto me tiravam da siseudez do trabalho e espareciam minha mente, dando novo fôlego à pesquisa. Esta tese não poderia ter sido escrita sem a presença alegre dos meus sobrinhos;

À minha tia Firmina, pelo amor e carinho, por me proporcionar uma infância feliz, cheia de brincadeiras e de sonhos;

À minha mãe Elena, por me ensinar diariamente a generosidade e o amor incondicional;

Ao meu pai Alder, pelo apoio e estímulo incessantes, por ser um exemplo de honestidade, perseverança e solidariedade e por ter sido a primeira pessoa a me apresentar a história de Simone de Beauvoir;

Agradeço, por fim, a todas as pessoas que, de alguma maneira, tornaram possível a realização dessa tese.

RESUMO

Entre 1958 e 1972, a escritora francesa Simone de Beauvoir (1908 – 1986) lançou quatro autobiografias, nas quais narra sua trajetória, do nascimento à velhice. Interessame nesta tese compreender como Beauvoir construiu e deixou registrada sua identidade autobiográfica, relacionando diferentes aspectos entre sua vida privada e sua vida pública, e apontando hipóteses sobre suas razões para apresentar-se da maneira que o fez. De início, tratei de trabalhar a relação entre sujeito e autobiografia. Como se pode definir uma autobiografia? Como situá-la entre outros tipos de narrativas autorreferenciais? Qual a importância deste tipo de narrativa para o saber histórico? O que se pode entender sobre o conceito de sujeito? Como Beauvoir se percebe enquanto tal? Em seguida, busquei concentrar a atenção no processo de construção da identidade autobiográfica seguido por Beauvoir. Ao longo de suas autobiografias, ela perseguia determinado fio condutor, certa unidade que justificasse sua identidade, além de seu nome próprio. Interessame justamente entender de que maneira Beauvoir construiu esta suposta unidade. Por fim, dediquei-me a compreender como o texto autobiográfico de Beauvoir foi utilizado como registro da alteridade. Destaquei a relação de Beauvoir com o outro em duas situações principais: a rivalidade observável no seio da intelectualidade francesa, evidenciada nas suas relações com Maurice Merleau-Ponty e Albert Camus, bem como na análise que a autobiógrafa fazia da recepção de suas obras pela crítica. Como Beauvoir representa seus adversários? Com quais intenções? Busquei trabalhar em torno de tais questões, o que permitiu perceber que subjetividade, identidade e alteridade formam os construtos conceituais-chave que norteiam este trabalho. Procuro entender, não somente a importância do sujeito na contemporaneidade, como também a da narrativa que o mesmo constrói sobre si, sobre o seu tempo e sobre o outro, para o conhecimento da experiência humana pelas disciplinas sociais, destacando a compreensão histórica na análise.

Palavras-chave: 1. Simone de Beauvoir 2. Autobiografia 3. Identidade 4. Sujeito 5. Alteridade

RÉSUMÉ

Entre 1958 et 1972, l'écrivaine française Simone de Beauvoir (1908 – 1986) a fait publier quatre autobiographies, dans lesquelles elle nous raconte sa trajectoire, dès la naissance jusqu'à la vieillesse. Il m'intéresse, dans cette thèse, de comprendre comment Beauvoir a-t-elle construit et laissé enregistrée son identité (autobiographique), tout en associant de différents aspects entre sa vie privée et sa vie publique, en même temps qu'elle indique des hypothèses concernant les raisons qu'elle a eues pour se présenter de la façon dont elle se présente. J'ai, d'abord, tâché de travailler la relation entre sujet et autobiographie. Comment peut-on une définir une autobiographie ? Comment peut-on la mettre comme l'un parmi d'autres types de récits d'auto-référence ? Quelle l'importance de ce type de récit pour le savoir historique ? Qu'est-ce qu'on peut comprendre sur le concept de sujet ? Comment Beauvoir s'aperçoit-elle en tant que sujet? Ensuite, j'ai cherché à tenir l'attention sur le processus de construction de l'identité autobiographique suivi par Beauvoir. Au long de ses autobiographies, elle poursuivait un certain fil conducteur, une certaine unité en mesure de justifier son identité, au-delà de la force symbolique de son nom. Il m'intéresse précisément de comprendre comment Beauvoir a-t-elle construit cette prétendue unité. `Finalement, je me suis consacré à comprendre comment le texte autobiographique de Beauvoir a été utilisé en enregistrement d'altérité. En même temps, j'ai mis en relief les rapports entretenus par Simone de Beauvoir avec l'autre dans deux situations principales: la rivalité observable au sein de l'intellectualité française, mise en évidence lors de ses relations avec Maurice Merleau-Ponty et Albert Camus, ainsi que dans l'analyse qu'elle faisait, en tant qu'autobiographe, de la réception de ses oeuvres par la critique. Comment Beauvoir représente-t-elle ses adversaires ? Avec quelles intentions ? À cette hauteur, j'ai cherché à travailler autour de telles questions, ce qui m'a permis de percevoir que subjectivité, identité et altérité forment les constructs conceptuels-clé qui guident ce travail. Je tenté, en outre, de comprendre pas seulement l'importance du sujet dans la contemporanéité, mais aussi celle concernant le récit que le même sujet construit sur lui-même, sur sur son temps et sur l'autre, pour la connaissance de l'expérience humaine par les disciplines sociales, tout en soulignant la compréhension historique dans l'analyse.

Mots-clé: 1. Simone de Beauvoir 2. Autobiographie 3. Identité 4. Sujet 5. Altérité

ABSTRACT

Between 1958 and 1972, the French writer Simone de Beauvoir (1908 – 1986) had published four autobiographies, in which she tells her existential trajectory, from birth until oldness. In this thesis, I intend to understand how Beauvoir has constructed and how she has registered her autobiographic identity, underlining different aspects about her private and public life, as well as how she has pointed some hypotheses concerning reasons she had to present herself. I try to identify the path by means which she has made it. At the beginning, the matter consists in identify a possible relationship concerning Subject and Autobiography concepts. How can we define an autobiography? How can we identify it among different kinds of autobiographic referential narratives? Which is the importance of such a kind of narrative vis-à-vis historical knowledge? What can we know about Subject concept? How does Simone de Beauvoir perceive herself as a Subject? Further, I have taken into account the process of construction which Simone de Beauvoir has followed, in presenting her autobiographic identity. Through her autobiographic narratives, we can observe the presence of a conducting wire, some unity justifying her identity, beyond her own name. I try precisely to understand how Beauvoir has constructed such a supposed unity. I try, at last, to understand how Beauvoir's text was used as a register on otherness. I have undertaken underlining Beauvoir's relationship to other in two main situations: the rivalry climate existing among French intellectuality, which was present in her relationship with Maurice Merleau-Ponty and Albert Camus, as well as in the analysis Simone de Beauvoir presented about Critique's reception of her works. How did Beauvoir represent her adversaries? Which were her intentions about them? These questions led me to understand that Identity, Otherness and Subjectivity were Beauvoir's conceptual constructs-key which have inspired her works. In this thesis, finally, I try to understand both the important role of the Subject in contemporaneous societies or the narrative path he constructs about himself, about his time and about the other, vis-à-vis Knowledge of human experience by means of scientific disciplines, especially historical understanding for analysis.

Key words: 1. Simone de Beauvoir 2. Autobiography 3. Identity 4. Subject 5. Otherness

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Capítulo I - Sujeito e autobiografia: a existência através da escrita	22
1.1. AUTOBIOGRAFIA E SABER HISTÓRICO	27
1.1.1. A autobiografia contemporânea	27
1.1.2. Alguns tipos de escritas de si	30
1.1.3. Conceitos históricos e narrativa auto-referencial	35
1.1.3.1. Verdades autobiográficas	36
1.1.3.2. Memória e história na escrita auto-referencial	39
1.1.3.3. O tempo autobiográfico	44
1.1.4. Autobiografia e ficção	46
1.1.4.1. Pactos da autobiografia	50
1.2. AUTOBIOGRAFAR-SE: UM EXERCÍCIO DO SUJEITO	52
1.2.1. O culto do eu	53
1.2.2. O culto do nós	57
1.2.3. O sujeito e o mundo	60
1.2.4. O sujeito no mundo	69
2. Capítulo II – Identidade autobiográfica: construção de si	76
2.1. Identidade: elaboração de um sentido para a existência	80
2.2. Identidade autobiográfica: narrativa de realização do projeto original	87
2.2.1. A construção do eu na autobiografia	87
2.2.2. A identidade explicada pelas origens	90
2.2.3. As livres construções dos anos de juventude e seus desdobramentos no processo identitário	98
2.2.4. O papel dos contrastes na construção da identidade	104
2.2.5. <i>Mise en marche</i> das promessas iniciais: relato autobiográfico	106
2.3. Simone de Beauvoir por Simone de Beauvoir	116
2.3.1. “Estou satisfeita com meu destino e não queria que tivesse sido diferente em nada”	116
2.3.2. Encontro com Sartre: “o acontecimento capital da minha existência”	119
2.3.3. Escrever: “o grande negócio da minha vida”	124

3. Capítulo III - Alteridade: a representação autobiográfica da relação entre o “eu” e o “outro”	128
3.1. Do outrem ao outro: os Mandarins de Saint-Germain-des-Prés	134
3.1.1. Merleau-Ponty, um moço demasiadamente bem-comportado	143
3.1.1.1. Engajamento e amizade	145
3.1.1.2. A criação autobiográfica do outro: entre Jean Pradelle e Merleau-Ponty	149
3.1.2. Albert Camus, um estrangeiro	157
3.1.2.1. Intelectuais revoltados: ex-comunista X recém-convertido	162
3.1.2.2. Estratégias autobiográficas: combater o outro para reafirmar o eu	167
3.2. Recepcionar as críticas: a resposta da autora	173
Considerações finais	186
Referências	194

INTRODUÇÃO

“Nasci às quatro horas da manhã, em 9 de janeiro de 1908, num quarto com móveis laqueados de branco, que dava para o bulevar Raspail”: são estas as primeiras palavras que Simone de Beauvoir escolheu para dar início à narrativa da sua história de vida.¹ Não se trata de uma frase qualquer. É rica tanto de informações sobre o lugar sócio-histórico da autora como de simbologia. Pela mesma, o leitor situa a autobiógrafa temporal e geograficamente, além de ter um primeiro contato com a perspectiva que ela tinha sobre sua própria existência. Era início de dia, de mês, de ano, de século. Parisiense, nascida em plena *Belle Époque*, Beauvoir chegava a um mundo em branco, carente da habilidade de suas mãos em enegrecer páginas, dando cor ao que a rodeava. De fato, dar seu próprio tom à história da qual foi, ao mesmo tempo, sujeito e objeto revelou-se como um dos principais motivos que levaram Beauvoir a lançar-se ao empreendimento autobiográfico: “se sou eu que me pinto, nada me assusta”, diz ela.²

Entre 1958 e 1972, publicou quatro livros neste gênero. São eles **Memórias de uma moça bem comportada** (*Mémoires d’une jeune fille rangée*, de 1958), **A força da idade** (*La force de l’âge*, de 1960), **A força das coisas** (*La force des choses*, de 1963) e **O balanço final** (*Tout compte fait*, de 1972). O primeiro narra a sua vida do nascimento aos 21 anos (1908 – 1929); o segundo, do início da sua independência financeira até o final da Segunda Guerra Mundial (1929 – 1945); o terceiro, do fim deste conflito até a época da publicação deste livro (1945 – 1963) e o quarto cobre a última década compreendida entre a terceira e a quarta autobiografias (1963-1972).

Nessas narrativas, Beauvoir se propôs a mostrar como um cotidiano, semelhante a tantos outros, ofereceu - em meio a determinadas situações histórico-sociais, à rotina, a imprevistos - condições para que a autora/narradora trilhasse um caminho singular, levando-a a vivenciar determinada experiência que se viu motivada a narrar. Tal singularidade, evidentemente, é compreendida, exposta e explicada pela autora subjetivamente, em função do seu presente, do seu modo de perceber a própria trajetória, das suas intenções em divulgá-

¹ BEAUVOIR, Simone de. *Mémoires d’une jeune fille rangée*. Paris: Gallimard: 1988 [1958], p. 9. “Je suis née à quatre heures du matin, le 9 janvier 1908, dans une chambre aux meubles laqués de blanc, qui donnait sur le boulevard Raspail.”

² Id. *La force des choses I*. Paris: Gallimard, 2002b, p. 10. “...si c’est moi qui me peins, rien ne m’effraie”.

la. São precisamente estas autobiografias que constituem minhas principais fontes de pesquisa.

Esta tese trata da história de um sujeito, Simone de Beauvoir, mais precisamente da narrativa desta história contada em primeira pessoa. Interessa-me compreender como esta autora construiu e deixou registrada certa identidade autobiográfica, relacionando diferentes aspectos entre sua vida privada e sua vida pública e apontando hipóteses sobre suas razões para apresentar-se da maneira que o fez.

Os estudos históricos versados na história dos sujeitos não são exatamente recentes. Como lembra Barbara Caine, os historiadores têm se mostrado nas últimas décadas “interessados em entender como ou por que um indivíduo pode ter visto um evento de um modo particular”, bem como “em explorar o que suas lembranças ou reconstrução revelam sobre a sua mentalidade ou sua visão de mundo.”³ A busca da construção e definição de novos objetos, novos problemas e novas abordagens - tríade tornada famosa pela coleção organizada por historiadores franceses, lançada ao longo da década de 1970 - expressa certa revisão da disciplina histórica, ocorrida ao longo do século XX, que alimenta o debate historiográfico contemporâneo.⁴ O sujeito passou a ocupar um lugar de destaque nos estudos historiográficos, numa guinada subjetiva, na expressão de Beatriz Sarlo.⁵

A crise gerada pela desconfiança em relação aos marcos teóricos até então prevalecentes para a explicação da realidade histórica, tais como o marxismo e o estruturalismo, gerou respostas diversas sobre a maneira de se construir o conhecimento histórico, a exemplo, entre outras, da micro-história e da biografia. É possível observar, a partir de então, uma forte preocupação por parte dos historiadores em situar os seres humanos como agentes dos acontecimentos, como sujeitos nas narrativas históricas, o que François Dosse chama de “a volta do recalcado”: “enquanto o paradigma estruturalista era propenso a dessubstancializar, a eliminar o conteúdo em proveito dos jogos formais, a furtar-se à dimensão dos afetos, estes retornam como importante dimensão a elucidar.”⁶ Vê-se então que há uma valorização pelo que é único e peculiar, conforme salienta Roger Chartier:

³CAINE, Barbara. **Biography and history**. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 75. “... interested in understanding how or why an individual might have seen an event in a particular way, or in exploring what their recollections or reconstruction reveal about their mindset or world view.”

⁴ LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). **História: novos objetos, novas abordagens, novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1976. 3v.

⁵ A argentina Beatriz Sarlo é crítica literária e cultural. Tem se dedicado nos últimos anos ao campo da história cultural. Utilizo como referência o seu livro **Tempo passado; cultura da memória e guinada subjetiva** (2007). A partir de relatos pessoais (entrevistas, testemunhos, autobiografias, etc.), a autora investiga o papel da memória na construção da história sobre a queda dos regimes ditatoriais na América do Sul.

⁶ DOSSE, François. A volta do recalcado: o sujeito. In: DOSSE, François. **História do estruturalismo II**; o canto do cisne. Trad: Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007, pp. 399 – 413, p. 413.

De um lado, sensíveis a novas abordagens antropológicas ou sociológicas, os historiadores quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. Daí resultaram vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares. [...] O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos.⁷

No Brasil, já se contam, há alguns anos, pesquisas históricas importantes sobre o espaço privado, a exemplo da coleção *História da vida privada no Brasil*, lançada em quatro volumes, pela Companhia das Letras no final da década de 1990. O mesmo não se nota, entretanto, quando se trata especificamente de pesquisas sobre histórias de sujeitos: não obstante a publicação abundante de livros nesta temática - correspondências, biografias, memórias, etc. – ainda são consideravelmente poucos, apesar de crescentes, os estudos históricos nesta área, principalmente no que se refere à escrita auto-referencial. Nos últimos cinco anos, contudo, é possível observar-se uma profusão de obras históricas dedicadas a este tipo de documento. A vida humana, única, na sua especificidade e, ao mesmo tempo, representativa da experiência humana em toda sua pluralidade, tem se tornado, cada vez mais, bastante apreciada enquanto objeto de estudo.⁸

Minha aproximação inicial com a obra de Beauvoir foi baseada sobretudo na curiosidade. Assim como grande parte de seu público leitor, também a conheci devido ao seu

⁷ CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, pp. 97-113, p. 98.

⁸ É o que confirmam, entre outros, Ângela de Castro Gomes (GOMES, Ângela de Castro (org.)). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, pp. 8 e 9), e Vavy P. Borges (op. cit., p. 212): até meados da década de 2000, eram as áreas de literatura, psicologia e, especialmente, de educação que mais exploravam este tipo de escrita. Exemplo disto foi o **II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica (CIPA)**; realizado no ano de 2006, em Salvador, com o tema: **tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. O congresso foi organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e co-organizado por outros nove programas de pós-graduação em educação de várias partes do país. Dos seis eixos temáticos propostos no Congresso, quatro privilegiavam as questões de educação e formação; das dezenove intervenções em mesas-redondas, treze se debruçavam igualmente sobre este aspecto, que também era privilegiado por metade dos minicursos oferecidos; isto sem falar na consequente superioridade numérica das comunicações livres na área de educação. Outras áreas não deixaram, entretanto, de ser representadas, como a de história e, principalmente, as de literatura e de psicologia. Cf. Anais II CIPA, 2006. Pouco a pouco, surgiram no Brasil, estudos mais sistemáticos que destacam a perspectiva histórica sobre história dos sujeitos. Alguns deles: as edições **Indivíduo, biografia, história e Arquivos pessoais**, da revista **Estudos Históricos**, de 1997/1 e de 1998/1, respectivamente; a coletânea **Questões de Teoria e Metodologia da História**, de 2000, organizada por César Augusto Barcellos Guazzelli, Sílvia Regina Ferraz Petersen, Benito Bisso Schmidt e Regina Célia Xavier, especialmente a terceira parte do livro: **A biografia histórica: espaço de confluência de questões teóricas, metodológicas e técnicas do trabalho historiográfico contemporâneo** (pp. 121 – 172), outra coletânea organizada por Benito Bisso Schmidt: **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**, também do ano de 2000. Sobre a relação entre história e escrita de si, podemos citar o livro organizado por Ângela de Castro Gomes, **Escrita de si; escrita da história**, de 2004, citado anteriormente e, por último, a obra organizada por estes dois últimos autores, Schmidt e Castro Gomes, **Memórias e narrativas (auto)biográficas**, lançado em 2009.

mais famoso ensaio, que se tornaria referência para o feminismo, **O segundo sexo**. Contudo, foram seus escritos íntimos que mais me chamaram a atenção. Foi por lazer que, ainda adolescente, li e reli diversas vezes **Memórias de uma moça bem comportada**. Pouco a pouco, procurei adquirir as diversas publicações de sua escrita íntima: autobiografias, cartas, diário. Em meados de 2005, decidi transformar minha leitura de entretenimento em objeto de estudo.

Optei por desenvolver esta pesquisa no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília justamente pela preocupação apontada na descrição de uma de suas linhas de pesquisa - Identidades, Tradições, Processos - em contemplar questões que me despertavam interesse. Trata-se de uma linha que privilegia uma abordagem interdisciplinar, centrada na discussão do processo de construção identitária – de sujeitos e de grupos, e que busca abarcar pesquisas que refletem sobre a dinâmica de determinada configuração cultural (tensões, desvios, rupturas, etc.). Na minha pesquisa, enfatizei a trajetória de Simone de Beauvoir no processo de construção de sua identidade, narrada nas suas autobiografias, inserida no contexto da intelectualidade francesa do pós-guerra.

O estilo literário de Beauvoir, sem dúvida, representou para mim um grande atrativo na decisão de investigar a sua narrativa de si. Trata-se de uma autora que consegue envolver o leitor e ser muito convincente na mensagem que deseja comunicar. As autobiografias de Simone de Beauvoir, como observa a romancista Danièle Sallenave, são resultado de uma “intenção, visível ou escondida, de extrair uma necessidade por trás da série de acontecimentos submetidos ao arbitrário do nascimento, dos encontros, dos amores. Tudo se desdobra, nas Memórias, sob uma luz forte, manejada por uma mão que não treme.”⁹ Por isto mesmo, é preciso bastante atenção para não cair nas suas “armadilhas gráficas”. Mantive-me, sempre que possível, alerta.

Além da forma da sua escrita, houve também outra razão - ainda mais forte - para que eu me dedicasse ao presente estudo: a própria história de Beauvoir, filha, agente e testemunha do século XX. A historiadora Barbara Caine ressalta o importante papel que o estudo das histórias de vida vem desempenhando entre os profissionais das ciências humanas no que se refere à compreensão das sociedades contemporâneas: é justamente o olhar singular desses autobiógrafos sobre a sua época e sobre seu meio que se tornou caro aos historiadores, que lêem estas narrativas

⁹ SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre**. Paris: Gallimard, 2008. “l’intention, visible ou cachée, de dégager une nécessité derrière la série des évènements soumis à l’arbitraire de la naissance, des rencontres, des amours. Tout se déploie, dans les Mémoires, sous une lumière forte, maniée d’une main qui ne tremble pas.”

pelo que elas revelam sobre as crenças, ideias e subjetividade de seus autores, e para a percepção que eles oferecem em como as pessoas viam e entendiam a si mesmos e seus mundos. Mais do que fornecer informações sobre eventos específicos, autobiografias são lidas pelo que elas revelam sobre como a religião, comunidade, destino, sexo, trabalho, classe, vida familiar e a natureza do *self* foram abordados e quais as formas de abordar revelado sobre os horizontes mental e moral de seus autores.¹⁰

No caso da trajetória de Beauvoir, seu caráter de exceção acaba sendo um dos aspectos que mais chamam a atenção. Por um lado, sua história, a partir de certo momento, revelou-se bastante atípica no contexto da sociedade em que estava inserida. Era muito raro então que uma moça seguisse os estudos tão longe quanto ela; mais raro ainda que alguma viesse a se destacar em âmbito acadêmico, como aconteceu. Também não era comum que mulheres de origem burguesa vivessem do seu próprio trabalho, que não se casassem, que se dedicassem com afinco à arte da escrita e, não menos notável, o modo rebelde como pronunciou sua palavra, como expressou sua leitura de mundo. Não obstante, Beauvoir também era produto daquele meio; não, não era uma mulher à frente de seu tempo: era uma mulher do seu tempo, por mais divergente que seu comportamento tenha sido do usual. Sua singularidade não a retira de seu lugar social. Ao contrário. Como afirma Carlo Ginzburg, “mesmo um caso-limite [...] pode se revelar representativo, seja negativamente – porque ajuda a precisar o que se deva entender, numa situação dada, por ‘estatisticamente mais frequente’ –, seja positivamente – porque permite circunscrever as possibilidades latentes de algo...”¹¹ Além disto, se, em determinados aspectos, sua trajetória é notadamente incomum, em outros, ela se revela bastante expressiva do meio em que estava inserida: o empreendimento autobiográfico de Beauvoir é, afinal de contas, expressão de uma sociedade centrada no sujeito.¹² Foi, portanto, principalmente, a possibilidade de compreender melhor uma experiência humana, entendendo-a como produto de condições tanto individuais quanto coletivas, que me impulsionou a realizar o presente trabalho.

¹⁰ CAINE, Barbara. **Biography and history**. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 74. “for what they reveal about the beliefs, ideas and subjectivity of their authors, and for the insight they offer into how people saw and understood themselves and their worlds. Rather than providing information about specific events, autobiographies are read for what they reveal about how religion, community, fate, gender, work, class, family life and the nature of the self were addressed and what the forms of address revealed about the mental and moral horizons of their authors.”

¹¹ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Trad. Maria Betânea Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 23. Sobre a noção de excepcionalidade nas histórias de determinadas mulheres, cf. BISSO, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro e BISSO, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro; FGV, 2009, p. 167.

¹² Cf. o primeiro capítulo.

Antes de apresentar os capítulos dessa tese, gostaria de fazer duas observações iniciais sobre a mesma. Apesar de explorar o conceito de autobiografia no corpo do texto, queria explicitar, desde já, por que utilizo o termo no plural e não digo que Simone de Beauvoir escreveu uma só autobiografia dividida em quatro volumes. Primeiramente, faço isto para salientar que trato a autobiografia enquanto uma modalidade específica da narrativa autobiográfica e não enquanto sinônimo desta última. A narrativa autobiográfica é mais ampla do que a autobiografia e engloba outros tipos de escrita, como diários, correspondências, memórias, etc.¹³

Em segundo lugar, o estilo de narrativa e a maneira de abordar a própria história escolhidos por Beauvoir são significativamente diferentes. Enquanto **Memórias de uma moça bem comportada** é considerada por leitores e especialistas como a mais bem escrita e mais emocionante das suas autobiografias, os livros seguintes podem decepcionar aqueles que acreditavam que a autora iria repetir a unidade romanesca e o aspecto intimista característicos daquele primeiro livro.¹⁴ De fato, ainda que o foco esteja na vida de Beauvoir, esses escritos se dedicam, em grande parte, a descrições de viagens, de atividades profissionais, dela e de Sartre, e de acontecimentos nacionais e internacionais, (como, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial). A análise dos sentimentos da protagonista e da sua vida pessoal está longe de aparecer tão intensamente quanto no primeiro livro. No prólogo de **A força da idade**, Beauvoir avisa:

Contei sem nada omitir minha infância, minha juventude; mas se pude sem embaraço, e sem muita indiscrição, colocar a nu meu passado longínquo, não sinto em relação à minha idade adulta o mesmo desapego e não disponho da mesma liberdade. Não se trata aqui de tagarelar sobre mim mesma e meus amigos; não gosto de bisbilhotices. Deixarei resolutamente muita coisa na sombra.¹⁵

Além disso, quando publicou **Memórias de uma moça bem comportada**, Beauvoir não demonstrou nenhuma intenção prévia de dar continuidade à narrativa da sua história de vida, o que veio a fazer posteriormente estimulada por leitores e amigos, mas com motivações visivelmente diferentes daquelas que a levaram a publicar sua primeira autobiografia.¹⁶ Utilizando o termo *autobiografias*, no plural, quero reforçar essas divergências de estilo

¹³ Cf. o item 1.1. do primeiro capítulo.

¹⁴ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. Trad. Marie-France de Paloméra. Paris: Fayard, 1991, p. 541.

¹⁵ BEAUVOIR, Simone de. **La force de l'âge**. Paris: Gallimard, 2002a, p. 13. "J'ai raconté sans rien omettre mon enfance, ma jeunesse; mais si j'ai pu sans gêne, et sans trop d'indiscrétion, mettre à nu mon lointain passé, je n'éprouve pas à l'égard de mon âge adulte le même détachement et je ne dispose pas de la même liberté. Il ne s'agit pas ici de clabauder sur moi-même et sur mes amis; je n'ai pas le goût des potinages. Je laisserai résolument dans l'ombre beaucoup de choses.

¹⁶ *Ibid.*, p. 11.

literário, de temas e de interesses, embora, ao mesmo tempo, queira deixar claro a característica comum que as reúne, permitindo que sejam entendidas como conjunto, apesar de suas peculiaridades: todas são autobiografias de Simone de Beauvoir.

A segunda observação refere-se ao fato de que, não obstante suas autobiografias encontrarem-se todas traduzidas oficialmente para o português, decidi traduzir eu mesma os trechos que cito. As dificuldades que o exercício da tradução implica costumam ser bem conhecidas. Nem sempre os termos e as expressões utilizados num idioma existem em outro, ou então, é exatamente o contrário: existem vários e não se sabe por qual deles optar; as sintaxes das frases muitas vezes não coincidem e uma comunicação clara torna-se impossível; existem também as intenções fonéticas e imagéticas do autor, enfim, muitos são os obstáculos.¹⁷

Beauvoir tem um estilo reconhecidamente “difícil”: parágrafos longos, originalidade ímpar na pontuação, etc.¹⁸ Algumas vezes, esta atipicidade literária característica de Beauvoir não foi, ao meu ver, devidamente respeitada em certas traduções para o português. Não pretendo me eximir de todos os limites e equívocos que podem ocasionar uma tradução; pelo contrário, responsabilizo-me por todos eles. Por isto mesmo, coloco em nota de rodapé, logo após a referência bibliográfica de cada citação, sua versão original. Traduzir é uma tarefa interminável. A felicidade para o tradutor, segundo Ricoeur, só pode ser conseguida com aquilo que ele chama de hospitalidade da linguagem (*hospitalité langagière*), que consiste no consentimento de que uma tradução é apenas uma correspondência, uma equivalência e nunca uma adequação.¹⁹ Meu trabalho de retradução tem esta equivalência como meta e não uma adaptação impossível.

No tocante à metodologia, construí a pesquisa sobretudo a partir da análise comparativa entre as diferentes obras a que tive acesso. Vali-me não apenas das autobiografias de Beauvoir, mas também de uma gama de outros documentos que se revelaram interessantes para a pesquisa que me propus realizar: textos de, e sobre Beauvoir (biografias, testemunhos, ensaios, reportagens, etc.), obras de autores que exploraram noções relevantes para o meu trabalho, literatura existencialista, notadamente a produzida por Sartre,

¹⁷ Dentre os diferentes autores que discorrem sobre os desafios suscitados pela tradução, concordo com a abordagem de Paul Ricoeur, que considera a tradução como uma tarefa interminável, posto que ela nunca pode ser perfeita. (RICOEUR, Paul. **Sur la traduction**. Paris: Bayard, 2004, p. 39 - 42.)

¹⁸ Alguns textos que comentam este estilo: “Simone de Beauvoir: Deux points pour une ouverture graphique à la vie”, de Vicenta HERNÁNDEZ ÁLVAREZ e “L’incipit du manuscrit des ‘Mémoires d’une jeune fille rangée’ ” de Sylviane SAUGUES, ambos retirados de KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.L.; STRASSER, A. **(Re)découvrir l’oeuvre de Simone de Beauvoir**; du “Deuxième sexe” à “La cérémonie des adieux”. Paris: Le bord de l’eau, 2008, pp. 35-46 e pp. 105-112.

¹⁹ RICOEUR, Paul. **Sur la traduction**., pp. 19, 20; pp. 42-43.

material sobre o contexto histórico-social da autora, etc.²⁰ Subjetividade, identidade e alteridade são os construtos conceituais chave que norteiam este trabalho. Busco entender não somente a importância do sujeito na contemporaneidade, mas da narrativa que o mesmo constrói sobre si, sobre o seu tempo e sobre o outro, para o conhecimento da experiência humana pelas disciplinas sociais, destacando a compreensão histórica na análise.

Estruturei a pesquisa em três capítulos. O primeiro está centrado na relação entre sujeito e autobiografia. Textos autobiográficos são resultado de um exercício apreciativo das singularidades, no qual, cada sujeito procura se expor e colocar em evidência aquilo que o caracteriza, aquilo que o distingue dos demais.²¹ Beauvoir lida com esse embate, em grande parte, por meio das suas narrativas autobiográficas. Apesar de ter preservado ao longo da vida muitos documentos íntimos como cartas e diários e haver expressado seu modo de ver o mundo e de compreender a realidade através de suas obras literárias, algumas perguntas persistem: o que a terá feito optar por escrever uma autobiografia? Em primeiro lugar, como se pode definir uma autobiografia? Em que ela difere de outras escritas do eu? Como situá-la entre os outros tipos de narrativas auto-referenciais? Qual a importância deste tipo de narrativa para o saber histórico? E para a cultura contemporânea? O que se pode entender sobre o conceito de sujeito? Como Beauvoir se percebe enquanto tal? O primeiro capítulo organiza-se em torno destas questões.

O segundo concentra-se no processo de construção da identidade autobiográfica de Beauvoir. A autobiógrafa procurou construir e legitimar determinada identidade conforme narrava sua existência. Esta identidade não existe *a priori*, ela é uma escolha do sujeito, condenado a ser livre e a decidir seu destino de acordo com as circunstâncias que a vida lhe reservou. Beauvoir construiu sua identidade autobiográfica seguindo o preceito existencialista de que a existência precede a essência, logo, sua identidade não a precedia: foi ao longo de sua vida e da sua narrativa autobiográfica, que Beauvoir buscou se auto-instituir.

Escrever representava para ela, muitas vezes, uma forma de se compreender, de procurar se encontrar ou de se reencontrar, e isto, geralmente, só é possível quando se estabelece um ponto de unidade, de coerência. Não estou pregando que exista uma “essência” do ser humano, nem que seja possível descrever a vida como um todo coerente. O que quero dizer é que, ao longo de suas autobiografias, Beauvoir buscava determinado fio condutor,

²⁰ Embora a psicanálise tenha uma importante contribuição na área da escrita de si, não tenho a intenção de fazer uma abordagem deste tipo na presente pesquisa. Optei por me apoiar, principalmente, em filósofos, historiadores e teóricos da literatura para discutir o tema, por acreditar que são, essencialmente, os enfoques dos profissionais dessas áreas que me permitirão desenvolver mais adequadamente os problemas que levantei.

²¹ Cf. GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**, pp. 10-15.

alguma unidade que justificasse sua identidade, além de seu nome próprio. Não importa se esta atitude é questionável ou não, se ela é “executável”; o que interessa é a análise desta procura por uma suposta unidade, da qual não foge Beauvoir, e que é comum a vários autores de narrativas auto-referenciais, assim como a autores de biografias. O que interessa, neste caso, é a análise da invenção de determinada identidade através do discurso autobiográfico.²² A identidade dos sujeitos não é dada, mas construída histórica e socialmente, muitas vezes, por meio do discurso, dotado de uma intencionalidade: o autor não escreve sobre si mesmo gratuitamente, ele quer transmitir uma mensagem, comunicar uma determinada trajetória a partir da sua percepção. Definindo a si, o autobiógrafo concomitantemente, elabora uma definição daquilo que ele não é.

No último capítulo, dediquei-me a compreender como o texto autobiográfico de Beauvoir foi utilizado como registro da alteridade, além de expor sua singularidade e exemplaridade como sujeito. Se existe uma identidade, é porque existe uma diferença, e esta se manifesta, principalmente, por meio da alteridade. A relação com o outro parece ter sido uma questão importante para Beauvoir desde sua juventude.²³ Para se destacar enquanto sujeito, para pôr em relevo sua singularidade, para construir sua identidade, ela procurou destacar, ao mesmo tempo, suas relações de alteridade, justamente para acentuar possíveis diferenças e, deste modo, destacar quem ela era, ou melhor, como ela queria ser lida e lembrada. Inventando a si, inventava aos demais. O inferno existencial é provocado pelos outros: a singularidade do “eu” é analisada/desafiada por eles, muitas vezes, não apenas denunciada, mas também desqualificada. Destaquei a relação de Beauvoir com o outro em duas situações principais: a rivalidade no seio da intelectualidade francesa evidenciada nas suas relações com Maurice Merleau-Ponty e Albert Camus e na análise que a autobiógrafa fazia da recepção de suas obras pela crítica. Como Beauvoir representa seus adversários? Com quais intenções? Representar o outro tem como uma das principais funções o conhecimento de si próprio, uma vez que o “eu” é também feito pelos outros, como afirma

²² Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 183 – 191. Utilizo o termo *invenção*, baseando-me na discussão proposta pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque, autor de diversos textos sobre teoria da história e história da cultura: “A palavra invenção, embora possa se referir ou enfatizar aspectos distintos do que seria fundamental na construção do conhecimento sobre o sublunar, remete este conhecimento e os objetos e sujeitos que dele participam para o plano da História, **afastando-os de qualquer forma de naturalização**. Ao usar a palavra invenção, os autores estão enfatizando a dimensão genética das práticas humanas [...]. Os homens inventariam a História através de suas ações e de suas representações.” (ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p 19, grifo meu). Sobre discurso, ver o sentido que Keith Jenkins atribui ao termo, o de que as ideias relacionam-se a interesses e poderes e não são naturais. (JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 109-110).

²³ BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires d’une jeune fille rangée**. Paris: Gallimard, 1988.

Sartre: “a descoberta da minha intimidade descobre-me ao mesmo tempo o outro como uma liberdade posta em face de mim, que nada pensa, e nada quer senão a favor ou contra mim.”²⁴

Em meio a tantas acusações que recebeu: subversiva, subserviente, rancorosa, ególatra, etc., escrever sobre si era uma maneira de dar a sua versão dos fatos, de registrar, com seu próprio punho, a sua vida, evitando, desta forma, deixar espaço ou, ao menos, reduzindo as chances para que outros o fizessem. Nas suas linhas autobiográficas, Beauvoir mostra-se inserida em um contexto histórico, descrevendo sua época, seu meio, sua singularidade e suas relações com alguns de seus contemporâneos. A alteridade é explorada a fundo, relacionada que está à identidade escolhida e construída pela autobiógrafa existencialista:

Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser.²⁵

Nas considerações finais, tratei de sublinhar os achados de minha pesquisa que reputo mais relevantes. Também ousei indicar, para possíveis estudos posteriores, elementos que considero em aberto, a necessitarem de um maior esforço investigativo.

Consciente dos limites de todo processo de investigação, o objetivo último deste trabalho é contribuir, ante os desafios da atualidade, com o aprofundamento da reflexão sobre o processo de construção do conhecimento histórico, principalmente, das relações entre história e escrita de si.

²⁴ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 22. Col. **Os Pensadores**, vol. XLV.

²⁵ *Ibid.*, pp. 12-13.

Capítulo I

Sujeito e autobiografia: a existência através da escrita

*Minha vida: familiar e distante, ela me define e eu lhe sou exterior. O que é ao certo esse estranho objeto? Como o universo de Einstein, ele é ao mesmo tempo ilimitado e finito. Ilimitado: através do tempo e do espaço, ele se evade até as origens do mundo e até seus confins. Resumo em mim a herança terrestre e o estado do universo neste instante. [...] E, no entanto, uma vida é também uma realidade finita. Ela tem um centro de interiorização, um eu que, através de todos os momentos, se coloca como idêntico. Ela se inscreve numa certa duração, tem um começo, um fim, se desenvolve em lugares determinados, guardando sempre suas mesmas raízes, se constituindo num imutável passado, cuja abertura para o futuro é limitada. [...] Mas podemos levantar a seu respeito algumas questões: como se faz uma vida? Qual é a parte das circunstâncias, da necessidade, do acaso, das escolhas e das iniciativas do sujeito?*¹

Simone de Beauvoir. **Tout compte fait** (1972).

Relembrando o início da sua amizade com Jean-Paul Sartre, na primavera de 1929, Simone de Beauvoir narrou em seu primeiro livro autobiográfico, **Memórias de uma moça bem comportada**, o teor de suas conversas: “nós falávamos de um monte de coisas, mas particularmente de um assunto que mais me interessava entre todos: eu mesma.”² O interesse em relação ao seu próprio ser, de fato, marcou boa parte da vida de Beauvoir. Curiosa sobre sua maneira de entender a vida, sua relação com o mundo, seus projetos, sua vocação de escritora, é possível dizer que ela se mostrou fortemente convicta da importância em compreender e comunicar a sua própria existência.

¹ Informarei a bibliografia completa de cada livro na primeira vez que mencioná-los. Nas referências seguintes, mencionarei apenas o título da obra. BEAUVOIR, Simone de. **Tout compte fait**. Paris: Gallimard, 1972, pp. 11-12. “Ma vie: familière et lointaine, elle me définit et je lui suis extérieure. Qu’est-ce au juste que ce bizarre objet? Comme l’univers d’Einstein, il est à la fois illimité et fini. Illimité: à travers le temps et l’espace, il s’échappe jusqu’aux origines du monde et jusqu’à ses confins. Je résume en moi l’héritage terrestre et l’état de l’univers en cet instant.[...] Et cependant une vie est aussi une réalité finie. Elle a un centre d’intériorisation, un je qui à travers tous les moments se pose comme identique. Elle s’inscrit dans une certaine durée, elle a un début, un terme, elle se déroule en des lieux déterminés, gardant toujours ses mêmes racines, se constituant un immuable passe dont l’ouverture sur l’avenir est limité. [...] Mais on peut se poser à son propos certaines questions: comment se fait une vie? Quelle est la part des circonstances, de la nécessité, du hasard, des choix et des initiatives du sujet?”

² Id., **Mémoires d’une jeune fille rangée**, Paris: Gallimard, 1988, p. 475. “Nous parlions d’un tas de choses, mais particulièrement d’un sujet qui m’intéressait entre tous: moi-même.”

Abalada pela eclosão da Segunda Guerra Mundial - cuja possibilidade renegou cegamente durante anos, apesar dos vários sinais ocorridos ao longo da década de 1930 – Beauvoir afirma, nas suas autobiografias, ter despertado para sua ligação com o outro, para a importância da coletividade, para o peso da história, para a relevância da participação política e do engajamento social. Ainda assim, percebe-se que a sua vida pessoal e a busca pelas realizações individuais continuaram desempenhando um papel fundamental para ela.³

Este traço muito característico de Beauvoir - o interesse pela própria história e pelo seu registro - pode ser conferido na sua prática de escrita auto-referencial, na qual foi quase insuperável.⁴ Beauvoir tinha uma dedicação quase diária à narrativa epistolar. Muito frequentes foram, também, os períodos da sua vida em que ela recorreu a um diário como forma de expressão e de auto-conhecimento. Mesmo sem serem, *a priori*, dirigidas ao conhecimento público, narrativas como o diário e a correspondência, mostraram-se centrais na sua atividade de escritora, pois foram algumas das formas literárias de que ela mais se valeu cotidianamente. Além destes gêneros de escrita de si, ela acumulou ensaios, autobiografias, testemunhos, memórias. A narrativa auto-referencial foi, pois, um gênero fundamental na sua obra, tanto pelo volume, como pela relevância que a própria autora, a crítica e boa parte do seu público leitor creditam a este seu tipo de escrita.⁵

Beauvoir reiterou em diversos momentos que o seu projeto autobiográfico estava diretamente ligado a uma necessidade de salvar do esquecimento a sua história, de deixá-la registrada para seus contemporâneos. Era, sem dúvida, a expressão de desejos pessoais: cumprir promessas de juventude, fazer balanços da sua experiência, contar a sua vida de acordo com a sua perspectiva. Além de ser um modo de satisfazer suas próprias expectativas, é possível que a narrativa da sua trajetória seja objeto de interesse de outras pessoas? No entendimento da autora, o seu projeto autobiográfico era também uma utilidade pública: toda

³ Id., **La force de l'âge**. Paris: Gallimard, 2002a, p. 424.

⁴ Embora seja bastante comum na reflexão de natureza filosófica fazer uma distinção entre os termos “história”, “existência” e “vida”, particularmente entre estes dois últimos, Beauvoir utiliza, nas suas autobiografias, todos como sinônimos.

⁵ Até este ano (2011), as publicações de escrita auto-referencial de Simone de Beauvoir chegam ao número de doze, sendo sua obra composta por um total de 27 livros. A maior parte deste tipo de publicação é póstuma. É importante lembrar que vários são seus escritos pessoais que nunca foram publicados. Boa parte das cartas escritas por Beauvoir a Jean-Paul Sartre, a Nelson Algren e a Jacques-Laurent Bost foram publicadas em edição organizada por Sylvie Le Bon de Beauvoir, sua filha adotiva, também responsável pela recente publicação dos seus diários do período entre 1926 e 1930 (BEAUVOIR, Simone de. **Cahiers de jeunesse**; 1926 – 1930. Paris: Gallimard, 2008). Sobre o valor de sua obra intimista, concordam Sylvie Chaperon, Hazel Rowley e Danièle Sallenave, respectivamente, historiadora e escritoras, estudiosas da vida e da obra de Beauvoir. CHAPERON, Sylvie. Les études beauvoiriennes aujourd'hui. In: KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.L.; STRASSER, A. **(Re)découvrir l'oeuvre de Simone de Beauvoir**; du “Deuxième sexe” à “La cérémonie des adieux”. Paris: Le bord de l'eau, 2008, p. 468; ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, pp. 9-15; SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre**. Paris: Gallimard 2008, p. 13.

e qualquer forma de verdade poderia, segundo ela, ser proveitosa ao coletivo. Contar a sua, certamente, contribuiria de algum modo para aprofundar o conhecimento da humanidade sobre si mesma: “toda verdade pode interessar e servir”,⁶ diz ela no prólogo de **A força da idade**. Desta forma, entendia que registrar e divulgar o que julgava ser verdadeiro na sua própria história, longe de ser um exercício de exibicionismo, era na realidade uma maneira de reafirmar que cada sujeito traz em si a possibilidade e a responsabilidade de ajudar, ao seu modo, na transformação e na melhoria de determinado contexto social. Daí tecer críticas às instituições burguesas, ao conservadorismo cultural e ao sistema econômico capitalista.

É provável que a preocupação em encontrar uma verdade seja uma das principais motivações que levou Beauvoir a se tornar fervorosa partidária do existencialismo, doutrina que tem na verdade do sujeito uma das suas ideias centrais.⁷ Em consonância com a afirmação de Heidegger, segundo a qual, “a essência da verdade é a liberdade”,⁸ quando Sartre, por sua vez, enuncia que o homem está condenado a ser livre, significa que esta liberdade, que recai sobre todo ser no momento em que nasce, está associada à procura da verdade, notadamente de uma verdade subjetiva:

O nosso ponto de partida é, com efeito, a subjetividade do indivíduo, e isso por razões estritamente filosóficas. [...] Não pode haver outra verdade, no ponto de partida, senão esta: penso, logo existo; é aí que se atinge a si própria a verdade absoluta da consciência. Toda teoria que considera o homem fora deste momento é antes de mais [nada] uma teoria que suprime a verdade, porque, fora deste cogito cartesiano, todos os objetos são apenas prováveis, e uma doutrina de possibilidades que não está ligada a uma verdade desfaz-se no nada; para definir o provável, temos de possuir o verdadeiro. Portanto, para que haja uma verdade qualquer, é necessária uma verdade absoluta; e esta é simples, fácil de atingir, está ao alcance de toda gente; consiste em nos apreendermos sem intermediário.⁹

Não surpreende que as principais teses da filosofia da existência de Sartre tenham sido escritas nos primeiros anos da Segunda Guerra. Enquanto se mantinha como prisioneiro dos alemães, entre 1940 e 1941, Sartre tomava notas para aquele que seria seu principal

⁶ BEAUVOIR, Simone de. **La force de l'âge**, p. 13. “... toute vérité peut intéresser et servir.”

⁷ O existencialismo dito sartriano recebeu influência de diversas correntes filosóficas, a exemplo do hegelianismo e do marxismo, mas é principalmente no pensamento de Soren Kierkegaard (1813-1855) e de Martin Heidegger (1889 – 1976) que ele se apóia (pelo menos, numa fase inicial). Um dos principais e mais conhecidos textos que se propõe a explicar o existencialismo é **O existencialismo é um humanismo**, de Sartre. O termo “doutrina” é utilizado por Sartre na abertura deste texto para explicar o existencialismo. SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 10. Col. **Os Pensadores**, vol. XLV.

⁸ HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da verdade. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 335. Col. **Os Pensadores**, vol. XLV.

⁹ SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**, p. 21.

tratado filosófico, **O ser e o nada**.¹⁰ Assim como Beauvoir, durante toda década de 1930, Sartre não acreditou na possibilidade de um conflito de ordem mundial, e, apesar de ambos mostrarem-se simpatizantes com os ideais socialistas, só muito tardiamente passaram a considerar importante a participação política: “as pretensões políticas dos intelectuais de esquerda lhe faziam dar de ombros”, comenta Beauvoir a respeito do companheiro, “palavrear, declamar, manifestar, pregar: que agitação vã!” E conclui sobre si mesma: “impotente para combater as infelicidades do mundo, eu só pedia pra esquecê-los”.¹¹

O crescimento dos regimes totalitários foi acompanhado à distância pelo casal, comportamento este que não parece ter sido exceção entre os franceses. Exemplo disto encontra-se na política de não-envolvimento da França na Guerra Civil da Espanha: apesar de se solidarizar com os republicanos espanhóis, nenhuma medida efetiva foi tomada pelo governo francês da Frente Popular para apoiá-los contra o avanço do franquismo. Como justificativa, apontavam-se os acordos internacionais de neutralidade, desrespeitados, por sinal, pela Alemanha, Itália e União Soviética. Mesmo discordando da política pacifista do primeiro-ministro socialista Léon Blum (1872 – 1950), não houve nenhuma movimentação significativa por parte de outros setores da sociedade francesa para combater os militares espanhóis.¹² A vitória destes últimos deixou a França isolada: “três regimes autoritários são seus vizinhos: a Espanha franquista, a Itália e a Alemanha, entre os quais há uma solidariedade de interesses, laços de gratidão. [...] O bloco totalitário sai reforçado da Guerra da Espanha e as democracias, isoladas e enfraquecidas.”¹³ Não obstante, um sentimento de apatia parecia predominar entre os franceses: “O New York Times observou, em maio de 1939: embora a França fosse a democracia mais ameaçada pela Alemanha nazista, nem seus artistas nem seus escritores apresentavam uma verdadeira reação”, lembra Marc Ferro.¹⁴

A situação parece ter mudado com a explosão do conflito, sobretudo, com a invasão do território francês. Para Sartre, o cerceamento da liberdade e a violência cotidiana mostraram-se uma evidência tanto de que a liberdade de cada sujeito está diretamente

¹⁰ É certo que desde meados da década de 1930, Sartre já pensava na relação entre existência e subjetividade, mas, é só no início da década de 1940, que expõe seu pensamento enquanto argumentação filosófica. Exploro mais este período no item 1.2.3. deste capítulo.

¹¹ **La force de l'âge**, p. 303; p. 336. “Les prétentions politiques des intellectuels de gauche lui faisaient hausser les épaules.” “Impuissante à combattre les malheurs du monde, je ne demandais qu’à les oublier.”

¹² A Guerra Civil Espanhola se tornou um conflito de proporções internacionais. No mês de julho de 1936, estourou uma sublevação militar contra o governo das esquerdas coligadas, a Frente Popular, “a operação que deveria durar algumas horas, durará três anos.” (RÉMOND, René. **O século XX**; de 1914 aos nossos dias. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 115.) Com a ajuda dos governos autoritários da Alemanha e da Itália, os militares assumem o poder em 1939 até 1976.

¹³ RÉMOND, René. **O século XX**, p. 116.

¹⁴ FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. Trad. Mauro Lando e Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1995, p. 11.

condicionada a fatores que lhe escapam como também de que a omissão individual pode ter sérias consequências sociais. O existencialismo é, em boa parte, fruto desta perspectiva. No cerne desta filosofia, encontra-se a reflexão sobre a existência do sujeito: o que é existir como ser humano? pergunta Sartre. Qual a parte de liberdade e de contingência que recai sobre cada um de nós? Durante famosa conferência realizada em 1946, o autor explicaria o existencialismo da seguinte forma: “o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência”; complementando mais adiante: “o que o existencialismo toma a peito mostrar é a ligação do caráter absoluto do compromisso livre pelo qual cada homem se realiza, realizando um tipo de humanidade, compromisso sempre compreensível seja em que época e por quem for, e a relatividade do conjunto cultural que pode resultar de semelhante escolha.”¹⁵ Deste modo, no existencialismo, não se concebe o sujeito sem sua dimensão social: ele é fruto e, ao mesmo tempo, agente da sociedade em que está inserido. A liberdade não pode se realizar apenas individualmente, pois está irremediavelmente condicionada a uma dimensão coletiva. Cada pessoa é responsável pela construção, permanência ou transformação da mesma.

O existencialismo entende o sujeito como condicionado à sua historicidade, como fruto e agente da história, da sociedade, das contingências, da transitoriedade. Somos então construídos não apenas por nós mesmos, mas pelos outros, por diferentes instantes, pelos acasos.¹⁶ Torna-se, portanto, imprescindível historicizar o sujeito e não tomá-lo como algo enclausurado, que existe por si mesmo, uma vez que só é possível compreender o sujeito a partir da sua relação com outros elementos: outros sujeitos, a natureza, a cultura, etc. É no movimento que ele existe, na sua maneira de pensar, de agir, em concordância ou em desacordo com os demais.

Beauvoir também se sentiu motivada a se expressar sobre tais questões. Escolheu refletir sobre este tema não por meio de um tratado filosófico, mas, sobretudo, da narrativa literária e, posteriormente, autobiográfica. Ao revelar suas experiências pessoais, Beauvoir demonstrou seu entendimento de que, para compreender determinada sociedade, mostrava-se necessário conhecer os sujeitos que a integram. Pode parecer ambíguo que se parta da exaltação da subjetividade para mostrar-se parte integrante de uma coletividade e responsável pela mesma. No entanto, esta confusão só ocorre quando se lida de maneira dicotômica os

¹⁵ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: Op. Cit, p. 12; p. 23.

¹⁶ SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre.**, pp. 45- 47.

conceitos de sujeito e de sociedade, cuja oposição não passa de um falso problema, como alertam, entre outros, Roger Chartier e Pierre Bourdieu.¹⁷

Antes de explorar a concepção de sujeito nas autobiografias de Beauvoir, proponho-me a discutir a escrita auto-referencial nas diferentes categorias utilizadas pela autora e como esta forma de escrita representa este sujeito cioso da sua individualidade e da importância em revelar a sua verdade, mas que se mantém, de uma maneira ou de outra, em permanente diálogo com o seu meio.

1.1. AUTOBIOGRAFIA E SABER HISTÓRICO

1.1.1. A autobiografia contemporânea

Do século XIX em diante, observa-se uma intensificação das formas de registro escrito e de investigação do eu, bem como da sua divulgação. Isto não significa, evidentemente, que, antes desta época, não existissem práticas escritas de produção de si. Por mais que não se possa estabelecer uma mera continuidade entre os escritos contemporâneos e os diferentes estilos de escrita auto-referenciais anteriores – haja vista as especificidades textuais e temporais - seria, no mínimo, ingenuidade, acreditar que, de uma hora para outra, a escrita de si tivesse se desenvolvido, sem nenhum precedente.

Exemplo disto são os *hypomnemata* (espécies de agendas, contendo registros de funções administrativas ou pessoais), presentes no Império Romano.¹⁸ Que dizer então da correspondência pessoal, sem dúvida, uma das formas de comunicação mais comuns a diferentes sociedades, algumas destas muito anteriores ao período contemporâneo? É possível igualmente citar as famosas **Confissões** de Santo Agostinho, do século IV, que estão entre as obras da escrita subjetiva mais conhecidas. Não obstante, existe certo consenso entre especialistas da escrita de si que são outras confissões, escritas posteriormente, quatorze séculos depois destas, que constituem um marco para este tipo de narrativa: as de Rousseau, publicadas na década de 1780.¹⁹ O que justificaria conceder apenas ao século XVIII o título de época inaugural da autobiografia, nos termos em que ela é concebida nos dias de hoje?

¹⁷ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. Estruturas e indivíduo. In: **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 45 – 56.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Nova Veja, 2006, pp. 129 – 160.

¹⁹ Lejeune credits veementemente o surgimento da autobiografia a meados do século XVIII. Ainda que Rousseau não seja visto como o pioneiro no gênero, ele é inegavelmente o principal marco. (LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. 2 ed. Paris: Armand-Colin, 2004, pp. 43-45). Peter Gay, apesar de valer-

De maneira incisiva, o nascimento do sujeito moderno é uma das principais motivações para que se identifique o século das Luzes como o genitor do gênero. Vários são os pensadores que costumam concordar com a afirmação de que o sujeito se tornou então o mais importante ponto de referência para a compreensão da realidade.²⁰ Seria possível dizer que o sujeito, pouco a pouco, passou a ser compreendido enquanto valor e princípio: valor na medida em que um ser é considerado igual ao outro, portanto, nos equívamos todos; princípio, pois o sujeito passa a ser considerado como o autor e a fonte das regras que o regem. Esta lógica suplantou pouco a pouco a da coletividade, culminando com a cultura iluminista: “a modernidade surge culturalmente com a irrupção do humanismo e filosoficamente com o advento da subjetividade”, lembra Alain Renaut.²¹ Se a modernidade inaugura determinado paradigma que identifica o sujeito como o principal fundamento de uma época, é possível entender que este período também abre as portas para a construção de um modo particular de expressar esta mudança paradigmática, entre outras vias, através da escrita autobiográfica.

Além disso, seria equivocado considerar qualquer forma de escrever sobre si mesmo como uma autobiografia. Os *hypomnemata*, as correspondências, os relatos religiosos, etc. são, certamente, modos de falar do eu, mas eles não se encaixam no sentido que se atribui na atualidade à autobiografia. E que sentido seria este? Em que a autobiografia difere de outras escritas do eu? Como situá-la entre os outros tipos de narrativas auto-referenciais? Qual a importância deste tipo de narrativa para o saber histórico? E para a cultura contemporânea?

Segundo o historiador Peter Gay, foi por volta de 1800 que a palavra “autobiografia” foi utilizada pela primeira vez, indicando uma narrativa retrospectiva, geralmente em prosa, que segue uma ordem cronológica, na qual as identidades do autor, narrador e personagem tendem

se de um conceito de autobiografia mais amplo (exercício de autodefinição), constata que o século XIX é o século da autobiografia por excelência e que parte significativa dos autobiógrafos viviam “à sombra de Rousseau”, para usar sua própria expressão (**O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 122). Também Jacques Lecarme e Éliane Lecarme-Tabone (**L'autobiographie**. 2 ed. Paris: Armand Colin, 2004, p.51.) e o filósofo José Oscar de Almeida Marques (**Rousseau e a forma moderna da autobiografia**. Anais do IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Porto Alegre, 18 a 21 de julho de 2004, p. 1. Disponível em: http://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/Forma_moderna_da_autobiografia.pdf Acesso em 13 dez. 2008) mencionam as **Confissões** de Rousseau, como a referência inicial para a autobiografia.

²⁰ Trata-se de um consenso entre pensadores que tomo como referência nesta pesquisa, a exemplo de Norbert Elias, Alain Renaut, Louis Dumont e Ângela de Castro Gomes, entre muitos outros.

²¹ RENAUT, Alain. **A era do indivíduo**; contributo para uma história da subjectividade. Trad. Maria João Batalha Reis. Lisboa: Piaget, s/d, p. 54. Por modernidade, entendo o período da história ocidental, que acompanha o fim do Renascimento. Marshall Berman divide a modernidade em três fases: a primeira do século XVI ao fim do século XVIII; a segunda, da Revolução Francesa até o final do século XIX e a terceira, do século XX em diante. (**Tudo que é sólido desmancha no ar**; as aventuras da modernidade. Trad. Carlos F. Moisés e Ana M. L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das letras, 1986, pp. 16-17).

a se confundir.²² Trata-se de um texto que tem um compromisso com a sinceridade. Na autobiografia, o fio condutor do texto é o eu, é ele que serve de unidade para os desencadeamentos da história narrada. Este gênero tem como objetivo narrar o processo de construção da identidade do sujeito, em outras palavras, oferecer ao leitor a possibilidade de aprender como o autor se tornou aquilo que ele é; diferentemente do auto-retrato, no qual não existe a intenção de apresentar este processo de construção: relata-se o presente, frequentemente, de acordo com uma ordem temática. A pergunta básica a que o auto-retrato se propõe a responder não é tal qual na autobiografia “como me tornei quem sou”, mas “o que sou”.²³

Outro aspecto que vem somar-se ao entendimento do século das Luzes como marco para o início da autobiografia é o fato de que esta se define tanto pela sua produção como pelo seu consumo, tanto pelo seu autor como pelo seu público leitor e, antes do século XVIII, eram quase inexistentes as pessoas interessadas na escrita intimista:

Ora, a maioria dos textos “autobiográficos” anteriores a 1760 foram publicados com um ou dois séculos de atraso (a partir do século XIX); aqueles que foram publicados foram muito pouco lidos [...]. É somente por volta de 1750, na Inglaterra como na França, que se manifestou verdadeiramente curiosidade pela vida de particulares escrita por eles mesmos [...]. Produziu-se uma espécie de efervescência autobiográfica que anuncia o verdadeiro começo da autobiografia moderna.²⁴

A partir do século XVIII, ganhando forças ao longo do século seguinte, durante o qual se produziu, como nunca antes, autobiógrafos e leitores de autobiografias, este gênero conquistou cada vez mais seu espaço como forma de expressão acessível e eficaz instrumento de comunicação. Antes de me debruçar mais sobre a autobiografia, proponho um exercício mais amplo: o de compreender o que se pode entender na atualidade por escrita subjetiva, centrando-me naqueles gêneros que Beauvoir mais explorou.

²² GAY, Peter. **O coração desvelado**, p. 128.

²³ Uma das minhas principais referências para discutir a escrita de si é Philippe Lejeune, especialista na escrita autobiográfica, e que atua principalmente na área da teoria literária. Lembro que a reflexão teórica sobre a narrativa de si entre historiadores é bastante recente; por isto mesmo, me apoiei na contribuição de algumas áreas correlatas para fundamentar a discussão sobre a escrita íntima. Desde a década de 1970, Lejeune publicou uma dezena de livros sobre este tema. É também co-fundador de uma associação para a autobiografia, APA (Association pour l'Autobiographie et le patrimoine autobiographique - <http://www.sitapa.org/accueil.php>; acesso em 30 de março de 2009). Faço a comparação entre autobiografia e auto-retrato a partir de: LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996, p. 14.

²⁴ LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**, 2004, p. 30. “Or, la majorité des textes ‘autobiographiques’ antérieurs à 1760 ont été publiés avec un ou deux siècles de retard (à partir du XIXe siècle); ceux qui ont été publiés ont été très peu lus [...]. C’est seulement vers 1750, en Angleterre comme en France, qu’on a vraiment manifesté de la curiosité pour la vie des particuliers écrite par eux-mêmes [...]. Il se produit une sorte d’effervescence autobiographique qui annonce le véritable début de l’autobiographie moderne.”

1.1.2. Alguns tipos de escritas de si

Narrativa do eu, de si, auto-referencial, íntima, subjetiva, pessoal, autobiográfica, são algumas das denominações para a prática escrita da produção de si.²⁵ Seu principal objeto de investigação, ou até mesmo de especulação, é o “eu”, o próprio sujeito que narra, que realiza este registro a partir de um princípio de sinceridade. Quando se escreve sobre si e esta escrita é compartilhada, está implícita a crença na importância da socialização de determinada experiência individual. Sem acreditar nesta relevância, não haveria razão para se empregar este tipo de narrativa: é preciso querer expressar, registrar, informar sobre seus gostos, seus projetos, seu cotidiano, seus valores para escolher escrever uma carta, uma autobiografia, um diário. E é isso que interessa à história: compreender o que, por que e como o relato de uma vida, ou de partes de uma vida, tem de significativo para o conhecimento das relações humanas.

No âmbito deste tipo de escrita, existem diversas modalidades: diários, correspondências, memórias, testemunhos, autobiografias, auto-retratos, etc. Entre algumas, as diferenças são notáveis: dificilmente, se confundiria uma carta com um auto-retrato, mas entre outras, as características são mais fluidas e nem sempre o limite entre uma e outra fica claro, como é o caso, por exemplo, das memórias e das autobiografias. Esta discussão pode parecer, a princípio, supérflua, afinal, como bem lembra Philippe Lejeune, as definições nunca podem ser compreendidas como essências fixas, mas apenas como precárias combinações, bastante provisórias, propostas para serem desconstruídas.²⁶ No entanto, quando se pretende relacionar este tipo de escrita com o conhecimento histórico, este esforço de definição enquanto instrumento favorecedor do processo de investigação, pode se revelar importante, pois algumas dessas categorias gozam de ampla e reconhecida credibilidade, servindo até de prova incontestável para alguns, enquanto outras são tachadas de mera narrativa descritiva narcisista.

Pode-se pensar, por exemplo, no testemunho de um sobrevivente de guerra. A subjetividade de quem fala na primeira pessoa pode se revelar uma grande vantagem, considerando-se que, por ter vivido “na carne” determinadas situações, este indivíduo tenha, em tese, uma autoridade maior para falar deste acontecimento do que uma outra pessoa, que tenha acompanhado esta guerra através dos meios de comunicação. É provável que o seu

²⁵ Todas estes termos serão usados aqui como sinônimos. A autobiografia é, portanto, considerada como um dos tipos da escrita autobiográfica.

²⁶ LEJEUNE, Philippe. **Signes de vie**; le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005, p. 116.

testemunho seja tomado como uma fonte preciosa e quase imprescindível para se conhecer a guerra sob certos aspectos, enquanto que o relato daquele que acompanhou a guerra distante geograficamente, possa ser entendido como facilmente suscetível a questionamentos e até mesmo descartável. Neste caso, não se leva em conta a possibilidade do primeiro relato ser falso, ou, nem precisando chegar a tal extremo, de ele ter sido construído a partir de um ponto de vista um tanto extraordinário, como seria o de um nativo que, em meio ao espírito de violência dos invasores, tenha tido o acaso de conhecer um estrangeiro disposto a salvá-lo de querelas entre seus compatriotas, ajudando-o a ter vantagens que antes lhe eram desconhecidas. O estrangeiro poderia então ser visto e narrado como um herói, como um espírito altruísta, capaz de sair de sua própria terra para ajudar um próximo não tão próximo, não importando se essa mesma guerra para a maioria dos nativos tenha se revelado um verdadeiro desastre.

Agora, imagine-se que, por sua vez, aquele sujeito que acompanhou a guerra à distância tenha estudado e analisado este acontecimento sob diversas perspectivas, compreendendo de maneira mais profunda a sua complexidade e, após algum tempo, decidido escrever as suas memórias sobre isto. Qual narrativa estaria mais apta a fazer compreender a complexidade da guerra?

Nem por isso se deve pregar verdades e descartar o testemunho e valorizar as memórias do exemplo. Essa suposta guerra não teria sido uma coisa **ou** outra, ela teria sido uma coisa **e** outra. O que aqui se encontra em jogo é o *status* das fontes e a possível consequência para o conhecimento de determinada realidade que daí decorre. Muitas vezes, um testemunho foi visto como mais crível do que outras modalidades de narrativas auto-referenciais e é por esta razão, como já foi dito, que se torna válido o esforço em defini-las, mesmo sabendo-se dos limites conceituais.²⁷ Dedicar-me-ei agora a explorar alguns tipos de narrativas íntimas exploradas por Beauvoir.

O diário pode ser um ponto de partida. É bastante comum a ideia de que esse tipo de escrita, assim como a correspondência, não tem a intenção de ser conhecido pelo grande

²⁷ As considerações sobre a conceituação das diferentes categorias da escrita de si, em geral, foi feita pelos estudiosos da área de letras, o que não impede, evidentemente, que profissionais de outros domínios se debrucem cada vez mais sobre o tema. Uma das principais referências é, como já mencionei antes, Philippe Lejeune (1996, 2004, 2005), que, no campo da teoria literária, trabalha com o gênero autobiográfico há mais de trinta anos. Apoiei-me em seus estudos e de outros estudiosos (LECARME, Jacques; LECARME – TABONE, Éliane. **L'autobiographie**; MARCOU, Loïc. **L'autobiographie**; anthologie. Paris: Flammarion, 2001; MIRAUX, Jean-Philippe. **L'autobiographie**; écriture de soi et sincérité. Paris: Armand-Colin, 2005) para propor a discussão de alguns conceitos sobre diferentes tipos de escrita de si.

público, mas é dirigido a um só destinatário: ou a si mesmo ou àquela ou àquele a quem se dedica a carta. No que diz respeito a um diário, não se teria, de acordo com este entendimento, motivos de esconder frustrações e insucessos, estando nele registrado a narrativa mais fiel de uma vida. Outro ponto “positivo” deste tipo de texto refere-se à questão temporal: diferentemente de outros tipos de narrativas auto-referenciais, o diário é escrito num espaço de tempo próximo ao da vivência, o que supostamente minimiza os lapsos de memória e as imprecisões. Por estes motivos, este tipo de escrita seria, supostamente, mais verdadeiro, pois, desprovido da motivação de estratégias de convencimento e de erros de relato.

O entendimento do diário a partir das perspectivas acima mencionadas representa três equívocos: primeiramente, não se pode dizer que aquele que registra um diário faz isso apenas com o propósito de registrar para si e que ele não tenha o intento de torná-lo público em algum momento da sua vida, ou após a sua morte; principalmente, no caso das pessoas públicas, que se esmeram, de maneira organizada, em deixar à mão de possíveis biógrafos ou de quaisquer outros interessados seus escritos íntimos. Foi o caso de Simone de Beauvoir, que, ao longo de suas autobiografias, citou grandes passagens de seus próprios diários e guardou-os, assim como a sua correspondência, de forma disciplinada. Boa parte de ambos, de fato, tornou-se conhecidos pelo público, tanto pela citação de trechos em outras obras como também, pela publicação póstuma, organizada por Sylvie Le Bon de Beauvoir, como já foi mencionado anteriormente.

Em segundo lugar, porque qualquer tipo de escrita seleciona tanto o conteúdo como a forma da narrativa. Isto não é particularidade dos escritos destinados ao grande público. Não existe um registro neutro. Relendo o diário que mantinha em sua juventude para se apoiar na escrita da sua autobiografia, Beauvoir surpreendeu-se com a ausência do relato de um fato que a marcou fortemente: “mistério e mentira dos diários: não mencionei este incidente que no entanto ficara no meu coração”.²⁸ Como explicar então este silêncio? Teoricamente, se ninguém tinha acesso ao seu diário, ela deveria justamente relatar os acontecimentos mais marcantes, independente de serem bons, vergonhosos ou ruins. Mas quem disse que o autor não é também um leitor? Quem disse que essas não são esferas diferentes, ainda que partilhem de certa unidade?

Por último, nem sempre o diário é apenas o relato cotidiano das atividades vividas recentemente. Muitos diários são reflexões sobre vivências antigas, uma espécie de discussão consigo próprio para esclarecer ou registrar sentimentos e impressões atuais sobre o que se

²⁸ BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires d'une jeune fille rangée**, pp. 446 – 447. “Mystère et mensonge des journaux intimes: je ne mentionnai pas cet incident qui pourtant me resta sur le coeur”.

viveu há muito tempo. Tem-se então, dentro do diário, narrativas de diferentes tipos: autobiografias, memórias, testemunhos, etc., todas elas sujeitas aos mesmos riscos de imprecisões e permeadas de retórica.

A narrativa epistolar foi outro tipo de escrita auto-referencial muito utilizado por Beauvoir, ao longo de sua vida. Quase sempre, é entendida como uma espécie de diário destinado a um leitor outro que seu próprio autor. Diferentemente dos outros tipos de escrita, a correspondência implica, em tese, numa grande interatividade. Os temas das cartas não são ditados apenas pelo remetente, trata-se de um diálogo prolongado com aquele a quem se dedica à escrita. Geralmente, esses dois personagens encontram-se distantes geográfica e temporalmente (esqueça-se o costumeiro imediatismo do *email*), o que sugere uma contextualização de grande parte dos temas narrados, a fim de informar o mais amplamente possível o leitor da missiva.²⁹ Assim como o diário, considerado de uso terminantemente privado, as cartas também foram vistas como portadoras de verdades ocultas. Que surpresa então quando, após a morte de Beauvoir, boa parte da sua correspondência foi divulgada, revelando comportamentos e sentimentos desconhecidos da autora. Teriam as suas autobiografias sido escritas de má fé ou sob pressão? As considerações maldosas sobre sua irmã presentes na correspondência trocada com Sartre e com Nelson Algren não coincidiam com a imagem benevolente e carinhosa sobre a mesma, que apresentou ao público anteriormente. Em **Memórias de uma moça bem comportada**, Beauvoir apontava Poupette³⁰ como responsável por alguns dos momentos mais esplendorosos da sua infância e juventude e explicita o enorme carinho que sentia pela irmã:

No primeiro lugar dos meus afetos vinha minha irmã. [...] Jacques [o primo por quem era apaixonada na adolescência] devotamente colocado à parte, eu não gostava de ninguém tanto quanto dela; ela era próxima demais para me ajudar a viver, mas sem ela, pensava, minha vida perderia seu gosto. Quando eu levava meus sentimentos até a tragicidade, dizia-me que se Jacques morresse, eu me mataria, mas que se ela desaparecesse, eu não teria nem mesmo necessidade de me matar para morrer.³¹

²⁹ No seu diário de guerra, Sartre comenta o alívio de escapar da simultaneidade, geradora, segundo ele, de angústias e o conforto que é viver fluando entre o passado e o devir tornando o presente “neutro”. (SARTRE, **Les carnets de la drôle de guerre**; novembre 1939 – mars 1940, Paris: Gallimard: 1983a, p. 87). Fornece como exemplo o tempo da correspondência: “As cartas que recebo são pedaços de presente cercados de futuro mas é um presente-passado cercado de um futuro morto.” (Les lettres que je reçois sont de bouts de présent entourés d’avenir mais c’est un présent-passé entouré d’un avenir mort.). (ibid.).

³⁰ Henriette – Hélène (que assinava apenas Hélène) nasceu dois anos e meio depois de Simone de Beauvoir. Desde a mais tenra infância, recebeu da família o apelido de Poupette (Bonequinha), e foi assim chamada pela sua irmã mais velha durante toda a vida.

³¹ BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 414. “Au premier rang de mes affections venait ma soeur. [...] Jacques pieusement mis à part, je ne tenais à personne autant qu’à elle ; elle m’était trop proche pour m’aider à vivre, mais sans elle, pensais-je, ma vie arait perdu son goût. Quand je poussais mes

Posteriormente, dedicou a emocionante narrativa dos angustiantes momentos finais da vida de sua mãe à irmã.³² Que versão estaria “certa”? Muito precipitadamente, poder-se-ia se concluir que essa verdade profunda estaria nas correspondências. Mas, e se os dois relatos mostrassem de maneira consequente sua relação com Hélène? Se esta relação realmente fosse desgastada, fria e sem grande profundidade emocional em algumas fases da idade adulta, mas, por outro lado, fosse, por vezes, terna, calorosamente permeada de um sororal cuidado, regado pelas memórias dos primeiros anos? Uma possibilidade não exclui a outra.

A distinção entre memórias e autobiografias é um pouco mais complexa. Em tese, a autobiografia estaria predominantemente voltada para a vida pessoal, enquanto as memórias estariam voltadas para o relato de acontecimentos públicos, vividos pelo autor, que se coloca assim na posição de testemunha de sua época.³³ O que dizer de um relato que se dedica a estes dois aspectos ao mesmo tempo? Esta linha tênue nem sempre é facilmente detectada. Simone de Beauvoir utilizou ambos os termos, autobiografia e memórias, para designar as narrativas da sua vida pessoal, estando o termo memórias presente no título do seu primeiro livro autobiográfico.³⁴ No entanto, ainda mais fortemente nesta obra do que nas seguintes, o seu relato está fortemente centrado na sua vida pessoal, nas suas perspectivas, na construção escrita do processo que a fez tornar-se quem é, justificando, portanto, o uso da categoria autobiografia para defini-la. Nas narrativas de si publicadas em seguida, apesar de introduzir outros temas além da sua vida pessoal, Beauvoir sempre manteve o foco na sua própria história, o que permite chamar o conjunto dos livros publicados, nos quais narrou a sua própria vida, de autobiografia.

A definição de memórias, conforme o entendimento acima apresentado, se aproxima muito daquilo que se entende por testemunho, com a diferença de que este último é sempre de autoria de alguém que viveu de perto, geográfica e emocionalmente, determinado fato, enquanto que o termo memórias pode designar uma narrativa de determinado acontecimento, fenômeno ou época, acompanhado(a) à distância, como foi o caso do exemplo que forneci anteriormente. Isto não impede, na prática, o uso do termo memórias para se designar um

sentiments au tragique, je me disais que si Jacques mourait, je me tuerais, mais que si elle disparaissait, je n'aurais pas même besoin de me tuer pour mourir.”

³² BEAUVOIR, Simone de. **Une mort très douce**. Paris: Gallimard, 2003.

³³ MIRAUX, Jean-Philippe. **L'autobiographie**. pp. 13-14.

³⁴ No prólogo de **A força da idade** (1960) ela se refere à sua narrativa de si como memórias; já em **A força das coisas** (1963), Beauvoir utiliza o termo autobiografia.

testemunho.³⁵ Insisto: essas definições são apenas uma base para explorar a escrita de si, não algo fixo e decisivo.

1.1.3. Conceitos históricos e narrativa auto-referencial

Não é raro que uma narrativa apoiada na primeira pessoa seja vista com maus olhos: individualista, ególatra, narcísica, exibicionista. Em que a narrativa da sua vida pessoal pode interessar ao outro? E esta desaprovação não é coisa do passado; atualmente, *blogs*, *fotologs*, perfis em *sites* de relacionamento são formas de expressão da subjetividade que, costumeiramente, são alvos de desconfiança, entendidas como uma exposição desnecessária do indivíduo, ávido por ultrapassar as barreiras do anonimato e conhecer o poder da fama.³⁶ A desconfiança em relação à autobiografia deriva, em grande parte das vezes, dos “enfeites”, que cada autor elabora sobre si mesmo. Estes floreios são geralmente vistos como frutos de uma personalidade narcisista. Mas até que ponto é apenas da alçada privada, a vida de um sujeito? Até que ponto as diferentes formas de narrativas auto-referenciais são apenas um exercício narcísico, ególatra e tendencioso, como o apontam não apenas os críticos do século XIX, lembrados por Gay, mas muitos dos nossos contemporâneos, insatisfeitos com a profusão deste tipo de escrita?³⁷

Esta contenda se ancora, sem dúvida, no falso problema referente à dicotomia entre sujeito e sociedade, sobre a qual me debrucei anteriormente. Apesar de expressarem, entre outros aspectos, a valorização da dimensão subjetiva, da experiência pessoal, da necessidade de se confessar e/ou de se explicar através da escrita, estas narrativas não se reduzem à sua individualidade. Conforme já mencionei anteriormente, o que torna a narrativa de uma experiência pessoal importante para o conhecimento histórico é justamente a concepção do homem enquanto sujeito e não enquanto indivíduo, isolado, obedecendo apenas ao próprio eu, tendo-o como único valor. O sujeito supera essa individualidade, põe limites ao enclausuramento e à auto-suficiência, e segue a ideia de uma inter-subjetividade, ou seja, que, apesar da singularidade da experiência de cada sujeito, nada impede que esta seja partilhada com seus pares, podendo se mostrar útil à coletividade. Ao se falar do sujeito, reporta-se à sua

³⁵ LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*, p. 11.

³⁶ Sobre as narrativas do eu em ambientes virtuais, conferir, entre outros, o trabalho de Ana Paula R. Manga: **Nova poética autobiográfica em ambiente de weblogs**. In: 1o Encontro Nacional sobre Hipertexto, 2005, Recife. CD-Rom 1o Encontro Nacional sobre Hipertexto. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em: http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Ana_Paula_Rodrigues_Manga.htm. Acesso em 21 nov. 2008.

³⁷ GAY, Peter. *O coração desvelado*, p. 121; SARLO, Beatriz. *Tempo passado*, pp. 29 -33.

dimensão social, coletiva, macro-relacional, ao mesmo tempo em que se destacam suas especificidades.³⁸ É apenas por esta perspectiva que o relato da vida de alguém torna-se relevante para terceiros.

Ultimamente, é possível afirmar que as narrativas auto-referenciais passaram a ser consideradas importantes fontes de pesquisa histórica e adquiriram um prestígio considerável entre alguns profissionais.³⁹ O aspecto “íntimo” da escrita de si, que se volta, em grande parte das vezes, para as atividades cotidianas dos sujeitos - sendo, portanto, bastante revelador das relações pessoais rotineiras - é um dos fatores que desencadeou este interesse. Tal perspectiva tornou-se bastante valorizada nos últimos tempos pela historiografia. A cada dia é mais frequente, a tentativa de se fazer uma história do sujeito comum, enfatizando sua experiência no dia-a-dia e não apenas nos acontecimentos extraordinários. A vida humana tornou-se, portanto, digna de investigação e de análise historiográfica, tanto quanto um evento político, um sistema econômico, determinada cultura regional, etc.

Curiosamente, o interesse histórico pelas narrativas auto-referenciais justifica-se por aquelas propriedades, que, numa leitura superficial, poderiam desqualificá-las enquanto objeto de investigação: a escrita de si é um documento cujo conteúdo, em grande parte das vezes, é parcial, pessoal, fragmentado, ordinário, passional. Entretanto, a importância desta narrativa, como afirma a historiadora Ângela de Castro Gomes, “especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas”.⁴⁰ Como já mencionei, a questão da verdade foi muito importante no pensamento de Simone de Beauvoir: a procura por apreender o mundo “na sua verdade”, “na sua verdadeira face” é repetida por ela inúmeras vezes nas suas autobiografias. Justamente por isto, acredito na relevância do esforço em compreender que tipo(s) de verdade(s) está(ão) relacionado(s) à escrita do eu.

1.1.3.1. Verdades autobiográficas

³⁸ Cf. RENAUT, Alain. **A era do indivíduo**, p. 59. A questão das relações entre indivíduo e coletividade, da iniciativa pessoal e da necessidade social é situada por Lucien Febvre como o possível problema capital da história e é um dos pontos centrais que ele se propõe a discutir na história de vida de Martin Lutero que escreve (FEBVRE, Lucien. **Martin Lutero: um destino**. Trad. Tomás Segovia. Mexico: Fondo de cultura econômica, 1998 [1927]).

³⁹ A escrita autobiográfica encontra apoio entre diversos profissionais da história que se apóiam neste tipo de narrativa seja como fonte, seja como objeto de estudo, a exemplo de Peter Gay e de Ângela de Castro Gomes, autores citados anteriormente.

⁴⁰ GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**, p. 13.

A preocupação com a verdade parece ter sido uma constante em Beauvoir. Com muita frequência, nota-se nos seus escritos um interesse particularmente forte em preservar e revelar uma verdade, uma verdade “sua”, posto que nela havia a centelha do que a tornava única no mundo, a marca da sua singularidade. Quando estudava, era em busca desta verdade que ela estava; do mesmo modo, quando aspirava a se tornar uma escritora célebre, era este objetivo que buscava. Também era esta a razão pela qual almejava ardorosamente sua independência financeira e sua conseqüente liberdade, longe da autoridade dos pais. Ela descreveu seu pensamento logo que passou no concurso de agregação: “Não me perguntava mais: o que fazer? Havia tudo a fazer: combater o erro, encontrar a verdade, dizê-la, clarear o mundo, talvez mesmo ajudar a mudá-lo.”⁴¹

Quando refere-se ao período da sua juventude, constata que durante um bom tempo acreditou que aquilo que se mostrava válido para ela, era também válido para todo mundo: a sua verdade era a verdade universal.⁴² Ao longo dos anos, ela revê este posicionamento: ainda que apostando fortemente na verdade como meta, Beauvoir entende que a sua verdade não necessariamente concordava com outras, e, assim, chega à conclusão que qualquer verdade, e não uma só, pode ser relevante.⁴³ A verdade, portanto, existe: não é qualquer coisa que interessa, mas uma verdade, uma forma de verdade. Esta, entretanto, não é universal.

Qual seria a verdade autobiográfica? Primeiramente, uma verdade pluralizada. Não existe “A” verdade, mas verdades; não se acredita na possibilidade da reconstituição da realidade como um todo, não se acredita em uma essência. Fala-se, hoje em dia, em verdades, em mulheres, em teorias, em histórias, em Brasis... Perspectiva esta que exige certos cuidados, pois pode suscitar a ilusão de que todos os impasses teóricos são resolvidos com o plural: “o plural, essa inflexão do paradigma que alcançou a mais alta categoria, o que é muito bom, mas também se propõe como solução verbalística a qualquer questão conflituosa.”⁴⁴

Muitas vezes, não se analisam nem se relacionam as diferentes perspectivas de determinado fenômeno ou acontecimento; os fragmentos são analisados separadamente, sem que se leve em conta suas diferentes faces. É um trabalho de Sísifo: saber que a verdade é inatingível, mas dispor-se a buscá-la ininterruptamente. No poema **Das utopias**, Mário Quintana resume com arte esta busca nos versos:

⁴¹ BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires d’une fille rangée**, p. 481. “Je ne me demandai plus que: que faire? Il y avait tout à faire; tout ce qu’autrefois j’avais souhaité faire: combattre l’erreur, trouver la vérité, la dire, éclairer le monde, peut-être même aider à le changer.”

⁴² BEAUVOIR, Simone de. **La force de l’âge**. Paris: Gallimard, 2002a, p. 33.

⁴³ *Ibid.*, p. 13.

⁴⁴ SARLO, Beatriz. **Tempo passado.**, p. 40.

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...

A verdade pode ser compreendida a partir da ideia de horizonte: é uma meta, ainda que inatingível, a ser perseguida sempre, é a ela que devemos procurar. Todos nós, autobiógrafos ou não, que buscamos distinguir nossa produção da escrita ficcional, trabalhando a partir de um critério de verdade, ou seja, movidos pelo pacto referencial, caímos na mesma armadilha à qual Lejeune aludiu:

O que distingue a autobiografia do romance, não é uma impossível exatidão histórica, mas apenas, o projeto, **sincero**, de retomar e de compreender sua própria vida. É a existência de tal projeto que importa, e não uma sinceridade no limite impossível. Tanto é natural exigir de um autobiógrafo o projeto de dizer a verdade, tanto é ingênuo criticá-lo por não tê-lo conseguido.⁴⁵

Em segundo lugar, são verdades reveladas por uma memória construída a partir de experiências singulares. Mesmo que se insista no permanente diálogo entre o particular e o geral, as verdades das narrativas auto-referenciais têm essa dimensão íntima ressaltada, um pouco menos no caso das memórias, mas, de maneira geral, é um aspecto privilegiado nesse tipo de escrita. A narrativa auto-referencial, como expoente da singularidade e da parcialidade, ainda que se busque uma unidade, longe de se mostrar como fonte sem utilidade para a história, revela-se como um excelente espaço de investigação histórica, porque é justamente essa perspectiva singular que pode se mostrar relevante.

O autobiógrafo nunca conseguirá atingir a verdade porque ela não é definitiva, nem absoluta. A única verdade que se pode encontrar é a do autor. Isto não significa que a autobiografia não contenha inexatidões, que ela não possa, em alguns momentos, até mesmo se mostrar tendenciosa ou fazer relatos equivocados. O que interessa ao historiador “é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento⁴⁶.”

Qualquer fonte, como todo profissional da área sabe, deve ser interpretada e compreendida por meio de um viés crítico e isto exige uma metodologia de análise

⁴⁵ LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France.**, p. 19. “... ce qui distingue l'autobiographie du roman, ce n'est pas une impossible exactitude historique, mais seulement le projet, **sincère**, de ressaisir et de comprendre sa propre vie. C'est l'existence d'un tel projet qui importe, et non une sincérité à la limite impossible. Autant il est naturel d'exiger d'un autobiographe le projet de dire la vérité, autant il est naïf de lui reprocher de ne pas y être arrivé...”

⁴⁶ GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história.**, p. 15.

apropriada, que leve em conta suas especificidades de narrativa. Isto reduz os riscos de uma leitura ingênua e, ao mesmo tempo, a exigência de algo que o texto não se propõe a evocar. Se o interesse reside, então, na perspectiva assumida pelo autobiógrafo, as imprecisões não invalidam a narrativa auto-referencial enquanto documento histórico. Está claro que o historiador não absorverá as informações veiculadas nesta escrita sem confrontar com outros documentos, até mesmo porque isto é essencial para entender o texto, o autor, suas motivações e seus posicionamentos - não existe vida individual que não remeta a uma teia relacional - mas o fato de haver eventuais equívocos não compromete o valor desta escrita para a história. Todo texto autobiográfico é verdadeiro naquilo a que ele se propõe: narrar determinados acontecimentos ou fenômenos a partir de uma ótica muito particular: desta forma, a hierarquização das narrativas auto-referenciais de acordo com seu potencial de verdade é um projeto desprovido de sentido: não existe uma verdade essencial, existem verdades do autor. Até as possíveis mentiras que podem ser encontradas numa carta podem ser reveladoras. Que motivos há para que o remetente aja desta maneira? De que jogo de interesses ele participa? É possível compreendê-lo? São muitas as perguntas que o conhecimento histórico dirige às narrativas de si e elas são levantadas pelas mais diferentes motivações.

1.1.3.2. Memória e história na escrita auto-referencial

A confusão entre as noções de memória e história pode ocasionar um “desnívelamento” entre diferentes tipos de escrita de si, fazendo com que algumas narrativas sejam consideradas meras anedotas e mexericos e, portanto, uma inutilidade para o público - mero fruto da exibição e do narcisismo de um espírito ávido por reconhecimento - enquanto outros, ainda que relatando acontecimentos cotidianos e banais, sejam compreendidos como importantes para o saber histórico.

Diários íntimos e correspondências são gêneros da escrita auto-referencial entendidos geralmente como mais espontâneos do que os demais, como tradutores da realidade de uma maneira mais fiel, pois, em tese, os autores se mostrariam mais transparentes, mais verdadeiros, sem nenhuma motivação para distorcer a realidade, estando o relato, conseqüentemente, mais próximo daquilo que “realmente aconteceu”. Deirdre Bair, biógrafa de Beauvoir, é bastante partidária deste posicionamento. Entende que, nas suas autobiografias, Beauvoir, algumas vezes e por diversos motivos, não registrou sua “verdadeira” vida, falando

sobre determinado momento, na verdade, para calar outro, sendo este o real, o verdadeiro: “Em alguns rápidos parágrafos [no livro **A força das coisas**], ela resume a desorganização política da França do após-guerra, [...]. Sua verdadeira vida, ela descrevia para Algren [através da correspondência], com seus ritmos rotineiros, que nunca variavam⁴⁷ .

De uma maneira geral, todos os tipos de escrita auto-referencial que não tiveram, *a priori*, um cuidado maior de elaboração textual, aqueles que não passaram por um trabalho de aprimoramento literário; aqueles que, em grande parte das vezes, foram feitos de uma única vez (teoricamente, ninguém passa a limpo um diário), sem o cuidado de reelaboração, de aperfeiçoamento, de criação artística e de estética, são relacionados a um determinado entendimento que se tem da noção de memória. Todos os outros: autobiografias, auto-retratos, ensaios, e, ironicamente, as próprias memórias⁴⁸ (enquanto gênero da escrita auto-referencial), os que passaram por um trabalho de reflexão, de criação, de aperfeiçoamento da escrita, são ligados a certa ideia de história, que se mostra, no mínimo, bastante estreita.

Esta associação feita entre estas escritas de si e as noções de memória ou de história, estabelece-se a partir de um equívoco conceitual, segundo o qual, a memória seria um discurso mais próximo daquilo que realmente aconteceu, mais espontâneo, mais sincero, praticamente neutro, enquanto que o discurso histórico seria estratégico e manipulador, em outras palavras: o discurso memorialístico seria espontâneo; o discurso histórico seria artificial.⁴⁹

Entretanto, se, hoje em dia, a narrativa em primeira pessoa é considerada como uma fonte ou como um objeto privilegiado de estudo no campo do saber histórico; se a subjetividade tem um lugar reconhecido na busca pela compreensão do passado; se não se desacreditam *a priori* as narrativas em primeira pessoa, nem as que se valem do discurso indireto, que liberam da obrigação a constantes citações, nem tampouco os testemunhos orais; se todas essas formas de relato são entendidas como significativas para o conhecimento, para a compreensão de determinadas dimensões, da experiência vivida pela humanidade, isto se

⁴⁷ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. Trad. Marie-France de Paloméra. Paris: Fayard, 1991, p. 414. “En quelques paragraphes rapides, elle resume la désorganisation politique de la France de l’après-guerre, [...]. Sa vraie vie, elle la décrivait à Algren, avec ses rythmes routiniers qui ne variaient guère.”

⁴⁸ Um pequeno esclarecimento: é possível que haja uma confusão sobre o conceito de memória. Neste trabalho, utilizo a palavra no plural para me referir às memórias enquanto gênero da escrita de si. Quando trato da memória enquanto faculdade física e cultural de registro das experiências do passado, utilizo o termo no singular.

⁴⁹ Na discussão sobre a relação entre memória e história, busquei apoio principalmente no último livro do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, autor de diversos textos sobre teoria da história e história da cultura. (ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 200.)

deve, em grande parte, a uma mudança epistemológica, referente à relação entre história e memória.

O papel da memória passou a ser investigado sob diferentes perspectivas, que têm em comum o objetivo de explorar suas parcialidades: a sua ligação com processos ideológicos, com a preservação das lembranças, com interesses políticos. Deixa, portanto, de fazer sentido caracterizar a memória como espontânea. Ambas, memória e história, estão sujeitas a estratégias discursivas, ambas são inventadas, expressas de acordo com determinadas intenções parciais, ambas revelam suas verdades, sem que uma seja necessariamente “melhor” do que a outra. Ambas devem ser submetidas a critérios sérios de investigação.

Torna-se necessário reconhecer que a disciplina histórica é limitada, ela não explica tudo. À história cabe explorar a memória, violá-la, na expressão de Albuquerque Jr.⁵⁰ Se um autor relembra seu passado cheio de ternura e de compaixão pela sua própria história, cabe ao profissional da história submeter este texto a uma crítica. O discurso autobiográfico frequentemente é cheio de detalhes, o que se apresenta como um instrumento eficaz de convencimento da veracidade do relato; como se, ao contar um pormenor, o autor provasse a sua capacidade de memorização, o tornasse credível, e justificasse, desta maneira, a sua autoridade como guardião das lembranças.

Surge uma problemática interessante, que é a da autoridade do autobiógrafo. O intencional empirismo do autor, que propõe sua memória como prova do narrado, concorre para o entendimento de que ele é a pessoa mais indicada para falar de si mesmo. Supostamente, ele possui uma perspectiva privilegiada, quando não a única apropriada, para relatar a sua experiência de vida, descartando até mesmo o trabalho do biógrafo que, pela sua própria subjetividade, está sujeito a interpretar de maneira diferente - portanto, equivocada - do biografado determinados acontecimentos. A subjetividade do biografado ou do autobiógrafo seria então vista como a mais capacitada pelo poder de imposição que incide a narrativa em primeira pessoa.

Na sua terceira autobiografia, ao narrar o momento em que decidiu escrever sua história, Beauvoir explicitou seus motivos: “minha vida só pode ser fixada em grandes traços, no papel e **pela minha mão**: farei dela então um livro.”⁵¹ Com esta frase, ela afirmou que a única maneira de deixar sua vida satisfatoriamente registrada seria pelo seu próprio punho.

⁵⁰ Ibid., pp. 199 – 209.

⁵¹ BEAUVOIR, Simone de. **La force des choses II**. Paris: Gallimard, 1999, p. 128, grifo meu. “Ma vie ne peut être fixée qu’à grands traits, sur du papier et par ma main: j’en ferai donc un livre.”

Não interessam as reportagens, as entrevistas, tudo o que já se escreveu sobre ela: só uma autobiografia poderia registrar corretamente a sua existência, pois somente nela existiria a sua intenção consciente de contá-la e expô-la, seguindo uma lógica estrutural que permitiria ao leitor, compreender o verdadeiro significado da sua vida. Qual significado? Qual vida? Que experiência ela queria narrar e deixar registrada?

Certamente, não toda a sua vida. Primeiro, por ser esta uma atividade impossível, uma vez que ela não tem nem ao menos, como qualquer outro ser humano, condições físicas de se lembrar de tudo que viveu e, em segundo lugar, porque é natural que não se queira narrar tudo. O autobiógrafo faz escolhas a todo momento, uma vez que não pode escrever uma obra que abarque o seu mundo inteiro. Ele precisa selecionar o mais importante, aquilo que considera merecedor de ser registrado. O critério para essa escolha é, evidentemente, variável: a opção por não envolver o nome de terceiros, a preservação da privacidade, o entendimento que determinado acontecimento é secundário, etc.

Vemos então que diferentes motivos interferem na seleção do conteúdo registrado nas autobiografias: não se trata apenas de escolhas conscientes - existem os esquecimentos, já mencionados, bem como os acasos, as reflexões involuntárias. Não obstante esses condicionamentos, somente ela, Simone de Beauvoir, tinha a autoridade completa para narrar esta vida que deixou registrada; e a certeza que a autora tinha disto mostrou-se uma das principais alavancas para o seu projeto autobiográfico.

Entretanto, essa autoridade que ela reivindicou para si pode e deve ser analisada de maneira crítica, não se pode aceitá-la ingenuamente. Ela mesma não se enganava: contar sua vida não significava necessariamente compreendê-la de uma maneira mais pertinente do que a realizada por outrem: “não podemos nunca conhecermo-nos, apenas narrarmo-nos.”⁵² A autobiografia é um discurso e, como tal, cheio de recursos persuasivos e questionáveis como qualquer outro. Aplica-se no relato uma coerência que se distancia muito da dinâmica complexa da experiência, tendendo, muitas vezes, a oferecer a imagem de uma vida coesa e simplificada.

No seu diário, em dezembro de 1939, Sartre fez um comentário a respeito de um pensamento dele próprio, que se tornava frequente: considerava que cada momento estava ligado ao conjunto de uma vida inteira e que, em nenhuma hipótese, esta parte poderia ser explicada fora do todo. A velhice, deste modo, não poderia ser compreendida

⁵² Id. *La force de l'âge*, p. 419. “on ne peut jamais se connaître, mais seulement nous raconter”.

satisfatoriamente caso fosse separada da infância.⁵³ Concluiu, adiante, que isto era o efeito de sua sucumbência à “ilusão biográfica”:

Em certo sentido, eu encarava cada momento presente do ponto de vista de uma biografia, e considerava que deveria dar conta deste momento a esta biografia, sentia que não se poderia decifrar seu sentido completo a não ser colocando-se no futuro e eu esboçava sempre diante de mim um futuro vago, que me permitisse devolver ao meu presente toda sua significação. [...] Fui penetrado até a medula pelo que eu chamaria de **a ilusão biográfica, que consiste em acreditar que uma vida vivida pode parecer com uma vida contada.**⁵⁴

Essa expressão foi retomada mais tarde por Bourdieu, originando seu famoso artigo, **A ilusão biográfica.**⁵⁵ A ilusão mencionada tem uma função nítida: racionalizar e simplificar a experiência para torná-la inteligível ao leitor. Se houvesse apenas uma transcrição do turbilhão de sentimentos, de expressões, de falas, de pensamentos, de silêncios, de sentidos, no ritmo dos acontecimentos, sem nenhuma ordem organizadora, a comunicação encontraria, no mínimo, sérias dificuldades para ser realizada. Não obstante, essa busca pela coerência e pela simplificação não se explica apenas pela função citada. Há uma série de outros fatores que a explicam: ideológicos, políticos, emocionais, físicos, etc.

Se, além disso, lembrarmos que não existe imparcialidade no narrador, conviremos também que há uma série de escolhas dos temas e das formas como estes serão contados. Em síntese, podemos dizer que não existe neutralidade em nenhuma forma de expressão. As palavras escolhidas pelo memorialista ou pelo autobiógrafo, em ambos os casos, são repletas de intenções, sejam elas de informar, de registrar, de exaltar e também de omitir, posto que, como a própria Beauvoir observa, “a palavra às vezes só representa uma maneira, mais acertada do que o silêncio, de se calar”.⁵⁶ Ei-nos de volta à questão da verdade. Não obstante todas as possíveis parcialidades dos autores, concordo com Peter Gay: “as distorções inconscientes dos autobiógrafos ou suas falsidades deliberadas são partes da verdade, a verdade da autobiografia – não simples obstáculos, porém indícios de importantes realidades

⁵³ SARTRE, Jean-Paul. **Les carnets de la drôle de guerre.**, pp. 103-104.

⁵⁴ Ibid., pp. 103-106, grifo meu. “En un sens, j’envisageais chaque moment présent du point de vue d’une vie faite, pour être exact il faudrait dire: du point de vue d’une biographie, et je me considérais comme devant rendre compte de ce moment à cette biographie, je sentais qu’on ne pouvait en déchiffrer le sens complet qu’en se plaçant dans l’avenir et j’esquissais toujours devant moi un avenir vague qui me permît de faire rendre à mon présent toute sa signification. [...] J’ai été juqu’aux moelles pénétré de ce que j’appellerai l’illusion biographique, qui consiste à croire qu’une vie vécue peut ressembler à une vie racontée.”

⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.**, 2006.

⁵⁶ BEAUVOIR, Simone de. **La force de l’âge**, p.33 . “La parole ne représente parfois qu’une manière, plus adroite que le silence, de se taire.”

interiores.”⁵⁷ Não absorver este discurso com ingenuidade não significa rejeitá-lo, compará-lo a outras fontes não significa diminuí-lo, mas tão somente ampliar as possibilidades de investigar e conhecer a autobiografia.

Alguns estudiosos, como Lejeune, entendem que uma autobiografia deve ser tomada estritamente por aquilo que ela é, deve bastar por si mesma e criticam a atitude desconfiada dos historiadores:

Eles se servem dos textos autobiográficos, mas com precaução, eles os pegam com as pinças da ‘crítica do testemunho’, como fontes - impuras e secundárias - da história, e esta instrumentalização pode cegá-los, impedi-los de considerar esses textos como fatos históricos por inteiro”.⁵⁸

Entretanto, toda verdade só se constrói de maneira dinâmica, de maneira relacional. Não é possível isolar a verdade do autobiógrafo; ela existe apenas em relação a outras verdades. Compreendê-la só se torna possível quando a inserimos numa espécie de diagrama, de esquema simbólico, que relacione diferentes fenômenos, diferentes processos, diferentes verdades. As autobiografias não se bastam, não falam por si; elas estão inseridas numa trama e não são fatos históricos completos porque um fato histórico completo nada significa, como afirma Paul Veyne:

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco “científica” de causa materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa.⁵⁹

1.1.3.3. O tempo autobiográfico

O discurso autobiográfico apresenta o passado a partir das condições, necessidades, perspectivas e dos anseios do presente, atribuindo-lhe, com muita frequência, sentimentos, ideias e valores, que lhe são exteriores e posteriores. A decisão de Beauvoir de contar sua

⁵⁷ **O coração desvelado.**, 1999, p. 121.

⁵⁸ LEJEUNE, Philippe. **Signes de vie**, p. 120. “Ils se servent des textes autobiographiques, mais avec précaution, ils les prennent avec les pincettes de la ‘critique du témoignage’, comme des sources – impures et secondaires - de l’histoire, et cette instrumentalisation peut les aveugler, les empêcher d’envisager ces textes comme des faits historiques à part entière.”

⁵⁹ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: UnB, 1999, p. 42.

experiência foi, em grande parte, motivada pela expectativa de que sua autoridade como autobiógrafa fosse considerada mais relevante pelo público do que outras versões sobre sua vida. Dentre outros fatores, foi em função do porvir que a autora orientou o relato de sua existência. Pode-se dizer que, ao debruçar-se sobre seu passado, ela tinha, ao mesmo tempo, os olhos voltados para o futuro; a narrativa da sua experiência estava, portanto, fortemente condicionada por certa expectativa.

Apesar de não serem simétricas, estas categorias estão relacionadas, e de maneira assaz íntima em algumas situações. No caso das autobiografias de Beauvoir, a interferência de uma sobre a outra é bastante notável: tanto a expectativa de qual impacto o texto provocará no leitor é construída, em parte, devido à experiência acumulada pelo autobiógrafo ao longo da vida, quanto a experiência passa a ser contada, entre outras razões, pela expectativa alimentada pelo autor. Em outras palavras, a expectativa, até certo ponto, deriva da experiência, ao passo que esta também, quando narrada, é interpretada em função daquela.

A autobiografia carrega, pois, uma parcela de anacronismo. Não se trata, entretanto, de particularidade deste tipo de escrita. De certa forma, a disciplina histórica tem no anacronismo uma de suas condições, apesar do esforço para livrar-se ou, pelo menos, para amenizar tal fato. É preciso primeiramente reconhecer o anacronismo e os limites que ele impõe para tentar superar as dificuldades e as possíveis confusões entre os tempos históricos, sabendo, todavia, que ele nunca poderá ser totalmente eliminado:

Reconhecer isso, porém, não implica que todo relato do passado se entregue a essa heterogeneidade como a um destino fatal, mas que trabalhe com ela para alcançar uma reconstrução inteligível, ou seja: que saiba com que fibras está construída e, como se se tratasse da trama de um tecido, que as disponha para mostrar da melhor maneira o desenho pretendido.⁶⁰

O processo de comunicar a reflexão sobre determinada experiência do passado requer uma linguagem do presente, que seja compreensível àqueles a quem se destina determinada fala. Ter ciência desta complexidade e do cuidado metodológico que ela implica não invalida um texto pela sua dimensão anacrônica: “o imensurável ou desmedido quinhão de neutralidade cobrado do historiador não resolve o problema da compreensão das verdades históricas e tampouco é eficaz na missão de filtrar a escrita da história de possíveis anacronismos.”⁶¹

⁶⁰ SARLO, Beatriz. **Tempo passado.**, p. 60.

⁶¹ OLIVEIRA, Sarah Luna de. **Desafios da escrita da história**; considerações sobre o anacronismo. Pergaminho, revista eletrônica de história, UFPB: 2005, p. 143.

É evidente que a autobiografia carrega elementos de anacronismo e de parcialidade, no sentido em que ela é a construção posterior de uma história de vida, que se faz a partir de perspectivas longe de serem neutras; não é um modo de recriar um passado por inteiro, mas de narrar e deixar registradas algumas de suas esferas, sob uma ótica, no mínimo, muito particular, um modo de oferecer, entre tantas outras, uma visão dele. É um vicário, uma representação: o relato representa um acontecimento, mas não o ressuscita materialmente; torna presente, através da linguagem, algo que já passou, algo que já não está ali. Mas não seria essa a condição de todas as narrativas? Que tipo de escrita escapa a esse desígnio? Qualquer narrativa é mais ou menos fragmentada, é permeada de vazios e silêncios, e traz em si a impossibilidade de reconstituir um todo, por mais que este permaneça um horizonte para alguns. Nem por isso, ela é mais ou menos adequada ou mais ou menos rica do que outra forma de se narrar o passado.

Dependendo da maneira como é trabalhada metodologicamente, a autobiografia pode mostrar-se um espaço bastante fértil para explorar a questão da complexidade do tempo. A autobiografia aborda diferentes ritmos que regem a vida -biológico, profissional, pessoal, etc. - e inibe, de certo modo, uma perspectiva linear dos acontecimentos,⁶² pois, além da sincronia, o tempo autobiográfico também pode remeter a uma visão diacrônica mais completa. É preciso ter ciência, como lembra Paul Ricoeur, do tríplice presente: “o presente do futuro, o presente do passado, o presente do presente⁶³”. Passado, presente e futuro se unem no instante da criação, no instante da comunicação da experiência, que é o tempo da presentificação, o tempo presente: “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.”⁶⁴

1.1.4. Autobiografia e ficção

Beauvoir resumiu do seguinte modo as críticas recebidas após escrever seus dois primeiros livros autobiográficos e ter decidido persistir neste projeto:

⁶² O tempo nos registros de memória dos indivíduos pode ser, e muitas vezes o foi, explorado de maneira simplista e teleológica (Cf. BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica.*, 2006, p. 184), o que alguns historiadores propõem é uma nova abordagem histórica das narrativas auto-referenciais (cf. GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história.*, 2004, pp.17-18).

⁶³ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Trad. Constança Marcondes César. SP: Papirus, 1994, tomo I, p. 96.

⁶⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. Sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas I**; magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-232 (p. 229).

Não faltaram objeções: “É muito cedo: você não tem ainda uma obra rica o suficiente...” Ou então: “Espere até poder dizer tudo: as lacunas, os silêncios deturpam a verdade.” E também: “Falta-lhe distanciamento.” E ainda: “Finalmente, você se entrega mais nos seus romances.” Nada disso é falso, mas não tenho escolha. [...] Quis que meu sangue circule nesta narrativa; quis me jogar, ainda viva, e me pôr em questão antes que todas as questões se tenham apagado. Talvez seja muito cedo; mas amanhã será certamente muito tarde⁶⁵.

Ela tinha então cerca de cinquenta e cinco anos. Quando escreveu sua primeira autobiografia, tinha cinquenta. Apesar de sua vida não ter significativamente mudado neste espaço de tempo, à medida que a narrativa da sua existência avançava no tempo, tornava-se progressivamente complicado revelar-se de maneira mais profunda, justamente pelos motivos que ela narra acima. Se admitia que nas suas obras ficcionais poderia revelar-se até mais, e se, de certo modo, todas as formas de escrita, e de expressão, podem ser compreendidas, no fundo, como autobiográficas, por que então Beauvoir decidiu recorrer à autobiografia?⁶⁶

Do ponto de vista literário, Philippe Lejeune e outros autores situam a autobiografia como um gênero narrativo específico, enquanto Paul de Man entende autobiografia apenas como figura de linguagem, como retórica, presente em qualquer texto.⁶⁷ De acordo com este autor, a autobiografia pode ser compreendida como um recurso linguístico, cuja função consiste em transmitir veracidade à narrativa. Por esta ótica, podemos sim dizer que todo texto de Simone de Beauvoir é autobiográfico: dos seus romances, passando pelos ensaios, até chegar aos seus artigos publicados em periódicos, uma vez que, em todos eles, há o seu “toque” pessoal. Todos foram criados por ela, todos partem, por conseguinte, da sua experiência e, inegavelmente, ela sempre teve um gosto declarado em falar de si mesma.

⁶⁵ BEAUVOIR, Simone de. **La force des choses I**. Paris: Gallimard, 2002b, p. 7. “... les objections n’ont pas manqué: ‘C’est trop tôt: vous n’avez pas derrière vous une oeuvre assez riche...’ Ou bien: ‘Attendez de pouvoir dire tout: des lacunes, des silences, ça dénature la vérité.’ Et aussi: ‘Vous manquez de recul.’ Et encore: ‘Finalement, vous vous livrez davantage dans vos romans’. Rien de tout cela n’est faux: mais je n’ai pas le choix. [...] J’ai voulu que dans ce récit mon sang circule; j’ai voulu m’y jeter, vive encore, et m’y mettre em question avant que toutes les questions se soient éteintes. Peut-être est-il trop tôt; mais demain il sera sûrement trop tard.”

⁶⁶ Entre outros, o escritor português José Saramago compreende todo escrito como autobiográfico. No prefácio de **Cadernos de Lanzarote**, diário iniciado no ano de 1993, ele narra: “Um dia escrevi que tudo é autobiografia, que a vida de cada um de nós a estamos contando em tudo quanto fazemos e dizemos, nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objeto do chão.” No relato do dia 27 de fevereiro, ele retoma: “Pergunto-me se o que move o leitor à leitura não será a secreta esperança ou a simples possibilidade de vir a descobrir, dentro do livro, mais do que a história contada, a pessoa invisível, mas omnipresente, que é o autor. O romance é uma máscara que oculta e ao mesmo tempo revela os traços do romancista. Se a pessoa que o romancista é não interessa, o romance não pode interessar. O leitor não lê o romance, mas o romancista”. Saramago publicou quatro livros no gênero da escrita auto-referencial (**Manual de pintura e caligrafia** (1977), **Cadernos de Lanzarote** (1994), **Cadernos de Lanzarote II** (1999) e, o mais recente, **As pequenas memórias**, de 2006, todos lançados no Brasil pela Companhia das Letras).

⁶⁷ Paul de Man (1919-1983) era teórico da literatura. (Autobiography as de-facement. **MLN**, Comparative Literature, dez. 1979, vol. 94, n. 5, pp. 919-930.)

Desde sua infância, Beauvoir desenvolveu o costume de escrever sobre si. Primeiro, através da correspondência, e, depois na adolescência, pela manutenção de um diário, hábitos que prosseguiriam na maior parte da sua vida.⁶⁸ A propósito, **A força da idade** e **A força das coisas** contêm longos trechos dos diários que Beauvoir mantinha na época a que ela se refere nos livros. O interesse pela própria vida é uma das principais chaves para se entender sua carreira, afinal ela afirma veementemente que se tornou uma escritora para poder falar de si, para poder expressar a sua verdade, o seu entendimento do mundo. Portanto, podemos entender que todos os seus escritos carregam traços subjetivos.

Ainda que protegida pela licença poética, pelos nomes inventados para seus personagens, a autora possa, eventualmente, ter se revelado de modo mais sincero do que numa narrativa de si, isto não significa necessariamente que ela tenha simplesmente transposto suas experiências pessoais para suas obras de ficção. Houve, antes, uma mescla de elementos autobiográficos, biográficos e imaginários. Todavia, muitos foram os que entenderam que, nas suas obras ficcionais, Beauvoir sempre elegia uma personagem para a qual transferia por inteiro suas experiências e suas perspectivas pessoais, sem que fossem reconhecidos o elemento de criação imaginária e seu trabalho de literata. A personagem Anne de **Os Mandarins** (**Les Mandarins**, 1954) foi muitas vezes entendida como uma simples transposição da autora, sem que se levasse em conta que apesar de, evidentemente, selecionar componentes para elaboração de seus personagens em suas próprias experiências, isso não significava que se tratasse de mera transferência. A respeito das críticas recebidas pelo romance **Os Mandarins**, Beauvoir comentou:

Todos os materiais que busquei na minha memória, eu os triturei, alterei, martelei, distendi, combinei, transpus, torci, às vezes mesmo revirei, e sempre recriei. Gostaria que considerassem esse livro pelo que ele é; nem uma autobiografia, nem uma reportagem: uma evocação.⁶⁹

Outra acusação dirigida às suas obras ficcionais refere-se à opção por certa postura das mulheres retratadas, considerada como não-feminista. Disfarçada em outros nomes, Beauvoir, supostamente, revelaria seus “verdadeiros” medos e pensamentos. **A mulher desiludida** (**La femme rompue**, 1968), obra de sua maturidade, recebeu muitas críticas, de especialistas e leitores. . Composto de três novelas: *A idade da discrição*, *Monólogo* e a homônima *A mulher*

⁶⁸ BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires d’une jeune fille rangée.**, p. 51.

⁶⁹ BEAUVOIR, Simone de. **La force des choses I**, pp. 365 – 367; p. 367. “... tous les matériaux que j’ai puisés dans ma mémoire, je les ai concassés, altérés, martelés, distendus, combinés, transposés, tordus, parfois même renversés, et toujours recréés. J’aurais souhaité qu’on prenne ce livre pour ce qu’il est; ni une autobiographie, ni un reportage: une évocation.”

desiludida, o livro trata de experiências dramáticas, vividas por mulheres angustiadas, de meia-idade ou na velhice, incapacitadas de encontrar nelas mesmas, motivação para erguer projetos pessoais.

Vários foram os que entenderam estas narrativas como confissões da própria autora, que já estava na terceira idade. No entanto, apesar de, naquela época, Beauvoir já se definir como uma feminista convicta, nunca se propôs a construir uma obra didática. Não fazia parte de seu interesse mostrar de maneira óbvia as saídas para a libertação feminina, até mesmo por que se trata de um caminho extremamente complexo e pessoal, que de óbvio não tem nada. Comentar, demonstrar uma realidade infeliz não significa de forma alguma que o autor compactue com ela. Que monstros seriam, se este fosse o caso, os autores de filmes de terror e de suspense... De acordo com Beauvoir, a inspiração para composição do livro veio da correspondência recebida de várias leitoras, que contavam suas experiências de vida.⁷⁰ Expor formas semelhantes de vivência não significava compactuar com as mesmas, muito pelo contrário, esta atitude podia ser interpretada como uma forma de denúncia. Está aí um exemplo do quanto pode ser pernicioso entender qualquer tipo de texto como autobiográfico, no sentido de confissão.

Talvez seja necessário estabelecer uma distinção mais clara entre a escrita auto-referencial e a escrita ficcional. Filio-me preferencialmente à compreensão dos autores que reconhecem, além deste quê autobiográfico presente em toda escrita, a narrativa auto-referencial como um gênero narrativo, com as suas especificidades, que a fazem diferente de outros estilos de escrita. Toda definição implica, como se sabe, uma redução, uma simplificação, mais ou menos grave, conforme a maneira que é trabalhada. Reconhecer este limite, porém, não implica negar às definições um propósito e uma utilidade. É possível, então, recorrer ao essencialismo estratégico, conforme Homi Bhabha.⁷¹ Segundo o mesmo, é possível aproveitar as positivities dos conceitos, que se encontram na facilitação do processo de comunicação. Muito mais confuso seria trabalhar textos como um diário íntimo, um conto erótico e um artigo jornalístico de acordo com os mesmos critérios de análise, utilizando como justificativa a suposta origem autobiográfica de todo escrito. Lejeune define a autobiografia a partir de alguns pactos estabelecidos entre autores e leitores.⁷² O termo “pacto” implica que ambas as partes estão de acordo para entender o texto segundo alguns pressupostos. Vejamos alguns deles.

⁷⁰ Id. **Tout compte fait**. Paris: Gallimard, 1972, p. 142.

⁷¹ BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

⁷² LEJEUNE, Philippe. Op. cit., 1996, pp. 27 – 46; 2005, pp. 27 – 31.

1.1.4.1. Pactos da autobiografia

A escrita do eu pressupõe um pacto de ipseidade: autor, narrador e protagonista, sem serem os mesmos (não possuem uma essência), partilham de determinada unidade, a existência.⁷³ Entendo que Beauvoir escreveu quatro autobiografias: **Memórias de uma moça bem comportada** (*Mémoires d'une jeune fille rangée*, de 1958), a que seguem **A força da idade** (*La force de l'âge*, de 1960), **A força das coisas** (*La force des choses*, de 1963) e **O balanço final** (*Tout compte fait*, de 1972).⁷⁴ Além delas, escreveu duas narrativas baseadas no pacto de sinceridade, narrativas muito pessoais, mas que não se enquadram como autobiografias, pois não estão centradas na reconstituição da personalidade da autora, ela não é a protagonista destas histórias.

Uma morte muito suave (*Une mort très douce*, de 1964), narrativa curta e densa, conta as últimas semanas de vida da mãe de Beauvoir, Françoise. Internada por uma fratura no fêmur, os médicos logo descobrem que ela tinha um câncer de intestino em estágio avançado. Sem nada revelar a Françoise da gravidade do seu estado, Simone e sua irmã Hélène se revezam na rotina hospitalar durante o último mês de vida da mãe. Após a sua morte, Simone surpreende-se com a intensidade da sua tristeza, com a brutalidade da despedida de uma mulher idosa, da qual acreditava ter se separado emocionalmente há muitos anos. As visitas semanais e o apoio financeiro que nunca havia lhe negado faziam muito mais parte das obrigações que acreditava ter como filha do que expressões de afeto. O desespero a flagra completamente desprevenida. Ela então parte para a escrita, na tentativa de sarar suas dores.

A cerimônia dos adeuses (*La cérémonie des adieux*, de 1981) também é um relato de despedida. Bem mais longo, narra não os últimos momentos de Sartre, mas, praticamente, sua última década: sua lenta falência física, seu longo adeus. Livro de sobra, livro que nunca deveria ter visto o dia, como diz Danièle Sallenave, pois trata-se do relato do maior dos medos de Beauvoir: a morte de Sartre.⁷⁵ É o seu último livro publicado. E assim como procedeu para libertar-se dos grilhões da angústia no final de 1963, dezessete anos depois, Beauvoir empreende um novo projeto de escrita, na busca de aplacar sua dor pela insuportável

⁷³ Paul Ricoeur (*Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, pp. 11-15) distingue os conceitos de ipseidade e mesmidade, atribuindo à ipseidade, as características de unidade sem essência e à mesmidade, a de essência unificadora.

⁷⁴ Como, de agora em diante, me concentrarei mais fortemente nestes quatro livros, toda vez que me referir aos mesmos, indicarei em nota de rodapé apenas o título do original e a(s) respectiva(s) página(s).

⁷⁵ SALLENAVE, Danièle. *Castor de guerre*., p. 15.

separação. Conclui nas últimas linhas do seu derradeiro livro publicado em vida : “Sua morte nos separa. A minha não nos reunirá.” Só a escrita poderia ser redentora, e é a ela que Beauvoir se rende mais uma vez.

Uma morte muito suave e A cerimônia dos adeuses podem ser melhor entendidas como depoimentos (testemunhos), pois estão centradas em outras pessoas. Não se pode dizer que Beauvoir estivesse fazendo as vezes de biógrafa, pois não se trata de narrar a história de outrem, mas de relatar momentos precisos de suas existências: suas despedidas do mundo.

A narrativa subjetiva se realiza igualmente a partir de um pacto de sinceridade. Isto não quer dizer que o autor não minta ou omita consciente ou inconscientemente; isto significa, sobretudo, que a sua intenção consiste em convencer o leitor de que aquele texto deve ser lido como verídico, como sincero, como autêntico. De qualquer maneira, contendo ou não deturpações, a escrita auto-referencial traz a sua verdade: a verdade como o autor apresenta a história da sua personalidade, a verdade como ele deseja que a sua vida seja lida.

Um terceiro pacto complementa os anteriores, pacto este comum a todo texto não-ficcional, seja ele histórico, científico, jornalístico, biográfico ou autobiográfico: Lejeune o chama de referencial.⁷⁶ Um escrito referencial se propõe a ser verificado. Entretanto, no caso da autobiografia, esta disposição à verdade, que pode ser comprovada através de outras fontes, não é tão importante como nos outros tipos de texto não-ficcionais, pois, neste caso, o que importa é o critério de autenticidade, que está no presente da narração das coisas passadas. A autenticidade seria “a verdade do texto, da imagem do narrador pintando a imagem que ele quer dar ao que ele era em tal ou tal época de sua vida.”⁷⁷

Todos os possíveis erros, omissões e deturpações fazem parte da verdade do autor, que representa a sua existência de acordo com esses equívocos. O que importa é a intenção do autor de apresentar determinado texto como sincero, como autêntico. Deste modo, os equívocos podem fazer parte da autenticidade da narrativa autobiográfica. Incorporá-los à verdade do autobiógrafo nos leva a uma compreensão mais abrangente, mais complexa, da sua intenção de escrita:

Seguramente não tem importância se uma autobiografia publicada reproduz uma experiência passada ou se inventa, nega ou adorna os fatos. Muitas vezes não há como verificar os relatos autobiográficos; seus narradores são com frequência as únicas testemunhas do que contam. No entanto, mesmo

⁷⁶ LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique.**, 1996, p. 36.

⁷⁷ MIRAUX, Jean-Philippe. **L'autobiographie; écriture de soi et sincérité.** Paris: armand_Colin, 2005, p. 20. “la vérité du texte, de l'image du narrateur en train de se peindre et de l'image qu'il veut donner de ce qu'il était à telle ou telle époque de sa vie.”

quando a evidência interna ou os depoimentos contemporâneos identificam discrepâncias, essas inconsistências são mais instrutivas do que as confissões impassíveis. As fantasias também são realidades que devem ser interpretadas, e o mesmo se pode dizer dos silêncios, esses testemunhos mudos mas expressivos, por vezes mais significativos do que as afirmativas mais veementes. Basta ler esses testemunhos na sua intimidade, cética, mas não cinicamente.⁷⁸

Nenhum destes pactos existe na escrita ficcional. Isto já basta para excluir a escrita de si do gênero da ficção. Encontra-se, deste modo, uma resposta para a pergunta inicial do atual subtópico, *Autobiografia e ficção*: Beauvoir recorreu à autobiografia porque, por mais que sua obra enquanto ficcionista lhe desse espaço para expressar seus pensamentos, era apenas na autobiografia que ela conseguia expô-los de maneira **direta**, uma vez que era através deste tipo de escrita que ela poderia contar sua própria existência, a partir de uma perspectiva narrativa que se requeria autêntica. Nas suas obras de ficção, ela partia de costumes, comportamentos e acontecimentos comuns a inúmeras pessoas para, a partir daí, dissimuladamente, comunicar determinadas formas singulares de compreensão da realidade. Enquanto romancista, ela só falava de si indiretamente. Toda sua experiência de vida, evidentemente, servia de base para a sua narrativa, mas ela não podia simplesmente descrever e refletir sobre sua experiência pessoal nesses livros. Eventualmente, episódios de sua vida eram contados, mas sempre misturados a elementos ficcionais, narrados em outras situações, confundidos com histórias de outras pessoas. Decidiu então valer-se da sua intimidade com a caneta e o papel para narrar sua própria trajetória. Na autobiografia, Beauvoir tinha a possibilidade de se apresentar ao público com suas próprias palavras; longe de estar desarmada, ela estava despida de disfarces, responsabilizando-se por todos os atos e por todos os pensamentos da protagonista, ainda que não estivesse com o coração totalmente desvelado.⁷⁹

Passo agora à investigação de como Beauvoir reflete a noção de sujeito e se constrói enquanto tal nas suas autobiografias.

1.2. AUTOBIOGRAFAR-SE: UM EXERCÍCIO DO SUJEITO

As autobiografias de Simone de Beauvoir são a expressão de um tipo de sociedade que valoriza a figura do sujeito, seus princípios, direitos e responsabilidades. Ela escreveu,

⁷⁸ GAY, Peter. **O coração desvelado.**, 1999, p. 122.

⁷⁹ Coração desvelado é uma expressão de Baudelaire, que Peter Gay retoma no título do seu livro (1999).

entre outros motivos, porque acreditava na importância social da sua experiência pessoal. Conforme já discuti, foi ainda na infância e, principalmente, na adolescência, que Beauvoir demonstrou o desejo de ter sua vida registrada por seu próprio punho. Deste modo, desde cedo, ela escreveu e preservou diários e correspondências, que mais tarde seriam divulgados. Sua experiência literária também não fugiu ao desejo de registrar sua própria trajetória: sua vida serviu de fonte de inspiração para sua escrita, apesar das licenças poéticas que, evidentemente, ela estava autorizada a fazer neste espaço.⁸⁰ Apresentando-se ao mundo, Beauvoir assumia as escolhas que fez ao longo da vida e explicava-as, ao mesmo tempo em que propunha um modo de pensar e de enfrentar a realidade. Quando falo de mim, faço-o porque acho que tenho algo a comunicar, porque acredito que minha experiência de algum modo pode ser interessante para a humanidade, porque valorizo a minha trajetória.

O sujeito: esta é sem dúvida uma das ideias sobre a qual Beauvoir mais refletiu ao longo da sua vida. Através de suas autobiografias, é possível acompanhar a narrativa de como ela percebeu, em diferentes momentos, a relação teórico-prática entre singular e coletivo e também de como construiu o registro da sua atuação enquanto sujeito no mundo. De uma jovem Beauvoir, que acreditava na independência total de cada um, à uma Beauvoir mais madura, que apostava na autonomia libertária que cada ser humano possui, existem diferenças significativas. Não que isto necessariamente indique uma evolução; antes, estas diferenças mostram que, à medida que envelheceu, Beauvoir, motivada por uma série de acontecimentos internos e externos, viu-se confrontada ao peso da história e reconheceu o poder de elementos exteriores face à sua subjetividade. Ainda assim, por mais que se inserisse nos combates coletivos, ela nunca abandonou a perspectiva pessoal, e a teve, muitas vezes, como a principal.

1.2.1. O culto do eu

Em **Memórias de uma moça bem comportada**, Beauvoir narrou o complexo processo que viveu na juventude, no que se refere à sua percepção de antanho em relação ao individual e ao geral. No final de 1925, então com dezessete anos, Beauvoir ingressou no seu primeiro ano do ensino superior. Conheceu Robert Garric, seu professor de literatura, e também fundador e diretor das Equipes Sociais, movimento cuja função consistia em “criar entre estudantes e filhos do povo um sistema de trocas que arrancaria os primeiros de sua

⁸⁰ **Tout compte fait**, p. 37.

solidão egoísta, os outros de sua ignorância.”⁸¹ Entusiasmada com a ideia de aliança entre diferentes classes, Beauvoir prometeu se inscrever nas Equipes no ano seguinte. Trata-se de um período extremamente ambíguo na sua vida: ao mesmo tempo em que acreditava fielmente que vivia por e para si, ainda assim desejava fortemente servir à humanidade e justificar a sua existência através do valor social que só o outro poderia lhe atribuir – “eu protestava no meu caderno que o grande homem não é uma fim em si: ele só se justifica se ele contribui a elevar o nível intelectual e moral da humanidade comum.”⁸²

Assídua leitora de escritores do século XIX, Beauvoir foi fortemente marcada pelo espírito de exaltação da individualidade testemunhado pelos seus antecessores. Maurice Barrès (1862-1923) publicou, entre 1888 e 1891, uma trilogia romanesca autobiográfica, baseada no culto do eu.⁸³ A única realidade, segundo o autor, seria o eu. Os bárbaros, prossegue, seriam os outros, aqueles que se opõem à construção do eu, ao desenvolvimento pleno do ser.⁸⁴ Barrès foi um dos principais escritores lidos pela jovem Beauvoir. Ela conclui no seu diário, em 05 de novembro de 1926: “é preciso viver completamente fora dos Bárbaros. Para minha vida, a experiência de outrem não pode contribuir em nada.”⁸⁵ Era como sujeito independente e não autônomo que Beauvoir então, predominantemente, se percebia. Três décadas depois, voltando o olhar para este mesmo período, na pele da narradora e não da protagonista, ela analisa:

Barrès, Gide, Valéry, Claudel: eu partilhava as devoções dos escritores da nova geração; e lia febrilmente todos os romances, todos os ensaios dos meus jovens predecessores. É normal que eu tenha me reconhecido neles pois éramos do mesmo meio. Burgueses como eu, não se sentiam à vontade em suas peles. Somente, como não tinham de maneira alguma a intenção de abalar a sociedade, eles se limitavam a estudar minuciosamente seus estados de alma; pregavam “a sinceridade consigo mesmo”. De nosso mal estar, ela [a literatura] fazia uma busca: procurávamos a salvação. Se tínhamos renegado nossa classe, era para nos instalar no Absoluto. [...] O importante era arrancar-nos da terra e tocaríamos então o eterno⁸⁶.

⁸¹ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 250. “créer entre étudiants et fils du peuple un système d’échanges qui arracherait les premiers à leur solitude égoïste, les autres à leur ignorance.”

⁸² *Ibid.*, p. 265. “je protestai sur mon cahier que le grand homme lui-même n’est pas une fin en soi: il ne se justifie que s’il contribue à élever le niveau intellectuel et moral de la commune humanité.”

⁸³ **Le culte du moi** compreende três livros: **Sous l’œil des barbares**, **Un homme libre** e **Le jardin de Bérénice**. A trilogia completa está disponível em: <http://www.inlibroveritas.net/lire/oeuvre8247.html>. Acesso em 15/12/2008.

⁸⁴ *Ibid.*, pp. 7- 9.

⁸⁵ BEAUVOIR, *apud*. SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre**, p. 64. “Il faut vivre tout à fait en dehors des Barbares. Pour ma vie, l’expérience d’autrui ne peut rien m’apporter”.

⁸⁶ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, pp. 269-271. “Barrès, Gide, Valéry, Claudel: je partageais les dévotions des écrivains de la nouvelle génération; et je lisais fiévreusement tous les romans, tous les essais de mes jeunes aînés. Il est normal que je me sois reconnue en eux car nous étions du même bord. Bourgeois comme moi, ils se sentaient comme moi mal à l’aise dans leur peau. [...] Seulement comme ils n’avaient pas du tout l’intention de

Beauvoir associava o individualismo, que então experimentava, a um mal que, posteriormente, relacionou ao que considerava como a farsa espiritualista: a moral, a mistificação, o narcisismo, a aparência, o abstrato, os valores, as tradições; em outras palavras, tudo aquilo que não se almeja através da necessidade física e psíquica, que não se aspira no mundo, na carne, nas relações humanas. Seu primeiro livro, **Quando o espiritual domina**, tradução de **Anne, ou quand prime le spirituel**,⁸⁷ foi a denúncia desta busca autista por uma salvação externa à relação inter-subjetiva, busca esta que Beauvoir ardentemente desejou durante longos anos na sua primeira juventude.

Apesar de muito cedo proclamar-se atea,⁸⁸ ela continuou assombrada pelo espiritualismo, questão que vai muito além da religião. A moral burguesa, na qual estava inserida, defendia com unhas e dentes a superioridade da alma sobre o corpo; na prática, significava que cada um deveria voltar-se para seu interior, cultivar o ascetismo, sem se preocupar com as questões terrestres. Este comportamento, evidentemente, só é conveniente quando não existe intenção em transformar nenhuma realidade, quando há conformação com a ordem estabelecida, com a estrutura em que a conjuntura está montada, ainda que esta última seja questionada. Procura-se tão somente ser superior às condições em que sua vida foi erigida, para que nada exterior possa abalar a sua paz de espírito. Para a Beauvoir adolescente, a salvação não estava mais em Deus, mas também não estava nos homens. Estava no imaterial, no Absoluto: “invoquei uma instância superior que me permitisse recusar os julgamentos de fora: refugiei-me no ‘meu eu profundo’ e decidi que toda minha existência deveria ser-lhe subordinada.”⁸⁹

Em parte, Beauvoir se refugiava neste ideal pelas dificuldades que enfrentava naquele momento com seu meio, com sua família, principalmente, com seus pais. Uma jovem que levasse muito adiante seus estudos era vista com considerável desconfiança. Ainda que, ao seu redor, sua capacidade intelectual suscitasse forte admiração, o fato de precisar se submeter a uma puxada rotina de estudos – visando à independência financeira no futuro – denunciava o fracasso financeiro da sua família. Entre o sucesso intelectual e o fracasso

bousculer la société, ils se bornaient à étudier avec minutie leurs états d’âme: ils prêchaient la ‘sincérité envers soi-même’. [...] De notre malaise, elle faisait une quête: nous cherchions un salut. Si nous avions renié notre classe, c’était pour nous installer dans l’Absolu. [...] L’important c’était de s’arracher à la terre, et on touchait alors à l’éternel.”

⁸⁷ Beauvoir escreveu este livro na década de 1930. Na época, dois editores rejeitaram a sua publicação e ele só se torna conhecido pelo público quarenta anos depois.

⁸⁸ Ibid., p. 190.

⁸⁹ Ibid., p. 271. “J’invoquai une instance supérieure qui me permît de récuser les jugements étrangers: je me réfugiai dans ‘mon moi profond’ et décidai que toute mon existence devait lui être subordonnée.”

financeiro, e conseqüentemente social, ficava muito claro que este último tinha uma dimensão muito maior:

Descobri brutalmente que havia me enganado; longe de me admirarem, não me aceitavam, ao invés de me trançarem coroas, me baniam. A angústia me tomou, pois eu entendia que condenavam em mim, ainda mais do que minha atitude atual, o devir no qual eu me engajava: este ostracismo não teria fim. [...] Foi pelo meu pai que ela [a severidade do seu destino] me foi anunciada; eu havia contado com o apoio, a simpatia, a aprovação dele; fiquei profundamente decepcionada que ele os recusasse. [...] Ninguém me admitia tal como eu era, ninguém me amava: eu me amaria o bastante, decidi, para compensar este abandono⁹⁰.

Rejeitada, isolada, exilada: contra tudo isto, ela se insurge, inspirada pela mesma influência literária: “aprendi lendo os primeiros Barrès que ‘o homem livre’ suscita fatalmente o ódio dos ‘Bárbaros’ e que o primeiro dos seus deveres é enfrentá-los. Eu não me submetia a uma obscura infelicidade, mas travava o bom combate.”⁹¹ Neste período, portanto, Beauvoir encontrou suas armas para lutar através do culto do eu. Este refúgio não durou muito: o plano superior no qual havia se instalado, não permitia qualquer tipo de ação.⁹² Entretanto, ela desejava agir, desejava encontrar um modo de se expressar, de comunicar sua experiência íntima. Ambiguamente, sua aposta na relevância da sua experiência pessoal para os outros era uma maneira de valorizar também o inverso: a importância da sociedade para ela, ou, pelo menos, de ser reconhecida por ela.

Quando ela ansiava por suspiros de futuros leitores que se extasiariam lendo sua obra, mais do que a eternidade através da palavra, ela buscava ser útil: “é preciso que minha vida sirva! É preciso que na minha vida tudo sirva!”⁹³ Rememorando sua adolescência, Beauvoir nos conta seus desejos para o futuro: “meu caminho estava traçado claramente: me aperfeiçoar, me enriquecer, e me expressar numa obra que ajudaria os outros a viver.”⁹⁴ Aos 21 anos, três após registrar sua resolução em se afastar dos bárbaros, refletindo sobre sua existência, profetiza: “estranha certeza que essa riqueza será recebida, que palavras serão ditas

⁹⁰ *Mémoires d'une jeune fille rangée*, pp. 261 – 264. “Je découvris brutalement que je m'étais trompée; loin de m'admirer on ne m'acceptai pas; au lieu de me tresser des couronnes, on me bannissait. L'angoisse me prit, car je réalisai qu'on blâmait em moi, plus encore que mon attitude actuelle, l'avenir où je m'engageais: cet ostracisme n'aurait pas de fin. [...] C'est par mon père qu'elle me fut annoncée; j'avais compté sur son appui, sa sympathie, son approbation: je fus profondément déçue qu'il me les refusât. (..) Personne ne m'admettait telle que j'étais, personne ne m'aimait: je m'aimerais assez, décidai-je, pour compenser cet abandon.”

⁹¹ *Ibid.*, pp. 268-269. “J'appris en lisant les premiers Barrès que ‘l'homme libre’ suscite fatalement la haine des ‘Barbares’ et que son premier devoir est de leur tenir tête. Je ne subissais pas um obscur malheur, mais je menais le bon combat.”

⁹² *Ibid.*, p. 316.

⁹³ *Ibid.*, p. 251. “Il faut que ma vie serve ! Il faut que dans ma vie tout serve !”

⁹⁴ *Ibid.*, p. 265. “Mon chemin était clairement tracé: me perfectionner, m'enrichir, et m'exprimer dans une oeuvre qui aiderait les autres à vivre.”

e escutadas, que esta vida será fonte onde muitos outros beberão.”⁹⁵ A importância do século aparecia-lhe com cada vez mais intensidade, ainda que estivesse subordinada à sua busca pela salvação. Em **O balanço final**, Beauvoir fez um retrospecto da sua vida sob assuntos que já havia abordado nas suas autobiografias anteriores. Sobre o período que antecedeu sua agregação, reflete:

A ideia de Revolução me seduzia. Deslizava para a esquerda: todo intelectual de boa fé, em nome do universalismo que lhe ensinam, só pode querer a abolição das classes. Mas minha aventura individual contava mais para mim do que a da humanidade. Eu não media a que ponto a primeira dependia da segunda, sobre a qual eu continuava muito mal informada.⁹⁶

Sem compreender a dinâmica das relações entre indivíduo e coletividade, Beauvoir fez, todavia, uma experiência que lhe permitiu escapar do isolamento, o qual, de maneira muito forte, limitava o seu campo de entendimento sobre as relações humanas e sociais: seu encontro definitivo com Sartre.

1.2.2. O culto do nós

Na sua primeira autobiografia, como seguiu o recorte temporal do seu nascimento aos seus 21 anos, é muito curto o espaço que dedica a Sartre. Não obstante, é o trecho no qual Beauvoir descreve Sartre como a realização de um sonho de adolescência, numa imagem que remete quase instantaneamente – pelo menos para a geração romantizada por Walt Disney – à figura do príncipe encantado, que aparece, nas edições populares, na parte externa posterior do livro, servindo de apresentação do mesmo ao leitor: “Sartre correspondia exatamente aos desejos dos meus quinze anos: ele era o duplo em quem eu encontrava, levadas à incandescência, todas as minhas manias. Com ele, poderia sempre partilhar tudo. Quando o deixei no começo de agosto, sabia que nunca mais ele sairia da minha vida”.⁹⁷

A escolha deste trecho está sem dúvida relacionada ao mito do casal moderno divulgado pela imprensa, que poderia ser um elemento para alavancar as vendas, o que

⁹⁵ BEAUVOIR apud. SALLENAVE, Daniele. **Castor de guerre.**, p. 63 “Étrange certitude que cette richesse sera reçue, que des mots seront dis et entendus, que cette vie sera source où beaucoup d’autres puiseront.”

⁹⁶ **Tout compte fait**, p. 28. “L’idée de Révolution me séduisait. Je glissais vers la gauche: tout intellectuel de bonne foi, au nom de l’universalisme qu’on lui enseigne, ne peut que vouloir l’abolition des classes. Mais mon aventure individuelle comptait plus pour moi que celle de l’humanité. Je ne mesurais pas à quel point la première dépendait de la seconde sur laquelle je continuais à être très mal renseignée.”

⁹⁷ “Sartre répondait exactement aux vœux de mes quinze ans: il était le double en qui je retrouvais, portées à l’incandescence, toutes mes manies. Avec lui, je pourrai toujours tout partager. Quand je le quittai au début d’août, je savais que plus jamais il ne sortirait de ma vie.”

certamente era de interesse para a editora. Mas este trecho é também muito revelador de um entendimento, de uma harmonia, de uma necessidade, diversas vezes reafirmadas tanto por Sartre⁹⁸ como por Beauvoir. No epílogo de **A força das coisas**, que escreveu aos 55 anos, Beauvoir destaca esta relação como o seu maior sucesso.⁹⁹ Quase dez anos depois, em **O balanço final**, ela narrou o encontro entre eles como o acontecimento capital da sua existência e descreveu Sartre como o companheiro ideal.¹⁰⁰

Das últimas páginas de **Memórias de uma moça bem comportada** até **O balanço final**, a narrativa da sua vida, inúmeras vezes, misturou-se intimamente à de Sartre. Compartilhavam em tantos aspectos o mesmo posicionamento, que, com bastante frequência, um se tornava a extensão do outro: assim, Beauvoir apresentou a união que durou mais de cinquenta anos. As fronteiras de ambos, unidas por particular fraternidade, estavam marcadas por “sinais gêmeos”: eram dois místicos que buscavam a salvação, ele, unicamente através da arte, da beleza do ato de escrever; ela através da felicidade, que se manifestava igualmente através do ideal da escrita.¹⁰¹ O impacto que a inteligência, a vivacidade e o comprometimento de Sartre com a escrita provocaram em Beauvoir foi bastante forte. Mais atento do que ela às questões políticas e sociais, Sartre proclamava, todavia, a supremacia da escrita sobre todos os outros aspectos existenciais:

Guardadas as devidas proporções, eu encontrava um grande parentesco entre sua atitude e a minha. Não havia nada de mundano nas ambições dele. Ele reprovava meu vocabulário espiritualista mas era bem uma espécie de salvação que ele igualmente procurava na literatura: os livros introduziam nesse mundo deploravelmente contingente uma necessidade que recaía em seus autores; certas coisas deviam ser ditas por ele, e então ele seria inteiramente justificado.¹⁰²

Queriam sim contribuir com o destino da humanidade, mas não porque se sentissem parte dela, acreditavam-se feitos de uma outra matéria, sem dúvida superior a todas as outras:

⁹⁸ Em entrevista à **Vogue** estadunidense, em julho de 1965, reimpressa como prefácio em BONAL, Gérard; RIBOWSKA, Malka. **Simone de Beauvoir**. Paris: Seuil/Jazz, 2001, pp. 4-7), Sartre comenta sua relação com Beauvoir e afirma que está completamente de acordo com tudo o que foi escrito por ela sobre eles, assertiva confirmada pelos seus diários (apud. ROWLEY, Hazel. Op. Cit., p. 125) e pelas abundantes cartas nas quais ele expressa seu amor “necessário” (SARTRE, Jean-Paul. **Lettres au Castor**; et à quelques autres (1926-1939). Paris: Gallimard, 1983b; Id. **Lettres au Castor**; et à quelques autres (1940-1963). Paris: Gallimard, 1983c).

⁹⁹ **La force des choses II**, p. 489.

¹⁰⁰ **Tout compte fait**, pp. 28-29.

¹⁰¹ **La force de l’âge**, p. 34.

¹⁰² **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 477. “À quelques nuances près, je trouvai une grande parente entre son attitude et la mienne. Il n’y avait rien de mondain dans ses ambitions. Il réprouvait mon vocabulaire spirituauxiste mais c’est bien un salut qu’il cherchait lui aussi dans la littérature; les livres introduisaient en ce monde déploravelmente contingent une nécessité qui rejaillissait sur leur auteur; certaines choses devaient être dites par lui, et alors il serait tout entier justifié.”

a liberdade. Do alto, olhavam amorosos para o mundo, sem estarem sujeitos a suas vicissitudes. Sobre os jovens, recém saídos da condição de estudantes, ela escreveu:

Ignorávamos sob todos os aspectos o peso da realidade. Nós nos gabávamos de uma liberdade radical. [...] Nosso erro foi não contê-la entre seus limites [...]. O dado nos apareceu como a matéria dos nossos esforços e não como o condicionamento deles: pensávamos não depender de nada. Assim como nossa cegueira política, este orgulho espiritualista se explica primeiro pela violência de nossos projetos. Escrever, criar: não ousaríamos nos arriscar nesta aventura se imaginássemos não sermos plenamente senhores de nós mesmos, de nossos fins e de nossos meios. Nossa audácia era inseparável das ilusões que a sustentavam e, ao mesmo tempo, as circunstâncias as tinham favorecido. [...] Nossa existência respondia tão exatamente a nossos desejos que nos parecia ter sido escolhida: augurávamos que ela se submeteria sempre a nossos desígnios. A sorte que tinha nos servido nos mascarava a adversidade do mundo.¹⁰³

De 1929 em diante, suas vidas se entrelaçaram de maneira irredutível. Nas autobiografias de Beauvoir, as eventuais discordâncias entre ambos foram apresentadas como menores, pois, subjugadas pela solidariedade e pela união que partilhavam em relação à compreensão filosófica da realidade e ao amor pela escrita. Não, não formavam um casal completamente harmônico, nem, muito menos, ideal; na verdade, segundo a autora, nunca almejaram essas qualificações, mas Beauvoir fazia questão de frisar que, em muitos momentos, a evolução do pensamento de um se confundia com a do outro.¹⁰⁴ O processo de amadurecimento das ideias existencialistas, expostas por Sartre através de obras filosóficas, foi significativamente comum a Beauvoir, que as expressou, principalmente, através dos seus livros de ficção. Em muitos aspectos, notadamente no terreno filosófico, podemos dizer que Beauvoir e Sartre partilhavam de quase todos os posicionamentos. Pelo menos, esta foi a ideia que ela procurou transmitir em suas autobiografias.¹⁰⁵

¹⁰³ **La force de l'âge**, pp. 22 – 23. “Nous ignorions sur tous les plans le poids de la réalité. Nous nous targuions d'une radicale liberté. [...] notre tort fut de ne pas la contenir dans ses justes limites [...]. Le donné nous est apparu comme la matière de nos efforts et non comme leur conditionnement: nous pensions ne dépendre de rien. De même que notre aveuglement politique, cet orgueil spiritualiste s'explique d'abord par la violence de nos projets. Écrire, créer: on n'oserait guère risquer cette aventure si l'on n'imaginait pas être maître absolu de soi, de ses fins et de ses moyens. Notre audace était inséparable des illusions qui la soutenaient et les circonstances les avaient favorisées ensemble. [...] Notre existence comblait si exactement nos vœux qu'il nous semblait l'avoir choisie: nous en augurons qu'elle se soumettrait toujours à nos desseins. La chance qui nous avait servis nous masquait l'adversité du monde.”

¹⁰⁴ *Ibid.*, pp. 32 – 35.

¹⁰⁵ **La force des choses II**, p. 489. De acordo com Eva Gothlin (1950 – 2006), especialista em filosofia existencialista, o pensamento de Beauvoir se diferencia em aspectos importantes da fenomenologia proposta por Sartre. Alguns conceitos centrais na filosofia de ambos, tais quais os de situação e de corporeidade, seriam compreendidos de maneira bastante divergente. Essas diferenças foram minimizadas posteriormente por Beauvoir, que, nas suas autobiografias, se esforçou em apresentar uma forma unitária do pensamento de ambos.

Isto a levou, em várias páginas, principalmente, em **A força das coisas**, a “quebrar”, à primeira vista, um dos pactos autobiográficos: Sartre, diversas vezes, ocupou o lugar de protagonista da narrativa, ainda que no prólogo de **A força da idade**, ela tenha afirmado que não se deteria na vida dele, além dos aspectos que tenham interferido na sua própria existência.¹⁰⁶ Ao invés de descrever as suas atividades, os seus pensamentos, Beauvoir começou a narrar a vida de Sartre, entendendo que, escrevendo sobre esta, de maneira implícita, narrava a própria existência.¹⁰⁷ Entretanto, segundo Deirdre Bair, uma das suas principais biógrafas, tratava-se de um subterfúgio de Beauvoir para não falar sobre si:

Nas suas memórias, no entanto, sua relação dos últimos meses de 1947 e do começo de 1948 é inteiramente vista através do filtro do trabalho de Sartre, do seu pensamento e de suas atividades. Anedotas, incidentes, acontecimentos: tudo testemunha a vida dele bem mais do que a sua, como se a exposição dos fatos e gestos de Sartre informasse ao mesmo tempo os leitores sobre suas próprias atividades. Não é inteiramente falso, uma vez que ela ficava permanentemente ao seu lado; mas isto representa também e sobretudo uma dissimulação. Falando de Sartre, ela conseguia não dizer nada dela mesma.¹⁰⁸

Pretendia com isto, como já foi dito, convencer o leitor de que falando dele, falava, no fundo, de si mesma. Se concordamos que a verdade da autobiografia reside na intenção do escritor, teremos de convir que, neste caso, não há, pois, rompimento do pacto autobiográfico, uma vez que Beauvoir tramou a narrativa de tal forma que a sua pessoa se confundisse com a de Sartre. Deste modo, ela continuava sendo a protagonista mesmo quando falava dele. Insisto nisto apenas para justificar uma eventual referência a um trecho da autobiografia de Beauvoir focado em Sartre, mas que, indiretamente, se refira a ela.

1.2.3. O sujeito e o mundo

Cf. GOTHLIN, Eva. Lire Simone de Beauvoir à la lumière de Heidegger. In: **Les Temps modernes**. Paris, n. 619, pp. 53 – 77, jun-jul 2002.

¹⁰⁶ **La force des choses I**, pp. 15-21; pp. 61-70, pp. 182-190, pp. 204 – 209, pp. 273-282, etc. **La force de l'âge**, p. 13.

¹⁰⁷ **La force des choses I**, p. 15.

¹⁰⁸ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. Trad. Marie-France de Paloméra. Paris: Fayard, 1991, p. 414. “Dans ses Mémoires, pourtant, sa relation des derniers mois de 1947 et du début de 1948 est entièrement vue à travers le filtre du travail de Sartre, de sa pensée et de ses activités. Anecdotes, incidents, événements: tout témoigne de sa vie à lui bien plus que de la sienne, comme si l'exposé des faits et gestes de Sartre renseignait em même temps les lecteurs sur ses propres activités. Ce n'est pas tout à fait faux, puisqu'elle restait em permanence à ses côtés; mais cela représente aussi et surtout une dérobade. En parlant de Sartre, elle réussissait à ne rien dire d'elle même.”

O sentimento de pertença à determinada coletividade, no tocante à responsabilidade social e à dimensão do coletivo, desenvolveu-se bastante posteriormente ao início de sua relação com Sartre. É bem verdade que a narrativa deste percurso pode dar a impressão de contar passo a passo um progresso, uma evolução; a narrativa cronológica tem por certo seus inconvenientes. Está claro que uma lógica não suplantou a outra, a autopercepção de Beauvoir enquanto sujeito integrado ou não à comunidade não é meramente uma questão de idade, de maturidade: ao longo de sua vida, diversos são os momentos (ela narra vários deles nas suas autobiografias) nos quais, independentemente da idade, ela se identificou prioritariamente como um ou como outro. Vários são os fatores que influíram nesta oscilação: condições sociais, espaciais, familiares, psíquicas, físicas, etc. Não existe nenhuma linearidade nisto. Pode-se apenas concluir, a partir da análise das suas autobiografias, que são dominantes os momentos em que ela se percebeu enquanto sujeito completamente independente na sua juventude e enquanto sujeito autônomo e consciente de sua relação com o coletivo na sua maturidade. Evidentemente, trata-se de um discurso, de um artifício, de retórica, de uma artifício do autobiógrafo para mostrar racionalmente, coerentemente, a história de uma trajetória:

O relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.¹⁰⁹

No entanto, ter consciência dos recursos de convencimento utilizados pelo autor, não invalida o texto autobiográfico. Todos eles fazem parte da chamada verdade do autobiógrafo e é nela que nos detemos.

Seu segundo livro autobiográfico, **A força da idade**, está centrado no processo de tomada de consciência, por parte de Beauvoir, do poder da história e da sociedade sobre sua vida. Narrando o período entre 1929 e 1939, ela nos contou sua crença obstinada na liberdade individual. Absolutamente concentrada em garantir a sua própria felicidade, construída por intermédio da sua vocação de escritora, ela se refugiou durante todo este período num otimismo teimoso.¹¹⁰ Foi só às portas da Segunda Guerra que, chocada, ela despertou para a importância da solidariedade e, utilizando suas próprias palavras, renunciou ao seu

¹⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 184.

¹¹⁰ **La force de l'âge**, pp. 415-417.

individualismo, ao seu anti-humanismo.¹¹¹ Não renunciou à felicidade pessoal, não foi por este aspecto que ela se transformou. A mudança residia na percepção de que ela não era apenas agente da realidade, mas convivia com a condição de objeto.

Neste livro, a narrativa do impacto do primeiro ano da guerra cedeu lugar à cópia do diário que Beauvoir manteve de setembro de 1939 a meados de julho de 1940.¹¹² Segundo a autora, incorporá-lo à autobiografia, traria um relato mais vivo, mais exato, mais confiável, conforme um entendimento assaz comum acerca da confiabilidade do diário.¹¹³ Ela esclarece que se limitou a “podar detalhes supérfluos, considerações muito íntimas, repetições fastidiosas.”¹¹⁴ O registro das atividades cotidianas (visitas, encontros, passeios, sensações) informa-nos, ao mesmo tempo, sobre o forte medo da sua vulnerabilidade. Foi, de fato, por sentir-se assim, que Beauvoir, finalmente, percebeu que sua individualidade não justificava o mundo. É verdade que ela continuava tendo um campo de atuação e de liberdade, mas naquele momento, a história poderia subjugar-lá. Ainda assim, ela não deixou de entender o mundo a partir do sujeito que era, nunca consentiu em confundir-se com o universal. Sim, ela fazia parte de uma coletividade, mas ainda era uma pessoa, um ser único, e não tinha a menor intenção em tornar-se uma generalidade, abandonando suas percepções singulares. Aceitar sua individualidade significava admitir que não possuía uma independência completa, mas implicava, também, o reconhecimento de que possuía certa autonomia¹¹⁵:

Eu sabia agora que, até a medula dos meus ossos, estava ligada aos meus contemporâneos; descobri o reverso desta dependência: minha responsabilidade. Heidegger tinha me convencido de que em cada existente se cumpre e se exprime “a realidade humana”: inversamente, cada um a encarna e a compromete por inteiro; segundo que uma sociedade se projete para a liberdade ou se acomode a uma escravidão inerte, o indivíduo se toma como um homem entre os homens, ou como uma formiga num formigueiro: mas nós temos todos o poder de colocar em questão a escolha coletiva, de recusá-la ou de ratificá-la.¹¹⁶

¹¹¹ Ibid., p. 409.

¹¹² Ibid., pp. 433 – 526.

¹¹³ Cf. 1.2.2.

¹¹⁴ **La force de l'âge**, p. 433. “élaguer des détails oiseux, des considérations trop intimes, des rabâchages”.

¹¹⁵ De acordo com Alain Renaut, o conceito de autonomia é bastante diferente do de independência. Nenhum sujeito seria independente, no sentido de ser absolutamente livre para agir segundo suas únicas vontades, sem normas nem leis, obedecendo apenas aos seus desejos naturais. Sua liberdade consiste na autonomia que possui em criar, submeter e ser submetido, de maneira espontânea, às regras criadas pelo e para o sujeito, visando à vida em comum. A autonomia é contrária à heteronomia, ou seja, à submissão a uma lei externa ao sujeito e não à dependência a regras criadas por ele próprio para si próprio. O sujeito é autônomo, na medida em que é fundamento e autor de suas atitudes, portanto, responsável por elas. (RENAUT, **O indivíduo**, pp. 84-88).

¹¹⁶ **La force de l'âge**, p. 538. “Je savais à présent que, jusque dans la moelle de mes os, j'étais liée à mes contemporains ; je découvris l'envers de cette dépendance : ma responsabilité. Heidegger m'avait convaincue qu'en chaque existant s'accomplit et s'exprime 'la réalité humaine': inversement, chacun l'engage et la compromet tout entière; selon qu'une société se projette vers la liberté ou s'accommode d'un inerte esclavage,

Convicta, a partir de então, da responsabilidade individual para transformação da realidade social, Beauvoir compreendia que as ações em conjunto advinham primeiramente de decisões e de atitudes pessoais. A sua compreensão das relações humanas muito se modificou: a crença na responsabilidade com o mundo, no compromisso político e na validade da experiência dos outros são marcas da sua trajetória na maturidade. Foi um processo lento, sem dúvida. Ela não saltou de um individualismo obstinado para um claro e intenso comprometimento social:

A partir de 1939, tudo muda: o mundo havia virado um caos, e parei de construir o que quer que seja; não tive outro recurso a não ser esta conjuração verbal: uma moral abstrata; procurei razões, fórmulas para me justificar aturar o que me era imposto. Encontrei algumas nas quais ainda acredito; descobri a solidariedade, minhas responsabilidades, e a possibilidade de acatar a morte para que a vida guardasse um sentido. Mas aprendi essas verdades de certo modo contra mim mesma; eu usava palavras para me exortar a acolhê-las; eu me explicava, me persuadia, me dava uma lição...¹¹⁷

Tanto Beauvoir como Sartre foram acusados de egoísmo por certos pensadores não apenas pelo seu comportamento no período que antecedeu à Segunda Guerra Mundial, mas também pelo pouco envolvimento que tiveram durante o próprio conflito. Em 1991, o historiador Gilbert Joseph publicou um livro no qual faz denúncias graves contra o casal, acusando-os inclusive de colaboracionismo. Na verdade, o autor deixa muito claro que não gosta de Sartre e menos ainda de Beauvoir. O título do livro, **Uma ocupação muito suave (Une si douce occupation)** é uma paródia da obra que Beauvoir dedica aos últimos momentos de sua mãe **Uma morte muito suave (Une mort si douce)**. Apesar de o livro ter como objetivo a atuação do casal durante a Segunda Guerra, Joseph não poupa críticas ao seu modo de vida como um todo, fazendo acusações maldosas e, muitas vezes, falsas. Afirma, por exemplo, que Sartre costumava receber dinheiro dos amigos (o que contradiz todas as informações das pessoas mais próximas, que eram unânimes em testemunhar a generosidade de Sartre), que ele e Beauvoir eram megalomaníacos, arrivistas, especialistas na “arte de mentir”, que Beauvoir era uma proxeneta, que preparava suas próprias alunas para oferecê-las

l'individu se saisit comme un homme parmi les hommes, ou comme une fourmi dans une fourmilière: mais nous avons tous le pouvoir de mettre en question le choix collectif, de le récuser ou de l'entériner."

¹¹⁷ Ibid., p. 625. “A partir de 1939, tout change: le monde devint un chaos, et je cessai de rien bâtir; je n’eus d’autre recours que cette conjuration verbale: une morale abstraite; je cherchai des raisons, des formules pour me justifier de subir ce qui m’était imposé. J’en trouvai auxquelles je crois encore; je découvris la solidarité, mes responsabilités, et la possibilité de consentir à la mort pour que la vie gardât un sens. Mais j’appris ces vérités em quelque sorte contre moi-même; j’usai de mots pour m’exhorter à les accueillir; je m’expliquai, je me persuadai, je me faisais la leçon ...”

a Sartre, que nunca tinha desejado filhos por puro egoísmo e que não possuía nenhum talento como romancista:

A cada página de **A convidada** aparecem os estigmas indicando, como para um doente, que este livro terá uma existência efêmera, que contém em germe os fermentos da sua própria morte. Ele apresenta uma cansativa sequência de diálogos supérfluos e pretenciosos, pontuados, a cada troca de interlocutor por uns “ele disse, ela disse”, que queimam os olhos. [...] Assim como na vida real da Família [o círculo próximo de amigos de Sartre e Beauvoir], os personagens têm sempre à mão um copo de álcool para conversar, e sua falta de vergonha se dissimula sob um recato...¹¹⁸

No que diz respeito ao envolvimento de Sartre e Beauvoir durante a guerra, acusa-os de fugir, abandonando amigos em perigo; acusa Sartre de carecer de higiene, vendo nisto um sinal de antipatriotismo, uma vez que seus outros colegas soldados estavam devidamente barbeados e limpos enquanto serviam ao país; o casal de não sentir nenhum constrangimento em submeter suas obras à censura alemã antes de lançá-las publicamente, tendo Beauvoir, inclusive, escolhido como epígrafe para o seu primeiro romance a citação de um autor alemão, Hegel, quando poderia ter perfeitamente optado por um pensador francês, desconhecendo, certamente, o fato de que Beauvoir lia Hegel desde a juventude.¹¹⁹ O tom de Joseph é passional e pouco convincente. Como afirma o crítico literário Michel Contat, a virulência, o sensacionalismo e a falta de consistência nos seus argumentos impedem que o autor seja realmente levado a sério: “o método de historiador do Sr. Joseph é severo: consiste em levar em conta apenas os testemunhos hostis a Sartre e a Beauvoir, e a considerar do que os acusados escreveram apenas aquilo que os assolam.”¹²⁰

Se, até agora, não há, nem de longe, nada que indique uma colaboração da parte de Sartre ou de Beauvoir com o nazismo, isto não significa que tenham se engajado ativamente no movimento de resistência durante a guerra. Estavam, naquele momento, bem mais preocupados em publicar suas obras, o que faziam sem maiores empecilhos, sem sofrer censura por parte da *Propagandastaffel*. Embora Sartre tenha se esforçado em participar de

¹¹⁸ JOSEPH, Gilbert. **Une si douce occupation...** Simone de Beauvoir et Jean-Paul Sartre (1940 – 1944). Paris: Albin Michel, 1991, pp. 301 – 302. “À chaque page de L’Invitée apparaissent lês stigmates indiquant, comme pour un malade, que ce livre aura une existence éphémère, qu il contient en germe les fermentes de sa propre mort. Il présente une épuisante suite de dialogues oiseux et prétentieux, ponctués, à chaque changement d’interlocuteur, par des ‘il dit, elle dit’ qui brûlent les yeux. [...] Ainsi que dans la vie réelle de la Famille, les personnages ont toujours un verre d’alcool à la main pour se parler, et leur dévergondage se dissimule sous une pudibonderie...” Sobre as acusações anteriores, conferir as páginas 18, 107 – 109, 225 – 227, 326 – 327.

¹¹⁹ Ibid. cf. p. 49, p. 57, p. 25, p. 321.

¹²⁰ CONTAT, Michel. Une si navrante occupation. In: **Le Monde**, 11 de outubro de 1991. “La méthode d’historien de M. Joseph est sévère : elle consiste à ne tenir compte que des témoignages hostiles à Sartre et Beauvoir, et à retenir de ce que les accusés ont eux-mêmes écrit seulement ce qui les accable”.

algum modo da resistência, na prática, esta atuação permaneceu supérflua.¹²¹ Beauvoir se envolveu menos ainda politicamente, apesar de sofrer maiores consequências do que seu companheiro pelas decisões tomadas pelo regime alemão. Em seguida a uma denúncia feita pela mãe de uma de suas alunas, acusando-a de incentivar sua filha à libertinagem, Beauvoir foi destituída das suas funções de professora pelo governo de Vichy.¹²² Para ganhar algum dinheiro, Beauvoir, por intermédio de Sartre, conseguiu um emprego na rádio difusora nacional, então controlada pelos alemães. Ela era responsável por um programa semanal sobre a cultura na Idade Média. Em **A força da idade**, Beauvoir comentou rapidamente o episódio, afirmando não sentir nenhum remorso pelo trabalho: não estava favorecendo aos alemães em nada.¹²³ Todavia, segundo sua biógrafa Deirdre Bair, o desconforto de Beauvoir era bem maior: “ela conhecia a reputação da rádio francesa, sabia que a maior parte das pessoas minimamente inteligentes a desprezavam e que todos os jornalistas e apresentadores eram considerados como ‘partidários inegáveis da colaboração’.”¹²⁴ Décadas depois, Beauvoir ainda se incomodava com o assunto:

Ela explicava, irritada: “Eu ia à biblioteca, reunia canções, poemas, os montava, e outra pessoa os lia na rádio. Entregava tudo isto a [Pierre] Bost no Flore. Nunca ia ao prédio da rádio, a não ser quando não tinha escolha. Eu precisava de dinheiro e me sentia encantada de pegar o deles. Não estava fazendo nada de errado.” Apesar de seus protestos, este trabalho a deixava desconfortável. Ela o escamoteava nas suas Memórias, se irritava sempre que lhe faziam perguntas sobre este ponto e se zangava terminantemente quando aprendia que um intelectual ou um jornalista tinha escrito algo a este respeito.¹²⁵

Sartre resumiu do seguinte modo sua atuação durante a Segunda Guerra: “durante a Ocupação, eu era um escritor que resistia e não um resistente que escrevia.”¹²⁶ Por sua vez, Beauvoir afirmaria: “Em 40, no plano intelectual nenhuma hesitação era possível: eu só podia odiar o nazismo e a colaboração. Era também do meu feitio tentar reagir à situação sem me deixar esmagar. [...] O que não descobri, foi a maneira de traduzir em atos minha oposição ao

¹²¹ Sobre o grupo Socialismo e Liberdade, cf. o tópico 1.2.3.

¹²² A aluna em questão era Nathalie Sorokine, chamada de Lise nas suas autobiografias. Após a publicação das cartas de Beauvoir a Sartre, soube-se que Beauvoir, de fato, manteve um relacionamento amoroso com Sorokine, o que ela nunca admitiu publicamente. Após a Liberação, Beauvoir foi convidada pelo governo a retomar suas funções, mas recusou para se dedicar inteiramente à escrita.

¹²³ **La force de l'âge**, pp. 617 – 618.

¹²⁴ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. Trad. Marie-France de Paloméra. Paris: Fayard, 1991, p. 322.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 322.

¹²⁶ SARTRE, Jean-Paul. Paris sous l'Occupation. In: **Situations III**. Paris, Gallimard, 1949, p. 37. “Pendant l'Occupation, j'étais un écrivain qui résistait et non pas un résistant qui écrivait.”

nazismo.”¹²⁷ Nem heróis, nem bandidos: esta parece ser a definição mais apropriada para o papel do célebre casal no conflito.

As obras escritas por Beauvoir entre seu primeiro romance publicado, **A convidada** (1943), e **A América dia a dia**, (*L'Amérique au jour le jour*, 1948), com exceção de **Todos os homens são mortais** (*Tous les hommes sont mortels*, 1946), foram definidas por ela como pertencentes ao seu “período moral”.¹²⁸ Ela tentava, ainda que, de modo desajeitado, compreender a relação entre indivíduo e coletividade. Neles, está clara a ênfase na necessidade da ação do sujeito e do peso da coletividade em cada um. No ensaio filosófico **Pirro e Cinésias** (1944), Beauvoir teve a oportunidade de aprofundar a questão que mais a preocupava: a liberdade não se dava de maneira idêntica a todos, mas cabia a cada um trabalhar para que todos pudessem exercê-la de maneira plena. Tratava-se de “liberar a liberdade”.¹²⁹ Entretanto, quase vinte anos depois de tê-las escrito, concluiu que estas ideias não eram expressões de que tinha finalmente conseguido se livrar das amarras individualistas, antes reforçavam-nas:

No meu ensaio, a coexistência aparece como uma espécie de acidente que deveria ser superado por cada existente; este começaria por forjar solitariamente seu projeto e pediria em seguida à coletividade para validá-lo. [...] Este diálogo entre Pirro e Cinésias lembra o que se desenvolveu de mim para mim e que anotei no meu diário, no dia em que eu entrava no meu vigésimo ano: nos dois casos, uma voz perguntava: “para quê?” Em 1927, ela havia denunciado a banalidade das ocupações terrestres em nome do absoluto e da eternidade; em 1943, ela invocava a história universal contra a finitude dos projetos singulares: nos dois casos, ela convidava à indiferença e à abstenção.¹³⁰

Não era, portanto, para assumir a condição humana, mas para superá-la que cada um deveria se esforçar. Segundo a autora, via-se reforçado, portanto, o individualismo: não existia a intenção de lutar por uma liberdade coletiva para o coletivo, era a liberdade do indivíduo que interessava.

¹²⁷ **Tout compte fait**, p. 34. “En 40, sur le plan intellectuel aucune heistation n’était possible: je ne pouvais que haïr le nazisme et la collabotation. Il était aussi dans ma ligne de tenter de réagir à la situation sans me laisser écraser. [...] Ce que je n’ai pas découvert, c’est la manière de traduire par des actes mon opposition au nazisme.”

¹²⁸ **La force de l’âge**, p. 626.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 627.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 628. “Dans mon essai, la coexistence apparaît comme une espèce d’accident que devrait surmonter chaque existant; celui-ci commencerait par forger solitairement son projet et demanderait ensuite à la collectivité de le valider: en vérité [...]. Ce dialogue entre Phyrus et Cinéas rappelle celui qui se déroula de moi-même à moi-même et que je noitai sur mon carnet intime, le jour où j’entraï dans ma vingtième année: dans les deux cas, une voix demandait “À quoi bon?” Em 1927, elle avait dénoncé la vanité des occupations terrestres au nom de l’absolu et de l’éternité; em 1943, elle invoquait l’histoire universelle contre la finitude des projets singuliers: toujours elle invitait à l’indifférence et à l’abstention.”

Da mesma forma, quando voltou seu olhar para **O sangue dos outros (Le sang des autres)**, Beauvoir lamentou seu didatismo e seu idealismo, erros que considera repetir em **As bocas inúteis (Les bouches inutiles)**, sua única peça de teatro, ambos publicados em 1945. Na busca por entender a complexa dinâmica entre singularidade e coletividade, ela “escorregava no moralismo”.¹³¹ Deplora não ter conseguido explorar devidamente temas políticos e sociais - eram estes seus principais objetivos - por ter se refugiado numa moral abstrata, que não lograva carregar o peso da história.

Dois anos depois, voltou a publicar um ensaio de filosofia, **Por uma moral da ambiguidade (Pour une morale de l'ambiguïté)**, e, mais uma vez, se decepcionou posteriormente: “De todos os meus livros, é este o que hoje mais me irrita. [...] Era aberrante pretender definir uma moral fora de um contexto histórico.” Seu maior equívoco consistia em acreditar que, permanecendo apenas no campo abstrato, moral, idealista, conseguiria representar temáticas de carne e osso, quiçá escrever uma “teoria da ação”.¹³² Beauvoir fez questão de ressaltar que não cometeu sozinha este engano: era praticamente um “espírito” da época, quase como se aqueles que tivessem feito uma leitura mais concreta da sociedade, a exemplo de Paul Nizan e Simone Weil, fossem exceção.¹³³ Explicando deste modo, por mais que reconhecesse prontamente a sua responsabilidade individual, amenizava a demora do seu envolvimento social, afinal, assim como a sociedade é resultado dos seus integrantes, o sujeito é também formado pelo seu lugar social.

A incapacidade de criar na escrita esta dinâmica estava diretamente ligada, de acordo com a própria autora, à sua prisão à ideologia e à linguagem burguesa e à sua ausência de compreensão do significado de um engajamento político.¹³⁴ Ao contrário de Sartre, que, mesmo partilhando da sua vulnerabilidade em relação ao idealismo burguês, esteve atento desde cedo à política internacional e se tornou particularmente envolvido em movimentos

¹³¹ Ibid., p. 672.

¹³² **La force des choses I**, pp. 98 - 99. “De tous mes livres, c’est celui qui aujourd’hui m’irrite le plus [...] Il était aberrant de prétendre définir une morale en dehors d’un contexte social.”

¹³³ Ibid., p. 60, p. 99. Nizan (1905 – 1940) conheceu Sartre no liceu e fazia parte do seu pequeno círculo de amizade na Sorbonne. Filósofo e escritor, filiou-se ao Partido Comunista francês, desligando-se do mesmo no início da Segunda Guerra, na qual morreu em combate. Combatia fortemente o idealismo e denunciava a paralisia espiritualista de muitos filósofos. Weil (1909 – 1945) também era filósofa e escritora. Numerosas foram as suas lutas contra o capitalismo e o autoritarismo. Foi contemporânea de Beauvoir na Sorbonne, época em que tiveram um entreencontro sobre a questão da fome no mundo: Weil declarou que nada importava mais do que uma revolução capaz de garantir alimentação para todos, ao que Beauvoir respondeu que o principal, antes de assegurar a felicidade dos homens, era encontrar um sentido para a existência deles. Weil retorquiu: “‘Vê-se bem que você nunca teve fome’, disse ela. Nossas relações pararam aí. Compreendi que ela tinha me catalogado como ‘uma burguesinha espiritualista’...”. (**Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 331). (“‘On voit bien que vous n’avez jamais eu faim’, dit-elle. Nos relations s’arrêtèrent là. Je compris qu’elle m’avait catalogué ‘une petite bourgeoise spiritualiste’.”)

¹³⁴ **La force de l’âge**, p. 628; **La force des choses I**, p. 99.

políticos desde que conseguira se livrar do confinamento alemão, Beauvoir, ainda que não mantivesse a indiferença de outrora, acompanhava as discussões de longe, sem se comprometer diretamente.¹³⁵

Sartre foi convocado pelo Exército francês como reservista em setembro de 1939. Tornou-se prisioneiro dos alemães em junho de 1940, alguns meses depois foi transferido para a Alemanha, onde ficou num *stalag* (prisão para prisioneiros de guerra) até março de 1941, quando conseguiu escapar. Durante todo este tempo, dedicou-se ferozmente à leitura de Heidegger, enquanto avançava na redação do romance **A idade da razão** e tomava notas para **O ser e o nada**. Enquanto isto, em Paris, Beauvoir permanecia concentrada na redação e revisão de **A convidada**. Estremecida com todos os acontecimentos externos e todas as reviravoltas que afetaram sua vida, talvez, principalmente, seu afastamento forçado de Sartre, não obstante, ela não pensava seriamente em se envolver “carnalmente” no conflito.¹³⁶ Assim como Sartre, também se debruçou na leitura filosófica, privilegiando Hegel e Kierkegaard. Oscilando entre o abraço do sistema universal e o grito da realidade individual, ela procurava uma filosofia que abarcasse sua aposta no sujeito. Entretanto, todo este esforço limitava-se ao plano das ideias: “o infortúnio é que eu não via meio de extrair disto consequências práticas. Censurando minha antiga inércia, eu não achava nada a fazer, a não ser viver, sobreviver, esperando coisa melhor¹³⁷.”

Quando Sartre retornou a Paris, estava decidido a ligar filosofia e prática. Decidiu, portanto, agir imediatamente e combater a opressão. Não se reencontraram, portanto, em pé de igualdade. Beauvoir permanecia cética em relação às possibilidades de combate, ao passo que Sartre voltava do *stalag* cheio de confiança de que suas ideias poderiam ser postas em prática e transformar o momento no qual viviam. Pouco tempo depois do seu retorno, Sartre entrou em contato com outros intelectuais, com os quais se organizou para formar um grupo de resistência: **Socialismo e Liberdade**. Não pretendiam pegar em armas, mas denunciar a invasão nazista através de panfletos e boletins clandestinos. Durante meses, Sartre tentou estabelecer contato com outros pensadores, buscando descobrir, sem sucesso, a melhor maneira de agir. Em outubro de 1941, impotente, sem alianças estabelecidas com outros grupos, sem encontrar espaço para ação e resistência, o movimento chegou ao fim.¹³⁸

¹³⁵ **La force de l'âge**, p. 168; pp. 180-181; p. 381; **La force des choses I**, p. 69; p. 100.

¹³⁶ Durante o tempo em que esteve sob a guarda do exército francês, Sartre e Beauvoir ainda conseguiram breves encontros, o que não aconteceu depois que ele foi feito prisioneiro dos alemães.

¹³⁷ **La force de l'âge**, p. 538. “Le malheur c'est que je ne voyais pas le moyen d'en tirer des conséquences pratiques. Blâmant mon ancienne inertie, je ne trouvai rien à faire, sinon à vivre, à survivre, en attendant mieux.”

¹³⁸ *Ibid.*, pp. 565-573.

Mergulharam novamente cada um nas suas obras. Então começava o que Beauvoir chamou de “período moral da sua vida literária”. Cientes de suas responsabilidades individuais e angustiados por não encontrarem um modo de exercê-la, continuaram esperando por “coisa melhor”.

1.2.4. O sujeito no mundo

Na sua última autobiografia, **O balanço final**, escrita no início da década de 1970, Beauvoir afirmou: “minha vida foi ao mesmo tempo o produto e a expressão do mundo no qual ela se desenrolava, e eis por que pude, narrando-a, falar de outra coisa do que não de mim”.¹³⁹ A sua vida, de fato, não dizia respeito apenas a ela mesma, afinal, foi uma representação na qual se encontram não apenas a sua individualidade, mas também esferas mais amplas, como a sociedade e a história. Talvez Beauvoir tenha exagerado ao afirmar ter falado de outra coisa que não ela nas suas autobiografias, pois a história e a sociedade só se inserem nas suas autobiografias pela relação que a autora estabeleceu com as mesmas. É, todavia, notável que ela tenha se valido desta expressão para salientar a importância que atribuía então à dimensão da coletividade na existência de cada indivíduo.

Foi principalmente ao final da década de 1940 e ao decorrer dos anos de 1950, que Beauvoir atribui o seu processo de afirmação enquanto sujeito, não apenas consciente da sua historicidade, mas inserido na coletividade. Esta longa evolução, como nos mostra Beauvoir, foi coroada nos anos rebeldes, período em que publicou a sua terceira autobiografia. Quando escreveu a primeira parte de **A força das coisas** (1960-1961), Beauvoir fez questão de explicitar o seu amadurecimento na questão do agir coletivamente. A maior parte dos seus livros escritos durante todo este período - 1945 – 1952 - indicava uma transformação, mas não consolidava ainda seu engajamento social, que vivenciava praticamente na sombra de Sartre. Até no seio do movimento feminista - no qual despontava desde o final dos anos 1940 como uma grande referência, foi apenas na década de 60, que ela se propôs a intervir de modo mais sistemático.

Esta longa transformação pode ser sentida no conteúdo das suas autobiografias, que muito se modificou. É verdade, como lembra Bair, que narrar acontecimentos sociais, políticos, enfim, acontecimentos públicos, ou então se concentrar nas atividades de Sartre, era

¹³⁹ **Tout compte fait**, pp. 39-40. “... ma vie a été em même temps le produit et l’expression du monde dans lequel elle se déroulait, et c’est pourquoi j’ai pu, en la racontant, parler de tout autre chose que de moi.”

uma forma da autora silenciar algumas das suas atividades, das suas relações, alguns dos seus pensamentos mais íntimos, que, por diferentes razões, ela preferiu não expor.¹⁴⁰ Mas isto também significava uma mudança de perspectiva no que se refere à sua relação com o coletivo.

Alguns seriam tentados a dizer que, uma vez que sua autobiografia se tornou uma espécie de depoimento sobre determinada sociedade, não caberia, pois, utilizar tal termo para defini-la, preferindo-se então defini-la como “memórias” ou “testemunho”. Entretanto, por mais que se atenha a acontecimentos externos, Beauvoir nunca deixou de manter sua própria história como fio condutor da narrativa. Anunciou no prefácio de **A força das coisas** (1963): “misturada muito mais que antigamente aos acontecimentos políticos [...]; meu relato não se tornará por isto mais impessoal; [...] a maneira como no dia-a-dia a história se revelou a mim é uma aventura tão singular quanto minha evolução subjetiva.”¹⁴¹

Na sua narrativa, ela creditou, em grande parte, a Sartre a sua “conversão” de sujeito autocentrado a sujeito consciente de sua dimensão coletiva.¹⁴² Foi pelo despertar dele durante a guerra de que era preciso não apenas pensar a realidade, mas agir sobre a mesma, que Beauvoir, por sua vez, se convenceu desta necessidade.¹⁴³ Esta se impôs, primeiramente, pelo reconhecimento de que não é superando a condição humana, mas a ela se integrando de corpo e alma, que se tornava possível encontrar certo equilíbrio entre as individualidades e as coletividades, conduzido pelas relações entre os sujeitos.

Após o final da Segunda Guerra, novas questões se impuseram. A notoriedade, tanto, e principalmente, a de Sartre, como a sua, os fazia requisitados para endossar as lutas dos movimentos de esquerda, notadamente, a resistência à política nacionalista e conservadora de De Gaulle.¹⁴⁴ Em 1945, em colaboração com alguns amigos, fundaram a revista **Les Temps Modernes (T.M.)**, em circulação até hoje. Os artigos, em parte voltados à dinâmica social,

¹⁴⁰ BAIR, Deirdre. Op. cit., p. 414.

¹⁴¹ **La force des choses I**, p. 8. “Mêlée beaucoup plus que naguère aux évènements politiques, [...]; mon récit n’en deviendra pas plus impersonnel; [...] la manière dont au jour le jour l’histoire s’est donnée à moi est une aventure aussi singulière que mon évolution subjective.”

¹⁴² **La force des choses I**, p. 15, **La force des choses II**, p. 491.

¹⁴³ Clara herança do pensamento de Marx, em quem a filosofia da existência proposta por Sartre progressivamente buscou inspiração, especialmente na tese 11, que Marx dirige a Feuerbach: “Filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diversas maneiras; mas o que importa é transformá-lo.” (**La force des choses I**, p. 69). Beauvoir também reconhece ter buscado no marxismo importantes elementos para escrever **O segundo sexo** (Ibid., pp. 264 - 265),

¹⁴⁴ Nesta época, Sartre já era um autor bastante famoso tanto no campo literário como filosófico. Antes mesmo de Beauvoir ser uma autora publicada (o que conseguiu em 1943), ela já era publicamente conhecida por ser a companheira por excelência dele. Em **La force des choses II** (p. 499), ela qualifica a sua condição como notoriedade, e a de Sartre, como celebridade. Sobre os movimentos políticos, cf. **La force des choses I**, pp. 192 - 195; pp. 204 e ss.

certamente contribuíram para um envolvimento mais “concreto” de Beauvoir com a realidade do seu meio.

O seu estudo sobre a condição feminina, que resultaria no **Segundo Sexo**, foi um outro ponto marcante. Sua intenção inicial era “falar de si” e, para isto, precisou fazer um amplo retrospecto.¹⁴⁵ Voltou a antigos mitos, que serviram de base para idealizar a feminilidade. Reconhecendo a sua condição de mulher, mais enquanto invenção cultural do que como um determinismo biológico, concluiu que estava ela também inserida num sistema, do qual, durante um bom tempo, achou que tinha escapado: “é estranho e estimulante descobrir de repente, aos quarenta anos, um aspecto do mundo que está diante dos seus olhos e que não se via.”¹⁴⁶ Constatou que, na cultura ocidental, a mulher, frequentemente, foi vista como *o outro*, não uma agente, mas um objeto. Como nenhuma realidade humana é “natural”, esta também poderia ser transformada. Investigadas e compreendidas as causas da criação destas tradições, cada mulher poderia descobrir-se sujeito. A existência estava por fazer, inclusive a sua.

Dos livros escritos na década de 1940, este é, sem dúvida, o de que ela mais se orgulhava. Ela também via **A Convidada** com bons olhos, mas esta havia sido sua primeira obra publicada; considerava-a um livro de iniciante; havia muito trabalho pela frente para que ela conseguisse se consolidar na arte da escrita. Vinte anos depois de tê-la escrito, Beauvoir já era uma escritora experiente e não era sem algum descontentamento que relia certas passagens que julgava má escritas. Em **O segundo sexo**, a despeito do estilo e da forma, que admitia poderem ter sido melhor trabalhados, existia uma identificação entre autora e obra que permaneceu ao longo dos anos.¹⁴⁷ Em parte, isto se deve à sua consciência de sujeito, que, despertada mais claramente no pós-guerra, manteve-se forte, no restante da sua vida. Procurando falar de si, acabou falando de uma condição que ultrapassava de muito a sua situação individual, mas que nem por isto a colocava acima dos outros mortais. É verdade, que, enquanto mulher, foi privilegiada com uma liberdade que não era nada comum no seu tempo; no entanto, isto não a elevava além da humanidade. Ao contrário, considerava que isto a inseria mais fortemente nela, pois, de alguma forma, era a prova de que as situações não eram dadas, mas estavam em meio a uma trama que podia e deveria ser transformada para que esta fosse a sorte não de uma privilegiada, mas de qualquer uma.

¹⁴⁵ Ibid., p. 257.

¹⁴⁶ Ibid., p. 258. “C’est étrange et stimulant de découvrir soudain, à quarante ans, un aspect du monde qui crève les yeux et qu’on ne voyait pas.”

¹⁴⁷ Ibid., pp. 266-268.

Ao contrário de **Pirro e Cinésias**, Beauvoir não pretendia superar a condição humana, mas afirmar-se, cada vez mais, nela, assumindo-se como sujeito, assumindo-se como mulher. Entendia então que a dita salvação não se encontrava além dos homens e das mulheres, mas se concretizava através deles, principalmente, através delas:

Teriam me surpreendido e mesmo irritado, há trinta anos, se tivessem me dito que eu me ocuparia dos problemas femininos e que meu público mais sério, seria de mulheres. Não lamento. Divididas, despedaçadas, acometidas de desvantagens, para elas mais do que para os homens existem cacifes, vitórias, fracassos. Elas me interessam; e prefiro, através delas, ter no mundo um poder de ação limitado, mas sólido, a flutuar no universal.¹⁴⁸

Ação: salvação. Salvação: ação. Este é um *Leitmotiv* constante ao longo de **A força das coisas**. Se a iminência da guerra despertou-a da sua “esquizofrenia” individualista (termo com o qual a própria autora definiu a si própria), foi o pós-guerra e a constatação de que o fim do conflito não significava garantia de liberdade e de felicidade nem para si, nem para os outros e de que era necessário encontrar um caminho para inventar e construir esta tão almejada liberdade, que a fizeram redimensionar a relação entre o singular e o coletivo.

Falando do amadurecimento de Sartre, narrava também a própria experiência: “Em 44, ele pensava que toda situação podia ser transcendida por um movimento subjetivo; ele sabia em 51 que as circunstâncias às vezes roubam nossa transcendência; contra elas então não há salvação individual possível, mas somente uma luta coletiva.”¹⁴⁹

Sem pedir licença, a guerra da Argélia se impôs e se instalou na sua vida, vencendo sua obstinação pela bonança: “o conselho de Camus – defender, apesar de tudo, sua própria felicidade – ninguém mais do que eu estava inclinada a segui-lo.”¹⁵⁰ Viveu, apesar disto, aquela guerra como um drama pessoal.¹⁵¹ Enquanto intelectual, as palavras pesavam enormemente para ela e se sentia violada ao escutar as mentiras e omissões criadas pelo governo francês e seus partidários para explicar o conflito. Mas, assim como durante a Segunda Guerra, não soube, a princípio, como agir, hesitava em tomar parte da luta, valendo-

¹⁴⁸ **La force des choses I**, p. 268. “On m’aurait surprise et même irritée, à trente ans, si on m’avait dit que je m’occuperais des problèmes féminins et que mon public le plus sérieux, ce serait des femmes. Je ne le regrette pas. Divisées, déchirées, désavantagées, pour elles plus que pour les hommes il existe des enjeux, des victoires, des défaites. Elles m’intéressent; et j’aime mieux, à travers elles, avoir sur le monde une prise limitée, mais solide, que de flotter dans l’universel.”

¹⁴⁹ **La force des choses I**, p. 332. “En 44, il pensait que toute situation pouvait être transcendée par un mouvement subjectif; il savait en 51 que les circonstances parfois nous volent notre transcendance; contre elles il n’y a pas alors de salut individuel possible, mais seulement une lutte collective.”

¹⁵⁰ **La force des choses II**, p. 120. “Le conseil de Camus – défendre, malgré tout, son propre bonheur – personne n’était plus enclin que moi à le suivre.”

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 501.

se de instrumentos que, acreditava, eram melhor manejados por outros: “quis romper minha cumplicidade com esta guerra, mas como? Falar em encontros, escrever artigos: eu teria dito menos bem do que Sartre as mesmas coisas que ele.”¹⁵² Quatro anos depois, em 1961, quando escreveu sobre esse momento, afirmou que caso a questão eclodisse então, agiria de maneira diferente, lutando com as armas que tinha (as palavras), ainda que quem quer que fosse, tivesse mais habilidade para utilizá-las do que ela.¹⁵³

De fato, foi no campo da linguagem, das palavras, da escrita que Beauvoir se assumiu mais plenamente enquanto sujeito. Estranhava o comportamento de escritores associados ao chamado *Nouveau Roman*, que, no momento da criação, se concentravam num isolamento autista, deixando o mundo do lado de fora, uma mutilação, no seu entendimento, pois tal atitude separava o homem do autor. Atribuía esta mutilação às incertezas e crueldades do pós-guerra: “como neste mais importante ato para um escritor, escrever, podemos não nos dar por inteiro?”¹⁵⁴ Seu crescente envolvimento com a coletividade forneceu-lhe uma experiência, que lhe permitiu encontrar elementos de solidificação das tramas dos seus livros de ficção. Se outrora lamentava a superficialidade com a qual se atinha à narrativa dos acontecimentos quando sua real intenção era introduzir uma maior vivacidade, tanto a sua experiência profissional de escritora como a sua experiência no seio da coletividade colaboraram com o aprofundamento das suas técnicas de narração e do seu conteúdo.

Compreender a importância do coletivo para o sujeito e aceitar envolver-se no processo de construção de certa sociedade não significa que Beauvoir tenha abandonado suas perspectivas, suas intenções, suas limitações pessoais. Sim, ela usava a escrita para servir aos outros, era um propósito antigo que se reafirmou em tais circunstâncias. Valia-se dela, todavia, principalmente para compreender, expressar e, muitas vezes, para exorcizar determinadas situações, que tinha intimamente vivido, pois, nitidamente, a literatura tinha para ela uma função catártica.

Foi assim que ela conseguiu superar a culpa e a tristeza pela morte de sua grande amiga Zaza. Às suas últimas palavras em **Memórias de uma moça bem comportada** - “Frequentemente à noite ela me apareceu, toda amarelada sob um capuz rosa, e me olhava com censura. Juntas havíamos lutado contra o destino enlameado e pensei durante muito tempo que havia pago minha liberdade com sua morte” – juntam-se as que ela narrou em **A**

¹⁵² Ibid., p. 126. “J’aurai voulu briser ma complicité avec cette guerre, mais comment? Parler dans les meetings, écrire des articles: j’aurai dit moins bien que Sartre les mêmes choses que lui.”

¹⁵³ Ibid., p. 126.

¹⁵⁴ Ibid., p. 460. “Comment dans cet acte le plus important pour un écrivain, écrire, peut-on ne pas se mettre tout entier?”

força das coisas, quando se referiu ao período que sucedeu à publicação daquele livro: “De uma maneira geral, depois que ela foi **publicada e lida**, a história da minha infância e da minha juventude se soltou de mim.”¹⁵⁵

É significativo que não seja apenas o ato da escrita, mas a sua associação com a comunicação, que tenha realizado a catarse. Motivada pelo fim trágico de Zaza, Beauvoir escreveu, na década de 1930, **Quando o espiritual domina**. O livro, no entanto, teve sua publicação recusada. O fantasma da amiga continuou a visitá-la com frequência. Vinte anos depois, após a publicação de **Memórias de...** e o conseqüente retorno do público, especialmente da família de Zaza – o que permitiu um esclarecimento das circunstâncias que resultaram na morte da mesma - Beauvoir nunca mais sonhou com a amiga e se sentiu liberta daquele passado.¹⁵⁶ Foi também através desta combinação (narração e divulgação) que ela exorcizou o fantasma de Olga¹⁵⁷ e, futuramente, buscou superar o luto pela morte da sua mãe e pela de Sartre.¹⁵⁸

As relações entre indivíduos e coletividade, permeiam as autobiografias de Simone de Beauvoir. Mesmo quando se remetia a um tempo em que a esfera da singularidade predominou na sua existência, ela o fazia a partir de uma época em que já tinha, há muito tempo, se sensibilizado com a dimensão do coletivo na vida de cada um: não se pode esquecer que ela escreveu estas narrativas entre 1958 e 1972. Quando abordou o individualismo espiritualista que expressava na juventude, ela sempre o evocou em tom de crítica. Beauvoir prezava insistentemente pelo equilíbrio entre individualidade e sociedade, pois era como sujeito que ela se reconhecia:

Trata-se [...] na autobiografia de partir da singularidade da minha vida para encontrar uma generalidade, a da minha época, a do meio onde eu vivo. É extremamente importante essa visão de generalidade pois se você escreve simplesmente uma coletânea de anedotas, ela não tem nenhum tipo de interesse para ninguém.¹⁵⁹

¹⁵⁵ **Mémoires d'une jeune fille rangée**, p. 503. “Souvent la nuit elle m'est apparue, toute jaune sous une capeline rose, et elle me regardait avec reproche. Ensemble nous avons lutté contre le destin fangeux et j'ai pense longtemps que j'avais payé ma liberté de sa mort.” **La force des choses II**, p. 249, grifo meu. “D'une manière générale, depuis qu'elle a été publiée et lue, l'histoire de mon enfance et de ma jeunesse s'est entièrement détachée de moi.”

¹⁵⁶ **La force des choses II**, p. 249.

¹⁵⁷ **La force de l'âge**, p. 387.

¹⁵⁸ BEAUVOIR, Simone de. **Une mort très douce**. Paris: Gallimard, 2003; **La cérémonie des adieux; entretiens avec Jean-Paul Sartre**. Paris: Gallimard, 1981.

¹⁵⁹ FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande. **Les écrits de Simone de Beauvoir**. Paris: Gallimard, 1979, p. 449. “ Il s'agit (...) dans l'autobiographie de partir de la singularité de ma vie pour retrouver une généralité, celle de mon époque, celle du milieu ou je vis. C'est extrêmement important, cette visée de la généralité, parce que si vous écriviez tout simplement un recueil d'anecdotes, il n'a aucune espèce d'intérêt pour personne”.

Partir do singular para uma perspectiva generalizante coincide justamente com a ideia de sujeito globalizante, da qual fala Le Goff: uma vida que é um dos produtos, mas também um dos pontos de partidas para a invenção do coletivo e, como tal, pode ser objeto de extremo interesse para a investigação histórica.¹⁶⁰

Na epígrafe que abriu este texto, extraída da sua última autobiografia, **O balanço final**, vemos que o sujeito carrega em si, nas suas palavras, uma singularidade imutável: um **eu**, que, não obstante as diversas interferências do mundo e do acaso, continua firme, reconhecível, quase palpável. Se a existência sempre precede a essência, busquemos, pois em que meios, em que bases e de que forma ela construiu a sua. No próximo capítulo, investigarei a noção de identidade nas autobiografias de Simone de Beauvoir, tentando entender como e qual é este “eu” que ela reivindicou para si, ao longo da sua narrativa.

¹⁶⁰ LE GOFF, Jacques. **São Luís**, 2002.

Capítulo II

IDENTIDADE AUTOBIOGRÁFICA: CONSTRUÇÃO DE SI

*Nosso eu, de fato, não é imutável: é preciso a cada dia defendê-lo e a cada dia criá-lo.*¹

Maurice Barrès. **Sous l'oeil des barbares** (1888).

*O que me impressiona [...] é como a menina de três anos sobrevive, amansada, na de dez anos, esta na moça de vinte anos, e assim por diante. Certamente em muitos pontos as circunstâncias me levaram a evoluir. Mas eu me reconheço através de todas as minhas mudanças.*²

Simone de Beauvoir. **Tout compte fait** (1972).

Nas últimas décadas, a problemática da identidade tem sido um frequente alvo de discussão por parte de numerosos pesquisadores das ciências humanas. Na área da História Cultural, os estudos se voltam, no geral, para o processo de construção das identidades, sejam elas predominantemente individuais ou coletivas.³ As pesquisas nessa área costumam girar em torno de questionamentos tais como: de que maneira as pessoas /os grupos constroem ou tentam construir identidades para si? Como se auto-apresentam? Existe unidade no processo identitário ou este é completamente fragmentado? Qual o papel dos pequenos grupos – famílias, amigos, colegas - no processo de construção da identidade individual? São algumas das perguntas que movimentam o debate.⁴

Peter Burke observa que devido à crescente preocupação por parte dos historiadores culturais com a construção das identidades individuais, “há um interesse cada vez maior em documentos pessoais ou, como dizem os holandeses, ‘documentos-ego’.”⁵ Não obstante,

¹ BARRÈS, Maurice. **Sous l'oeil des barbares**. Disponível em: <http://www.inlibroveritas.net/lire/oeuvre/8247.html>. Acesso em 15/12/2008, p. 10. “Notre moi, en effet, n'est pas immuable ; il nous faut le défendre chaque jour et chaque jour le créer.”

² **Tout compte fait**, p. 39. “Ce qui me frappe [...] c'est comment la petite fille de trois ans se survit, assagie, dans celle de dix ans, celle-ci dans la jeune fille de vingt ans, et ainsi de suite. Certes sur beaucoup de points les circonstances m'ont amenée à évoluer. Mais je me reconnais à travers tous mes changements.”

³ Na discussão desse tema, Anthony Giddens (1938 -) e Zygmunt Bauman (1925 -) são alguns dos autores mais lembrados nas ciências sociais. Na área da História cultural, os nomes de Paul Ricoeur (1913 – 2005) e de Stuart Hall (1932 -) costumam ser destacados como importantes referências.

⁴ Cf. BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 106 - 119.

⁵ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** p. 116.

verifica-se que, até o momento, a relação entre identidade e autobiografia tem sido relativamente pouco explorada pelos profissionais da história. Sem dúvida, isso está relacionado ao fato de que, no geral, apenas recentemente a comunidade de historiadores vem se debruçando sobre esse tipo de narrativa. Nesse sentido, revela-se importante a contribuição de pensadores de áreas afins, a exemplo da teoria literária e da filosofia, entre os quais se destaca Paul Ricoeur, cuja importância para a epistemologia histórica é amplamente reconhecida.⁶

Dentre as principais motivações para escrever uma autobiografia, verifica-se a intenção do autobiógrafo em definir certa identidade para si.⁷ Nesse aspecto, Simone de Beauvoir não foi exceção. A autora indicou diversos motivos para iniciar e perseguir no seu projeto autobiográfico: salvar sua juventude do esquecimento, compreender-se, fazer balanços, contrapor-se a si mesma, dar voz à sua auto-análise, defender-se da malevolência, contar a verdade, abarcar o conjunto da sua história, etc. Entre esses, ela concedeu especial ênfase ao desejo de conhecer o sentido da sua vida:

Minha existência não terminou, mas ela já possui um sentido que provavelmente o devir não mudará muito. Qual? Por algumas razões, que ao longo desta mesma averiguação precisarei tirar a limpo, evitei perguntar isto a mim mesma. É a hora ou nunca de conhecê-lo.⁸

A averiguação à qual Beauvoir se referiu corresponde ao processo da narrativa autobiográfica. O mesmo ultrapassa o exercício da escrita, sendo composto de diferentes fases: o trabalho de rememoração (refletir sobre o passado a partir do presente); a pesquisa através de eventuais entrevistas, reportagens e documentos pessoais sobre determinado passado; a escolha do que deve ser contado e o propósito do registro final que se deixa para a

⁶ Saliento, em especial, o livro **Soi-même comme un autre (Si-mesmo como um outro)**, de 1990.

⁷ Philippe Lejeune entende a identidade como uma questão central no relato autobiográfico, inserindo-a na sua definição clássica deste gênero de escrita: narrativa retrospectiva feita por uma pessoa real sobre sua própria existência, destacando sua vida pessoal, particularmente a história da sua personalidade (LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996, p. 14). Lembro que o autor utiliza o termo “personalidade” como sinônimo de “identidade” e mantém esta acepção mesmo quando reavalia - e não raro discorda de - certos posicionamentos que assumiu em livros anteriores (Cf. LEJEUNE, Philippe. **Signes de vie**; le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005, p. 13.) Também concordam com a afirmação de Lejeune, Loïc Marcou e Jean-Philippe Miraux (MARCOU, Loïc. **L'autobiographie**; anthologie. Paris: Flammarion, 2001, p. 15; MIRAUX, Jean-Philippe. **L'autobiographie**; écriture de soi et sincérité. Paris: Armand-Colin, 2005, p. 29).

⁸ **La force de l'âge**, p. 12. “Mon existence n'est pas finie, mais déjà elle possède un sens que vraisemblablement l'avenir ne modifiera guère. Lequel? Pour des raisons, qu'au cours de cette enquête même il me faudra tirer au clair, j'ai évité de me le demander. Il est temps ou jamais de l'apprendre.” Sobre as razões apontadas pela autora para autobiografar-se, conferir, entre outros textos, os prólogos de **La force de l'âge**, **La force des choses** e **Tout compte fait**.

posteridade. Todos estes aspectos possuem em comum o objetivo final de contar uma história de vida, conferindo-lhe um sentido, construindo certa identidade para o autor.⁹

O ato da narração é um modo próprio de conhecer, de transmitir experiências e de ensinar, pois é uma forma de construir significados. No seu célebre texto, Walter Benjamin discorreu sobre a figura do narrador: “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la **inteira**. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.”¹⁰ Em outras palavras, à medida que é narrada, a existência é recriada. Ao refletir sobre os motivos que a levaram a se tornar uma escritora, Beauvoir fez o seguinte comentário, em consonância com a afirmação de Benjamin: “escrevendo uma obra alimentada pela minha história, eu me criaria a mim mesma de uma forma nova e justificaria minha existência.”¹¹

Contar a vida inteira não significa necessariamente contá-la com todos os detalhes. Significa principalmente contar a existência como um todo, sem fragmentá-la, tomando-a como um conjunto indivisível. Beauvoir acredita que uma autobiografia, assim como uma vida, só expressa sua verdade quando tomada por inteiro e nunca por partes isoladas.¹² O inquérito que se tornou sua narrativa autobiográfica foi movido pela busca de sua identidade, pois, pode-se dizer que o autobiógrafo, com muita frequência, se reconhece e estabelece a relação entre os acontecimentos à medida que conta a própria história.

A noção de identidade, não raro, é associada à ideia de permanência, estabilidade, petrificação. Poder-se-ia perguntar, portanto, por que uma “amante da liberdade”, noção esta, por sua vez, quase sempre ligada à ideia de movimento e de mudança, buscou de maneira tão árdua construir e fixar determinada identidade nas páginas que escreveu sobre sua vida.¹³ Uma resposta possível seria que não necessariamente identidade significa imutabilidade. Complementando, poder-se-ia responder também que, para Beauvoir, que definia-se

⁹ Beauvoir descreveu o processo de construção de suas autobiografias, incluindo a fase de pesquisas em bibliotecas e nos acervos pessoais em **La force des choses II**, 1999, p. 129, p. 223, p. 248.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Obras Escolhidas I**; magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221 (p. 221, grifo do autor).

¹¹ **Mémoires d'une jeune fille rangée**, p. 198. “En écrivant une oeuvre nourrie de mon histoire, je me créerais moi-même à neuf et je justifierais mon existence.”

¹² **La force des choses I**, p. 10.

¹³ A importância da liberdade para Beauvoir é explicitada por ela mesma em várias obras, a exemplo do ensaio **Pour une morale de l'ambiguïté**. A expressão “amante da liberdade” que usei aqui vem do título de um livro de Claudine Monteil, amiga bastante próxima e especialista sobre Simone de Beauvoir: **Les amants de la liberté: l'aventure de Jean-Paul Sartre et Simone de Beauvoir dans le siècle**. Paris: Éditions 1, 1999.

enfaticamente como existencialista, a concepção de liberdade estava intimamente associada à questão do autoconhecimento, ou seja, de conseguir reconhecer-se, identificar-se.¹⁴

Para Beauvoir, a liberdade se manifestava principalmente através da justificação da existência, da superação das contingências e da realização de certos projetos. Seria, pois, por meio da concretização de experiências singulares, submetidas a todo tipo de adversidade, que o sujeito pode satisfatoriamente expressar e realizar sua condição de ser livre. No existencialismo sartriano, a liberdade é um eterno devir, que nunca se completa totalmente, exigindo que escolhas sejam realizadas a cada momento e obrigando todos a construir-se continuamente:

Como vimos, para a realidade humana, ser é **escolher-se**: nada lhe vem de fora ou tampouco de dentro, que ela possa **receber** ou **aceitar**. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe.¹⁵

Uma vez que, de acordo com essa concepção, ser livre significa fazer escolhas constantes, de maneira a superar as contingências e concretizar seus projetos, como seria possível exercer plenamente sua liberdade desconhecendo sua identidade? Como tomar as decisões mais acertadas para realização de seus propósitos? Para vir a ser, para continuar sendo ou para transformar-se, é preciso conhecer-se: saber o sentido da sua vida, da sua identidade. Quando isto não acontece, não se sabe o que se deseja, para onde caminhar, nem o que é preciso transformar.

Faz-se necessário, neste momento, explicitar de maneira mais aprofundada qual o significado que atribuo ao termo identidade no presente texto. Acredito que não seja imprescindível retomar a querela acerca da polissemia da referida palavra. Seria um desdobramento exageradamente extenso e eu correria o risco de me desviar do objetivo deste capítulo: compreender a construção da identidade operada por Beauvoir ao longo de suas autobiografias. Prefiro então destacar o que entendo por identidade.

Devo também informar que tratarei aqui prioritariamente da identidade do sujeito. Não obstante a relevância do debate no que concerne à identidade coletiva e de ter consciência de que, como bem lembra Denys Cuche, “a identidade é sempre uma concessão, uma negociação

¹⁴ Paul Ricoeur definiu a operação de identificação pela capacidade de reconhecimento, que se dá quando determinada característica é comparada a uma anterior. Por exemplo: consigo identificar um amigo através de certo hábito dele que se manteve semelhante ao longo do tempo. Eu o reidentifico, o reconheço por meio disto. (RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, p. 140)

¹⁵ SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1943], p. 545, grifos do autor. Para traçar esta discussão, baseei-me na descrição de liberdade feita por Sartre no primeiro capítulo da quarta parte de **O ser e o nada**, “Ser e fazer: a liberdade”, principalmente nas pgs. 541 - 545.

entre uma ‘auto-identidade’ definida por si mesmo e uma ‘hetero-identidade’ ou uma ‘exo-identidade’ definida pelos outros”¹⁶, priorizarei a auto-análise de Beauvoir para fundamentar a discussão nesse capítulo. ¹⁷ Após definir os conceitos de identidade e de projeto original, exploro como Beauvoir narrou a construção e a realização dos mesmos nas suas autobiografias, levando em conta seu contexto cultural, notadamente o da família e das relações afetivas. Finalizo o capítulo discutindo de que maneira Beauvoir se reconhecia e, mais do que isso, desejava ser reconhecida.

2.1. Identidade: elaboração de um sentido para a existência

Quem sou eu? Quem é você? Quem é ela/ele? Quando o assunto é identidade, essas são algumas das principais questões-chave. As mesmas são motivadas pelo desejo de encontrar determinados elementos capazes de reconhecer e identificar certa pessoa, distinguindo-a das demais. Tais elementos devem mostrar-se singulares, possuidores de alguma permanência no tempo e reunidos por algum tipo de unidade. Acabo de citar algumas das principais características relacionadas à noção de identidade: singularidade, continuidade e unidade.¹⁸ Tais características não implicam um entendimento da identidade enquanto algo isolado, definitivo e homogêneo, pois o processo identitário pode ser compreendido como multidimensional e dinâmico, sem necessariamente concentrar-se num núcleo fixo.

Para explicar estas afirmações, precisarei me reportar à diferenciação que Paul Ricoeur estabeleceu entre a identidade-mesmidade, *idem*, e a identidade-ipseidade, *ipse*.

A identidade-mesmidade, segundo o autor, seria a procura por uma essência invariante. A mesmidade requer identidade numérica e qualitativa, além de continuidade ininterrupta.¹⁹ De

¹⁶CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999, pp. 183- 184.

¹⁷O terceiro capítulo será dedicado à questão da alteridade. Acredito, portanto, que o foco na auto-identidade neste momento não será prejudicial a um entendimento mais aprofundado do conceito de identidade.

¹⁸ Para discutir a noção de identidade, apoiei-me, sobretudo em alguns estudos sócio-antropológicos de autores franceses sobre a questão. Destaco os trabalhos de Jean-Claude Kaufmann e Denys Cuche. Na área da filosofia, Paul Ricoeur foi uma importante referência para mim, como já foi dito. O autor faz uma distinção entre identidade como mesmidade e identidade enquanto ipseidade, que tomo como base. Desenvolverei o tema adiante.

¹⁹ Ricoeur (**Soi même comme un autre**, pp. 140 – 141) explica a noção de identidade numérica da seguinte forma: “de duas ocorrências de uma coisa designada por um nome invariável na linguagem ordinária, dizemos que elas não formam duas coisas diferentes mas ‘uma só e mesma’ coisa.” (“de deux occurrences d’une chose désignée par un nom invariable dans le langage ordinaire, disons-nous qu’elles ne forment pas deux choses différentes mais ‘une seule et même chose.” Sobre a identidade qualitativa, afirma o seguinte: “dizemos que X e Y usam a mesma roupa, ou seja, vestimentas tão parecidas que torna-se indiferente que se troque uma pela outra.” (“nous disons de X et de Y qu’ils portent le même costume, c’est à dire des vêtements tellement semblables qu’il est indifférent qu’on les échange l’un pour l’autre.”

acordo com essa noção, um sujeito permanece igual, permanece o mesmo, não obstante o trabalho do tempo. Não importa se ele está fisicamente diferente ou se expressa opiniões que outrora repudiava, pois o sujeito possui certa estrutura constante ao longo de toda sua vida: o caráter, entendido como o “conjunto das disposições duráveis, através das quais se reconhece uma pessoa.”²⁰

A identidade-ipseidade, por sua vez, não se ligaria a nenhum núcleo definitivo, mas a certos elementos capazes de permitir através do tempo o reconhecimento de alguém, não obstante este não ser imutável. A permanência se encontraria não numa pessoa, mas nas suas formas de reconhecimento, ou seja, na representação que o sujeito faz de si. Apesar de não se ligar a nenhuma forma de essência fixa, a ipseidade, algumas vezes, se aproxima da mesmidade, valendo-se de elementos característicos desta última, tais como certas práticas de coesão e de continuidade. O *ipse* faz a ponte entre as noções de mesmidade e de alteridade, pois, ao mesmo tempo em que dialoga com certas propriedades do *idem*, tais como a permanência e a unicidade, ele também se constitui em função do externo, do outro, do estrangeiro, do que lhe é estranho.²¹

Na ipseidade, não há estagnação e imposição: a identidade está sempre por ser construída, ela não existe em si mesma, mas apenas de maneira relacional: “a identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento.”²² A identidade *ipse* não é dada, não corresponde a uma essência pré-determinada e fixa; antes, é um processo de invenção, muitas vezes instável, contraditório e ambíguo. Não é algo a ser descoberto, mas a ser construído.²³

Uma vez que é no sentido de ipseidade que discutirei a noção de identidade, não seria mais conveniente, daqui por diante, substituir definitivamente este termo por aquele? Afinal, a noção de identidade é constantemente aplicada de maneira pouco criteriosa, servindo para explicar as mais diversas e imprecisas situações. Ainda assim, acredito que preservar o termo “identidade”, desde que seu significado fique bem estabelecido, revela-se importante. Mantê-lo, afirma Kaufmann, significa “evitar a fragmentação da disciplina, tão prejudicial ao debate (para que serve inventar um belo conceito quando se é o único a servir-se dele?)”.²⁴ Apesar do termo “ipseidade” ter sido desenvolvido com maestria por Ricoeur e possuir certa

²⁰ Ibid. p. 146. “... l’ensemble des dispositions durables à quoi on reconnaît une personne.”

²¹ Cf. RICOEUR, Paul. **Soi même comme un autre**. pp. 368 – 369.

²² CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**, p. 198.

²³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 21; KAUFMANN, Jean-Claude. **L’invention de soi**, p. 83.

²⁴ KAUFMANN, Jean-Claude. **L’invention de soi**, p. 52 “... éviter d’aggraver la fragmentation de la discipline, si préjudiciable au débat (à quoi sert d’inventer un beau concept si l’on est le seul à s’en servir?).”

circulação acadêmica, sobretudo no domínio da filosofia, a relevância histórica e social da noção de identidade no seio das ciências humanas é inegavelmente maior e mais apto a agregar diferentes áreas do saber, por isto, conservo-a no texto.

Concebo, pois, o fenômeno identitário como singular sem ser isolado, possuidor de certa continuidade, sem ser definitivo, e detentor de um caráter unitário, sem ser homogêneo. Pode-se afirmar que a identidade é singular, pois apesar de ser realizada de maneira interativa, todo sujeito a constrói de uma maneira exclusiva. Não obstante a relevância que a coletividade tem na construção identitária, uma vez que “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas”²⁵, a relação que cada um de nós mantém com o externo é sempre filtrada por um processo de interiorização muito próprio. Afirmar a especificidade do processo identitário não implica que o mesmo seja uma criação solitária e mera expressão da voluntariedade, mas que ele é único e intransferível. É uma escolha livre, mas não independente, ou seja: posso optar numa dimensão significativa quem quero ser em diversas situações, posso até tentar elaborar a maneira como as pessoas devem me reconhecer e me identificar (ainda que nem sempre os outros sigam estas instruções), mas tudo isto sempre se insere em condições que, em grande parte das vezes, não somente não dependem do meu desejo como, muitas vezes, escapam completamente ao meu controle. O sujeito não define sua identidade conforme sua conveniência. As condições históricas e sociais nas quais ele se insere são fundamentais para a construção do seu processo identitário.²⁶

Sobre a questão da permanência no tempo, pode-se dizer que a identidade possui certa continuidade temporal, o suficiente, pelo menos, para que se possa caracterizar determinado comportamento como típico de alguém. Daí vem o espanto quando um sujeito apresenta uma atitude destoante do conjunto de suas práticas anteriores: muito frequentemente, quando isto ocorre, os amigos exclamam que não conseguem mais reconhecê-lo. Isto não faz, entretanto, com que a identidade seja definitiva, pois ela é uma escolha diária e não uma imposição. Se ela é mantida, é por uma decisão do sujeito. Não se pode falar, todavia, de identidade caso não haja um mínimo de continuidade, de algum referencial que, ainda que não seja eterno, tenha certa durabilidade.

É importante ressaltar que afirmar o caráter unitário da identidade não resulta tornar a mesma um fenômeno simples, de contornos facilmente estabelecidos. Os sujeitos são

²⁵ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, p. 182.

²⁶ Cf. CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, pp. 196 – 197; KAUFMANN, Jean-Claude. *L'invention de soi*, p. 91.

marcados por diferentes formas de (auto) reconhecimento construídas historicamente, sejam elas mais diretamente ligadas à dimensão pessoal ou coletiva. No entanto, reconhecer as contradições, as diferentes faces do sujeito, não indica que as mesmas se desenvolvam em esferas separadas, sem algum ponto de relação. Não somos ou isso ou aquilo, somos isso e também aquilo. A unidade é uma síntese da multiplicidade. Faz-se necessário reconhecer as possíveis ambivalências pessoais como sendo partes de um mesmo conjunto, buscando compreender as relações entre esferas que, apesar de diferentes, se comunicam. Não se trata de várias pessoas num único corpo, pois, se posso ser vários, escolho então a meu bel prazer aquele que melhor me convém de acordo com cada circunstância, o que seria um fenômeno, no mínimo, oportunista, pois implicaria, não o reconhecimento de nossa condição ambígua, mas, antes, a consagração da incoerência como valor a ser cultivado.

A identidade, na sua dimensão unitária, abarca as possíveis contradições e rupturas que comporta a existência humana, ligando as fragmentações. Para além de todas as incongruências que uma vida comporta, a identidade é aqui entendida como o elemento unificador de toda esta diversidade, como uma espécie de liga, capaz de reunir as mais diversas esferas da existência do sujeito. Não é questão de buscar um núcleo definitivo e “verdadeiro”, mas de compreender que, por mais distintos, díspares e conflituosos que sejam nossos pensamentos, valores e atitudes, de alguma forma, todos eles são componentes de determinada identidade. O sociólogo Denys Cuche propõe a ideia de uma identidade multidimensional e de caráter dinâmico, ou seja, de um sincretismo dos diferentes processos de identificação que ocorreram ao longo do tempo e em espaços diversos:

De fato, cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história. A identidade cultural remete a grupos culturais de referência cujos limites não são coincidentes. Cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional. Um mesmo indivíduo, por exemplo, pode se definir, segundo o caso, como natural de Rennes, como bretão, como francês, como europeu e talvez até como ocidental. A identidade funciona, por assim dizer, como as bonecas russas, encaixadas umas nas outras [...] Mas, apesar de ser multidimensional, a identidade não perde sua unidade.²⁷

Como se vê, a identidade não deixa de ser um tipo de essência, uma vez que ela possui as características descritas acima: singularidade, continuidade e unidade. No entanto, assim avisa a famosa frase de Sartre, não se pode esquecer que a existência não apenas precede,

²⁷ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, pp. 194 – 195.

como rege a essência. A identidade pessoal é uma invenção e, para ser construída, é necessário que um esforço diário seja realizado, assim como avisa a epígrafe deste capítulo, extraída do livro de Maurice Barrès.²⁸

É bastante comum a impressão de que, por ser inventada, determinada coisa se torna menos importante, menos complexa. No entanto, o termo invenção reforça apenas a ideia de que é preciso desnaturalizar certos fenômenos e certas práticas e buscar a razão da existência dos mesmos na dinâmica humana.²⁹ O fato de ser inventada não diminui a importância que a identidade desempenha não apenas para cada um em particular, mas também socialmente, pois é através da mesma que as pessoas se organizam em segmentos mais amplos, buscando afinidades e combatendo eventuais oposições: “a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais.”³⁰ Segundo boa parte dos estudiosos dedicados ao tema, a principal função da identidade encontra-se na atribuição de um sentido para a vida. Segundo Jean-Claude Kaufmann, a mesma:

cria um universo simbólico integrado a um momento e num dado contexto, articula os laços entre sequências de identificação para assegurar uma continuidade na duração biográfica, constrói, pela valorização de certas temáticas, a estima de si que é a energia necessária à ação. Em resumo, ela inventa uma pequena música que dá sentido à vida. Pequena música sem a qual tudo desmorona. [...] A identidade, assim como não é dada por essência, também não é de maneira alguma um elemento anexo, uma espécie de narração gratuita de valor decorativo. Ao contrário, ela ocupa uma função vital e cotidiana. [...] Que se queira ou não, é preciso dar sentido à sua vida.³¹

De acordo com este autor, a identidade forma um sistema de valores unificado, responsável pela atribuição de sentido à existência. Os pensamentos e atos de cada sujeito passariam pelo julgamento deste sistema, o que corrobora a afirmação de Bauman, que entende a identidade como um “eu postulado”, ou seja, “o horizonte em direção ao qual eu me empenho e pelo qual eu avalio, censuro e corrijo os meus movimentos.”³²

²⁸ Sobre Maurice Barrès, cf. o primeiro capítulo.

²⁹ Cf. ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 19,

³⁰ CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**, p. 182.

³¹ KAUFMANN, Jean-Claude, **L'invention de soi**, 2004, pp. 79 – 80. “... crée un univers symbolique intégré à un moment et dans un context donné, bricole les liens entre les séquences d'identification pour assurer une continuité dans la durée biographique, construit, par la valorization de certaines thématiques, l'estime de soi qui est l'énergie nécessaire à l'action. Bref, elle invente une petite musique. Petite musique sans laquelle tout s'effondre. (...) L'identité, pas plus qu'elle n'est donnée par essence, n'est donc nullement un élément annexe, une sorte de narration gratuite à valeur décorative. Au contraire, elle occupe une fonction vitale et quotidienne. [...] Qu'on le veuille ou non, il faut donner sens à la vie.

³² BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 21.

Desta maneira, a identidade se torna o processo a partir do qual a existência é avaliada em seu conjunto, onde todos os pensamentos e atos de um sujeito adquirem sentido, pois os mesmos tornam-se partes de um todo que, ainda que momentaneamente, desempenha uma função unificadora. Não basta apenas existir, mas é preciso ser você mesmo, é preciso sentir-se como tal, é preciso reconhecer-se, pois “a identidade é uma ideia, uma imagem ou uma sensação de si mesmo.”³³ Sua dinâmica é quase sempre intencional, consciente, mesmo considerando que qualquer ação humana possa estar sujeita a forças para além da racionalidade. É, pois, uma maneira de, naquilo que é possível, racionalizar uma vida, de torná-la coerente e de encontrar, num emaranhado de pensamentos, de gestos e de comportamentos difusos e casuais, determinada ordem e alguma necessidade para a existência.

Feitas estas considerações, volto agora ao tema da liberdade, tão precioso para Beauvoir. Dar sentido à vida é justamente a maior expressão de liberdade concebida pela autora. Recapitulando: ser livre, no seu entendimento, representava não viver ao léu e buscar superar as contingências, tornando a existência necessária. Escolher-se conscientemente e realizar-se significa ter em mente seu projeto original e saber colocá-lo em prática, concretizá-lo, não obstante as circunstâncias adversas. Pode significar, igualmente, refutar esse mesmo projeto e construir outro em seu lugar.³⁴

A noção de projeto ou escolha original (também chamado de inicial e fundamental) desenvolvida por Sartre está diretamente ligada ao fenômeno identitário. Apesar da pouca divulgação em âmbito acadêmico e social, a mesma é central no debate existencialista e mostra-se fundamental para explorar as autobiografias de Beauvoir, que a menciona diversas vezes. Trata-se de uma elaboração própria a cada sujeito, não estando definida antes de seu nascimento como um destino certo e inevitável. Não é uma imposição, mas uma livre construção, ainda que realizada dentro de limites históricos e sociais que ultrapassam a vontade de cada um. Assim como a identidade, o projeto original se fundamenta nas questões da unidade, da singularidade e da continuidade. Consiste no estabelecimento de determinado horizonte para a própria existência, que servirá de norte para todas suas ações e vivências. Em

³³ KAUFMANN, Jean-Claude. *L'invention de soi*, p. 113. “l'identité est une idée, une image ou une sensation de soi.”

³⁴ Sartre desenvolve a ideia de projeto original no último capítulo de *O ser e o nada*, em especial, no subcapítulo, “A psicanálise existencial”, pp. 682 - 703. Posteriormente, esta ideia servirá de base para as biografias que ele empreenderá a respeito de Baudelaire, Mallarmé, Jean Genet e Flaubert. Apóio-me, principalmente, no subcapítulo citado para escrever sobre este tema. No seu estudo sobre identidade narrativa, Paul Ricoeur faz menção a um projeto global, responsável por manter certa “unidade narrativa de uma vida”. Esta unidade não estaria na simples soma das práticas, mas seria regida por um projeto de vida mais amplo. Cf. RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*, p. 187.

outras palavras, é uma escolha que cada um faz de si mesmo, manifestada por meio de todas as outras escolhas práticas que venham a ser feitas. O projeto original engloba todos os projetos particulares:

Se admitimos que a pessoa é uma totalidade, não podemos esperar reconstruí-la por uma adição ou uma organização das diversas tendências empiricamente nela descobertas. Mas, ao contrário, em cada inclinação, em cada tendência, a pessoa se expressa integralmente, embora segundo uma perspectiva diferente, [...]. Sendo assim, devemos descobrir em cada tendência, em cada conduta do sujeito, uma significação que a transcenda. [...] Portanto, é sobretudo por uma **comparação** entre as diversas tendências empíricas de um sujeito que iremos tentar descobrir e destacar o projeto fundamental comum a todas – e não por uma simples soma ou recomposição dessas tendências: em cada uma delas acha-se a pessoa na sua inteireza.³⁵

A psicanálise existencial proposta por Sartre destina-se principalmente a elucidar qual é este projeto, pois nem sempre o sujeito está de todo ciente do mesmo. Ainda assim, não se trata de uma manifestação do inconsciente, o projeto original é sempre uma “determinação livre e consciente”. A tarefa desta psicanálise consiste em tornar claros os caminhos que cada um toma para anunciar a si mesmo quem ele é, ou melhor, quem escolheu ser.³⁶

Em **O Balanço final**, sua última autobiografia, Beauvoir expôs e reafirmou diversas vezes o projeto original que identificou em si mesma: satisfazer seu “apetite pelo saber”, “desvendar o mundo”, “saber e expressar”, “conhecer e escrever”.³⁷ Este projeto, livre e singular, era a unidade que permitia, segundo ela, ligar todos os aspectos da sua vida, pois era a fonte e o sentido de suas ações, onde se encontrava a sua identidade profunda.

Apesar de partilharem vários aspectos em comum, os conceitos de identidade e de escolha inicial não se confundem. Identidade é dinamismo, empreendimento, construção. O projeto original, como o próprio nome indica, é um plano, um objetivo, uma intenção de vida. Enquanto aquela é um processo, este é uma meta: a identidade consiste justamente no processo de construção e de realização deste propósito original. Deste modo, a identidade de Beauvoir não é “saber e expressar”, mas é revelada a partir desta proposta que a autora reivindicou para si própria.

Qual seria a identidade de Beauvoir? Defini-la de modo absolutizante consistiria em uma tarefa bastante ingrata, para não dizer impossível. Por ser relacional, a identidade pessoal nunca pode ser compreendida de forma completa, ela não existe em si mesma, mas sempre se

³⁵ SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1943], pp. 689 – 690, grifo do autor.

³⁶ Ibid., pp. 701 – 702.

³⁷ **Tout compte fait**, 1972, p. 17, p. 22 e p. 38.

constrói em relação a alguém ou algo: uma pessoa, um grupo, uma atividade, uma situação, uma imagem, etc. Para investigá-la faz-se necessário, portanto, estabelecer alguns critérios, apontar alguma baliza que servirá de base para desenvolvimento do estudo. Pelo fato de minha pesquisa fundamentar-se nas suas autobiografias, entenderei a identidade de Beauvoir como a representação de si que ela construiu através da sua escrita. É através de sua atividade de autobiógrafa, portanto, que analisarei seu processo identitário.³⁸

2.2. Identidade autobiográfica: narrativa de realização do projeto original

2.2.1. A construção do eu na autobiografia

O ato da escrita frequentemente foi associado à meditação e ao autoconhecimento; nesse aspecto, a escrita auto-referencial, em especial, encontrou certo destaque por se tratar de um exercício de reflexão pessoal, de redimensionamento, e, portanto, de aprofundamento do conhecimento que cada ser tem de si mesmo e das suas formas de identificação. De acordo com esse pensamento, uma vez que a identidade de cada indivíduo encontra-se fundamentalmente ligada às suas formas de autodefinição, a criação identitária decorreria justamente do processo de escrita íntima que assegura, ou, pelo menos, auxilia tal processo.³⁹

A escrita de si teria então uma função etopoiética, como afirma Foucault, a partir de uma expressão de Plutarco.⁴⁰ A palavra grega *ethos* está ligada ao adjetivo *éthikê*, ético, relacionado à moral, e significa aquilo que nos é próprio, o espírito, a essência, o modo de ser, o que caracteriza. *Póiesis* quer dizer criação, fabricação. Etopoiética significa então a criação da essência, a criação da identidade. É esta função que Plutarco atribuiu à narrativa auto-referencial. O processo de criar uma identidade ao longo do tempo é próprio das atividades memorialísticas, ocupadas em estabelecer um fio condutor de unidade, de continuidade:

³⁸ Para discutir identidade narrativa, baseei-me, em grande parte, na abordagem feita por Paul Ricoeur em **Soi-même comme un autre** sobre esta noção, em particular no capítulo “Le soi et l’identité narrative” (pp. 167 – 198). Privilegio, todavia, a questão da identidade narrativa no que se refere especialmente à autobiografia. Compreendo a identidade autobiográfica como o registro escrito referente à certa construção identitária (processo de atribuição de sentido à existência). De acordo com esta noção, existe uma forte correlação entre personagem e ação, ou seja, para saber quem é o personagem em questão – Beauvoir - torna-se imprescindível conhecer a narrativa da sua experiência de vida.

³⁹ Para uma abordagem mais geral da relação entre o ato da escrita e o autoconhecimento, cf. CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**; da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3, pp. 113-161. No que se refere à escrita de si, entre outros, é possível consultar de modo geral todos os livros de Philippe Lejeune que abordam a temática.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Nova Veja, 2006, p. 134.

As memórias falam de si ou dos seus procurando encontrar uma estabilidade, uma identidade entre o passado e o presente, o passado é construído como uma semelhança do presente, por isso as recordações estão cheias de reclamações em relação às mudanças e às diferenças. As memórias buscam sempre preservar a ideia de uma essência que atravessa os tempos.⁴¹

Essa busca por uma continuidade, por uma unidade, característica da autobiografia não significa que a memória, um dos seus principais suportes, seja assim constituída, pois a mesma está longe de ser homogênea. As autobiografias se constroem sempre em função do momento presente, em função das lembranças (memória voluntária), em função do inconsciente, das reminiscências (memória involuntária), dos silêncios, dos não-ditos, dos desejos, da coletividade, são formadas, portanto, de uma maneira múltipla, construídas de acordo com o tempo e o espaço nos quais o sujeito se encontra.⁴²

O caráter retrospectivo é comum à autobiografia, ao projeto original e à identidade. São criações realizadas a partir de um debruçamento sobre o passado na intenção de fabricar determinada racionalidade que, conseqüentemente, impõe certa simplificação ao caos que é a vida humana. Não corresponderiam então ao que certos estudiosos definem como uma ilusão, ou seja, acreditar que existe um fio condutor na vida, uma estabilidade que, como afirma Bourdieu, muitas vezes só está presente no nome próprio?⁴³ É possível responder que sim. **O Balanço final**, livro no qual Beauvoir mais desenvolveu a ideia de escolha original, foi escrito quando ela já era uma sexagenária.⁴⁴ De certa forma, mostra-se, no mínimo, conveniente realizar o balanço final de sua existência a partir desta escolha, uma vez que a mesma coincidia exatamente com o rumo que sua vida tomou.

Beauvoir possuía uma escrita reconhecidamente autoritária. A autora tinha uma mensagem precisa a passar aos seus leitores e se esforçava para eliminar o máximo possível de dúvidas e de mal entendidos:

É uma escrita às antípodas do que, nos anos 60-70, tornou-se o alfa e o ômega de toda reflexão sobre literatura: nenhum traço em Beauvoir, mas antes uma recusa completa a qualquer referência à morte do autor; ou à

⁴¹ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 207. No capítulo anterior, estabeleci uma distinção entre memórias e autobiografia. No entanto, para diversos autores, uma e outra se equivalem. Não posso, evidentemente, mudar os termos escolhidos pelos mesmos. Ressalto, todavia, que interpreto o termo “memórias”, utilizado pelo autor em questão, como autobiografia.

⁴² *Ibid.*, pp. 199-209.

⁴³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 183 – 191.

⁴⁴ De modo geral, esta obra está nitidamente marcada pelos estudos da psicanálise, notadamente, da chamada existencial: a importância da infância, a crítica ao prático-inerte, a própria noção de projeto original, entre outros, são temas recorrentes.

intransitividade do texto. Sua escrita é “vetorizada”, claramente orientada em direção a um objetivo – ela diz isto aliás numa linguagem que recusa com desdém a teoria moderna da literatura: “Tenho uma ambição, comunicar.” Ela vos pega pela mão, e vos leva ali onde ela quer vos levar, com uma energia, um charme, uma força, às vezes uma astúcia, e mesmo uma certa violência. Mas com um grande poder de convicção, um grande charme de escrita.⁴⁵

Beauvoir se punha na posição do outro, do observador, e interrogava a si própria, fornecendo as respostas que deviam ficar registradas para a posteridade. Ela se empenhava constantemente na intenção de não deixar margem para que algo ficasse solto no ar, não levantava questionamentos sem que estes pudessem ser explicados. Exemplo disto encontra-se no uso abundante que a autora faz do sinal de dois-pontos. No seu texto, este sinal de pontuação foi uma de suas maiores estratégias retóricas. Frequentemente, tratava-se de uma forma de introduzir suas próprias conclusões: “O dois pontos assim como o sinal matemático = [...], se desenha como a parte de uma equivalência, espécie de espelho, reflexo de uma precisão, de um suplemento, de uma iluminação, de uma revelação, ou de uma ultrapassagem.”⁴⁶

Tal autoridade narrativa e a busca por encontrar uma coerência na vida humana da autora não prejudicam em nada meus objetivos de pesquisa. Minha preocupação consiste justamente em compreender a interpretação que Beauvoir fez de si própria nas suas autobiografias: “na falta de descobrir exatamente o ser humano que foi o autobiógrafo, encontraremos com certeza nos seus escritos íntimos a figura de escritor que ele quis sinceramente deixar.”⁴⁷ A identidade narrativa, na escrita autobiográfica, é um processo de reconhecimento traçado pelo autor que visa a deixar registrado não apenas o que sabe de si, mas, principalmente, o que deseja deixar registrado do que entende de si próprio. Não

⁴⁵ SALLENAVE, Danièle. Pourquoi “Castor de guerre”. In: KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.L.; STRASSER, A. **(Re)découvrir l’oeuvre de Simone de Beauvoir**; du “Deuxième sexe” à “La cérémonie des adieux”. Paris: Le bord de l’eau, 2008, pp. 29 – 32, p. 29. “C’est une écriture aux antipodes de ce qui dans les années 60-70, est devenu l’alpha et l’oméga de toute réflexion sur la littérature: point de trace chez Beauvoir, mais plutôt un refus complet de toute référence à la mort de l’auteur; ou à l’intransitivité du texte. Son écriture est ‘vectorisée’, nettement orientée vers un objectif – elle le dit d’ailleurs dans un langage que refuse avec dédain la théorie moderne de la littérature: ‘J’ai une ambition, communiquer.’ Elle vous prend en main, et elle vous mène là où elle veut vous mener, avec une énergie, un charme, une force, parfois une ruse, et même une certaine violence. Mais avec une grande puissance de conviction, un grand charme d’écriture.”

⁴⁶ Cf. HERNÁNDEZ ÁLVAREZ, Vicenta. Simone de Beauvoir: Deux points pour une ouverture graphique à la vie. In: *Ibid.*, pp. 35 – 45, p. 39. “Le deux-points comme le signe mathématique = (...), se dessine comme le volet d’une equivalence, sorte de miroir, reflet d’une précision, d’un supplément, d’un éclairage, d’un dévoilement, ou d’un dépassement.”

⁴⁷ STRASSER, Anne. Les figures du “je” ou la question de l’identité dans les écrits autobiographiques de Simone de Beauvoir. In: *Ibid.*, pp. 113 – 122, p. 114. “À défaut de découvrir exactement l’être humain qu’a été l’autobiographe, on trouvera à coup sûr dans ses écrits intimes la figure de l’écrivain qu’il a voulu sincèrement laisser.”

pretendo encontrar “A Verdadeira” Beauvoir. Não é papel do estudioso, como lembra o sociólogo Denys Cuche, mostrar qual identidade está correta e qual está errada, mas explicar as razões e as escolhas que conduziram a determinado processo de identificação.⁴⁸

Quando indago sobre a identidade da autora, refiro-me precisamente à recriação que ela fez de si mesma nas suas autobiografias. Recriar a vida através da escrita foi a possibilidade de Beauvoir reforçar ou silenciar momentos. Interessa-me examinar os motivos e as maneiras de como ela se inventou, quis ser vista e entendida e desejou ser lembrada. É desta identidade pessoal, construída através da narrativa, que estou em busca.

Quem era Simone de Beauvoir? A confusão entre o significado de papel social e de identidade, tomados com frequência como a mesma coisa, geralmente leva a respostas que citam alguns papéis de destaque por ela desempenhados ao longo da sua existência: francesa, filósofa, existencialista, feminista, etc. Apesar de componentes relevantes da construção identitária, os papéis são apenas facetas do processo identitário, que vai além dos mesmos.⁴⁹ De acordo com Paul Ricoeur, a resposta para a pergunta “quem é?” só é encontrada de fato quando se identifica certa forma de permanência no tempo que signifique uma lealdade a si, verificada através do cumprimento da palavra. São as promessas que o sujeito realiza que podem confirmar quem ele é.⁵⁰

É possível estabelecer um paralelo entre a noção de promessa evocada por Ricoeur e a de projeto original, que corresponde, com efeito, a uma promessa inicial, responsável pela orientação da existência do sujeito. A escolha inicial revela-se, deste modo, a principal chave para entender quem era Simone de Beauvoir, pois é a partir do sentido que a autora atribuiu à sua vida que se torna possível compreender a sua identidade e o mesmo é atribuído justamente em decorrência da escolha inicial estabelecida.

2.2.2. A identidade explicada pelas origens

Como bem lembra Denys Cuche, “a análise da identidade não pode então se contentar com uma abordagem sincrônica e deve ser feita também em um plano diacrônico.”⁵¹ Não basta refletir sobre a dinâmica de sincretização do caráter múltiplo da identidade, mas também

⁴⁸ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, p. 202.

⁴⁹ Papéis sociais podem ser entendidos como funções incorporadas pelo sujeito prioritariamente voltadas para a coletividade, sem necessariamente perder seu aspecto de interiorização. Correspondem a determinado código de comportamento geralmente calcado em hábitos que fazem parte de certa tradição. Cf. KAUFMANN, Jean-Claude. *Ego*, pour une sociologie de l'individu. Paris: Hachette, 2004b, pp. 193 – 201.

⁵⁰ RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre.*, p. 148 e ss.

⁵¹ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, p. 202.

é necessário analisá-la do ponto de vista temporal, uma vez que o processo de construção e de afirmação da identidade geralmente é feito de maneira retrospectiva, pois em boa parte das autobiografias, “é pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade.”⁵²

Ambos, projeto original e identidade, são interpretações *a posteriori* que a autora fez de si própria e que registrou nas suas autobiografias. Ainda assim, sobretudo no caso do primeiro, os próprios adjetivos que costumeiramente o qualificam – original, inicial – podem transmitir a ideia de que o projeto original encontrava-se presente desde o começo da vida. Tais adjetivos passam a impressão de que a autobiógrafa, no processo de registro de suas auto-interpretações, teve uma espécie de *insight*, dando-se conta de algo que, na verdade, orientava sua existência desde o início. O impulso para a escrita autobiográfica não raro é associado pelos especialistas do gênero à procura das origens:

No fundo de toda autobiografia, achamos de fato uma meditação sobre o “eu” e sobre sua identidade. Que relação existe entre aquele que eu era e aquele que sou? Como e por que me tornei “eu”? [...] Esta busca da identidade toma frequentemente a forma de uma busca das origens. Via de regra, os autobiógrafos não procuram contar sua vida *in extenso*, antes, procuram envolver sua existência no que ela tem de mais profundo: sua gênese.⁵³

O que também é afirmado por Jean-Philippe Miraux: “o que procura o autobiógrafo quando decide escrever, é a origem de si, o pequeno momento essencial que programou sua personalidade e colocou em jogo seu devir. Antes de tudo, talvez, o autobiógrafo seja o escritor das origens.”⁵⁴

Para grande parte dos autobiógrafos, a infância aparece como uma fase decisiva para a compreensão da própria vida. Os começos seriam responsáveis, se não por tudo que está por vir, pelo menos por boa parte do que um sujeito vem a tornar-se. Foi por volta de seus quarenta anos, no momento em que deu início às pesquisas para escrever **O Segundo Sexo** (1949), que Beauvoir passou a considerar relevantes os estudos psicanalíticos a respeito da

⁵² RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**, p. 139. “... c’est à l’échelle d’une vie entière que le soi cherche son identité.”

⁵³ MARCOU, Loïc. **L’autobiographie**, 2001, p. 15. “Au fond de toute autobiographie, on trouve en effet une méditation sur le ‘moi’ et sur son identité. Quel rapport y a-t-il entre celui que j’étais et celui que je suis? Comment et pourquoi suis-je devenu ‘moi’? [...] Cette quête de l’identité prend souvent l’apparence d’une quête des origines. En règle générale, les autobiographes ne cherchent pas à raconter leur vie *in extenso*, mais plutôt à cerner leur existence dans ce qu’elle a de plus profond: sa genèse.”

⁵⁴ MIRAUX, Jean-Philippe. **L’autobiographie**, 2005, p. 29. “Ce que recherche l’autobiographe lorsqu’il décide d’écrire, c’est l’origine de soi, le petit moment essentiel qui a programmé sa personnalité et a mis en jeu son devenir. Avant tout, peut-être, l’autobiographe est l’écrivain des origines.”

importância da infância para a construção identitária do sujeito.⁵⁵ Foi, *a fortiori*, pela sua infância, que Beauvoir explicou diversos hábitos e pensamentos que a acompanharam durante a idade adulta.

Isto se reflete de forma mais nítida tanto no seu primeiro livro autobiográfico, **Memórias de uma moça bem comportada** (1958), no qual Beauvoir fez a narrativa de suas primeiras duas décadas de vida, como no último, **O Balanço final** (1972), no qual reexaminou todos os seus volumes autobiográficos anteriores. Neste, ela resumiu uma reflexão que se encontra diluída ao longo de todo seu relato de infância no primeiro:

[...] a indiferença, a negligência, a falta de estimulações geram nele [o bebê] um sentimento de insegurança e o levam a fechar-se em si mesmo. [...] Não foi evidentemente meu caso [...] minha mãe era jovem, alegre, e orgulhosa de ter tido um primeiro filho: ela teve comigo relações ternas e calorosas. Uma numerosa família se reuniu diligentemente em torno do meu berço. Abri-me ao mundo com confiança. Os adultos submetiam-se a meus caprichos com uma complacência risonha: isto me convenceu de meu poder sobre eles. Meu otimismo encorajou esta exigência que me dominou **desde o início da minha história e nunca mais me deixou**: ir até o fim de meus desejos, de minhas recusas, de meus atos e de meus pensamentos. [...] Sou grata aos meus primeiros anos por terem me dado essas disposições extremas. [...] Tive um bom começo. E certamente, isto não basta. Uma vida não é o simples desenvolvimento de um germe original. [...] No entanto, um começo feliz incita o sujeito a tirar das circunstâncias o melhor partido possível; se ele é infeliz, cria-se um círculo vicioso: deixamos passar as oportunidades, fechamo-nos na recusa, na solidão, na morosidade.⁵⁶

A pequena infância de Beauvoir se desenrolou num período imediatamente anterior à eclosão da Primeira Guerra Mundial. De acordo com o historiador Michel Winock, esses anos, na França, não foram nem de glória total pelo supostamente arrebatador florescimento artístico e musical, nem tão impiedosos, não obstante a tensão política e econômica. Segundo

⁵⁵ Apesar de apostar na importância da psicanálise no que se refere à infância, Beauvoir mostrou-se predominantemente reticente em relação à ação dos psicanalistas, sobretudo no que se refere à condição feminina. Beauvoir atribuía aos psicanalistas certo incentivo ao conformismo e à procura de uma normalidade que, no seu entendimento, era mera conveniência de uma moral burguesa e misógina (cf. MONTEIL, Claudine. **Les soeurs Beauvoir**. Paris : Éditions 1, 2003, pp. 200 – 202.). Na ficção, ela expressa sua opinião por meio da personagem Anne, em **Os Mandarins**, psicanalista que vem a questionar o sentido e a eficiência do seu trabalho.

⁵⁶ **Tout compte fait**, p. 14, grifo meu. “(...) L’indifférence, le délaissemnt, l’absence de stimulations font naître en lui un sentiment d’insécurité et l’amènent à se replier sur soi. (...) Ce ne fut évidemment pas mon cas. (...) ma mere était jeune, gaie, et fière d’avoir réussi un premier enfant: elle a eu avec moi des rapports tendres et chaleureux. Une nombreuse famille s’est empressée autoir de mon berceau. Je me suis ouverte au monde avec confiance. Les adultes subissaient mes caprices avec une souriante complaisance: cela m’a convaincu de mon pouvoir sur eux. Mon optimisme a encourage cette exigence qui me posséda dès le début de mon histoire et ne me lâcha plus: d’aller au bout de mes désirs, de mes refus, de mes actes, de mes pensées. (...) Je sais gré à mes premières années de m’avoir donné ces dispositions extrêmes. (...) J’ai pris un bon départ. Et certes, cela ne suffit pas. Une vie n’est pas le simple séveloppement d’un germe original. (...) Cependant, un début heureux incite le sujet à tirer des ciconstances le meilleur parti possible; s’il est malheureux, il se crée un cercle vicieux: on laisse passer des opportunités, on s’enferme dans le refus, la solitude, la morosité.”

o autor, nada mais indicado para compreender essa época do que prestar atenção nas revelações sobre o cotidiano de então feitas por pessoas que vivenciaram aquela época.⁵⁷

Pelo relato de Beauvoir, a iminência do conflito não parece ter tido maior importância no dia a dia de sua vida familiar. Seu primeiro choque ocorreu, de fato, apenas com o embarque do pai para a frente de combate, depois de declarada a Guerra.⁵⁸

Nos seus primeiros anos de vida - apesar da crise financeira vivida pela família, outrora burgueses abastados - prevalecia o ambiente com que costumeiramente se caracteriza a chamada *Belle Époque*: incentivo à cultura, às artes, à leitura.⁵⁹ Segundo a autobiógrafa, o mundo exterior nunca lhe causou medo nesse tempo; muito pelo contrário, gostava de desafiá-lo. Em **Memórias de uma moça bem comportada**, Beauvoir dedicou as páginas iniciais do livro para descrever a garotinha impetuosa e radical que foi. Odiava ser contrariada, questionava os limites impostos e, quando não conseguia satisfazer suas vontades, muitas vezes jogava-se violentamente no chão num furor extraordinário:

Frequentemente, interroguei-me sobre a razão e o sentido das minhas raivas. Creio que elas se explicam em parte por uma vitalidade ardente e por **um extremismo ao qual nunca renunciei totalmente**. Levando minhas repugnâncias até o vômito, minhas cobiças até a obsessão, um abismo separava as coisas de que eu gostava e as de que eu não gostava. [...] O arbitrário das ordens e das interdições com as quais eu me chocava denunciavam sua inconsistência; ontem descasquei um pêssago: por que não essa ameixa? Por que deixar meus jogos justo nesse instante? Em todo canto eu encontrava constrangimentos, em nenhum lugar a necessidade. [...] Não somente os adultos caçoavam da minha vontade, como eu me sentia refém de suas consciências.⁶⁰

Essas pequenas derrotas, no entanto, não foram tão significativas. Naquela época, seus pais tanto se divertiam com seu caráter rebelde, como, de certa maneira, o incentivavam:

Diziam também, não sem uma ponta de orgulho: ‘Simone é teimosa como uma mula.’ Tomei vantagem. Fazia caprichos; desobedecia pelo único prazer

⁵⁷ WINOCK, Michel. **La Belle Époque**; La France de 1900 à 1914. Paris: Perrin, 2003.

⁵⁸ Devido a um ataque cardíaco de pequena importância, Georges de Beauvoir logo seria dispensado e retornaria a Paris.

⁵⁹ É verdade que as memórias de Beauvoir sobre o período podem ser falhas devido à sua tenra idade. Todavia, o ambiente de descontração que ela descreve nunca foi desmentido pelos seus pais ou por familiares mais velhos.

⁶⁰ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, pp. 18-20, grifo meu. “Je me suis souvent interrogée sur la raison et le sens de mes rages. Je crois qu’elles s’expliquent en partie par une vitalité fougueuse et par un extrémisme auquel je n’ai jamais tout à fait renoncé. Poussant mes répugnances jusqu’à l’obsession, un abîme séparait les choses que j’aimais et celles que je n’aimais pas. [...] L’arbitraire des ordres et des interdits auxquels je me heurtais en dénonçait l’inconsistance; hier, j’ai pelé une pêche: pourquoi pas cette prune? Partout je rencontrais des contraintes, nulle part la nécessité. [...] Non seulement les adultes brimaient ma volonté, mais je me sentais la proie de leurs consciences.”

de não obedecer. Nas fotos de família, estiro a língua, viro as costas: ao meu redor, riem. Essas vitórias miúdas me encorajaram a não considerar como insuperáveis as regras, os ritos, a rotina; **elas são a raiz de um certo otimismo que deveria sobreviver a todos os adestramentos.**⁶¹

Beauvoir consagrou-se a essa tarefa de descrição não apenas para livrar das sombras do esquecimento a menininha que foi um dia. É possível dizer que ela fez isto - e principalmente talvez - na intenção de justificar quem ela era no momento em que escreveu sua autobiografia a partir do que foi nos seus primeiros anos. Fez isto para demonstrar como o processo de construção da sua identidade já estava em marcha desde o limiar de sua existência. Nas três últimas passagens citadas, a autora enfoca características que, segundo ela, desde sempre (conferir os trechos grifados), fizeram parte de sua personalidade: otimismo, poder de iniciativa, força de vontade, perseverança e extremismo. Bourdieu lembra que “a noção sartriana de ‘projeto original’ somente coloca de modo explícito o que está implícito nos ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’ etc. das biografias comuns ou nos ‘sempre’ (‘sempre gostei de música’) das ‘histórias de vida’.”⁶² Se na infância já se encontravam os germes de sua teimosia e de sua confiança no dever, é por que, segundo ela, seu projeto original - desvendar o mundo, conhecendo-o e expressando sua verdade através da palavra escrita – já estava presente em sua vida.⁶³

Beauvoir se descrevia como portadora de uma curiosidade incansável a respeito de tudo que a rodeava desde a mais tenra infância. Tinha enorme estima pelo ar livre, ao ponto de não lamentar a ausência da escola durante as férias que passava no campo todos os anos. Este apreço parece ter se mantido intacto até à idade adulta, ao contrário de Sartre que nunca gostou muito da natureza, chegando ao ponto de rejeitar comer legumes e declarar-se fascinado apenas pelas coisas nas quais a mão humana intervinha, como é o caso dos produtos sintéticos: “ele era alérgico à clorofila, o verde dos pastos o extenuava, só o tolerava com a condição de esquecê-lo.”⁶⁴ No entanto, o ardoroso gosto pelo conhecimento de Beauvoir foi saciado sobretudo através dos estudos e da leitura. Sentia enorme prazer em frequentar a

⁶¹ Ibid., p. 21, grifo meu. “On disait aussi, non sans un soupçon de fierté: ‘Simone est têtue comme une mule.’ J’en pris avantage. Je faisais des caprices; je désobéissais pour le seul plaisir de ne pas obéir. Sur les photos de famille, je tire la langue, je tourne le dos: autour de moi on rit. Ces menues victoires m’encouragèrent à ne pas considérer comme insurmontables les règles, les rites, la routine; elles sont à la racine d’un certain optimisme qui devrait survivre à tous les dressages.”

⁶² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 183 – 191, p. 184.

⁶³ **Tout compte fait.**, p. 17.

⁶⁴ **La force de l’âge.**, p. 20. “Il était allergique à la chlorophylle, le verdoisement de ces pâturages l’excédait, Il ne le tolérait qu’à condition de l’oublier.” Cf. também GODON, Martin. **La vie de Jean-Paul Sartre**. Disponível em: <http://www.cvm.qc.ca/encephi/CONTENU/philoso/Sartre.htm>

escola. Desde então, não conheceu nada mais precioso do que os livros.⁶⁵ Eles foram não apenas seu principal instrumento para conhecer e apreender o mundo:

Eu gostava de aprender. A História santa me parecia ainda mais divertida do que os contos de Perrault visto que os prodígios que ela relatava tinham acontecido de verdade. Encantava-me também com as estampas de meu atlas. Emocionava-me com a solidão das ilhas, com a ousadia dos cabos, com a fragilidade desta língua de terra que liga as penínsulas ao continente; conheci novamente este êxtase geográfico quando, adulta, vi de avião a Córsega e a Sardenha inscreverem-se no azul do mar, quando encontrei em Cálcis, iluminada por um verdadeiro sol, a ideia perfeita de um istmo estrangulado entre dois mares. Formas rigorosas, anedotas firmemente talhadas no mármore dos séculos: o mundo era um álbum de figurinhas de cores brilhantes que eu folheava com encantamento.⁶⁶

Mas também a primeira forma de expressão escolhida para comunicar sua paixão pelas letras:

[...] Os livros ampliavam meu horizonte; além do mais, enfeitiçava-me como neófito da bruxaria que transmuta sinais impressos em narrativa; veio-me o desejo de inverter esta magia. Sentada diante de uma mesinha, eu decalcava no papel frases que serpenteavam na minha cabeça: a folha branca se cobria de manchas violetas que contavam uma história. [...] Apenas os livros, e não o mundo em sua crueza, podiam me fornecer modelos; eu imitava. [...] Vovô me presenteou com uma encadernação de capa amarela, cujas páginas eram virgens; nela tia Lily copiou meu manuscrito, com uma límpida letra de estudante de colégio de freira: eu olhava com orgulho este objeto que era quase verdadeiro e que me devia a existência.⁶⁷

Escolher a palavra escrita como principal meio para exprimir-se e intervir na realidade é, de fato, a opção feita por boa parte dos intelectuais. Algumas causas de sua vocação para a intelectualidade são apontadas pela autora como anteriores até mesmo ao seu nascimento: as origens de seus pais constam entre os principais fatores responsáveis por quem ela veio a se

⁶⁵ *Mémoires d'une jeune fille rangée.*, p. 73; *Tout compte fait.*, p. 17.

⁶⁶ *Mémoires d'une jeune fille rangée.*, p. 33. "J'aimais apprendre. L'Histoire sainte me semblait encore plus amusante que les contes de Perrault puisque les prodiges qu'elle relatait étaient arrivés pour de vrai. Je m'enchantais aussi des planches de mon atlas. Je m'émouvais de la solitude des îles, de la hardiesse des caps, de la fragilité de cette langue de terre qui rattache les presqu'îles au continent ; j'ai connu à nouveau cette extase géographique quand, adulte, j'ai vu d'avion la Corse et la Sardaigne s'inscrire dans le bleu de la mer, quand j'ai retrouvé à Calchis, éclairée d'un vrai soleil, l'idée parfaite d'un isthme étranglé entre deux mers. Des formes rigoureuses, des anecdotes fermement taillées dans le marbre des siècles : le monde était un album d'images aux couleurs brillantes que je feuilletais avec ravissement."

⁶⁷ *Ibid.* pp. 72-73. "Les livres élargissaient mon horizon; en outre, je m'enchantais en néophyte de la sorcellerie qui transmute les signes imprimés en récit; le désir me vint d'inverser cette magie. Assise devant une petite table, je décalquai sur le papier des phrases qui serpentaient dans ma tête : la feuille blanche se couvrait des taches violettes qui racontaient une histoire Tante Lili y recopia mon manuscrit, d'une nette écriture de couventine."

tornar. Em **Memórias de uma moça bem comportada**, ela dedicou algumas páginas para contar a história de seus genitores.

Seu pai, Georges Bertrand de Beauvoir (1878 - 1941), era descendente de uma afortunada família de proprietários de terra propensa à aristocracia, oriunda da província do Limousin, no centro da França. Perdeu a mãe – figura, naquele meio, tradicionalmente responsável pela educação religiosa dos filhos - aos treze anos. Manteve-se respeitador da instituição clerical durante toda a vida, mas dizia-se ateu. Apesar de grande admirador das artes (era ator amador e durante certo tempo realizou turnês anuais, inclusive depois de casado), formou-se advogado devido às convenções sociais da época.

Sua mãe, Françoise Brasseur, em solteira, (1887 – 1963), vinha de uma família de banqueiros bem sucedida do norte da França. Semi-pensionista de um convento, teve uma educação religiosa severa, que conservou na idade adulta e tratou de transmitir às filhas seu exemplo: “nenhuma das minhas tias [...] praticava a religião com tanto zelo: ela comungava frequentemente, rezava assiduamente, lia numerosas obras de devoção”⁶⁸, lembrava Beauvoir. Casou-se quase aos vinte anos, motivada pela família, cujos negócios já davam sinais de enfraquecimento. Apesar de, naquele momento, a família Brasseur ainda mostrar-se financeiramente superior aos Bertrand de Beauvoir, o noivo em questão “ocupava um belo escalão na hierarquia social e parecia promovido a um belo futuro em razão de sua profissão.”⁶⁹

Apesar das convenções, tudo indica que Georges e Françoise casaram-se por amor.⁷⁰ Tão logo instalados no novo lar, os recém-casados foram avisados da inevitável bancarrota do Banco da Meuse, de propriedade do pai de Françoise, Gustave Brasseur. Beauvoir “veio ao mundo em meio a um drama familiar que marcaria a sua infância e orientaria o curso de sua vida. [...] A falência do banqueiro modificou a condição social de toda a família. Os Brasseur foram atingidos pelo ostracismo por suas antigas relações.”⁷¹ A falência impediu o pagamento do dote prometido a Georges de Beauvoir em razão de seu casamento com Françoise. O casal levou, a partir de então, uma vida, até certo ponto, de aparências, até que a Primeira Guerra terminou de confirmar de vez as más condições financeiras da família. Findo

⁶⁸ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 55. “Aucune de mes tantes (...) ne pratiquait la religion avec autant de zèle: elle communiait souvent, priait assidûment, lisait de nombreux ouvrages de piété.”

⁶⁹ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**, 1991, p. 28, “...occupait un échelon supérieur de la hiérarchie sociale et semblait promu à un bel avenir du fait de sa profession.”

⁷⁰ Em entrevista à biógrafa Deirdre Bair, Beauvoir insistiu no clima de romance entre os pais, que durou bastante tempo. *Ibid.*, p. 726.

⁷¹ FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande. **Simone de Beauvoir**. Trad. Oswaldo Barreto e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 24, p. 37.

o conflito, Georges, pessimista em relação ao devir, preferiu não reabrir seu escritório de advocacia, optando por trabalhar com o sogro: “ele se encaixava, suspirando, na categoria dos ‘novos pobres’ ”, diz Beauvoir.⁷²

Georges e Françoise tinham diferenças gritantes no que se refere aos valores culturais. Georges tinha ares de aristocrata: “ele apreciava os gestos elegantes, os sentimentos bonitos, a desenvoltura, a aparência, o penacho, a frivolidade, a ironia. As virtudes sérias que a burguesia preza o entediavam.”⁷³ Sem poder contar com nenhum apoio financeiro por parte da família da esposa, Georges não se empenhou, contudo, para adquirir dinheiro: “não tinha ambição de criar uma situação ou de fazer fortuna. Gastava alegremente a fortuna da mãe e parte da herança paterna que lhe tocou depois de uma partilha...”⁷⁴, situação vivenciada amargamente pela esposa.

Publicamente, Françoise era tímida e insegura. Vinha de um meio recluso, no qual a moral cristã conservadora dirigia a vida de todos. No círculo de amizades a que foi introduzida pelo marido, acostumou-se, no entanto, a evitar comentários: “ela não quis passar por carola e renunciou a julgar segundo seu próprio código: preferiu fiar-se às conveniências.”⁷⁵ Preservou, contudo, seus princípios, e as concessões que fazia em público eram compensadas por boas doses de intransigência e autoritarismo em casa, ainda que intercaladas de grandes gestos de afeição pelas filhas. De um lado, um pai ateu e frívolo, de outro, uma mãe devota e austera:

Minha situação familiar lembrava a do meu pai: ele se viu sem chão entre o ceticismo desenvolvido do meu avô e a seriedade burguesa de minha avó. No meu caso também, o individualismo e sua ética profana contrastavam com a moral tradicionalista severa que minha mãe me ensinava. **Este desequilíbrio que me levava à contestação explica em grande parte que eu tenha me tornado uma intelectual.**⁷⁶

⁷² *Mémoires d'une jeune fille rangée*, p. 99. “...il se rangeait en soupirant dans la catégorie des ‘nouveaux pauvres’ ”.

⁷³ *Mémoires d'une jeune fille rangée*, p. 47. “Il appréciait les gestes élégants, les jolis sentiments, la désinvolture, l'allure, le panache, la frivolité, l'ironie. Les sérieuses vertus que prise la bourgeoisie l'ennuyaient.”

⁷⁴ FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande. *Simone de Beauvoir*, 1986, p. 30.

⁷⁵ *Mémoires d'une jeune fille rangée*, p. 53. “Elle ne voulut pas passer pour bégueule, et elle renonça à juger selon son proper code: elle prit parti de se fier aux convenances.”

⁷⁶ *Ibid.*, pp. 58 – 59, grifo meu. “Ma situation familiale rappelait celle de mon père: il s'était trouvé en porte-à-faux entre le scepticisme désinvolte de mon grand-père et le sérieux bourgeois de ma grand-mère. Dans mon cas aussi, l'individualisme de papa et son éthique profane contrastaient avec la sévère morale que m'enseignait ma mère. Ce déséquilibre qui me vouait à la contestation explique en grande partie que je sois devenue une intellectuelle.”

A difícil situação financeira que vivenciaram a partir da Primeira Guerra também foi um dos fatores que a autora apontou de sua futura carreira de intelectual. Assim como sua mãe, as irmãs Beauvoir não teriam dote; desde muito cedo, Georges repetia para as filhas: “Vocês, minhas pequenas, não se casarão, será preciso trabalhar.”⁷⁷ Era com amargura que dizia isso. Fazer estudos avançados, para uma jovem daquele meio, trazia à tona um fracasso: a família não podia casá-la decentemente, era preciso que ela ganhasse o próprio sustento. Sem a necessidade que se impunha, teria Georges permitido que Simone se dedicasse tão tenazmente aos estudos? Pouco provável.

Boa parte do que vivenciou quando criança foi, certamente, decorrência de determinadas circunstâncias que ultrapassavam seu poder de decisão: a situação financeira e social, a cultura de seu meio, os valores com os quais foi educada, etc. Até o acaso, segundo ela, contou muito pouco na sua primeira década.⁷⁸ Mesmo não sendo escolhas livres, estas situações não se revelam menos importantes para compreender a construção de sua identidade narrativa pessoal, uma vez que o sujeito é - em grande parte, ainda que não apenas - resultado e produtor do seu meio social: “não há mundo sem um si que nele se encontre e nele aja, não há si sem um mundo praticável de algum maneira.”⁷⁹ Todas as circunstâncias que viveu contribuíram, de uma forma ou de outra, com este processo, seja porque Beauvoir aderiu ou porque refutou determinados ensinamentos. O fato é que, durante a infância, Beauvoir afirma ter conhecido apenas duas importantes ocasiões de expressar sua liberdade: nos relacionamentos que desenvolveu com a irmã e, um pouco depois, com sua amiga Zaza⁸⁰, que conheceu aos dez anos.

2.2.3. As livres construções dos anos de juventude e seus desdobramentos no processo identitário

O nascimento de sua irmã teve por fundamento uma convenção social e o único acaso, de acordo com Beauvoir, que ocorreu na sua primeira infância: “o modelo familiar ao qual se filiavam meus pais exigia que eles tivessem bastante rapidamente uma segunda criança. O acaso fez com que fosse uma menina.”⁸¹ No entanto, coube a Beauvoir inventar o tipo de

⁷⁷ Ibid., p. 244. “Vous, mes petites, vous ne vous mariez pas, Il faudra travailler.”

⁷⁸ **Tout compte fait.**, p. 18.

⁷⁹ RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**, p. 360. “Pas de monde sans un soi qui s’y trouve et y agit, pas de soi sans un monde praticable en quelque façon.”

⁸⁰ Zaza era o apelido de Elisabeth Lacoïn (Elisabeth Mabilille em **Memórias de uma moça bem comportada**). Foi a melhor amiga de Beauvoir. Faleceu prematuramente, aos vinte e um anos.

⁸¹ **Tout compte fait.**, p. 16. “Le modèle familial auquel se conformaient mes parents exigeait qu’ils eussent assez vite un second enfant: le hasard fit que ce fut une fille.”

relação que viveu com a caçula: “enquanto os adultos me indicavam como me comportar com eles, minha irmã no início não exigia nada de mim, e face a ela eu não me inspirava de nenhum modelo: seguia meus impulsos espontâneos.”⁸² A liberdade está ligada, neste caso, aos aspectos da singularidade e ao poder de criação: Beauvoir inventou um tipo de relação única. Com muita frequência, Beauvoir se remeteu a esta mesma associação para definir um ato de liberdade. Sou livre quando faço algo de único, quando crio algo, quando conduzo minha vida para além das convenções. A autora entendia que era através da maneira única que cada um tem de lidar com os acontecimentos - pela sua originalidade - que o ser humano confirmava seu exercício da liberdade. Em outras palavras, pratico minha liberdade ao criar as condições para que minha escolha fundamental, unidade particular e irreduzível, se realize.

Sua postura em relação à irmãzinha, Héléne, apelidada por toda família de Poupette (Bonequinha), determinou uma importante característica de seu temperamento, reconhecida pelos mais próximos: o espírito de liderança. Héléne era dócil, Beauvoir, enérgica. Entre elas, estabeleceu-se uma relação ambígua: ao mesmo tempo em que eram parceiras, existia uma clara hierarquia. Apesar da pouca diferença de idade - dois anos e meio - Beauvoir assumiu outras funções em relação a Poupette além do papel de irmã mais velha: a de professora e, num sentido mais amplo, a de educadora. Foi ela a responsável pela alfabetização da caçula. Também lhe coube a tarefa de inventar os jogos e diversões, além de impor à irmã seu ritmo de vida e a relação que se estabeleceu entre elas:

O que eu mais apreciava no nosso relacionamento, é que eu tinha sobre ela uma influência real. [...] Só ela reconhecia minha autoridade; os adultos às vezes cediam; ela me obedecia. [...] Ensinando à minha irmã leitura, escrita, cálculo, conheci desde a idade de seis anos o orgulho da eficiência. [...] Quando eu transformava a ignorância em saber, quando eu imprimia verdades num espírito virgem, eu criava alguma coisa real. [...] Graças à minha irmã – minha cúmplice, minha sujeita, minha criatura – eu afirmava minha autonomia. Está claro que eu só lhe reconhecia “a igualdade na diferença”, o que é uma maneira de pretender à preeminência.⁸³

⁸² Ibid. p. 17. “tandis que les adultes m’indiquaient comment me comporter avec eux, ma soeur au départ n’exigeait rien de moi, et en face d’elle je ne m’inspirais d’aucun modele: je suivais mes élans spontanés.”

⁸³ *Mémoires d’une jeune fille rangée.*, pp. 63 – 64. “Ce que j’appréciais le plus dans nos rapports, c’est que j’avais sur elle une prise réelle. [...] Elle seule me reconnaissait de l’autorité; les adultes parfois me cédaient; elle m’obéissait. [...] Apprenant à ma soeur lecture, écriture, calcul, je connus dès l’âge de six ans l’orgueil de l’efficacité. [...] Quand je changeais l’ignorance en savoir, quand j’imprimais dans un esprit vierge des vérités, je créais quelque chose de réel. [...] Grâce à ma soeur – ma complice, ma sujette, ma créature – j’affirmais mon autonomie. Il est clair que je ne lui reconnaissais que ‘l’égalité dans la différence’, ce qui est une façon de prétendre à la prééminence.”

A historiadora e biógrafa Claudine Monteil, amiga das irmãs Beauvoir, relata um episódio, de acordo com o qual é possível perceber que esta relação manteve-se, de certa forma, até à velhice. Da parte de Beauvoir, verificava-se um autoritarismo enérgico e protetor, da parte de Hélène, uma admiração servil. O ano era 1976, tinham então, respectivamente, 68 e 65 anos. Monteil, feminista militante, havia convidado, entre outras pessoas, as irmãs Beauvoir para um almoço:

Sentada à direita de sua irmã, Hélène contou sua experiência no lar das mulheres batidas de Strasbourg. Ela testemunhava seu entusiasmo, sua alegria em participar do combate. Anne Zelensky concatenou a conversa sobre a necessária sensibilização das mulheres para os casos de maus tratos. Hélène abriu então a boca para lhe responder.

- Cale-se! Intimou-a secamente Simone.

Ficamos paralisadas. Hélène se encarquilhou no canto do sofá. O silêncio se instalou.⁸⁴

Logo em seguida, a discussão girou em torno da psicanálise. Beauvoir mostrava-se relutante em relação a esta, tinha Lacan como misógino e acusava a disciplina de naturalizar certa essência feminina. Monteil, no entanto, acreditava na contribuição que a psicanálise podia oferecer à liberação das mulheres e rebateu os argumentos de Beauvoir para desconforto de Hélène, que “se enfiava nas almofadas, enviando-me sinais desesperados.”⁸⁵ Finalmente, houve certo consenso, recebido com alívio pela caçula, que, segundo Monteil, nunca conseguia relaxar totalmente na presença da primogênita.

Em **O Balanço final**, Beauvoir se aprofundou no exercício de comparação entre sua infância e a de Hélène, para salientar mais uma vez o quanto essa fase se mostra decisiva para a construção identitária do sujeito:

Comparar minha sorte à da minha irmã é algo muito revelador: seu caminho foi muito mais árduo do que o meu porque foi preciso que ela superasse a deficiência de seus primeiros anos. Com dois anos e meio tenho, nas minhas fotos, um ar decidido e seguro de mim mesma; da mesma idade, ela tem um rosto amedrontado. Caçula, ela surpreendia e divertia menos que a primogênita; lamentavam que ela não fosse um menino; certamente, sorriram-lhe menos, ocuparam-se menos dela. Apreensiva, e até mesmo ansiosa, diziam que ela era mais “carinhosa” do que eu: ela precisava ser tranquilizada. Diziam também que ela era “rabugenta”, o que a levava ao

⁸⁴ MONTEIL, Claudine. **Les soeurs Beauvoir**, pp. 199 – 200. “Hélène raconta son expérience au foyer des femmes battues de Strasbourg. Elle témoignait de son enthousiasme, de sa joie à participer au combat. Anne Zelensky enchaîna sur la nécessaire sensibilisation des femmes aux faits de maltraitance. Hélène ouvrit alors la bouche pour lui répondre. –Tais-toi! Lui intima sèchement Simone. Nous étions médusées. Hélène se recroquevilla dans le coin du canapé. Le silence s’installa.”

⁸⁵ Ibid., p. 202. “... s’enfonçait dans les coussins, m’envoyant des signaux désespérés.”

enfado; ela chorava frequentemente, sem razão aparente. Ela passou muito tempo para se livrar totalmente de sua infância. A minha foi serena.⁸⁶

A antítese também foi a forma utilizada para descrever sua relação com Zaza. Se Beauvoir entendia seu encontro com Sartre como o acontecimento capital da sua existência, seu encontro com esta amiga é visto como o principal acontecimento de sua infância.⁸⁷ Assim como o fato de ter tido uma irmã e não um irmão, também foi o acaso que levou Beauvoir e Zaza a se tornarem colegas de classe. No entanto, foi uma decisão livre e espontânea que levou Beauvoir a se esforçar arduamente para conseguir a amizade da novata. As duas revezavam-se no primeiro lugar da sala, mas enquanto Beauvoir era uma aluna exemplar e obediente, Zaza mostrava-se desinibida, ousada e segura; dirigia-se às professoras com uma desenvoltura ímpar, “tinha espírito cáustico e ridicularizava com prazer todo mundo, inclusive ela própria. Desprezava a humanidade, que lhe parecia pouco apreciável [...]. Toda hipocrisia a revoltava.”⁸⁸

Além do talento para os estudos, Zaza possuía inúmeras aptidões: cozinava perfeitamente, tomava conta dos irmãos mais novos, fazia ginástica, tocava música, redigia e policopiava um jornal familiar. Sua mãe, a Sra. Lacoïn, demonstrava particular afeição por ela e, durante sua infância, apresentava-se espantosamente tolerante: durante uma audição de piano, Zaza decidiu tocar um trecho de música, cuja dificuldade havia feito com que sua mãe a aconselhasse a descartá-lo. Conseguindo executá-lo sem erros, Zaza virou-se para a mãe e estirou a língua, para surpresa de todo a plateia:

Quando Zaza desceu do estrado, sua mãe a beijou tão alegremente que ninguém ousou repreendê-la. Aos meus olhos, esta façanha a coroou de glória. Submetida às leis, às rotinas, aos preconceitos, eu gostava entretanto do que era novo, sincero, espontâneo. A vivacidade e a independência de Zaza me subjugavam.⁸⁹

⁸⁶ **Tout compte fait.**, pp. 14 – 15. “ Comparer mon sort à celui de ma soeur est très révélateur : son chemin a été beaucoup plus ardu que le mien parce qu’il lui a fallu surmonter le handicap de ses premières années. A deux ans et demi j’ai, sur mes photos, l’air décidée et sûre de moi ; au même âge, elle a un visage apeuré. Cadette, elle étonnait et amusait moins que l’aînée ; on regrettait qu’elle ne fût pas un garçon ; sûrement on lui a moins souri, on s’est moins occupé d’elle. Inquiète, et meme anxieuse, on la disait plus ‘caressante’ que moi: elle avait besoin d’être rassurée. On la disait aussi ‘grogon’, ce qui l’enfonçait dans la maussaderie; elle pleurait souvent, sans raison apparent. Elle a mis beaucoup de temps à se délivrer tout à fait de son enfance. La mienne a été sereine.”

⁸⁷ **Tout compte fait**, pp. 28-29; FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. **Simone de Beauvoir**, pp. 71 - 72.

⁸⁸ FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. **Simone de Beauvoir**, p. 72.

⁸⁹ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 129. “Quand Zaza descendit de l’estrade, sa mère l’embrassa si gaiement que personne n’osa la gronder. A mes yeux, cet exploit la nimba de gloire. Soumise aux lois, aux poncifs, aux préjugés, j’aimais néanmoins ce qui était neuf, sincère, spontané. La vivacité et l’indépendance de Zaza me subjugaient.”

O futuro, no entanto, inverteria a situação: durante a adolescência, Beauvoir desenvolveria um espírito crítico voraz, questionando grande parte dos valores com os quais foi educada e posicionando-se, quando possível, contra os mesmos. Obstinação pelos estudos, declarava-se também uma combatente das convenções burguesas e da religião, enquanto Zaza terminaria por resignar-se a um meio que não tolerava, mas que, tampouco, ousava enfrentar. Beauvoir sofria com a submissão da amiga a regras impostas pelo seu meio: “assistia a repressão de um talento e se indignava.”⁹⁰

A Sra. Lacoïn havia reservado sua extremada tolerância para as questões “menores”: “ela não desperdiçava sua autoridade com peccadinhos. [...] A Sra. Mabilie seguia com seus filhos uma política hábil: quando pequenos, ela os tratava com uma indulgência divertida; mais tarde, ela permanecia liberal nas pequenas coisas; quando se tratava de assuntos sérios, seu crédito estava intacto.”⁹¹ A partir do momento em que era o futuro de sua filha predileta que estava em jogo, ela não baixava a guarda: formava com muita perseverança uma filha culta, prendada e obediente, cujo destino certo era um casamento de conveniência. Não havia espaço para excentricidades e excessos, seja nos estudos ou no amor.

Quando se tornou adolescente, sua amizade com Beauvoir, uma moça nada prendada, descrente, obstinada pelos livros, não pertencente ao alto escalão da burguesia e que visivelmente precisaria trabalhar para sobreviver, não foi mais bem-vista.⁹² A Sra. Lacoïn exigia cada vez mais os serviços domésticos de Zaza, evitando que ela se dedicasse aos estudos: “ela temia que sua filha se tornasse uma intelectual”. Zaza amava devotamente a mãe e encontrava-se dolorosamente dividida entre suas obrigações de filha católica, sua paixão pelo saber e a vontade de realizar-se sentimentalmente.

Durante uma temporada que passou numa casa de campo da família Lacoïn, Beauvoir conheceu Stépha Avdicovitch, estudante polonesa, que trabalhava como babá para a família.⁹³ De volta a Paris, continuaram se encontrando regularmente:

Falava muito sobre Zaza, que havia prolongado sua estada em Laubardon, com Stépha. Eu lhe havia enviado de Paris *La nymphe au coeur fidèle* e alguns outros livros; a Sra. Mabilie, contou-me Stépha, exasperou-se e

⁹⁰ FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. **Simone de Beauvoir**, p. 98.

⁹¹ **Mémoires d'une jeune fille rangée**, pp. 388 - 389. “elle ne galvaudait pas son autorité pour des peccadilles. (...) Mme Mabilie suivait avec ses enfants une habile politique: tout petits, elle les traitait avec une indulgence enjouée; plus tard, elle restait libérale dans les petites choses; quand il s'agissait d'affaires sérieuses, son credit était intact.” Mabilie foi o sobrenome que Beauvoir atribuiu à família Lacoïn na sua autobiografia.

⁹² **Mémoires d'une jeune fille rangée**, p. 354.

⁹³ Irreverente, carinhosa, espontânea e ousada, Stépha se tornou uma das amigas que Beauvoir preservou ao longo da vida.

declarou: “Odeio os intelectuais!” Zaza começava a preocupá-la seriamente: não seria fácil impor-lhe um casamento arrumado.

Através de Beauvoir, Zaza conheceu Maurice Merleau-Ponty, então um jovem burguês, católico praticante, muito aplicado aos estudos. Os dois se apaixonaram e planejavam se casar. Por uma série de dificuldades, causadas pela família de ambos, esta união foi sendo adiada indefinidamente.⁹⁴

Em novembro de 1929, aos vinte e um anos, após alguns dias de delírio e agonia, Zaza veio a falecer. Os médicos não foram muito categóricos em relação à *causa mortis*: “falaram de meningite, encefalite viral, não se soube nada precisamente. Tratava-se de uma doença contagiosa, de um acidente? Ou Zaza sucumbiu a um excesso de cansaço e de angústia?”⁹⁵ Sua morte prematura foi entendida por Beauvoir como um homicídio. Mais de quarenta anos depois do ocorrido, ainda era nestes termos que ela se referia ao ocorrido: “o assassinato de Zaza por seu meio foi para mim uma experiência transtornadora e inesquecível.”⁹⁶ Na apresentação de **Quando o espiritual domina**, primeiro livro escrito por Beauvoir, que só viria a ser publicado em 1979, a autora reafirma que a morte da amiga foi um grande crime espiritualista.⁹⁷ Esta revolta, manifestada publicamente pela primeira vez em **Memórias de uma moça bem comportada**, foi surpresa para muitos de seus próximos:

Não tinha me dado conta, declarou Hélène, que Zaza tinha tanta importância para ela, nem que minha irmã continuava a pensar em Zaza tantos anos após sua morte. Sabíamos que ela tinha sido muito afetada na época, mas pensávamos todos que era por causa de seu medo exagerado da morte e não por causa do desaparecimento de Zaza.⁹⁸

⁹⁴ Trinta anos após este episódio, Maurice Merleau-Ponty contou a Beauvoir o principal motivo do adiamento do matrimônio: a família Lacoïn contratou um detetive particular para investigar o passado da família do pretendente. Descobriu-se que a mãe de Merleau-Ponty havia cometido adultério e, como resultado desta relação, tivera dois filhos fora do casamento, um dos quais era Maurice. Este só tomou conhecimento da investigação e de sua origem biológica após a morte de Zaza, que, por sua vez, estava a par de toda a situação. Cf. BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**, 1991, p. 175 e ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, pp. 50 – 51.

⁹⁵ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 503. “... parlèrent de méningite, d’encéphalite, on ne sut rien de précis. S’agissait-il d’une maladie contagieuse, d’un accident? Ou Zaza avait-elle succombé à un excès de fatigue et d’angoisse?”

⁹⁶ **Tout compte fait**, p. 19. “L’assassinat de Zaza par son milieu a été pour moi une expérience bouleversante et inoubliable.”

⁹⁷ **Anne, ou quand prime le spirituel**, p. 28.

⁹⁸ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**, p. 174. “Je ne m’étais pas rendu compte, déclarait, Hélène, que Zaza avait tant d’importance pour elle, ni que ma soeur continuait à penser à Zaza tant d’années après sa mort. Nous savions qu’elle fut très affectée à l’époque, mais nous pensions tous que c’était à cause de sa peur exagérée de la mort et non à cause de la disparition de Zaza.”

Na raiz do seu grandioso impacto pelo falecimento de Zaza, encontrava-se a admiração que lhe dedicou na infância. Mais uma vez, esta fase aparece como a principal chave para compreender o rumo que sua vida tomou posteriormente. Quando criança, já existia o germe de vários traços da sua identidade: o prazer dos estudos, o gosto pelos livros, sua aversão às aparências, sua inclinação por aquilo que era espontâneo, sincero e ousado. Assistir à transformação de uma criança irreverente em uma jovem depressiva determinou sua repulsa às convenções burguesas: “foi através do meio de Zaza que descobri o quanto a burguesia é odiosa. De todo jeito, eu me teria voltado contra ela; mas não teria sentido no meu coração e pago com minhas lágrimas o falso espiritualismo, o conformismo sufocante, a arrogância, a tirania opressiva.”⁹⁹

Foi primordialmente pelo passado – em especial pelos primeiros anos - que a autora explicava o sentido tomado pela existência dos sujeitos. Assim como fez a respeito de si própria, Beauvoir também especulou sobre a pequena infância de Zaza para tentar explicar sua morte precoce. Concluiu que esta fase foi determinante para seu desfecho trágico.¹⁰⁰

Conforme lembra Deirdre Bair, o final de **Memórias de uma moça bem comportada** é muito emblemático, contrastando com o início do livro que narra um nascimento festejado. Beauvoir encerrou sua autobiografia – ela não tinha então a intenção de prosseguir no seu projeto autobiográfico – não com uma referência ao futuro que estava por vir, mas com a narrativa do falecimento de Zaza: “muitas vezes ela me apareceu à noite, toda amarela sob um chapeuzinho rosa, e me olhava com censura. Juntas havíamos lutado contra o destino enlameado que nos espreitava e pensei durante muito tempo que havia pago minha liberdade com sua morte.”¹⁰¹

2.2.4. O papel dos contrastes na construção da identidade

Mostra-se, no mínimo, curioso observar que justamente os episódios que Beauvoir descreve como livres criações de seus primeiros anos – a relação com Hélène e com Zaza - são descritos através de comparações. Suas autobiografias, destaca Danièle Sallenave, “são uma construção forte, orientada, submetida à vigilância de um propósito constante. A maneira

⁹⁹ **Tout compte fait**, p. 19. “... c’est à travers l’entourage de Zaza que j’ai découvert combien la bourgeoisie était haïssable. De toute façon, je me serais retournée contre elle; mais je n’em aurais pas éprouvé dans mon coeur et payé de mēs larmes le faux spiritualisme, le conformisme étouffant, l’arrogance, la tyrannie opressive.”

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 20.

¹⁰¹ BAIR, Deirdre, **Simone de Beauvoir**, p. 174. **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 503. “Souvent la nuit elle m’est apparue, route jaune sous une capeline rose, et elle me regardait avec reproche. Ensemble nous avons lutté contre le destin fangeux qui nous guettait, et j’ai pensé longtemps que j’avais payé ma liberté de sa mort.”

como as lembranças emergem se organiza em torno de uma série de figuras antitéticas e de contrastes fortemente marcados.”¹⁰² O cotejo entre seu processo de construção identitária e o de outrem permitia enfatizar a particularidade do sujeito Beauvoir: comparando-se a semelhantes – sua irmã e sua amiga, neste caso – ela evidencia as diferenças que o projeto original de cada pessoa traz à tona no desenrolar da vida.

Em comparação com a irmã, Beauvoir, era autoritária e criativa. Foi um relacionamento que aparentemente se manteve estável com o passar dos anos. Já em relação a Zaza, de início, destacava-se a disciplina exacerbada de Beauvoir face à ousadia da amiga. Posteriormente, ocorreu certa inversão: Beauvoir revoltou-se contra as convenções enquanto Zaza sucumbiu à subserviência. Na raiz desta reviravolta, encontrava-se seu extremismo otimista, destacado repetidas vezes pela autora.

No entanto, a narrativa do processo inicial de sua construção identitária não se desenrolou apenas em função de uma tensão constante entre ela e outrem; ela também foi desenvolvida a partir de suas próprias contradições. Exemplo disto encontra-se em um dos motivos apontados por Beauvoir para sua vocação de intelectual, conforme mencionei anteriormente: as contradições entre seus pais geraram nela uma “natureza” igualmente ambígua e questionadora.¹⁰³ Os valores burgueses despertavam nela sentimentos conflitantes. Prezava, por exemplo, o trabalho duro e a recompensa pelo esforço, mas odiava conformar-se a ritos e tradições impostos socialmente.¹⁰⁴ Seus sentimentos por seu pai também se tornaram ambíguos à medida que crescia: amava e admirava seu grande ídolo dos primeiros anos, mas indignava-se com o desprezo que ele manifestou-lhe a partir da adolescência, haja vista que ela – estudante obstinada e, muito provavelmente, uma futura funcionária pública - era uma prova viva do seu fracasso social:

Adequava-me exatamente às suas vontades: e ele parecia zangado; ele me consagrou ao estudo, e queixava-se que eu ficava o tempo todo com o nariz enfiado nos meus livros. Acreditar-se-ia, em razão de sua morosidade, que eu tinha me engajado contra sua vontade nesta via que ele tinha na verdade escolhido para mim. Perguntava-me de que eu era culpada; não me sentia à vontade na minha pele e tinha rancor no coração.¹⁰⁵

¹⁰² SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre**. Paris: Gallimard 2008, p. 49. “... sont une construction forte, orientée, soumise à la vigilance d’un propos constant. La montée des souvenirs s’y organise autour d’une série de figures antithétiques et de contrastes fortement marqués.”

¹⁰³ Cf. p. 27. (provisório)

¹⁰⁴ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, pp. 245 – 248.

¹⁰⁵ *Ibid.*, pp. 248-249. “Je me conformais très exactement à ses volontés: et il en paraissait fâché; il m’avait vouée à l’étude, et me reprochait d’avoir tout le temps le nez dans mes livres. On aurait cru, à voir sa morosité, que je m’étais engagée contre son gré dans cette voie qu’il avait en vérité choisie pour moi. Je me demandais de quoi j’étais coupable; je me sentais mal à l’aise dans ma peau et j’avais de la rancune au coeur.”

Este rancor, pouco a pouco, se transformou em revolta e em decorrentes questionamentos contra seu meio. Também gostava de iniciativas fora da lei, ousadas e provocativas: “por certo, eu não aprovava que se roubasse por interesse nem que se divertisse na cama por prazer; mas se eram gratuitos, desesperados, revoltados – e evidentemente imaginários – eu aprovava sem falhar todos os vícios, os estupros e os assassinatos.”¹⁰⁶ Mas, ao mesmo tempo, era uma jovem extremamente pudica e questionava-se sobre esta característica no diário que mantinha à época: “foi o catolicismo que me deixou um tal gosto da pureza que a menor alusão às coisas da carne me deixa numa depressão indizível?”¹⁰⁷ Tinha, com certa frequência, surtos depressivos que a faziam se jogar no chão, mas também vivia grandes fases de otimismo e de confiança no futuro.¹⁰⁸

Estas contradições confirmam, a seu modo, o caráter múltiplo da identidade, que, longe de ser linear e homogêneo, abarca possíveis incoerências, como as acima citadas. Narrá-la permite integrar alguns de seus aspectos aparentemente inconciliáveis, tais como permanência, diversidade e instabilidade.¹⁰⁹ Na escrita autobiográfica, o sujeito (protagonista) se mantém, na medida em que há elementos – seu nome e sua história, por exemplo - através dos quais é possível identificá-lo, mas, concomitantemente, o leitor acompanha pelo texto as transformações deste personagem ao longo do tempo.

A identidade, como já destaquei anteriormente, não apenas abarca, mas ela própria é construída através de diferenças e de contrastes internos e externos. Como se observa, isto fica nítido na narrativa que Beauvoir fez do seu processo identitário: as ambiguidades que fizeram parte da sua formação inicial foram algumas das mais importantes condicionantes do rumo que ela tomou para realizar seu projeto original.

2.2.5. *Mise en marche* das promessas iniciais: relato autobiográfico

Em 1954, Simone de Beauvoir recebeu o maior prêmio literário da França, o Goncourt, pelo romance **Os Mandarins**. Era a consagração da sua carreira de escritora. Por certo, ela já era, havia alguns anos, conhecida do grande público, especialmente após o verdadeiro escândalo que a publicação em 1949 de **O Segundo Sexo** provocou na sociedade

¹⁰⁶ Ibid., p. 270. “Certes, je n’approuvais pas qu’on volât par intérêt ni qu’on s’égayât dans un lit pour le plaisir; mais s’ils étaient gratuits, désespérés, revoltés- et bien entendu imaginaires – j’encaissais sans broncher tous les vices, les viols et les assassinats.”

¹⁰⁷ Ibid., p. 404. “Est-ce le catholicisme qui m’a laissé un tel goût de pureté que la moindre allusion aux choses de la chair met en moi une détresse indicible?”

¹⁰⁸ Ibid., p. 314, p. 403.

¹⁰⁹ Ricoeur, Paul. **Soi-même comme un autre**, 1990, p. 168.

da época. Seu primeiro livro publicado já havia sido uma grande satisfação pessoal, ainda que Beauvoir evitasse se questionar sobre o real valor do romance: “por ora, bastava-me ter dado o primeiro passo: **A Convidada** existia para outrem e eu havia entrado na vida pública.”¹¹⁰ Até o Goncourt, reconhecia-se nela, sobretudo, sua ousadia – tanto pelos temas abordados em seus livros como pela vida exótica que levava ao lado de Sartre - e não especialmente o seu talento como escritora, seu mais ambicioso desejo. Na sua terceira autobiografia, **A força das coisas**, Beauvoir comentou a conquista do Goncourt: tratava-se do momento da realização do sonho dos seus vinte anos: conseguir ser amada através de seus livros. Aos quarenta e cinco anos, confirmava-se, enfim, o sucesso do seu empreendimento e regozijava-se de ter cumprido com louvor a principal promessa que havia feito a si mesma na juventude; escrever era a sua missão no mundo. Seu projeto original, “saber e expressar”, foi realizado, primordialmente, através da escrita. A identidade que reivindicou para si estava, portanto, intrinsecamente ligada à sua vocação de escritora. Trato agora de investigar como Beauvoir narrou o processo de *mise en marche* da mesma, ou seja, de como ocorreu o “arranque” para que seu sonho se tornasse realidade.¹¹¹

Ser amada através de seus livros foi um sonho ao qual Beauvoir aludiu com bastante frequência na sua escrita autobiográfica. Aos quinze anos, ao responder a um questionário sobre seus gostos pessoais, foi indagada sobre seus planos para o futuro, respondeu sem pestanejar que desejava ser uma escritora célebre. Não foi uma resposta fortuita, afirma Beauvoir: “neste ponto eu não hesitava: cobiçava este devir, excluindo qualquer outro.”¹¹² Explicando os motivos que a conduziram a esta escolha, Beauvoir remeteu-se ao sonho acima citado:

Os livros, todo mundo os lia: eles tocavam a imaginação, o coração; [...] Ela [a literatura] me assegurava uma imortalidade que compensaria a eternidade perdida: não havia mais um Deus para me amar, mas eu queimaria em milhões de corações.¹¹³

Na adolescência, dedicou-se algumas vezes ao exercício da criação literária, mas foram textos que não levou adiante, não os considerava seriamente. Foi apenas por volta dos vinte e cinco anos que começou de fato a se dedicar à rotina da escrita.

¹¹⁰ **La force de l'âge**, p. 638. “Pour l'instant, il me suffisait d'avoir franchi un premier seuil : **L'invitée** existait pour autrui et j'étais entrée dans la vie publique.”

¹¹¹ Cf. **La force des choses**, p.57; **La force de l'âge**, p. 21.

¹¹² **Mémoires d'une jeune fille rangée**, p. 196. “...sur ce point je n'hésitai pas: je convoitais cet avenir, à l'exclusion de tout autre.”

¹¹³ *Ibid.*, p. 197. “les livres, tout le monde les lisait: ils touchaient l'imaginantion, le coeur; (...) Elle m'assurerait une immortalité qui compenserait l'éternité perdue; il n'y avait plus de Dieu pour m'aimer, mais je brûlerais dans des millions de coeurs.”

Quando finalmente conquistou, em 1929, sua independência financeira e pôde conduzir sua existência de acordo com suas escolhas pessoais, Beauvoir se atribuiu longas férias. Tinha um prazo de dois anos até ocupar seu cargo efetivo de funcionária do Estado e decidiu, por enquanto, aproveitar Paris. Saiu da casa paterna e alugou um quarto à sua avó materna, que a tratava da mesma forma que às outras pensionistas, sem interferir na sua privacidade. Para ganhar a vida, ministrava algumas aulas no liceu Victor-Duruy e também tinha alguns alunos particulares.

Não levava a sério sua profissão: “nossa verdade [dela e de Sartre] estava alhures. Ela se inscrevia na eternidade e o futuro a revelaria: éramos escritores.”¹¹⁴ O futuro, não o presente. No fundo, adiava o início da sua vida de escritora, pois passava por uma fase na qual pensava não ter grande coisa a dizer:

Aos dezenove anos, apesar de minhas ignorâncias e de minha incompetência, quis sinceramente escrever; sentia-me exilada e meu único recurso contra a solidão, era manifestar-me. Agora, não sentia mais nenhuma necessidade de me exprimir. Um livro é de uma maneira ou de outra um chamado: chamar a quem, e de quê? Eu estava satisfeita.¹¹⁵

Estava feliz com sua nova vida, tinha vontade de se divertir, não queria se esforçar, se cansar. Considerava seu emprego de professora apenas como um grande jogo, brincava de gente grande. Seu verdadeiro trabalho, escrever, deixava-a, naquele momento, entediada. Ainda assim, quis cumprir sua palavra e se esforçou em arrancar letras da sua cabeça à força. Decidiu escrever um romance o quanto antes. Faltava-lhe criatividade, inspirava-se, então, em modelos de livros que havia lido na adolescência, plagiava imagens propostas por outros escritores. Acabou abandonando o projeto. Martirizava-se: estava feliz sem escrever, mas havia decidido muito antes que o sentido da sua vida se encontrava na escrita, queria, pois, ser leal aos seus propósitos.¹¹⁶

Neste momento, o confronto vivenciado por Beauvoir se dava entre a necessidade – seu projeto original: saber e expressar através da escrita - e a contingência - a preguiça, a falta de motivação para escrever e o desejo de apenas aproveitar a vida. Dar sequência a seu projeto inicial era uma maneira de mantê-la reconhecível tanto aos seus próprios olhos, como

¹¹⁴ **La force de l'âge**, p. 27. “Notre vérité était ailleurs. Elle s’inscrivait dans l’éternité et l’avenir la révélerait: nous étions des écrivains.”

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 71. “A dix-neuf ans, malgré mës ignorances et mon incompetence, j’avais sincèrement voulu écrire; je me sentais en exil et mon unique recours contre la solitude, c’était de me manifester. A present, je n’éprouvais plus du tout le besoin de m’exprimer. Un livre, c’est d’une manière ou d’une autre un appel: à qui en appeler, et de quoi? J’étais comblée.”

¹¹⁶ Cf. **La force de l'âge**, pp. 71 – 73.

também aos dos outros. Sartre, em especial, cobrava que ela se dedicasse ao trabalho: “o que me sensibilizava ainda mais, é que Sartre ele mesmo se preocupava: ‘Mas outrora, Castor, você pensava um bocado de coisinhas’, dizia-me com espanto. ‘Tome cuidado para não virar uma mulher do lar’, dizia-me também.”¹¹⁷

Ao abordar o tema da palavra cumprida (*parole tenue*), Ricoeur salientou seu aspecto conservador da identidade, mostrava como “um desafio ao tempo, uma negação da mudança: ainda que meu desejo mudasse, ainda que eu mudasse de opinião, de inclinação, ‘eu manteria’ [minha palavra].”¹¹⁸ O desejo de ser leal em relação a si e a outrem, de dar continuidade a certo passado, de acordo com o autor, possibilitaria ao eventual pesquisador encontrar um ponto de estabilidade no sujeito analisado, capaz de elucidar, com mais precisão, de quem este se tratava de fato. Neste caso preciso, Beauvoir optou por manter a sua palavra e tornar-se uma escritora: a realização desta promessa é, pois, um dos mais fortes elementos para conhecer a sua identidade, para compreender quem ela foi.

Findo o prazo para ocupar um cargo definitivo, Beauvoir foi nomeada para Marselha. Deixar Paris a assustava. Sartre propôs que se casassem oficialmente (ainda que preservassem o mesmo estilo de relação de antes) para evitar que fossem designados para lugares separados. Beauvoir recusou: “nem por um instante fui tentada a dar sequência à sua sugestão. O casamento multiplica por dois as obrigações familiares e todas as tarefas sociais. Modificando nossas relações com outrem, as que existiam entre nós seriam fatalmente alteradas.”¹¹⁹

Partiu, portanto, sozinha. Oitocentos quilômetros a separavam de sua antiga vida. Decidiu preservá-la na medida do possível. Beauvoir descreveu o tempo que passou em Marselha como muito agradável: “eu nunca me entediava: Marselha não se esgotava.”¹²⁰ Exercia uma profissão divertida, que não exigia muita dedicação: eram apenas quatorze horas semanais de aulas de filosofia no Liceu Montgrand, que não pediam nenhuma preparação particular. Ocupava seu tempo livre com grandes trilhas solitárias, que costumavam durar o dia inteiro. Segundo suas palavras, tornou este passa-tempo uma verdadeira obrigação, que chegava às raias do fanatismo. Sua irmã foi visitá-la e, durante uma trilha que faziam juntas, teve febre. Ao invés de interromper a caminhada, deixou Hélène repousando sozinha em

¹¹⁷ Ibid., p. 74. “... ce qui m’était beaucoup plus sensible encore, c’est que Sartre lui-même s’inquiétait: ‘Mais autrefois, Castor, vous pensiez un tas de petites choses’, me disait-il avec étonnement. ‘Prenez garde de ne pas devenir une femme d’intérieur’, me disait-il aussi.”

¹¹⁸ RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**, 1990, p. 149. “... um défi au temps, un déni du changement: quand même mon désir changerait, quand même je changerais d’opinion, d’inclination, ‘je maintiendrai’.”

¹¹⁹ **La force de l’âge**, p. 91. “... pas un instant je ne fus tentée de donner suite à sa suggestion. Le mariage multiplie par deux les obligations familiales et toutes les corvées sociales. En modifiant nos rapports à autrui, il eût fatalement altéré ceux qui existaient entre nous.”

¹²⁰ Ibid., p. 117. “Jamais je ne m’ennuyai: Marseille ne s’épuisait pas.”

Sainte-Baume, à espera de um ônibus para retornar à Marselha, enquanto terminava o trajeto previsto:

Hoje, mal posso imaginar como pude abandoná-la com calafrios, num refeitório lúgubre. Geralmente, eu me preocupava com os outros, e gostava muito da minha irmã. “Você é uma esquizofrênica”, me dizia Sartre com frequência: ao invés de adaptar meus projetos à realidade, eu os perseguia contra tudo e contra todos, tomando o real por um simples acessório; em Sainte-Baume, de fato, neguei a existência da minha irmã antes de me afastar do meu programa [...]. Esta “esquizofrenia” me aparece como **uma forma extrema e aberrante de meu otimismo**; recusei, como aos vinte anos, que “a vida tivesse outras vontades além das minhas”.¹²¹

Sua obstinação e otimismo aparecem mais uma vez como algumas de suas características mais importantes. Transformar algo supérfluo, ou, pelo menos, não indispensável, em exigência foi uma maneira que Beauvoir desenvolveu justificar determinadas situações: “muitas vezes, na vida, recorri a este estratagema: dotar minhas atividades de uma necessidade da qual eu terminava sendo a presa ou a vítima ingênua: foi assim que aos dezoito anos me salvei do tédio pelo frenesi.”¹²²

A necessidade também a faz retomar seu projeto de escrita. Começou um novo romance. Desta vez, sentia ter algo a dizer, desejava explorar “a miragem do Outro” - tema bastante recorrente na sua escrita: cada personagem seria descrita pelos olhos de uma segunda. Também considerava-se endividada em relação a Zaza: sentia-se na obrigação de representar as circunstâncias amargas que a conduziram à morte. Já havia até mesmo pensado um fim para o livro. No entanto, sua inexperiência na arte da narrativa acabou pesando mais forte do que sua imaginação: achou melhor abandonar mais uma vez seu projeto, pois precisava encontrar um estilo mais eficaz para registrar suas criações. Desta vez, contudo, tinha consciência de estar no caminho certo: não escrevia apenas por pressão, como se estivesse sendo castigada, sentia prazer no trabalho e estava certa que esta fase de treinamento resultaria, algum dia, na publicação de uma bela obra.¹²³

¹²¹ Ibid., p. 108, grifo meu. “Aujourd’hui, j’ai peine à concevoir comment je l’abandonnai frissonnante, dans un lugubre réfectoire. En général, je me souciais d’autrui, et j’aimais beaucoup ma soeur. ‘Vous êtes une schizophrène’, me disait souvent Sartre: au lieu d’adapter mes projets à la réalité, je les poursuivais envers et contre tout, tenant le réel pour un simple accessoire; à la Sainte-Baume, en effet, je niai l’existence de ma soeur plutôt que de m’écarter de mon programme [...]. Cette ‘schizophrénie’ m’apparaît comme une forme extreme et aberrante de mon optimisme; je refusais, comme à vingt ans, que la vie eût d’autres volontés que les miennes.”

¹²² Ibid., p. 109. “Souvent, dans la vie, j’eus recours à ce stratagème: doter mes activités d’une nécessité don’t je finissais par être la proie ou la dupe: c’est ainsi qu’à dix-huit ans je m’étais sauvée de l’ennui par la frénésie.”

¹²³ Cf. Ibid., pp. 118 – 122.

Em 1932, Beauvoir conseguiu ser transferida para Ruão, no intuito de ficar mais perto de Paris, que encontrava-se apenas a uma hora de trem. Dedicou-se a um novo romance. Mais uma vez, a história de Zaza servia como pretexto para sua escrita: “o espiritualismo burguês não aparecia apenas como irrisório, mas como assassino.”¹²⁴ Beauvoir sentia progressos na sua escrita: narrava de uma maneira mais convincente, conseguia introduzir as situações e os diálogos de uma maneira mais adequada. No entanto, não conseguia apresentar as histórias com o grau de verossimilhança a que aspirava: “após um começo razoável, o romance se arrastava, não acabava mais. Terminei às pressas os últimos capítulos: compreendi que a partida estava perdida.”¹²⁵

Após um ano de pausa, Beauvoir retomou seu projeto de escrever. Optou, desta vez, por empreender não um romance, mas narrativas breves. O tema que as unificava continuava o mesmo de antes: o combate ao espiritualismo burguês. Desta vez, Beauvoir sentia uma nítida melhora no seu estilo narrativo, mas ainda não estava satisfeita: o trágico fim de Zaza mais uma vez não estava bem representado, considerava suas heroínas “anêmicas”, havia exagero no tom didático, etc. Ainda assim, algumas de suas passagens estavam bem construídas, valeria a pena vê-lo impresso. À época, no entanto, o manuscrito foi recusado pelos editores e só viria a ser publicado mais de quarenta anos depois. Tratava-se de **Quando o espiritual domina**.

Durante este período, Beauvoir conheceu Olga Kosakiewicz, uma jovem russa de dezessete anos. Era uma de suas alunas. Após um teste simulado, Olga se derramou em lágrimas, Beauvoir propôs que se encontrassem no domingo seguinte: era o início de uma longa relação. Segundo ela, Olga era inteligente, dispersa, extremada, autêntica. Passava por uma fase de perturbação e rancor, seu relacionamento com os pais desandava. Queriam que ela se tornasse médica e seu fracasso nos exames preliminares causou uma grande decepção, que eles não tentaram disfarçar:

Havia passado este último ano na confusão e na raiva, hostil ao mundo inteiro e a ela mesma. [...] ninguém podia salvá-la deste marasmo. Ninguém, exceto eu. Eu estava admiravelmente bem colocada para ajudá-la. Nove anos mais velha, dotada de minha autoridade de professora, de prestígios da cultura e da experiência, eu me sobressaía ao pessoal do liceu e da burguesia de Ruão; vivia sem me preocupar com as convenções; Olga reconhecia em

¹²⁴ Ibid., p. 176. “le spiritualisme bourgeois n’apparaissait pas seulement comme dérisoire, mais comme meurtrier.”

¹²⁵ Ibid., p. 177. “Après un début passable, le roman se traînait, il n’em finissait plus. Je bâclai les derniers chapitres: j’avais compris que la partie était perdue.”

mim, transfiguradas e fortificadas pela idade e pela sabedoria que ela me atribuía, suas repugnâncias, suas recusas, sua sede de liberdade.¹²⁶

Não tardou a apresentá-la a Sartre, que também ficou encantado. Convenceram os pais de Olga a deixá-la sob seus cuidados: seriam seus tutores, responsáveis por sua educação, pela sua moradia e pelo seu sustento. Alugaram para ela um quarto no mesmo hotel no qual Beauvoir residia. Nesta época, Sartre morava no Havre e ia visitá-las com certa frequência: “era o começo do ‘triângulo amoroso’. [...] Beauvoir originalmente havia sido professora de Olga, depois ficaram amigas, e, por volta dessa época, tornaram-se amantes ocasionais. Sartre também andara cortejando Olga, e agora também passara a ser seu professor.”¹²⁷

Traçaram um horário de estudos minucioso para ela, que Olga nunca seguiu. Poucos meses depois, pararam de insistir para que ela se dedicasse aos livros, mas continuaram sustentando-a financeiramente e convivendo juntos, formando um “trio”, nas palavras de Beauvoir. Olga passava os dias dormindo e, à noite, gostava de sair para dançar. Levava uma vida quase oposta a de Beauvoir: “Eu me entendia muito bem com Olga, mas não nos parecíamos. Eu vivia de projetos; ela negava o futuro; todo esforço parecia-lhe desprezível, a prudência uma mesquinaria, a perseverança uma mentira a si”.¹²⁸ Os valores da pequena russa eram demasiadamente diferentes dos dela: formavam outra verdade. Aceitá-la seria negar a sua própria. Beauvoir não estava disposta a isso. Acabava de surgir o tema do livro que enfim faria de Beauvoir uma autora publicada, **A Convidada**. Não por acaso a epígrafe do livro traz uma frase de Hegel: “Toda consciência visa à morte da outra”.

Não foi uma escolha fácil. Utilizar uma experiência do seu presente significava comprometer-se, envolver-se, expor-se. Ao escrever **Quando o espiritual domina**, era de seu passado que se tratava, de um acontecimento distante; desta vez, seria diferente. Em 1936, Beauvoir conseguiu ser nomeada em Paris, passando a trabalhar no Liceu Molière. Sartre foi transferido para Laon, mas, pelo menos, duas vezes por semana ia para a capital. Foi numa das noites em que passaram juntos num bistrô, que veio o grande impulso para que Beauvoir ousasse abordar o tema:

¹²⁶ Ibid., pp. 263 - 264. “Elle avait passé cette dernière année dans le désarroi et dans la colère, hostile au monde entier et à elle-même. (...) personne ne pouvait la sauver de ce marasme. Personne, sauf moi. J’étais admirablement bien placée pour lui venir en aide. De neuf ans son aînée, dotée de mon autorité de professeur, des prestiges de la culture et de l’expérience, je tranchais sur le personnel du lycée et sur la bourgeoisie rouennaise; je vivais sans souci des conventions; Olga reconnaissait en moi, transfigurés et fortifiés par l’âge et par la sagesse qu’elle m’attribuait, ses répugnances, ses refus, sa soif de liberté.”

¹²⁷ ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**, 2006, p. 82.

¹²⁸ **La force de l’âge**, p. 274. “Je m’entendais très bien avec Olga, mais nous ne nous ressemblions pas. Je vivais de projets; elle niait l’avenir; tout effort lui semblait méprisable, la prudence une mesquinerie, la persévérance un mensonge à soi.”

Uma noite, um pouco após a volta às aulas, eu estava sentada com Sartre no fundo do Dôme; falamos de meu trabalho, e ele se queixou da minha timidez. [...] “Enfim! Por que você não se coloca em pessoa no que você escreve? Disse-me com uma súbita veemência. Você é muito mais interessante do que todas essas Renée, essas Lisa...” [...] “Não ousarei nunca!” disse. Jogar-me toda crua num livro, não tomar distância, me comprometer: não, esta ideia me assustava. “Ouse”, me dizia Sartre. Ele me pressionava: eu tinha minhas maneiras próprias de sentir, reagir, e era isso que eu deveria exprimir. Como cada vez que ele se dava a um projeto, suas palavras faziam levantar em bando possibilidades, esperanças, mas eu tinha medo. De que ao certo? Parecia-me que no dia em que eu a alimentaria de minha própria substância a literatura se tornaria algo tão grave quanto a felicidade e a morte.¹²⁹

Beauvoir optou, evidentemente, por dar sequência à ideia. Em **A força da idade**, fez questão de detalhar o processo de construção desta obra.¹³⁰ Salientou as deturpações feitas da imagem de Olga no romance. De fato, ela havia sido a principal inspiração, mas entre a pessoa de carne e osso e sua representação literária, Xavière, houve um incessante trabalho de criação. Na verdade, a descrição deste processo se tornaria uma praxe: daí em diante, a cada vez que se referiu a um de seus livros, sobretudo os de ficção, Beauvoir buscou explicar quais foram as suas referências para abordar o tema, de onde surgiu a inspiração, quais os motivos que a fizeram escolher certo estilo e não outro. Procurou igualmente analisar com severidade o resultado do texto, apontando as falhas mais do que os pontos fortes. Também comentou, na maioria das vezes, a recepção do livro pelo público. Não deixa de ser uma maneira de se defender: tomando a iniciativa de, não apenas fazer, mas divulgar sua autocrítica, ela tornava o trabalho de eventuais depreciadores um tanto supérfluo.¹³¹ Este roteiro foi, pois, aplicado para descrever os livros que publicou nas duas décadas seguintes, inclusive sua primeira autobiografia.

Beauvoir iniciou a redação de **A convidada** quando tinha trinta anos, tinha trinta e cinco quando o livro foi finalmente publicado. Quando adolescente, imaginava que haveria feito sua grande obra até os vinte e dois anos. Como a autora explicou este intervalo de

¹²⁹ **La force de l'âge**, p. 360. “Un soir, peu après la rentrée, j'étais assise avec Sartre au fond du Dôme; nous parlâmes de mon travail, et il me reprocha ma timidité. [...] ‘Enfin! Pourquoi ne vous mettez-vous pas en personne dans ce que vous écrivez ? me dit-il avec une soudaine véhémence. Vous êtes plus intéressante que toutes ces Renée, ces Lisa...’ [...] ‘Je n'oserai jamais !’ dis-je. Me jeter toute crue dans un livre, ne plus prendre de distance, me compromettre : non, cette idée m'effrayait. ‘Osez’, me disait Sartre. Il me pressait: j'avais mes manières à moi de sentir, de réagir, et c'était tout ça que je devais exprimer. Comme chaque fois qu'il se donnait à un projet, ses mots faisaient lever en foule des possibilités, des espoirs; mais j'avais peur. De quoi au juste? Il me semblait que du jour où je la nourrirais de ma propre substance la littérature deviendrait quelque chose d'aussi grave que le bonheur et la mort.”

¹³⁰ Cf. *Ibid.*, pp. 384 – 393.

¹³¹ Desenvolverei melhor este tema no próximo capítulo.

tempo? Por certo, a inexperiência contou em grande parte. Era preciso adquirir alguma maturidade na arte da narrativa:

Na minha família e entre minhas amigas de infância, cochichavam que eu era um fruto seco. Meu pai se impacientava: “se ela tem alguma coisa no ventre, que o ponha pra fora.” Eu não me impacientava. Tirar do nada e de si mesma um primeiro livro que, custe o que custar, se sustente em pé, eu sabia que esse empreendimento, a menos que ocorressem situações excepcionais, exige uma quantidade enorme de tentativas e erros, de trabalho, uma quantidade enorme de tempo. Escrever é um ofício, dizia-me, que se aprende escrevendo.¹³²

Mas havia outro motivo principal no seu entender: além de um bom tema a desenvolver e da capacidade pra narrá-lo, para escrever é preciso certo distanciamento, uma solidão necessária, é necessário querer superar alguma coisa, desejar recriar a realidade. Quando ela satisfaz plenamente, por que desejar escapar dela? Em outras palavras, a literatura, segundo Beauvoir, nasce de um conflito, de um problema.¹³³

Comentei anteriormente que uma das estratégias de Beauvoir para traçar sua identidade consistia em expor situações opostas para, a partir delas, mostrar sua forma particular de reação. O desequilíbrio também estava presente neste caso. De um lado, Beauvoir procurava ardentemente ser feliz: “em toda minha existência, não encontrei ninguém tão dotada quanto eu para a felicidade, ninguém tampouco que se encarnicasse nisso com tanta teimosia.”¹³⁴ De outro, a vida nem sempre correspondia a este desejo. Os contratempos surgiam inevitavelmente. Sua necessidade de sentir-se feliz só poderia ser satisfeita se ela encontrasse uma maneira de pôr um fim a suas angústias, esta maneira, para ela, era inegavelmente a escrita.

Apesar de ter passado um tempo considerável para iniciar concretamente sua carreira de escritora, quando a iniciou, não parou mais, dali em diante sempre teve o que comunicar, justamente por que sua felicidade dependia cada vez mais da sua escrita: “foi apenas quando uma falha foi cavada na minha experiência que pude tomar distância e falar dela. Desde a

¹³² **La force de l'âge**, p. 415. “Dans la famille et parmi mēs amies d'enfance on chuchotait que j'étais un fruit sec. Mon père s'agaçait: 'Si elle a quelque chose dans le ventre, qu'elle le sorte.' Moi je ne m'impacientais pas. Tirer du néant et de soi-même un premier livre qui, vaille que vaille, tienne debout, je savais que cette entreprise, à moins de chances exceptionnelles, exige énormément d'essais et d'erreurs, de travail, énormément de temps. Écrire est un métier, me disais-je, qui s'apprend en écrivant.”

¹³³ *Ibid.*, p. 416.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 36. “Dans toute mon existence, je n'ai rencontré personne qui fût aussi doué que moi pour le bonheur, personne non plus qui s'y acharnât avec tant d'opiniâtreté.”

declaração da guerra, [...] a infelicidade fez irrupção no mundo: a literatura tornou-se tão necessária quanto o ar que eu respirava.”¹³⁵

Este momento coincidiu, na verdade, com a transformação da imagem que Beauvoir tinha de si mesma. Durante um bom tempo, viu-se como um indivíduo independente do mundo, foi só a partir da Segunda Guerra que se percebeu como sujeito, conforme a acepção que atribuí no capítulo precedente. Tornou-se escritora de fato quando se sentiu plenamente integrante do mundo. Isto significava assumir a ambiguidade presente na representação da realidade:

Decidi que, queiramos ou não, intervimos nos destinos estrangeiros e devemos assumir esta responsabilidade. Mas esta conclusão chamava uma contrapartida; pois eu sentia com acuidade que eu era ao mesmo tempo responsável e que eu não podia nada. [...] Assim, cada livro me jogou doravante em direção a um livro novo, porque o mundo se desvendou a mim como transbordando tudo que eu poderia experimentar, conhecer e dizer.¹³⁶

Não obstante seu projeto original nunca poder ser realizado em plenitude, era por este horizonte que ela organizava seus dias. Entre sua primeira publicação e sua consagração como escritora, passaram-se onze anos. A autora caracterizou este período como o de sua “formação”, pois foi durante esta época que a maior parte de acontecimentos essenciais para sua existência ocorreram.¹³⁷ No entanto, conseguir realizar seu grande sonho não significava que sua identidade estivesse pronta e acabada, de uma vez por todas. É preciso sempre ter em mente que a identidade é um processo; só se é, sendo: “o eu deve ser considerado mais como um esforço do que como um resultado final”.¹³⁸ Portanto, mesmo depois de laureada, fazia-se necessário que ela perseverasse no seu projeto original, conseguir colocá-lo em prática era apenas o começo. À medida que sua missão ia sendo cumprida, Beauvoir se esforçava em demonstrar que, a cada dia que se passava, chegava mais perto de ser a pessoa que se propôs desde a juventude, quiçá desde a infância. E quem exatamente Simone de Beauvoir quis ser?

¹³⁵ Ibid., p. 693. “C’est seulement quand une faille s’était creusée dans mon expérience que j’avais pu prendre du recul et en parler. Depuis la décalation de guerre, les choses avaient fait irruption dans le monde : la littérature m’était devenue aussi nécessaire que l’air que je respirais.”

¹³⁶ Ibid., p. 694. “Je décidai que, bon gré, mal gré, nous intervenons dans des destins étrangers et que nous devons assumer cette responsabilité. Mais cette conclusion appelait une contrepartie ; car je sentais avec acuité qu’à la fois j’étais responsable et que je ne pouvais rien. [...] Ainsi chaque livre me jeta désormais vers un livre nouveau, parce que le monde s’était dévoilé à moi comme débordant tout ce que j’en pouvais éprouver, connaître et dire.”

¹³⁷ Cf. **La force des choses I**, p. 8, p. 71.

¹³⁸ GULLESTAD, Marianne. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida. In: **Educação & Sociedade**. Campinas: Unicamp, vol. 26, n. 91, p. 509-534, Maio/Ago. 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a11v2691.pdf Acesso em 29 de junho de 2007, p. 5.

2.3. Simone de Beauvoir por Simone de Beauvoir

Nas páginas precedentes, busquei identificar as principais metas que Beauvoir estabeleceu para si, reunidas pela égide de seu projeto original. Deste modo, pude investigar como a autora narrou a realização do mesmo. Sua identidade – atribuição de um sentido para a sua existência – foi construída justamente por meio deste processo. Trato agora de sintetizar a fala de Beauvoir a respeito de quem ela era. Considerarei como elementos construtores da sua identidade aqueles apontados pela autora nas suas autobiografias como portadores de certas formas de estabilidade, unidade e singularidade, estando ligados à realização do seu projeto original. Afinal de contas, a identidade, na narrativa autobiográfica, “consiste, se não em definir a unidade global e definitiva, pelo menos em construir unidades parciais e relativas, a reatar sem pausa os fios rompidos, a caçar as dissonâncias. Trabalho de agregação incansável, de carpintear linhas de força da vida.”¹³⁹

Beauvoir se esforçou para contar sua vida a partir de algumas linhas de força, dotando certos aspectos de sua história de extrema significância, em detrimento de outros, que nem chegaram a ser mencionados. Todas essas linhas confirmavam, segundo a autora, a possibilidade de ter exercido de maneira satisfatória a sua liberdade, ou seja, de tornar realidade seu projeto original. A primeira havia sido o fator sorte, que, alimentado pelo seu temperamento dito otimista e perseverante, conduziu sua vida de uma ponta à outra. As duas últimas tinham sido particularmente responsáveis por manter a unidade de sua história: a relação que desenvolveu com Sartre e sua vocação para a escrita.¹⁴⁰

2.3.1. “Estou satisfeita com meu destino e não queria que tivesse sido diferente em nada.”¹⁴¹

Beauvoir acreditava-se dotada de uma sorte especial desde a infância: “tomava como uma sorte insigne que o céu tivesse me dado precisamente esses pais, esta irmã, esta vida. [...] Não há distância entre contentamento e suficiência. Satisfeita do lugar que ocupava no

¹³⁹ KAUFMANN, Jean-Claude. *L'invention de soi*, p. 171. “...consiste, sinon à définir l'unité globale et définitive, du moins à construire des unités partielles et relatives, à renouer sans cesse les fils cassés, à mener la chasse aux dissonances. Travail d'assemblage inlassable, de charpentier des lignes de force de la vie.”

¹⁴⁰ Cf. *Tout compte fait*, p. 22, p. 38.

¹⁴¹ *Tout compte fait*, p. 13. “Ce qui est sûr, c'est que je suis satisfaite de ma destinée et je ne voudrais en rien différente.”

mundo, julgava-a privilegiada.”¹⁴² Até a condição financeira da família era tida como uma vantagem: os ricos, assim como os miseráveis, encontravam-se excluídos do mundo real, ela não. Quando levava uma modesta vida de recém-formada, conservou postura parecida:

Hoje, como outrora – e Sartre parecia-se comigo - apenas as coisas que me eram acessíveis, e sobretudo aquelas que eu tocava, tinham seu peso de realidade; eu me entregava tão inteiramente a meus desejos, a meus prazeres, que não restava nada em mim para gastar em vontades vãs. [...] Nada portanto nos limitava, nada nos definia, nada nos sujeitava; nossos laços com o mundo, éramos nós que os criávamos, a liberdade era nossa própria substância.¹⁴³

Apesar de justificar os motivos que então a levaram a tal postura, Beauvoir considerava a imagem de soberana que tinha de si mesma na juventude como fruto de um entendimento imaturo a respeito da vida.¹⁴⁴ Ao mesmo tempo, quando decidiu, na sua última autobiografia, examinar a própria história a partir de alguns conceitos e noções, escolheu justamente a de sorte – na sua definição: todos os fatores que a ajudaram a ter exatamente o destino que teve - para servir-lhe de fio condutor. Considerava que, seja na sua época de imaturidade, seja quando já possuía bastante consciência da sua situação no mundo, o fator sorte havia atravessado toda sua caminhada, e não via isso como fruto de uma ilusão.¹⁴⁵

Julgar-se mais sortuda do que qualquer outra pessoa foi uma das manifestações do seu reputado otimismo e de sua obstinação pela felicidade. Não era possível, evidentemente, ter outra existência, “para aquela que diz: eis-me, não há compossível”¹⁴⁶, nada melhor então do que tratá-la como se fosse a mais desejável.

Sua sorte, segundo ela, começou desde o nascimento: primogênita de uma família burguesa, ela teve acesso aos cuidados de uma família atenciosa e até de uma babá. Adorava os livros e podia, sem dificuldade, passar dias debruçada sobre os mesmos. Passou sua infância sem traumas e privações: “as chances que me foram dadas no início me ajudaram não

¹⁴² **Mémoires d'une fille rangée**, p. 65. “Je tenais pour une chance insigne que le ciel m'eût dévolu précisément ces parents, cette soeur, cette vie. [...] Il n'y a pas loin du contentement à la suffisance. Satisfaite de la place que j'occupais dans le monde, je la pensais privilégiée.”

¹⁴³ **La force de l'âge**, pp. 23 – 25. “... aujourd'hui, comme autrefois – et Sartre me ressemblait – seules les choses qui m'étaient accessibles, et celles surtout que je touchais, pesaient leur poids de réalité ; je me donnais si entièrement à mes désirs, à mes plaisirs, qu'il ne me restait rien de moi à gaspiller en vaines envies. [...] Rien donc ne nous limitait, rien ne nous définissait, rien ne nous assujettissait ; nos liens avec le monde, c'est nous qui les créions ; la liberté était notre substance même.”

¹⁴⁴ **Mémoires d'une fille rangée**, pp. 65 – 83. Como foi observado no capítulo precedente, só às vésperas da Segunda Guerra, a autora se deu conta do peso da história, da interferência que a sociedade desempenha na vida de todos.

¹⁴⁵ **Tout compte fait**, pp. 13-22.

¹⁴⁶ **Tout compte fait**, p. 11. “Pour celle qui dit: me voilà, il n'y a pas de compossible.”

apenas a ter uma vida feliz, mas a ser feliz da vida que eu tinha”¹⁴⁷, diz ela. Também tomava como sorte as divergências morais entre seus pais, que ajudaram seu espírito de contestação a se desenvolver. Considerava os problemas financeiros familiares, agravados no pós-guerra, da mesma forma: sem os mesmos, teria sido mais difícil prosseguir tão longe nos estudos. Teve sorte também de desenvolver uma amizade verdadeira com Zaza:

Ela foi minha única relação feliz com a vida não livresca. Eu tinha tendência a me defender contra as forças hostis com um orgulho crispado: a admiração que eu tinha por Zaza me salvou dele. Sem ela, talvez eu teria me encontrado aos vinte anos desconfiada e amarga ao invés de estar pronta a acolher a amizade, o amor, que é a única atitude capaz de suscitar-los.¹⁴⁸

Sua saúde, no geral, era excelente, mas por pouco não sucumbiu a uma pneumonia aos vinte e nove anos, os antibióticos não existiam até então e seu estado era grave. Possuía cinquenta por cento de chance de sobreviver; foi, mais uma vez, agraciada com a sorte de superar a doença.¹⁴⁹ Teve uma vida longa. No final, o saldo foi bem positivo:

No conjunto, meu destino foi fausto. Tive medos, revoltas. Mas não sofri nenhuma opressão, não conheci o exílio, não fui atingida por nenhuma invalidez. Não vi morrer ninguém que me fosse essencial e desde os meus vinte e um anos nunca mais conheci a solidão. [...] Conheci minhas falhas e meus limites, mas acomodei-me aos mesmos. Quando os acontecimentos que se passavam no mundo me dilaceravam, era o mundo que eu queria mudar, e não o lugar que nele ocupava.¹⁵⁰

Ninguém, evidentemente, pode escolher ter ou não sorte. É possível, no entanto, aproveitar mais ou menos as oportunidades conferidas pelo acaso. Beauvoir afirmava enfaticamente ter aproveitado ao máximo as chances que teve.¹⁵¹ Sem dúvida, a sorte revelou-se um elemento indispensável para que ela pudesse cumprir sua principal meta, conhecer e escrever. Seu encontro com Sartre foi fruto do acaso, foi uma sorte encontrá-lo, mas foi um

¹⁴⁷ Ibid., p. 39. “Les chances qui me furent données au départ m’aidèrent non seulement à avoir une vie heureuse, mais à être heureuse de la vie que j’avais.”

¹⁴⁸ Ibid., p. 20. “Elle a été mon seul joyeux rapport à la vie non livresque. J’avais tendance à me défendre contre les forces hostiles par un orgueil crispé : l’admiration que j’avais pour Zaza m’en a sauvée. Sans elle, peut-être me serais-je trouvée à vingt ans méfiante et amère au lieu d’être prête à accueillir l’amitié, l’amour, ce qui est la seule attitude propre à susciter.”

¹⁴⁹ Ibid., p. 32; **La force de l’âge**, pp. 332 – 338 ; ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**, pp. 89 – 90.

¹⁵⁰ **Tout compte fait**, p. 39. “Dans l’ensemble, mon destin a été faste. J’ai eu des peurs, des révoltes. Mais je n’ai pas subi d’oppression, je n’ai pas connu l’exil, je n’ai été frappée d’aucune infirmité. Je n’ai vu mourir personne qui me fût essentiel et depuis mes vingt et un ans je n’ai jamais connu la solitude. [...] J’ai connu mes manques et mes limites, mais je n’en suis accommodée. Quand les événements qui se passaient dans le monde me déchiraient, c’est le monde que je souhaitais changer, et non la place que j’y occupais.

¹⁵¹ Ibid., p. 14. **La force de l’âge**, p. 36.

compromisso escolhido livremente que ligou um ao outro por mais de cinquenta anos. Em que medida Beauvoir compreendia esta relação como fundamental para explicar sua identidade?

2.3.2. Encontro com Sartre: “o acontecimento capital da minha existência”¹⁵²

No capítulo precedente, comentei a importância que Beauvoir atribuía nas suas autobiografias ao lugar de Sartre na sua vida. Em muitos momentos, sua narrativa encontra-se centrada, não na sua própria história, mas na dele.¹⁵³ Entre outras razões, fez isto na intenção de reforçar a ideia de simbiose entre ambos: compartilhavam expectativas e objetivos. Ainda que, na relação que tinham com a escrita, cada um conservasse certo grau de particularidade - Sartre vivia para escrever/Beauvoir escrevia para viver¹⁵⁴, o foco de ambos consistia, segundo ela, em recriar a realidade através do papel: possuíam, na expressão de Beauvoir, sinais gêmeos em suas fronteiras, e tal fraternidade soldou suas vidas:

Um único projeto nos animava: tudo abarcar, e tudo testemunhar; ele nos mandava seguir, ocasionalmente, caminhos divergentes, sem nos roubar um ao outro o menor dos nossos achados; juntos, dobrávamo-nos a suas exigências, tão bem que no momento em que nós nos dividíamos, nossas vontades se confundiam. Era o que nos ligava que nos desligava; e por este desligamento encontrávamo-nos ligados ao mais profundo de nós.¹⁵⁵

Esta liga especial explicava, segundo ela, a particularidade das relações entre eles. De sua parte, Sartre também entendia a relação deles como uma unidade, como confirmam alguns trechos de cartas que enviou a Beauvoir em 1939. Diz ele: “O fato é que, de qualquer maneira, nunca senti de modo tão intenso que você sou eu” e também: “nós dois somos um”, “você é sempre eu.”¹⁵⁶ Em 1977, volta a afirmar: “existe uma relação em profundidade que chega a criar, durante momentos, quase uma individualidade, um **nós** que não é dois **vocês**, que é verdadeiramente um **nós**. Este **nós** eu tive durante toda a minha vida com Simone de

¹⁵² **Tout compte fait**, p. 28.

¹⁵³ Cf. o item 1.3.2, “O culto do nós.”

¹⁵⁴ **La force de l’âge**, p. 21 ; pp. 49 – 51.

¹⁵⁵ *Ibid*, p. 34. “Um seul projet nous animait: tout embrasser, et témoigner de tout; il nous commandait de suivre, à l’occasion, des chemins divergents, sans nous dérober l’un à l’autre la moindre de nos trouvailles ; ensemble, nous nous pliions à ses exigences, si bien qu’au moment même où nous division, nos volontés se confondaient. C’est ce qui nous liait qui nous déliait ; et par ce déliement nous nous retrouvions liés au plus profond de nous.”

¹⁵⁶ Apud. ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**, 2006, p. 125.

Beauvoir.”¹⁵⁷ Se Sartre estava de acordo com tudo que sua companheira escreveu sobre o relacionamento deles, coube realmente a esta a tarefa de mistificá-lo de vez:

É ela que institucionaliza, literariamente e simbolicamente, o casal. Mais do que memórias pessoais, Beauvoir propõe de fato as do casal que ela forma com Sartre. Não há, pois, apenas instituição do “eu”, mas igualmente do “nós” que participa à criação do mito Sartre/Beauvoir. Retomando uma imagem pública deste casal existente bem antes da publicação das memórias – disto testemunhando os diversos comentários, clichês e apelidos a seu respeito – Beauvoir assume o controle e o adapta segundo seus próprios critérios.¹⁵⁸

De acordo com Beauvoir, o longo relacionamento que existiu entre eles não foi uma imposição do destino, mas uma livre construção, tratava-se de uma relação baseada em pactos não convencionais (casamento, monogamia, etc.), que estabeleciam a união de ambos como indispensável a suas existências. Foi o cumprimento das promessas feitas na juventude e a renovação destas ao longo dos anos que fizeram esta aliança.

Mais uma vez, me remeto à afirmação de Ricoeur: é pelo exame da palavra cumprida, que, em grande parte das vezes, a identidade (ipseidade) de uma pessoa pode ser compreendida satisfatoriamente. De acordo com esta ideia, é possível então afirmar que para saber quem foi Simone de Beauvoir, ou quem desejou ser, faz-se necessário, entre outras coisas, compreender sua relação com Sartre, ou, mais precisamente, em que termos ela a descreveu nas suas autobiografias.

No mesmo ano em que se conheceram, Sartre propôs um pacto a Beauvoir, que, segundo a autora, trataram de respeitar ao longo de toda vida: “não somente nenhum dos dois não mentiria nunca ao outro, como também não lhe dissimularia nada.”¹⁵⁹ Na ocasião, também sugeriu um pacto mais curto, um “contrato”: durante dois anos, deveriam desfrutar da máxima intimidade possível, não se relacionariam com outras pessoas, “entendíamos

¹⁵⁷ FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande. **Simone de Beauvoir**. Trad. Oswaldo Barreto e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 165, grifos do texto original.

¹⁵⁸ MOKRY, Adelaïde. *L’atout sartrien des mémoires: stratégies du jeu beauvoirien*. STAUDER, Thomas (org.). **Simone de Beauvoir cent ans après sa naissance**; contributions interdisciplinaires des cinq continents. Tubingen: Gunter Narr Verlag, 2008, pp. 107 – 119, p. 117. “... c’est elle qui institutionnalise, littérairement et symboliquement, leur couple. Plus que des mémoires personnelles, Beauvoir propose en effet celles du couple qu’elle forme avec Sartre. Il n’y a donc pas qu’une institution du ‘moi’, mais également celle du ‘nous’ qui participe à la création du mythe Sartre/Beauvoir. Reprenant une image publique de ce couple existant bien avant la publication des mémoires – en témoignent ses divers commentaires, clichés et sobriquets à son propos – Beauvoir en prend le contrôle et la façonne selon ses propres critères.”

¹⁵⁹ **La force de l’âge**, p. 31. “Non seulement aucun des deux ne mentirait jamais à l’autre, mais il ne lui dissimulerait rien.”

entregar-nos sem reticência e sem partilha à novidade de nossa história.”¹⁶⁰ Depois deste período, Sartre pretendia solicitar um cargo de professor leitor no Japão, aconselhava que Beauvoir também fosse para o estrangeiro. Permaneceriam distantes por dois ou três anos e se encontrariam em algum lugar para conviverem por certo tempo. Sua solicitação para o Japão foi negada. Apesar de permanecerem na França, estariam em cidades bastante distantes, ela, em Marselha, ele, no Havre. Revisaram o pacto: não se tratava mais de um contrato provisório, não podiam suportar longas separações como haviam previsto de início. Apesar de não firmarem uma aliança eterna, adiaram uma eventual dissipação para alguns anos depois.¹⁶¹

O pacto foi se fortalecendo ao longo dos anos e acabaram partilhando uma união até a morte de Sartre, em 1980. Nunca viriam a se separar por mais de alguns meses. A vida amorosa entre eles durou cerca de uma década, e mesmo antes que chegasse ao fim, a monogamia, exceto no período do “contrato”, não constava entre suas regras: “entre nós, explicava-me ele [Sartre] utilizando um vocabulário que lhe era caro, trata-se de um amor necessário: é conveniente que conheçamos também amores contingentes.”¹⁶²

Da parte de Sartre, foram muitos os amores contingentes. Beauvoir teve alguns romances, a maior e mais significativa parte deles, com homens.¹⁶³ Conforme o acordo de se contarem “tudo”, a correspondência entre Beauvoir e Sartre era recheada de detalhes de conquistas, carícias, e até das relações sexuais que tinham com os eventuais parceiros; Conservavam a verdade entre si, porém não pareciam se incomodar em mentir aos demais. Contudo, alguns desses amores se revelaram sinceros e bastante duradouros.

Apenas um dos relacionamentos de Beauvoir poderia ameaçar de maneira mais concreta seu pacto com Sartre: seu envolvimento com Nelson Algren.¹⁶⁴ Viver plenamente este amor significava que Beauvoir teria que se mudar para os Estados Unidos, uma vez que Algren, por diversos motivos, afirmava ser impossível morar na França.¹⁶⁵ No entanto, ela sabia desde o início que nunca sairia de perto de Sartre por mais de alguns meses por ano: “eu tinha dos meus laços com Sartre um conhecimento incomunicável, no começo os dados

¹⁶⁰ Ibid., p. 31. “nous entendions nous donner sans réticence et sans partage à la nouveauté de notre histoire.”

¹⁶¹ **La force de l'âge**, p. 93.

¹⁶² Ibid., p. 30. “Entre nous, m'expliquait-il en utilisant un vocabulaire qui lui était cher, il s'agit d'un amour nécessaire: il convient que nous connaissions aussi des amours contingentes.”

¹⁶³ Beauvoir nunca mencionou sua bissexualidade em suas autobiografias. Suas cartas endereçadas a Sartre revelariam algumas de suas relações homossexuais, às quais Beauvoir atribuía pouca importância.

¹⁶⁴ Algren (1909 – 1981) era um escritor norte-americano, que Beauvoir conheceu por ocasião de sua primeira viagem aos EUA, em 1947. A paixão entre eles foi arrebatadora e durou alguns anos. Beauvoir se inspirou nesta relação para escrever o romance entre os personagens Anne e Lewis, em **Os Mandarins**.

¹⁶⁵ **La force des choses I**, p. 224.

estavam marcados: as palavras mais verdadeiras traíam a verdade.”¹⁶⁶ Mesmo apaixonada por Algren, Beauvoir não cogitou quebrar o pacto. Este, segundo a autora, se transcorria em grande harmonia, exceto pelo sofrimento eventualmente imposto a terceiros:

Há uma questão da qual descuidadamente esquivamos: como o terceiro se acomodaria de nosso arranjo? Aconteceu que ele se dobrasse sem dificuldade; nossa união deixava bastante lugar para amizades ou camaradagens amorosas, para romances fugazes. Mas se o protagonista em questão desejava mais, conflitos estouravam. [...] se meu entendimento com Sartre se mantém há trinta anos, não foi sem algumas perdas e fracassos, cujos encargos foram pagos pelos “outros”.¹⁶⁷

E foi exatamente isto que aconteceu com Algren, ele queria muito mais da relação, chegando a pedir que Beauvoir se casasse com ele, o que, evidentemente nunca aconteceu.¹⁶⁸ Beauvoir tomava todas as suas decisões colocando Sartre em primeiro lugar. Um ano após terem se conhecido, Beauvoir e Algren planejaram viajar durante quatro meses pela América enquanto Sartre passava este mesmo período com seu amor contingente do período, que Beauvoir chama de M. na sua autobiografia. Face à desistência de M. em rever Sartre, Beauvoir hesitou também em reencontrar Algren:

Tinha imensa vontade de estar perto de Algren; mas enfim eu só havia vivido três semanas com ele; não sabia em que medida estava apegada a ele: um pouco, muito, ou mais ainda? A questão teria sido desnecessária se as circunstâncias tivessem decidido por mim; mas de repente eu tinha a escolha: sabendo que poderia ficar com Sartre eu me expunha a arrependimentos que se transformariam se não em rancor em relação a Algren, ao menos contra mim mesma. Optei por uma meio termo: dois meses de América no lugar de quatro. Algren contava me reter muito tempo e eu não ousei avisá-lo das minhas novas disposições preto no branco: ajeitaria as coisas de viva voz.¹⁶⁹

¹⁶⁶ Ibid, pp. 224- 225. “J’avais des mes liens avec Sartre une connaissance incommunicable; au début les dés étaient pipés : les paroles les plus vraies trahissaient la vérité.”

¹⁶⁷ **La force des choses I**, pp. 176 - 177. “... Il y a une question que nous avons étourdiment esquivée: comment le tiers s’accommoderait-il de notre arrangement ? Il arriva qu’il se pliât sans peine ; notre union laissait assez de place pour des amitiés ou des camaraderies amoureuses, pour des romances fugaces. Mais si le protagoniste souhaitait davantage, des conflits éclataient. [...] si mon entente avec Sartre se maintient depuis plus de trente ans, ce ne fut pas sans quelques pertes et fracas dont les ‘autres’ firent les frais.”

¹⁶⁸ Ibid, p, 223.

¹⁶⁹ Ibid, pp. 215 – 216. “J’avais une immense envie de me retrouver auprès d’Algren ; mais enfin je n’avais vécu que trois semaines avec lui ; je ne savais pas dans quelle mesure je tenais à lui : un peu, beaucoup ou davantage ? La question eût été oiseuse si les circonstances avaient décidé pour moi ; mais soudain j’avais le choix : sachant que j’aurais pu rester avec Sartre je m’exposais à des regrets qui se tournaient, sinon en rancune à l’égard d’Algren, du moins en dépit contre moi-même. J’optai pour une demi-mesure : deux mois d’Amérique qu lieu de quatre. Algren comptait me garder longtemps et je n’osais pas l’aviser noir sur blanc de mes nouvelles dispositions : j’arrangerais les choses de vive voix.”

Beauvoir não encontrava espaço para contar seus novos planos a Algren. Quando, enfim, conseguiu falar dos mesmos, ele recebeu a novidade de uma péssima maneira. Poucos dias após sua volta a Paris, Sartre informou a Beauvoir que M. havia mudado de planos e desejava revê-lo, iria passar um mês com ela no sul da França. Beauvoir propôs então a Algren retornar a Chicago por mais um mês, ele recusou. Na época, inventou uma mentira para justificar seu retorno, mas quando publicou **A força das coisas**, quinze anos depois, decidiu narrar a verdade. Algren se sentiu profundamente traído e nunca mais voltou a falar com ela.¹⁷⁰

Beauvoir se esforçou ao máximo para manter sua relação com Sartre nos mesmos termos que haviam acordado quando jovens: “velei com vigilância a que nossas relações não se alterassem, medindo o que eu devia aceitar, recusar, de sua parte, da minha, para não comprometê-las.”¹⁷¹ Frequentemente, usou um vocabulário forte para denotar a unidade que, segundo ela, sempre reinou entre eles: eram “gêmeos”, tinham as “mesmas” ideias; quando questionados, davam respostas “iguais”.¹⁷² Na sua narrativa, Beauvoir insistiu em afirmar que esta unidade se intensificou ao longo da vida:

Houve na minha vida um êxito certo: minhas relações com Sartre. Em mais de trinta anos apenas numa noite fomos dormir desunidos. Esta longa relação gemelar não atenuou o interesse que mantemos em nossas conversas. [...] No entanto nossos pensamentos foram reciprocamente tão assiduamente criticados, corrigidos, sustentados, que nos são todos comuns. Temos atrás de nós um estoque indiviso de lembranças, de conhecimentos, de imagens; dispomos para apreender o mundo dos mesmos instrumentos, dos mesmos esquemas, das mesmas chaves: muito frequentemente um acaba a frase começada pelo outro; se nos fazem uma pergunta, acontece de formularmos juntos respostas idênticas. A partir de uma palavra, de uma sensação, de uma sombra, percorremos um mesmo caminho interior e chegamos simultaneamente a uma conclusão – uma lembrança, uma aproximação – totalmente inesperada para um terceiro.¹⁷³

¹⁷⁰ **La force des choses I**, p. 226 ; BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**, pp. 579 – 593; ROWLEY, Hazel, **Tête-à-tête**, 2006, pp. 230 – 231. Algren odiou a surpresa, chegando a destratar Beauvoir publicamente. Morreram sem fazer as pazes. Ainda assim, Beauvoir conservou no dedo até o túmulo o anel de prata com o qual Algren havia lhe presenteado quando enamorados.

¹⁷¹ **Tout compte fait**, p. 29. “J’ai veillé avec vigilance à ce que nos rapports ne s’altèrent pas, mesurant ce que je devais accepter, refuser de sa part, de la mienne, pour ne pas les compromettre.”

¹⁷² **La force des choses II**, pp. 489- 490.

¹⁷³ *Ibid*, p. 489. “Il ya eu dans ma vie une réussite certaine : mes rapports avec Sartre. En plus de trente ans nous ne nous sommes endormis qu’un seul soir désunis. Ce long jumelage n’a pas atténué l’intêtêt que nous prenons à nos convesations [...] Cependant nos pensées se sont si assidûment critiquées, corrigées, soutenues, qu’elles nous sont toutes communes. Nous avons derrière nous un stock indivis de souvenirs, de connaissances, d’images ; nous disposons pour saisir le monde des mêmes instruments, des même schèmes, des mêmes clefs : très souvent l’un achève la phrase commencée par l’autre ; si on nous pose une question il nous arrive de formuler ensemble des réponses identiques. A partir d’un mot, d’une sensation, d’une ombre, nous parcourons un même chemin intérieur et nous aboutissons simultanément à une conclusion – un souvenir, un rapprochement – pour un tiers tout à fait inattendue.”

Recusar transformações e apontar semelhanças e continuidade é um modo de fazer com que aquilo que em outros tempos conferia sentido à sua existência permanecesse exercendo a mesma função. Trata-se de uma forma de identificar a si próprio através dos anos pelas promessas mantidas, e nisto residia essencialmente a intenção de Beauvoir: manter-se leal a si mesma, o que, no seu entendimento, implicava ser leal à relação com Sartre.

2.3.3. Escrever: “o grande negócio da minha vida” ¹⁷⁴

Após conseguir publicar seu primeiro livro, Beauvoir afirmou nunca mais ter sentido dificuldade em encontrar o que dizer.¹⁷⁵ Durante mais de quarenta anos, publicou dezenas de livros, entre vários estilos. Repetiu insistentemente, em suas autobiografias, que o principal sentido de sua existência encontrava-se na escrita; sua liberdade havia sido essencialmente exercida através desta atividade. Além disto, escrever era outra promessa que havia realizado, que permitia que ela se identificasse, não obstante o trabalho do tempo: “há na minha vida laços muito antigos que nunca se romperam. Duas coisas lhe conferem essencialmente sua unidade: o lugar que Sartre nunca deixou de ocupar. E minha fidelidade ao meu projeto original: conhecer e escrever.”¹⁷⁶

Escrever era a atividade central de seus dias, em torno da qual, se organizavam todas as outras: “um dia em que não escrevo tem um gosto de cinzas.”¹⁷⁷ No prólogo de **A força da idade**, Beauvoir afirmou que um dos motivos que a levaram a perseguir no empreendimento autobiográfico consistia em, contando sua trajetória, oferecer ao leitor a possibilidade de conhecer um caso particular de como o trabalho de um escritor pode ser desenvolvido. Tratou, pois, de narrar sua própria experiência.¹⁷⁸

No volume seguinte, **A força das coisas**, Beauvoir propôs ao leitor um intermédio, interrompeu a narrativa sobre o processo de criação de **Os Mandarins** e passou a refletir sobre o significado da escrita para si.¹⁷⁹ Também neste caso desejava descrever o processo de surgimento de um livro. Começava sempre com pesquisas, reflexões, concentração exaustiva.

¹⁷⁴ Tout compte fait, p. 131.

¹⁷⁵ **La force de l'âge**, p. 693.

¹⁷⁶ **Tout compte fait**, p.38, “... il y aussi dans ma vie des liens très anciens qui ne se sont jamais brisés. Deux choses lui confèrent essentiellement son unité : la place que Sartre n'a pas cessé d'y tenir. Et ma fidélité à mon projet originel: connaître et écrire.”

¹⁷⁷ **La force des choses I**, p. 373, “une journée où je n'écris pas a un goût de cendres.”

¹⁷⁸ Cf. o item 2.2.5.

¹⁷⁹ Ibid, pp. 371-376.

Vinha então o momento de jogar tudo de uma vez no papel: “quando me sinto pronta, escrevo consecutivamente trezentas ou quatrocentas páginas.”¹⁸⁰ Mas, logo em seguida, descartava todas essas páginas, que se revelavam um amontoado confuso, e recomeçava do zero. Pouco a pouco, acabava encontrando enfim o tom, o estilo, o ritmo certo:

Com a ajuda de um rascunho, redijo em grandes traços um capítulo. Retomo a primeira página e chegando ao seu final, refaço-a frase por frase; em seguida corrijo cada frase de acordo com o conjunto da página, cada página de acordo com o capítulo inteiro; tempos depois, cada capítulo, cada página, cada frase de acordo com a totalidade do livro. [...] Também cada uma de minhas obras exige de mim de dois a três anos – quatro para *Os Mandarins* – durante os quais passo de seis a sete horas por dia diante de minha mesa.¹⁸¹

À assiduidade, juntava-se a indispensável inspiração. Chegava por fim o momento de submeter o livro ao seu principal avaliador, Sartre. O resultado final da obra continha muito das sugestões feitas por ele, da mesma forma que, nos seus livros, ele também costumava aderir às observações feitas por Beauvoir. Parava quando sentia que não tinha mais condições de aperfeiçoá-la, mesmo sem estar inteiramente satisfeita.

As três linhas de força de que Beauvoir se valeu para narrar sua vida – o fator sorte, sua relação com Sartre e sua atividade de escritora – são apontadas por ela como responsáveis pelo sentido que sua existência adquiriu. Sem a sorte, mil e um fatores poderiam ter impedido a realização de seu projeto original. Seu encontro com Sartre representou, nas suas palavras, o acontecimento capital de sua vida, aquele sem o qual se tornaria impossível compreender o sentido de sua história, uma vez que toda ela se encontrava fundamentada pelo mesmo; ela e Sartre formavam uma unidade, eram “gêmeos”, “um só”. A escrita era a razão de seus dias, a essência de sua liberdade. Não era apenas uma profissão, nem sequer uma paixão, mas uma verdadeira mania, alguma coisa sem a qual não podia se passar.

Como se pode observar, é bastante difícil sintetizar a maneira como Beauvoir narrou sua identidade, esse complexo processo de atribuição de sentido à vida. Discutirei rapidamente alguns aspectos deste que foram aqui abordados.

Na sua narrativa de si, Beauvoir se percebia como alguém predominantemente otimista, perseverante, extremista, cujo projeto original, “saber e expressar”, comandou toda a existência. A escrita foi essencialmente o domínio pelo qual procurou exercer sua liberdade,

¹⁸⁰ **La force des choses I**, p. 372. “Quand je me sens prête, j’écris d’affilée trois ou quatre cents pages.”

¹⁸¹ *Ibid*, p. 372. “M’aidant de mon brouillon, je rédige à grands traits un chapitre. Je reprends la première page et arrivé en bas, je la refais phrase par phrase ; ensuite je corrige chaque phrase d’après la totalité du livre. [...] Aussi chacun de mes ouvrages me demande-t-il de deux à trois ans – quatre pour **Les Mandarins**- pendant lesquels je passe six à sept heures devant ma table.”

pois através dela, concretizou sua escolha fundamental. Pela sua narrativa autobiográfica, percebe-se que costumava atribuir à sua infância um papel importantíssimo para o desenrolar de sua história. Para salientar sua singularidade, Beauvoir utilizou frequentemente a comparação entre si e algumas pessoas de seu convívio. Destaquei essa estratégia quando a autora escrevia sobre sua irmã e Zaza. No entanto, quando se tratava de sua relação com Sartre, mesmo citando algumas diferenças eventuais, a autora enfatizava as semelhanças. No essencial, segundo ela, nunca divergiram; considerava Sartre como seu duplo, seu reflexo exato.

Ricoeur apontou que uma das maneiras de se delinear a identidade de alguém ocorre por meio do cumprimento à palavra. Apesar de se expressar com outras palavras, Beauvoir parecia ter uma percepção parecida: quando afirmava, conforme a epígrafe que abre este capítulo, que se reconhecia através de todas as suas mudanças, salientava a unidade que abarcava toda sua vida, não obstante algumas incoerências e inconstâncias. Sua existência tornou real certa essência, definida pela lealdade a promessas feitas, como a própria escritora explicitou na sua última autobiografia:

“Nascemos múltiplos e acabamos um”, disse em substância Valéry. Bergson também salientou que, à medida que nos realizamos, perdemos a maior parte de nossas possibilidades. Não é de forma alguma assim que me sinto. Sim, aos doze anos eu estava tentada pela paleontologia, pela astronomia, pela história, por cada nova disciplina que eu descobria: mas todas elas faziam parte de um projeto mais vasto que era o de desvendar o mundo e me apliquei no mesmo. Cedo, foi a ideia de escrever que iluminou meu futuro. No início, era informe, mas não múltipla. [...] Minha liberdade consistiu em manter meus projetos originais; para permanecer fiel aos mesmos, ela recorreu, através das flutuações das circunstâncias, a invenções constantes; estas assumiram algumas vezes a forma de uma decisão, mas que sempre me pareceu acontecer naturalmente: no tocante às coisas importantes, nunca precisei **deliberar**.¹⁸²

Lembro, mais uma vez, que me ocupei até agora da questão da identidade autobiográfica da autora, buscando entender que aspectos desse processo Beauvoir procurou evidenciar na sua trajetória individual. Resta agora explorar a questão da alteridade nas suas

¹⁸² **Tout compte fait**, p. 39, grifo da autora. “ ‘On naît multiple et on s’achève um’. A dit en substance Valéry. Bergson aussi a souligné qu’en nous réalisant nous perdons la plupart de nos possibilités. Ce n’est pas du tout ainsi que je m’éprouve. Oui, à douze ans j’étais tentée par la paléontologie, l’astronomie, l’histoire, par chaque nouvelle discipline que je découvrais: mais elles faisaient toutes partie d’un projet plus vaste qui était de dévoiler le monde et je m’y suis appliquée. De bonne heure, c’est l’idée d’écrire qui éclaira mon avenir. J’étais au départ informe, mais non multiple. [...] Ma liberté s’est employée à soutenir mes projets originels; pour y rester fidèle, elle a eu recours, à travers les fluctuations des circonstances, à de constantes inventions; celle-ci ont pris parfois la figure d’une décision, mais qui toujours m’a paru aller de soi: touchant les choses importantes, je n’ai eu jamais eu à délibérer.”

autobiografias. Ao fazer um balanço do seu empreendimento autobiográfico, a autora afirmou que nesses livros falou principalmente de outras coisas que não de si mesma.¹⁸³ A afirmação pode ser um tanto exagerada, mas é reveladora da intenção de Beauvoir de, ao falar de si, se remeter, na verdade, a outras pessoas, procurando contrapor suas próprias escolhas com aquelas feitas por alguns de seus adversários. No próximo capítulo, me debruçarei na relação de Beauvoir com alguns desses “outros”, que, segundo Sartre, formam nosso verdadeiro inferno.

¹⁸³ Ibid, pp. 39 - 40. “le produit et l’expression du monde dans lequel elle se déroulait.”

Capítulo III

ALTERIDADE: A REPRESENTAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA DA RELAÇÃO ENTRE O “EU” E O “OUTRO”

O inferno, são os outros.

Jean-Paul Sartre. **Huis clos** (1947).

Escrevi essas Memórias em grande parte para restabelecer a verdade e muitos leitores me disseram de fato que antes disto tinham as ideias mais falsas sobre mim. Conservo inimigos: o contrário me inquietaria.¹

Simone de Beauvoir. **La force des choses** (1963).

A relação com o outro se mostra como um dos principais parâmetros no processo de construção da identidade de cada sujeito. Se, de fato, a alteridade é um componente importante para compreender a condição humana em geral, este conceito adquire uma relevância especial quando se trata de Simone de Beauvoir. Em diversas ocasiões, a autora salientou a importante dimensão que a questão do outro desempenhou em sua vida, apontando a mesma como o principal tema de sua escrita, conforme observei no capítulo precedente.² A princípio, cogitou mencionar a questão da alteridade já no título daquele que viria a se tornar seu mais famoso livro:

Como chamá-lo? Devaneei muito tempo sobre isso com Sartre. [...] Pensei em **A Outra**, **A Segunda**: já tinham sido usados. Uma noite, no meu quarto, passamos horas lançando palavras, Sartre, Bost e eu. Sugeri: **O Outro sexo**? Não. Bost propôs: **O Segundo Sexo** e, pensando bem, isto convinha perfeitamente.³

¹ **La force des choses II**, p. 496. “J’ai écrit ces Mémoires en grande partie pour rétablir la vérité et beaucoup de lecteurs m’ont dit qu’en effet ils avaient auparavant sur moi les idées les plus fausses. Je garde des ennemis: le contraire m’inquiéterait.”

² Cf. item 2.2.5.

³ BEAUVOIR, Simone. **La force des choses I**, p. 235. “Comment l’appeler? J’y rêvai longtemps avec Sartre. [...] Je pensais à **L’autre**, **La Seconde**: ça avait déjà servi. Un soir, dans ma chambre, nous avons passé des heures à jeter des mots, Sartre, Bost et moi. Je suggérai: **L’Autre sexe**? non. Bost proposa: **Le Deuxième Sexe** et réflexion faite, cela convenait tout à fait.” Jacques-Laurent Bost (1916 – 1990) foi aluno de Sartre, no tempo em que este ensinou no Havre. Tornou-se um de seus amigos mais próximos, assim como de Beauvoir, com quem manteve um relacionamento amoroso durante alguns anos. Nesta época, Bost namorava com Olga Kosakiewicz (casaram-se alguns anos depois), que nunca veio a saber do romance. Em 2004, Sylvie Le Bon de Beauvoir organizou e publicou a correspondência entre Beauvoir e Bost mantida durante três anos: BEAUVOIR, Simone de; BOST, Jacques-Laurent. **Correspondance croisée** (1937 - 1940). Paris: Gallimard, 2004.

De todo modo, o referido ensaio teve como principal categoria de análise a problemática do outro, questão que perpassa, de maneira geral, o conjunto de sua obra, abarcando ensaios, romances, narrativas de si, etc.. Chegou o momento de explorar de maneira mais consistente a problemática da alteridade no tocante a Simone de Beauvoir, especialmente no que se refere à forma como ela abordou o assunto nas suas autobiografias. Quem é o outro na sua escrita? Nesta, é possível identificar três acepções principais:

Primeiramente, pode-se destacar o Outro, com maiúscula. Trata-se daquele que não é Sujeito, mas puro objeto em relação ao “eu”, que é marginal, hostilizado, oprimido e não tem voz. Foi como a autora definiu logo no início de **O Segundo sexo** a condição da mulher na sociedade ocidental: “Ela se determina e se diferencia em relação ao homem e não este em relação a ela; ela é o não-essencial face ao essencial. Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro.”⁴ Nesta acepção, é comum que se encaixe a percepção tradicional a respeito das chamadas minorias, a exemplo dos loucos e dos povos colonizados, pois, como afirma Pedrinho Guareschi, “ele [o Outro] não faz parte de nós, é um estranho, um alienígena. Ele é o índio, o negro, a mulher, o excluído. Eu o explico, eu o domino, eu o exploro. E mais: sou eu que decido quando há dominação, quando há compreensão, quando há exploração”⁵ A filósofa Susanne Moser classifica este tipo de relação fundamentada em antagonismo descrita por Beauvoir como “alteridade absoluta”, na qual a reciprocidade não é possível.⁶

Também em **O Segundo Sexo**, Beauvoir discorreu sobre uma alternativa na relação entre gêneros, na qual a mulher não fosse, doravante, percebida como o Outro, mas como um outro, em minúscula: “reconhecendo-se [homens e mulheres] mutuamente como sujeito cada um permanecerá todavia para o outro um **outro**.”⁷ Nesta acepção, como se vê, o outro não é mero objeto, é tão sujeito quanto o “eu” que fala, trata-se de uma outra consciência que possui autonomia, que é referência, que constrói e é construído dinamicamente pelo “eu” em questão.

⁴ BEAUVOIR, Simone de. **Le Deuxième Sexe I**. Paris: Gallimard, 1993, p. 15. "Elle se détermine et se différencie par rapport à l'homme et non celui-ci par rapport à elle ; elle est l'inessentiel en face de l'essentiel. Il est le Sujet, il est l'Absolu: elle est l'Autre."

⁵ GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, Ângela (org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 149 – 161; pp. 159 - 160.

⁶ MOSER, Susanne. Entre l'altérité absolue et la reconnaissance des différences: aspects de l'autre chez Simone de Beauvoir. In: STAUDER, Thomas (org.) **Simone de Beauvoir cent ans après sa naissance**; contributions interdisciplinaires de cinq continents. Tubinga: Gunter Narr Verlag, 2008, pp. 235 - 241.

⁷ BEAUVOIR, Simone de. **Le Deuxième Sexe II**. Paris: Gallimard, 1994, p. 662. "... se reconnaissant mutuellement comme sujet chacun demeurera cependant pour l'autre un **autre**." (grifo da autora)

Apesar de poder – e, até mesmo, preferencialmente, dever - ser baseado na amizade e na solidariedade, tal *Mitsein*⁸ não impede separações e conflitos, pois, com bastante frequência este outro aparece na figura de um oponente, ou, pelo menos, de um adversário. No entendimento de Beauvoir, o *Mitsein* não implica que “a humanidade seja uma e que cada um tenha os mesmos objetivos e as mesmas aspirações, vivendo numa espécie de simbiose amical”.⁹ Ao contrário: a autora atribui uma dimensão significativa aos embates na relação entre o eu e o outro, pois, além das divergências serem concebidas por ela como elementos decisivos no que se refere ao processo identitário subjetivo, as mesmas se revelam, até certo ponto, como características deste tipo de relação:

Só há presença do outro se o outro está ele próprio presente a si: isto significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha e idêntica a ela. [...] Mas essa liberdade estrangeira, que confirma minha liberdade, entra também em conflito com ela: é a tragédia da consciência infeliz; cada consciência pretende se colocar sozinha como sujeito soberano.¹⁰

Não obstante afirmar que apenas a amizade e a generosidade são capazes de garantir plenamente a liberdade de cada sujeito, Beauvoir considera que tais virtudes nunca são totalmente atingíveis, pois exigem auto-vigilância e superação permanentes, assim como a renúncia a qualquer forma de posse: “a conversão através da qual se atinge a verdadeira sabedoria nunca é feita, é preciso fazê-la sem parar, ela exige uma tensão constante. [...] o homem nas suas relações com seus semelhantes está o tempo inteiro em perigo.”¹¹ Vemos, deste modo, que nesta acepção, o outro, ainda que um adversário, não deixa de ser também um próximo. Existe nela uma relação de reciprocidade, ainda que baseada na diferença - esta ambiguidade é constante.

⁸ *Mitsein* é um conceito muito caro a Heidegger, que é retomado por Beauvoir em sua obra. Significa “eu sou com o outro”, o “ser-com”. Por ele, entende-se que há uma relação de reciprocidade entre o eu e o outro, entendido como um “co-existente”. Cf. BEAUVOIR, Simone de. **Le Deuxième Sexe I**. Paris : Gallimard, 1993, pp. 17, 19-20, 32. HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback e Emanuel Cordeiro Leão. Parte I, 6. edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, 1997.

⁹ GOTHLIN, Eva. Lire Simone de Beauvoir à la lumière de Heidegger. In: **Les Temps modernes**. Paris, n. 619, pp. 53 – 77, jun-jul 2002, p. 69. “.... l’humanité est une et que chacun a les mêmes buts et les mêmes aspirations, vivant dans une espèce de symbiose amicale.”

¹⁰ **Le Deuxième Sexe I**, pp. 237 – 238. “ Il n’y a présence de l’autre que si l’autre est lui-même présent à soi: c’est-à-dire que la véritable altérité est celle d’une conscience séparée de la mienne et identique à elle. [...] Mais cette liberté étrangère, qui confirme ma liberté, entre aussi en conflit avec elle: c’est la tragédie de la conscience malheureuse; chaque conscience prétend se poser seule comme sujet souverain. Chacune essaie de s’accomplir em réduisant l’autre em esclavage.”

Sobre a importância das divergências na construção da identidade, lembro o valor que a autora atribuía às diferenças entre seus pais como incentivadoras do seu caráter questionador e que, segundo ela, a levou à via intelectual, conforme discuti no item 2.2.2, no segundo capítulo.

¹¹ *Ibid*, p. 238.

O terceiro significado que destaco se refere, assim como no regime anterior, ao entendimento do outro também enquanto sujeito, dotado de voz e de consciência, mas trata-se de alguém tão próximo e demasiadamente íntimo, que os fortes vínculos afetivos impedem a distância necessária para que seja plenamente estabelecida uma relação de alteridade. Denise Jodelet diferencia os termos “outrem” - o próximo, o semelhante - e “outro” - o *alter*, o distante, o diferente. De acordo com a autora,

A noção de alteridade não parece pertinente para designar a situação ou o modo de tratamento reservados a um ‘próximo’ que, se bem que distinto, apresenta similitudes com o eu. *Stricto sensu*, o termo só parece convir nos casos em que, num contexto plural, é colocada uma distância radical em relação a uma identidade.¹²

Sartre é o maior exemplo deste outro próximo na vida de Beauvoir. Ele era com bastante frequência a principal testemunha dos seus pensamentos e atos cotidianos. De fato, testemunhar é uma das principais funções daqueles que nos rodeiam, no sentido de registrar e legitimar nossos atos solitários. Em seu ensaio filosófico **Pirro e Cineias**, Beauvoir exemplifica a importância do testemunho:

Assim que uma criança acabou um desenho ou uma página de escrita, ela corre para mostrá-los a seus pais; ela precisa da aprovação deles tanto quanto de bombons ou de brinquedos; o desenho exige um olho que o veja: é preciso que para alguém essas linhas desordenadas virem um barco, um cavalo; [...] Sem dúvida, não tentamos transformar assim todos os instantes de nossa vida em um diamante duro; [...] Mas ninguém se satisfaz durante toda a vida de tamanha solidão. Assim que meu passeio acaba, sinto a necessidade de contá-lo a um amigo: o rei Candaule quer que a beleza de sua mulher brilhe aos olhos de todos.¹³

Todavia, como já foi dito, testemunhar não é o suficiente para caracterizar uma relação de alteridade. Portanto, considerando as definições acima, discutirei a problemática da

¹² JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA Ângela (org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 47 – 61, p. 51. Neste sentido, é oportuno lembrar o conceito de altruísmo, cunhado por Auguste Comte no seu livro **Cathéchisme positiviste**, de 1852. Altruísmo - de *altruisme*, derivação de *autrui* (outrem) – seria o oposto de egoísmo, ou seja, um impulso de empatia em relação ao próximo, ao outrem, manifestado pela afeição, pela veneração ou pelo devotamento. Uma relação calcada no altruísmo é, pois, bem diferente de uma relação de alteridade, na qual não há espaço para a abnegação.

¹³ BEAUVOIR, Simone de. **Pirro e Cineias**, pp. 262-263. Pessoas desconhecidas também podem desempenhar a mesma função; é o caso, por exemplo, dos leitores da obra autobiográfica de Beauvoir. No entanto, só seria possível falar em alteridade no caso de haver alguma manifestação crítica por parte do leitor a respeito do texto em questão. Nem no caso do outro-próximo nem do leitor-passivo, a relação de alteridade é plenamente efetivada, pois ambos não se mostram como consciências rivais, com intenções de julgar ou de combater o “eu”.

alteridade em Beauvoir a partir da segunda acepção descrita, que implica uma relação dinâmica e recíproca entre o ego e o *alter*, na qual as diferenças se encontram salientadas.

Para compreender tal relação, faz-se necessário observar a mesma dentro da teia sócio-histórica que a abarca, uma vez que ela sempre se desenvolve numa “totalidade mais ampla, [em um] contexto plural e lugar potencial de conflitos e disputas”.¹⁴ Levarei em conta, por conseguinte, a configuração sócio-histórica específica desta relação. O conceito de configuração é muito caro a Norbert Elias, que, para explicá-lo, utiliza a situação de um jogo como metáfora:

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas acções são interdependentes. [...] Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores — não só pelos seus intelectos mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas acções nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários.¹⁵

Configuração, portanto, pode ser entendida como uma rede social dinâmica e provisória, composta por sujeitos interdependentes, que se define principalmente pelo tipo de relações que se estabelecem intersubjetivamente. Tratar da configuração sócio-histórica de Beauvoir significa, pois, compreender a trama de relações na qual ela se encontrava inserida, na qual ela se reconhece e é reconhecida.

De acordo com a antropóloga Suely Kofes, muito próximo do conceito de configuração, está o de situação, da maneira como é pensado e exposto por Beauvoir, uma vez que ambos se baseiam na relação entre o sujeito e o outro.¹⁶ Assim como Sartre, Beauvoir concebe situação como o encontro entre facticidade - o que somos sem escolher (nossa idade, nossas características físicas, nosso lugar de nascimento, etc.) - e liberdade - o que escolhemos ser (nosso posicionamento político, a maneira de nos comportamos face aos contratempos, por exemplo). Ou seja, situação não é apenas um espaço dado e pré-determinado, mas também o espaço em que podemos exercer a nossa liberdade, entendida como autonomia de escolha. É sobretudo à luz das relações de alteridade que Beauvoir procura discutir o conceito de situação não apenas nos seus ensaios prioritariamente

¹⁴ JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial., p. 55.

¹⁵ ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**, pp. 141 – 142.

¹⁶ KOFES, Suely. No Labirinto, espadas e novelo de linha: Beauvoir e Haraway, alteridades, e alteridade, na teoria social. Florianópolis, SC: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 16 (3), 424, setembro-dezembro/2008, pp. 865 – 877, p. 868.

filosóficos, mas também em outras formas de escrita, abordando o tema tanto nos seus romances, como nos seus diários e autobiografias.¹⁷

Destacarei neste capítulo duas situações em especial: o ambiente intelectual no qual Beauvoir estava inserida e o posicionamento que a autora adotou face às críticas literárias negativas de suas obras. Por que precisamente estas duas situações? Primeiramente, pela relevância atribuída pela própria autora às mesmas: suas autobiografias descrevem insistentemente a maneira como Beauvoir pensou o outro em tais momentos. Em parte, se ela se tornou escritora foi para poder tornar pública sua percepção das relações que mantinha com seus pares, cuja descrição costuma ocupar várias páginas de seus textos: “eu desejava participar da eternidade de uma obra na qual me encarnaria”, diz ela, “mas antes de tudo eu queria ser escutada pelos meus contemporâneos. São minhas relações com eles – cooperação, luta, diálogo – que durante toda minha vida teve mais valor aos meus olhos.”¹⁸

Em segundo lugar, por que trata-se, no geral, de configurações permeadas de relações hostis, o que me permite focar a aceção do outro com a qual me dispus a trabalhar. Por último, são situações que privilegiam sua atuação como figura pública: intelectual e escritora. Até o momento, salientei nesta tese a dimensão pessoal de Beauvoir. Uma vez que o objetivo central da mesma consiste em destacar a construção da identidade autobiográfica da autora, e considerando que este processo envolve tanto dimensões prioritariamente pessoais como predominantemente públicas, disponho-me agora a contemplar de forma mais aprofundada esta última esfera.¹⁹

No que se refere à relação de alteridade que Beauvoir desenvolveu com seus colegas, ressalto que não me proponho a analisar extensivamente o papel de cada um dos intelectuais em questão no jogo político daquele momento. Meu interesse reside em investigar como Beauvoir apresentou nas suas autobiografias certos adversários naquelas situações. Para tanto, exponho a intriga, mas me concentro na construção autobiográfica do outro realizada pela autora.

¹⁷ Sobre o conceito de situação, conferir o ensaio **Pirro e Cineias**, de Beauvoir. BEAUVOIR, Simone de. . **Pour , une morale de l’ambiguïté**; suivi de Pyrrhus et Cinéas. Paris: Gallimard, 2003a, pp. 253 – 258, assim como, SARTRE, Jean-Paul. Liberdade e facticidade: a situação. In: **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1943], pp. 593 – 677 (especialmente as páginas 671 – 677).; **Situações III**. Braga, Publicações Europa-América, 1971, p. 11-14.

¹⁸ **Tout compte fait**, p. 38. “Je souhaitais participer à l’éternité d’une oeuvre dans laquelle je m’incarnerais, mais avant tout je voulais me faire entendre de mes contemporains. Ce sont mes relations avec eux – coopération, lutte, dialogue – qui pendant toute ma vie ont eu le plus de prix à mes yeux.”

¹⁹ Informo, todavia, que a dimensão pública de Beauvoir será discutida à luz dos seus interesses autobiográficos, ou seja, naquilo que se refere à construção da sua identidade autobiográfica.

Apesar de as autobiografias constituírem meu principal alvo de pesquisa, isto não será um impedimento para que eu também procure - sempre que possível e necessário - me remeter a outras fontes que possam testemunhar sobre a configuração sócio-histórica de Beauvoir, tais como estudos sobre a história do século XX; reportagens jornalísticas sobre a autora, especialmente do período em que ela publicou suas quatro autobiografias; depoimentos de contemporâneos e outras pesquisas sobre a mesma, realizadas por estudiosos de diversas áreas.

3.1. Do outrem ao outro: os Mandarins de Saint-Germain-des-Prés

A história das relações entre os intelectuais, por bastante tempo deixada à margem pela comunidade acadêmica, faz parte do movimento de renovação historiográfica que incentivou a abertura de novos campos e abordagens de estudos. Como lembra o historiador Jean-François Sirinelli:

Um dia, entretanto, os intelectuais saíram do ângulo morto. [...] Foi, de fato, a partir da segunda metade da década de 1970 que a história dos intelectuais começou a superar sua indignidade e que pesquisas em andamento ou já publicadas adquiriram legitimidade científica e, aos poucos, mereceram o interesse da corporação dos historiadores.²⁰

Nos anos em que prevaleceram as abordagens de viés estruturalista, nas quais se destacavam os estudos seriados, interessados em distinguir elementos invariantes nos seus objetos, não havia espaço suficiente para pesquisas centradas na história de sujeitos, que atuavam, sobretudo, numa perspectiva temporal de curta duração e estavam inseridos num grupo de contornos bastante imprecisos como o da intelectualidade. Foi a partir de certo consenso acadêmico, no entendimento de que o aspecto polimorfo deste grupo não era um impedimento à legitimidade de seu estudo que as pesquisas proliferaram. De acordo com Sirinelli, é possível compreender a dinâmica de certa *intelligentsia* pelo estudo das relações de sociabilidade entre os intelectuais. E, para tanto,

É possível e necessário fazer sua arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base de ‘redes’ de intelectuais adultos. [...] A

²⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 237.

atração e a amizade e, *a contrario*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo.²¹

Antes de me centrar na discussão de algumas redes de sociabilidade da *intelligentsia* francesa do pós-guerra exploradas por Simone de Beauvoir nas suas autobiografias, gostaria de comentar o conceito de intelectual e o papel desta figura nos anos seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial.

Nos últimos anos, é possível observar determinada inquietação por parte de alguns pensadores no que se refere ao papel dos intelectuais na atualidade. De acordo com eles, ao mesmo tempo que se notam certa onda neo-reacionária e um excesso exibicionista na postura de parte destes, verifica-se também uma decadência no seu prestígio acadêmico e social.²² Não era este o caso em meados do século XX. Nas considerações finais de **Castor de guerre** (2008), Danièle Sallenave empreendeu, a partir da trajetória de Beauvoir, um balanço sobre a intelectualidade do século XX e observou que o pós-guerra foi uma época áurea para este segmento. Havia, então, “um reconhecimento público da autoridade dos intelectuais, da legitimidade de sua palavra, cujo alcance temos dificuldade hoje de conceber.”²³ Tal reconhecimento não significava uma aclamação maciça do seu discurso – os opositores da intelectualidade sempre costumaram ser bastante numerosos – mas que sua fala provocava então um impacto social que certamente nos surpreenderia nos dias atuais.

Segundo a clássica definição de Sartre, o intelectual é o homem-contradição: saído da classe média, é alguém educado de acordo com os valores da ideologia dominante, instituído pela mesma como um técnico do saber prático. Todavia, o intelectual toma por tarefa combater tal ideologia particularista, buscando sempre a universalidade, na medida em que seu papel consiste principalmente em engajar sua vida na luta por aqueles valores que, segundo este entendimento, devem servir para a humanidade como um todo: liberdade,

²¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais., p. 249-250.

²² NOVAES, Adauto. Intelectuais em tempos de incerteza. In: NOVAES, Adauto (org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, pp. 7 – 18; BAUMAN, Zygmunt. **La décadence des intellectuels**, des législateurs aux interprètes. Trad. Manuel Tricoteaux. Paris: Jacqueline Chamon, 2007. Por ocasião do centenário de nascimento de Sartre e Raymond Aron, em 2005, o sociólogo Steve Fuller teceu o seguinte comentário: “Infelizmente, Sartre e Aron se juntaram na morte. Ambos foram repudiados, ignorados ou desvalorizados em todas as disciplinas acadêmicas – filosofia, literatura, sociologia, política - para as quais suas volumosas obras procuraram contribuir. Ora, esse tem sido o destino dos intelectuais. Mas por quê? Uma resposta profunda certamente enfatizaria o compromisso dos intelectuais com o caráter **público** da humanidade. [...] Uma resposta mais superficial é que os intelectuais cometem um grande pecado contra a vida acadêmica. Eles se recusam a separar seus pensamentos de sua época e mesmo de suas vidas.” (FULLER, Steve. **O intelectual**; o poder positivo do pensamento negativo. Trad. Maria da Silveira Lobo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 152).

²³ SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre** (2008). “... une reconnaissance publique de l’autorité des intellectuels, de la légitimité de leur parole, dont on a peine aujourd’hui à concevoir l’étendue.”

justiça, verdade, etc.²⁴ A definição proposta pelo filósofo Francis Wolff resume bem este personagem:

Exercendo uma atividade intelectual, [os intelectuais] usam seu prestígio adquirido nessas atividades para intervir no debate público e defender valores universais (justiça e verdade, em particular); em outras palavras, **o intelectual é aquele que transforma uma autoridade intelectual em autoridade política em nome de uma autoridade moral.**²⁵

Beauvoir se reconhecia de muito bom grado no papel de intelectual. Há quem diga que ela fez mais do que meramente se definir como tal. Segundo Jean-Louis Jeannelle, a autora utilizou seu texto autobiográfico para solidificar e divulgar esta imagem, que não era assaz evidente antes da década de 1960:

Uma das únicas talvez, Beauvoir soube fazer de suas Memórias o lugar de uma **verdadeira** instituição de si: enquanto uma narrativa de Vida maiúscula confirma habitualmente um prestígio do qual o autor já goza por razão de suas prerrogativas sociais ou de seu percurso histórico, a autora de **A força da idade** e **A força das coisas**, pela sua narrativa memorialística, se conferiu um estatuto que talvez seus atos não teriam bastado para conceder-lhe. É de algum modo a própria publicação dos dois tomos de 1960 e de 1963 que pouco a pouco conduz a memorialista a encarnar publicamente esta identidade sociocultural que ela projetava nos seus escritos, [...]. Pondo em cena a vida não-conformista do casal que ela forma com Sartre e inscrevendo a promoção do existencialismo no quadro da história política e cultural do país, a memorialista deu corpo a uma poderosa figura da intelectual engajada, representada de maneira edificante pelo casal “Sartrebeauvoir”.²⁶

²⁴ SARTRE, Jean-Paul. O que é um intelectual? In: **Em defesa dos intelectuais**. Trad. Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994, pp. 13 – 31. Este livro é resultado de três conferências que Sartre realizou no Japão, em 1965. Alguns anos depois, notadamente após os acontecimentos de 1968, Sartre revê sua concepção sobre o papel do intelectual, e considera que é necessário ultrapassar sua condição contraditória, buscando se inserir nas massas, para que, deste modo, a verdadeira universalidade possa triunfar. Cf. BEAUVOIR, Simone de. **La cérémonie des adieux; entretiens avec Jean-Paul Sartre**. Paris: Gallimard, 1981, pp. 13-14.

²⁵ WOLFF, Francis. Dilemas dos intelectuais. In: NOVAES, Adauto (org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, pp. 45 – 68, p. 47, grifo do autor. Como todo conceito, o de intelectual é polissêmico e bastante controverso, esta, evidentemente, é apenas uma dentre várias outras definições que circulam tanto no meio acadêmico quanto social, que me pareceu bastante pertinente.

²⁶ JEANNELLE, Jean-Louis. Les mémoires comme “institution de soi”. In: KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.L.; STRASSER, A. **(Re)découvrir l’oeuvre de Simone de Beauvoir**; du “Deuxième sexe” à “La cérémonie des adieux”. Paris: Le bord de l’eau, 2008, pp. 73 – 83, pp. 82 - 83. “L’une des seules peut-être, Beauvoir a su faire de ses Mémoires le lieu d’une véritable institution de soi : alors qu’un récit de Vie majuscule confirme d’ordinaire un prestige dont l’auteur jouit d’emblée du fait de ses prérogatives sociales ou de son parcours historique, l’auteur de La Force de l’âge et de La Force des choses s’est, par son récit mémorial, conféré un statut que ses actes n’auraient peut-être pas suffi à lui accorder. C’est en quelque sorte la publication même de deux tomes de 1960 et de 1963 qui a peu à peu conduit la mémorialiste à incarner publiquement cette identité socioculturelle qu’elle projetait dans ses écrits, [...] En mettant en scène la vie non-conformiste du couple qu’elle forme avec Sartre et en inscrivant la promotion de l’existencialismo dans le cadre de l’histoire politique et culturelle du pays, la mémorialiste a donné corps à une puissante figure de l’intellectuel engagé, représenté de manière édifiante par le couple ‘Sartrebeauvoir’.” Jeannelle é maître de conferência na Universidade Sorbonne de Paris IV, especialista em literatura francesa no século XX.

Acredito que as autobiografias de Beauvoir tenham, de algum modo, reforçado sua imagem de intelectual, mas discordo de Jeannelle, quando afirma que, sem a publicação destes textos, provavelmente, Beauvoir não seria socialmente reconhecida enquanto tal. Segundo sua biógrafa Deirdre Bair, no final da Segunda Guerra Mundial e no período subsequente - portanto, muito antes da publicação de suas autobiografias - Beauvoir e Sartre formavam um casal emblemático da intelectualidade francesa:

Eles tinham se tornado as personalidades mais em vista da França intelectual [...]. Desempenhavam uma infinidade de papéis, além daquele que havia permeado seus sonhos – o casal de escritores cuja obra influenciava a sociedade na qual viviam. Faziam então figura de filósofos, de teóricos políticos e de árbitros desta sociedade.²⁷

Em 1992, o historiador inglês Tony Judt ressaltaria que os nomes de Beauvoir e Sartre, entre outros, como os de Raymond Aron, François Mauriac, Maurice Merleau-Ponty e Albert Camus, formavam as vozes dominantes nos anos do pós-guerra:

Eles controlaram o território cultural, definiram os termos do discurso público, moldaram os preconceitos e a linguagem de sua audiência. Sua maneira de serem intelectuais refletiu e reforçou, por extensão, a autoimagem da comunidade intelectual, inclusive a dos membros que discordavam deles.²⁸

A influência destas figuras não se restringia ao território francês, mas tinha um alcance considerável em boa parte do globo; consagraram-se, segundo o historiador, como “grandes bastiões da *intelligentsia* mundial”.

Em 1947, Beauvoir foi convidada a viajar para os Estados Unidos, sob o patrocínio do Serviço de Relações Culturais do Governo Francês, com o objetivo de realizar uma série de conferências em diversas universidades, durante quatro meses. Em fevereiro, concedeu uma entrevista ao **New Yorker**. A reportagem reforçava a imagem de Beauvoir como uma das principais figuras da intelectualidade francesa da época. No texto, conta-se que em Paris ela era vista como a versão intelectual feminina de Sartre, com quem, diariamente, tinha “conversas intelectuais”. Beauvoir também recebeu, nesta ocasião, o título de existencialista “número 2”, bem como o da sua mais linda porta-voz. O leitor é informado que, antes de se

²⁷ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. Trad. Marie-France de Paloméra. Paris: Fayard, 1991, p. 367.

²⁸ JUDT, Tony. **Passado imperfeito**; um olhar sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra. Trad. Luciana Persice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1992], p. 25.

tornar escritora, Beauvoir havia sido “professora de existencialismo” nos liceus franceses.²⁹ A insistência nos termos “intelectual” e “existencialismo” não era gratuita: a “moda” existencialista surpreendia até mesmo seus supostos inventores, apontados por boa parte da imprensa como responsáveis pela criação de um novo modo de ser, fundamentado, entre outras coisas, na distinção intelectual. Exasperado, Sartre chegou a declarar em certo momento que não sabia o que era o existencialismo:

Esta palavra doravante estava automaticamente ligada às obras de Sartre e às minhas. Ao longo de um colóquio organizado durante o verão [de 1945] pelas edições *du Cerf* – ou seja, pelos Dominicanos - Sartre recusou que Gabriel Marcel lhe aplicasse esta etiqueta: “Minha filosofia é uma filosofia da existência; o existencialismo, eu não sei o que é.” Eu compartilhava sua irritação. Havia escrito meus romances antes mesmo de conhecer este termo, me inspirando em minha experiência e não em um sistema. Mas protestamos em vão. Terminamos por retomar do nosso modo o epíteto que todo mundo usava para nos designar.³⁰

Estando seu nome estreitamente ligado ao existencialismo, Beauvoir possuía um lugar assegurado no meio intelectual francês muito antes da publicação de suas autobiografias. Entretanto, estas narrativas indiscutivelmente contribuíram para divulgar os tipos de atividades com os quais se envolveu e para esclarecer os posicionamentos que assumiu enquanto intelectual, e, certamente, a autora fez isto exaltando a figura do casal “Sartrebeauvoir”. Em boa parte de seu texto, Beauvoir costuma falar na primeira pessoa do plural, evocando um posicionamento, com muita frequência, gemelar entre ambos.³¹ Eram, todavia, iguais na diferença: Beauvoir salientava, sempre que possível, a preponderância intelectual de Sartre. Sobre o período em questão, estas foram as palavras da autora:

²⁹ **New Yorker**. The talk of the town. 22/2/1947, pp. 19 – 20. “Last week, we had a talk with Simone de Beauvoir, the French novelist, playwright, and No. 2 Existentialist, (...). Aware that Mlle de Beauvoir is regarded in Paris as the female intellectual counterpart of Jean-Paul Sartre, we were all set for a grim half hour. Well, surprise! Mlle de B. is the prettiest Existentialist you ever saw (...). She lives in a Left Bank hotel, gets up at eight, and repairs to either the Café de Deux Magots or the Flore and writes for four hours. She spends the rest of the day eating with or talking to such friends as Sartre and Michel Leiris, an Existentialist poet whom she thinks highly of. ‘We have intellectual conversations’, she said to us, with a sweet smile in which we detected no trace of pity.”

³⁰ **La force des choses I**, p. 60. “Ce mot désormais était automatiquement accolé aux oeuvres de Sartre et aux miennes. Au cours d’un colloque organisé pendant l’été par les éditions du Cerf – c’est à dire par les Dominicains - Sartre avait refusé que Gabriel Marcel lui appliquât cette étiquette : ‘Ma philosophie est une philosophie de l’existence ; l’existentialisme, je ne sais pas ce que c’est.’ Je partageais son agacement. J’avais écrit mes romans avant même de connaître ce terme, en m’inspirant de mon expérience et non d’un système. Mais nous protestâmes en vain. Nous finîmes par reprendre à notre compte l’épithète dont tout le monde usait pour nous désigner.”

³¹ Comentei isto no tópico “O culto do nós” no primeiro capítulo e na última parte do segundo.

O tumulto que provocamos nos surpreendeu. De repente, como se vê em certos filmes a imagem escapar de seu quadro e invadir a tela inteira, minha vida transbordou suas antigas fronteiras. Fui projetada na luz pública. Minha bagagem era leve, mas associavam meu nome ao de Sartre, a quem a celebridade apanhou brutalmente. Não se passava semana sem que falassem de nós nos jornais. [...] Por todo canto apareciam ecos sobre nossos livros, sobre nós. Nas ruas, fotógrafos nos metralhavam, pessoas nos abordavam. [...] Mas divertia-me ver meu nome nos jornais e durante algum tempo, o barulho feito em torno de nós, meu papel de “figura bem parisiense” me distraíam. Por outro lado também me desagradava. A suscetibilidade não me sufocava; que me chamassem “la grande Sartreuse” ou “Notre-Dame de Sartre” me fazia rir; mas alguns olhares masculinos me machucavam; eles ofereciam uma cumplicidade crapulosa à mulher existencialista, por conseguinte, desviada, que eu era. [...] Enfim, neste momento a maledicência apenas me arranhava e eu aproveitava minha fresca notoriedade. Ela não me surpreendia: parecia-me normal que a liberação ao transformar o mundo mudasse minha vida. Também não a exagerava: ela era muito franzina, comparada à de Sartre. Eu constatava esta distância sem inveja, pois gostava demais dele para invejá-lo, e por que eu a considerava justificada. Não sentia nem o lamento de não ter merecido mais: meu primeiro livro só tinha dois anos, não era tempo de colocar um ponto final. Eu tinha o futuro, confiava nele.³²

Beauvoir co-fundou, ao lado de Sartre, a revista francesa sobre atualidades de maior importância do pós-guerra, **Les temps modernes (T.M.)**, cujo primeiro número foi publicado em outubro de 1945. Como membro do comitê de direção, Beauvoir tomou parte ativa nas decisões referentes à linha editorial da revista, que era bastante abrangente: “ao lado dos artigos sobre política, literatura, sociologia e psicanálise, havia uma coluna humorística de Boris Vian, artigos autobiográficos de gente de todos os níveis (uma prostituta, um ladrão e assim por diante) e artigos sobre as últimas novidades em matéria de jazz, literatura e cinema dos Estados Unidos.”³³

³² BEAUVOIR, Simone de. **La force des choses I**. Paris: Gallimard, 2002b, p. 61 e p. 71. “Le tumulte que nous soulevâmes nous surprit. Soudain, comme on voit dans certains films l’image échappant à son cadre envahir le grand écran, ma vie déborda ses anciennes frontières. Je fus projetée dans la lumière publique. Mon bagage était léger, mais on associa mon nom à celui de Sartre que brutalement la célébrité saisit. Il ne se passait pas de semaine sans qu’on parlât de nous dans les journaux. [...] Partout paraissaient des échos sur nos livres, sur nous. Dans les rues, des photographes nous mitraillaient, des gens nous abordaient. [...] Mais ça m’amusait de voir mon nom dans les journaux et pendant quelque temps, le bruit fait autour de nous, mon rôle de ‘figure bien parisienne’ me divertirent. Par bien des côtés aussi il me déplaisait. La susceptibilité ne m’étouffait pas ; qu’on m’appelât ‘la grande Sartreuse’ ou ‘Notre-Dame de Sartre’ j’en riais ; mais certains regards masculins me blessaient ; ils offraient une complicité crapuleuse à la femme existentialiste, donc dévoyée, que j’étais. [...] Enfin, à ce moment-là la malveillance m’égratignait à peine et je profitai de ma fraîche notoriété. Elle ne m’étonnait pas : il me paraissait normal que la libération en transformant le monde eût changé ma vie. Je ne me l’exagérais pas non plus : elle était très mince, coparée à celle de Sartre. Je constatais cette distance sans envie, parce que je tenais trop à lui pour le jalouser, et que je la trouvais justifiée. Je n’éprouvais même pas le regret de n’avoir pas mérité davantage: mon premier livre n’avait que deux ans, il n’était pas temps de tirer un trait. J’avais l’avenir, je lui faisais confiance. ”

³³ ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 204.

Provavelmente, a revista foi o meio através do qual ela encontrou mais condições favoráveis para disseminar suas ideias naquele momento. Devido às frequentes viagens de Sartre, o então editor-chefe, Beauvoir assumiu por certo tempo a dianteira da **T.M.**, que se tornava cada vez mais conhecida:

Graças ao renome de Sartre e à querela que provocou sua teoria do engajamento, ela [**T.M.**] teve numerosos leitores; ela se esforçava por refletir uma época que tinha vontade de se conhecer e seu sucesso persistiu. [...] Tudo neste mundo é um sinal que remete a tudo: nossa originalidade estava em procurar fatos anódinos e reveladores. De outro lado, pela escolha dos textos, pela orientação dos artigos, esperávamos influenciar nossos contemporâneos. E também era-nos útil ter ao alcance das mãos o meio de dizer sem demora nossas impaciências, nossas surpresas, nossas adesões. [...] Naquele período de renascimento, tateante, efervescente, havia incessantemente questões que eram levantadas, desafios a serem rebatidos, erros a serem retificados, mal-entendidos a serem dissipados, críticas a serem rechaçadas. Poucas obras, poucas revistas eram publicadas: nossas polêmicas de intelectuais tinham a intimidade, a urgência e o calor das querelas de famílias.³⁴

De fato, a década seguinte ao final da Segunda Guerra foi um período borbulhante e bastante conturbado em boa parte do mundo. Na França, país que ocupava um lugar de referência em várias esferas - na cultura, na política, na produção intelectual, etc. -, não foi diferente. A segunda metade do século começava em meio ao turbilhão que representou a Quarta República Francesa. Marilena Chauí oferece um panorama do período:

Marcada pelas lutas anticoloniais (Tunísia, Argélia, Indochina), a época vê o desmantelamento da Action Française, católica fascista, e o crescimento da democracia cristã; e a numerosa presença, no parlamento, ministérios e prefeituras, da esquerda que passa da aliança com De Gaulle (vinda da Resistência) à oposição ao gaullismo. Este é responsável pelo fim da velha direita e o surgimento da moderna, com o conservadorismo liberal, a tecnocracia e o novo patronato. À direita, De Gaulle procura, contra ultraconservadores e comunistas, uma "terceira força", formada com liberais e cristãos; à esquerda, busca-se uma "terceira via", opondo-se ao comunismo, aos católicos de todos os matizes e ao americanismo. No plano internacional, além das crises coloniais francesas, é o momento da discussão e implantação do Plano Marshall e do Pacto Atlântico, da Guerra da Coreia,

³⁴ **La force des choses I**, pp. 72 – 73. “Grâce au renom de Sartre et à la querelle que provoqua sa théorie de l’engagement, elle eut de nombreux lecteurs ; elle s’efforçait de refléter une époque qui avait envie de se connaître et son succès dura. [...] Tout en ce monde est un signe qui renvoie à tout : notre originalité était de rechercher des faits anodins et révélateurs. D’autre part, par le choix des textes, par l’orientation des articles, nous espérions influencer nos contemporains. Et aussi il nous était très utile d’avoir à portée de main le moyen de dire sans délai nos impatiences, nos surprises, nos adhésions. [...] En cette période de renaissance, tâtonnante, bouillonnante, il y avait sans cesse des questions qui se posaient, des défis à relever, des erreurs à rectifier, des malentendus à dissiper, des critiques à repousser. Peu d’ouvrages, peu de revues paraissaient : nos polémiques d’intellectuels avaient l’intimité, l’urgence et la chaleur des querelles des familles.”

do macarthismo, da morte de Stálin e subida de Krushev, com a primeira denúncia pública soviética do stalinismo.³⁵

A possibilidade de uma nova guerra mundial, responsável pela destruição da humanidade, assombrava os dias de muita gente. Exemplo disto nos dá a própria Beauvoir ao contar um episódio da sua vida: em 1952, ela sentiu um caroço no seio direito. Assustada, imediatamente, lembrou da agonia de Lucienne Baudin, antiga responsável pela datilografia de seus manuscritos, que morrerá após uma série inútil de tratamentos traumáticos para superar um câncer de mama. O nódulo se revelaria benigno, mas até saber disso, Beauvoir penou e buscou conforto em Sartre: “as consolações que ele me propunha mostram bem as nuvens carregadas que pesavam sobre o futuro: na pior hipótese, eu podia contar com cerca de doze anos de vida; daqui a doze anos, a bomba atômica já haveria liquidado a todos nós.”³⁶

Todavia, mais do que a ameaça mortal representada pela Guerra Fria, era, sobretudo, a posição adotada face à política comunista que motivava a maior parte dos conflitos entre a intelectualidade. De acordo com Tony Judt, a questão do comunismo, ou seja, “sua prática, seu sentido, suas reivindicações face ao futuro, dominou os debates políticos e filosóficos”³⁷ do período e foi o principal motivo dos embates de então. Não foi diferente nas muitas disputas que envolveram a *intelligentsia* de Saint-Germain-des-Prés. Apesar de suscitadas pela política soviética, não raro, estas desavenças tomavam um caráter mais pessoal, quando passava a ser mais importante desconstruir os argumentos apresentados pelos colegas do que analisar a prática comunista.³⁸

O ambiente intelectual efervescente, no seio do qual a T.M. surgiu, abrigava alguns dos mais expressivos adversários de Beauvoir. Muitas das desavenças eclodiram em razão do vórtice comunista, mas este não foi o único motivo. Nas suas autobiografias, a autora reservou um espaço considerável para comentar algumas destas relações, baseadas em certa dissonância intelectual e também pessoal. O ato de descrever “estes outros” e as razões de seus eventuais conflitos revelava-se como mais uma oportunidade para a autora de evidenciar sua própria singularidade, mostrando por oposição quem ela era ou como desejava ser percebida.

³⁵ CHAUI, Marilena. A era existencialista. **Folha de São Paulo**; Mais. São Paulo, 14 ago. 1994. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>. Acesso em: 25/11/2010.

³⁶ **La force des choses I**, p. 351. “Les consolations qu’il me proposa montrent bien quelle nuées pesaient sur l’avenir: dans le plus mauvais cas je pouvais compter sur environ douze ans de vie ; d’ici douze ans, la bombe atomique nous aurait tous liquidés.”

³⁷ JUDT, Tony. **Passado imperfeito**, p. 11.

³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 170, p. 331, p. 360.

Salientarei a relação que Beauvoir desenvolveu com dois destes intelectuais: Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961) e Albert Camus (1913 – 1960). Escolhi precisamente estes nomes pela relevância que tiveram na existência de Beauvoir, assim como na sua respectiva narrativa. Pelo carácter prioritariamente introspectivo da escrita autobiográfica, tiveram um destaque maior no seu texto, as pessoas com quem Beauvoir se relacionou também do ponto de vista privado e não apenas público. Este foi o caso tanto de Merleau-Ponty como de Camus. Ainda que suas duas últimas autobiografias, **A força das coisas** e **O balanço final**, enfatizem mais do que as anteriores a configuração histórica, Beauvoir nunca deixou de lado os aspectos predominantemente pessoais da sua inserção social.³⁹ Por isso mesmo, abordou sua relação com estes autores a partir dos dois aspectos: público e, sempre que possível, privado.

Durante certo tempo, tanto Merleau-Ponty como Camus foram bastante íntimos de Beauvoir. Em certo momento, todavia, a proximidade cedeu lugar ao estranhamento, colocando-os em terreno adverso. Ela tomou um especial cuidado para construir e apresentar o perfil destes colegas e explicar o que os separava. Todos dois tinham um laço significativo com Sartre; em certas ocasiões, pode-se dizer que até mesmo mais forte do que a ligação com Beauvoir. Na verdade, muitos dos desentendimentos explodiram por questões relacionadas a Sartre e que não envolviam diretamente Beauvoir. Mas, como já mencionei exaustivas vezes, ela sempre assumiu como problema seu, todo conflito que afetava Sartre de maneira mais incisiva. Além do mais, como veremos com maiores detalhes adiante, os desacordos tinham motivações que iam além das questões ligadas a Sartre.

Se, do ponto de vista do que aconteceu publicamente, as dissensões ocorridas puderam ser expostas e explicadas por ambas as partes, Beauvoir foi a primeira e, na maioria das vezes, a única a comentá-los a partir do foro íntimo, do dia-a-dia, das características e dos comportamentos privados. Não por gosto de fofocas, frisa ela, mas por entender que os aspectos pessoais, cotidianos, desempenham um papel importante quando se trata de explicar e de compreender um ser humano e as relações que se estabelecem entre os sujeitos, afinal, como bem lembra o historiador Jean-François Sirinelli:

Sem reduzir o estudo dos intelectuais ao de um triângulo mágico situado entre o Sena e as ruas do “Quartier Latin”, o diz-que-diz que aí corre sobre a saúde, os amores, as evoluções políticas, as adesões e as defecções, as rupturas e os reencontros, as bruscas conversões e as ilusões perdidas, é um objeto de história, na medida em que esses elementos influem – às vezes –

³⁹ **La force des choses I**, p. 8.

no funcionamento desse ecossistema que é a *intelligentsia*. E isto sem precisar afirmar “que está na essência da *intelligentsia* acreditar em certos rumores”.⁴⁰

3.1.1. Merleau-Ponty, um moço demasiadamente bem-comportado

Beauvoir e Merleau-Ponty conviveram cerca de trinta anos antes que ela explicitasse sua hostilidade em relação ao colega. Nunca chegaram a um rompimento definitivo, mas, sobretudo a partir de 1955, ficou claro que estavam em campos mais do que diferentes, quase opostos.

Ambos nasceram em 1908 (ela em nove de janeiro, ele em quatorze de março) e se conheceram quando tinham dezenove anos, em 1927. Na ocasião, acabavam de ser aprovados nos exames para o curso de filosofia geral, na Sorbonne. Beauvoir ficou em segundo lugar, depois de Simone Weil e antes de Merleau-Ponty, que, em tom de brincadeira, dizia-se vexado por ter sido vencido por duas mulheres. Rapidamente, uma amizade se inicia entre os dois. No diário que mantinha no período, Beauvoir menciona este encontro e destaca a imediata empatia que sentiu por ele. Nas suas anotações dos dias 16 e 17 de julho de 1927, poucos dias depois de terem se conhecido, encontram-se os seguintes comentários:

Pensando ainda mais em Merleau-Ponty que encontrei ontem na [Escola] Normal e com quem acabei de conversar deliciosamente durante duas horas no Luxembourg. Oh! Como terá sorte a mulher deste rapaz jovem, franco, simples, tão alegre e tão sério! [...] Sonhando com este rapaz mais aplicado [do que Jacques, seu primo, por quem então estava apaixonada], menos puramente emotivo e, todavia, sensível, deste rapaz tão simpático [...]. Ainda durante todo o dia de hoje, pensei neste camarada tão encantador com quem imediatamente me senti no mesmo nível e calma. Como a vida tem outra ‘cara’ conforme uma ou outra pessoa ocupe seu centro!⁴¹

Nas páginas seguintes, poucas são as que não contêm alguma referência calorosa ao amigo. Quando distantes geograficamente, Beauvoir se preparava para as próximas conversas, anotando os possíveis temas. Apesar de todo o afeto, o temperamento racional e tranquilo de

⁴⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 252. Sobre as afirmações de Beauvoir, cf. prólogos de **La force de l’âge** e de **La force des choses**.

⁴¹ BEAUVOIR, Simone de. **Cahiers de jeunesse**; 1926 – 1930. Paris: Gallimard, 2008, p. 370. “Pensé bien plus encore à Merleau-Ponty que j’ai rencontré hier à Normale et avec qui je viens de causer délicieusement pendant deux heures au Luxembourg. Oh ! qu’elle aura de la chance la femme de ce garçon jeune, franc, simple, si gai et si sérieux ! [...] Rêvant de ce garçon plus appliqué, moins purement émotif et sensible pourtant, de ce garçon si sympathique [...] Tout aujourd’hui encore, j’ai pensé à ce camarade si charmant avec qui tout de suite j’ai été de plain-pied et calme. Comme la vie a une autre ‘tête’ suivant que tel ou tel être en fait le centre!”

Merleau-Ponty costumava deixá-la inquieta, acostumada que estava aos arroubos. Ao mesmo tempo, a sensatez dele também a fazia desejar esta suposta paz de espírito:

Quando escrever a Ponty, explicar-lhe-ei o seguinte: que pareço com o cavalo selvagem que deixam cansar-se a seu bel-prazer em galopes desenfreados até que enfim com o freio nos dentes, ele seja ao mesmo tempo ardente e disciplinado, mas o cansaço do cavalo foi em vão e ele foi finalmente vencido; enquanto minha corrida fervorosa na vida me enriqueceu. [...] Eis o defeito de Ponty: ele permaneceu um estudante escolar, é disciplinado de acordo com as regras exteriores: não é violento; o reino de Deus é para os violentos. Ele é bem-comportado. Prepara calmamente seus exames, é indulgente com cada um, avança prudentemente. Sinto-me tão outra! [...] Como minha vida seria tranquila, feliz, ao lado de Ponty! Sem amor fervoroso, sem admiração, sem uma total compreensão pois sou tão mais velha (moralmente) do que ele, mais complexa e difícil, mas uma paz sem desejo de outra coisa, uma estima certa, uma fina timidez. Não, não o ‘amo’, mas o que é amar afinal de contas? Sentir-se dominada. É muito tarde agora, não posso mais sentir-me dominada.⁴²

Como ficaria mais claro nas anotações dos meses seguintes, entre Beauvoir e Merleau-Ponty, nunca se tratou de um romance. Conforme mencionei no capítulo anterior, ele viria a ter um relacionamento amoroso com a melhor amiga de Beauvoir, Zaza.⁴³ Foi justamente o desencadeamento trágico deste namoro que tornou pouco a pouco o velho amigo num outro. Após o falecimento de Zaza, Beauvoir e Merleau-Ponty não mantiveram os laços estreitos de amizade, embora ele não soubesse durante décadas que ela o responsabilizava em parte pela morte da amiga.

Foi por iniciativa de Sartre, quando, libertado da sua condição de prisioneiro alemão, voltou a Paris em 1941, que eles se reaproximaram. Sartre procurava outros intelectuais para organizar um grupo de resistência à ocupação alemã e entrou em contato com Merleau-Ponty.⁴⁴ O grupo “Socialismo e Liberdade” durou pouco, mas Merleau-Ponty foi chamado alguns anos depois para fazer parte do comitê editorial de **Les temps modernes**, e se mostrou um dos seus colaboradores mais ativos durante sete anos, sobretudo na área da política.

A amizade íntima entre Beauvoir e Merleau-Ponty não existia mais, no entanto, havia um importante projeto coletivo: a revista. Intelectualmente, eram bastante próximos. Foi quando a distância se instalou em ambas as dimensões, privada e pública, que Beauvoir

⁴² Ibid., pp. 388 – 389. Nas anotações feitas muitos anos depois, à margem das páginas deste diário, Beauvoir escreveria sobre a última frase: “Que desmentido! 1929”. (Ibid, p. 389, grifo da autora, “Quel démenti! 1929.”) Referia-se, claro, ao seu encontro com Sartre, ao lado de quem sempre afirmou sentir-se subjugada intelectualmente.

⁴³ Cf. 2.2.5.

⁴⁴ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**, pp. 290 – 295. Cf. igualmente o tópico 1.2.3 desta tese.

decidiu trazer à tona, com uma virulência difícil de entender quando se desconhecem todas as suas motivações.

3.1.1.1. Engajamento e amizade

As primeiras dissensões do período – início da década de 1950 - ocorreram entre Merleau-Ponty e Sartre, motivadas, principalmente, pela posição que adotaram face à política comunista. Até então, ambos haviam sido bastante próximos nas suas escolhas; optando por apoiar, ainda que criticamente, o regime.

Sartre e Merleau-Ponty, muito mais do que Beauvoir, tinham interesse em organizar um trabalho em equipe com os comunistas desde o final da guerra. Beauvoir mostrava-se mais preocupada em cumprir seu projeto original, “saber e expressar”: “o engajamento, no final das contas, não é nada além da presença total do escritor na escrita”, diz ela.⁴⁵ De todo modo, demonstrava bastante interesse em acompanhar, sem maiores envolvimento, as atividades políticas dos colegas. Chega a se perguntar, em dado momento, que caminho teria escolhido, caso não fosse ligada a Sartre - concluiu que, de qualquer maneira, seria “próxima dos comunistas, certamente, por horror a tudo que eles combatiam: todavia eu amava demais a verdade para não exigir poder procurá-la livremente: eu nunca entraria no P.C.”⁴⁶

Por um bom tempo, Sartre manteve-se mais moderado do que Merleau-Ponty na defesa do comunismo. Em 1946, Merleau-Ponty dedicou-se a uma série de artigos (reunidos posteriormente no livro, **Humanismo e terror**), cujo principal objetivo era a ponderação sobre os supostos excessos cometidos pela URSS: não seria a violência inerente a qualquer sistema político? Como, discordando disto, explicar a desigualdade social ou o colonialismo impostos pela política estadunidense? De que maneira então seria possível condenar apenas a violência da URSS? Afinal de contas, o regime comunista era o único naquele momento que oferecia a possibilidade de um dia fazer o humanismo desabrochar. Caberia, segundo o autor, apenas à história dizer se os fins atingidos não justificavam todos os meios empregados.⁴⁷ Enquanto isto, Sartre, em **Que é a literatura**, condenava duramente o comunismo stalinista. Ao comentar a situação do escritor naquele ano de 1947, afirma:

⁴⁵ Sobre o projeto original de Beauvoir, cf. o segundo capítulo. **La force des choses I**, p. 65. “ L’engagement, somme toute, n’est pas autre chose que la présence totale de l’écrivain à l’écriture.”

⁴⁶ **La force des choses I**, p. 70.

⁴⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Humanisme et terreur**; essai sur le problème communiste. Paris: Gallimard, 1947.

Caso se pergunte hoje se o escritor deve, para atingir as massas, oferecer os seus serviços ao partido comunista, respondo que não; a política do comunismo stalinista é incompatível com o exercício honesto do ofício literário: um partido que planeja a Revolução não deveria ter nada a perder; ora, para o PC, há alguma coisa a perder e alguma coisa a poupar: como seu objetivo imediato não é mais estabelecer pela força a ditadura do proletariado, mas salvaguardar a Rússia em perigo, o partido apresenta hoje um aspecto ambíguo: progressista e revolucionário na doutrina e nos fins professados, tornou-se conservador nos meios; antes mesmo de tomar o poder, adota a postura de espírito, os raciocínios e artifícios daqueles que, já estando há muito tempo no poder, sentem que este lhes escapa e querem conservá-lo. [...] Compare esta frase de Joseph de Maistre: "A mulher casada é necessariamente casta" com esta outra de um correspondente de L'Action: "O comunista é o herói permanente do nosso tempo". Que há heróis no partido comunista, sou o primeiro a reconhecer. Mas então a mulher casada jamais demonstra fraqueza? "Nunca, pois ela se casou diante de Deus." E basta entrar no partido para se tornar herói? "Sim, porque o PC é o partido dos heróis." E se por acaso se mencionar o nome de um comunista que alguma vez falhou? "É porque não era um verdadeiro comunista."⁴⁸

Em janeiro de 1950, assinaram juntos o artigo **Les jours de notre vie**, escrito por Merleau-Ponty, que denunciava mais uma vez o abuso representado pelos campos de trabalho forçado da URSS.⁴⁹ Era possível perceber que Merleau-Ponty, pouco a pouco, começava a rever seu posicionamento. Nas entrelinhas de seus textos, ele deixava implícita a ideia de que talvez o comunismo soviético fosse apenas uma forma diferente, mais burocrática do que o capitalismo, de continuar dominando e explorando os povos.⁵⁰

Como lembra Sallenave, antes de serem caracterizados como comunistas, muitos dos intelectuais franceses do pós-guerra, entre os quais se incluíam Sartre, Merleau-Ponty e Beauvoir, deveriam ser lembrados como “antianticomunistas”.⁵¹ Não era a ausência de críticas à prática comunista que fazia com que eles apoiassem a mesma, mas a existência de um adversário em comum: a dominação e exploração burguesa, muito bem representadas pelo

⁴⁸ SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004, pp. 188 – 189. **Action** era um jornal de orientação comunista. Cf. também **La force des choses I**, p. 193.

⁴⁹ Ainda era um balanço tímido: havia alguns equívocos de ordem prática no sistema comunista, mas o ideal marxista ainda estava preservado.

⁵⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice. Communisme et anticommunisme. In: **Les Temps modernes**, n: 34, 1948. Cf. RAFLIN, Marie-France. “**Socialisme ou barbarie**”; du vrai communisme à la radicalité. 2005, 1267f. (Doutorado em ciência política). Institut d'études politiques de Paris, Paris, 2005, p. 132. Disponível em: http://ecoledoctorale.sciences-po.fr/theses/theses_en_ligne/raflin_scpo_2005/Raflin_scpo_2005.pdf. Acesso em: 17/11/2010.

⁵¹ SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre.**, pp. 296 – 297. Segundo a autora, Sartre e Beauvoir mostraram-se bastante radicais neste ponto, não conseguindo distinguir duas categorias assaz diversas de anticomunistas: “os defensores e aproveitadores de uma ordem social, desigual, preocupados unicamente com lucro, e as vítimas do ‘comunismo real’, abandonadas à sua resistência solitária e desesperada nos países ‘de onde vinha o frio’.” (“les défenseurs et les profiteurs d’un ordre social, inégalitaire, uniquement soucieux de profit, et les victimes du ‘communisme réel’, abandonnées à leur résistance solitaire et déses pérée dans les pays ‘d’où venait le froid’.”). Grifo da autora.

imperialismo estadunidense. Como epígrafe de um de seus capítulos, Tony Judt escolheu uma citação de Roger Stéphane (1919 - 1994), co-fundador do semanário **L'observateur**, bastante emblemática deste posicionamento: “um homem pode entrar para o Partido Comunista sem concordar com a sua doutrina, nem com os seus meios, por simples desejo de romper, de cortar os elos com a burguesia, de se sentir ligado a uma classe.”⁵² Nem Beauvoir, nem Sartre, nem Merleau-Ponty se filiaram ao Partido Comunista, mas, em certo momento, apostaram no mesmo como uma das melhores formas de organização para combater o imperialismo estadunidense e promover a igualdade entre os povos. “As massas marchavam atrás do P.C.”, diz Beauvoir a respeito do papel do partido no pós-guerra, “o socialismo só podia triunfar através dele [...]. Nenhuma reticência atrapalhava a amizade que tínhamos pela URSS; os sacrifícios do povo russo tinham provado que seus dirigentes encarnavam sua própria vontade.”⁵³

Merleau-Ponty apostou no P.C. logo após o final da Segunda Guerra e, algum tempo depois, retirou completamente seu apoio tanto ao Partido, quanto ao regime soviético como um todo. Sartre fez o caminho inverso: de crítico desconfiado passou a defensor exaltado do comunismo entre os anos de 1952 e 1956. Seu longo artigo, **Les communistes et la paix**, publicado na **T.M.** entre os anos de 1952 e 1954, confirmava seu novo posicionamento:

“Em linguagem eclesiástica, foi uma conversão”, dirá o próprio Sartre; ele participa a boa notícia em forma de silogismo: o proletariado é o único agente histórico que traz em si o fim da exploração e uma nova sociedade; a classe operária entregue a si mesma não existe, ela só se torna proletariado pelo Partido Comunista e exclusivamente por ele; devemos associar Partido Comunista a proletariado e seguir sua política como a única possível.⁵⁴

Em 1952, Merleau-Ponty se despediu da **T.M.** e assumiu uma cadeira no prestigioso Collège de France. A saída da revista não foi exatamente pacífica, como explicou Sartre anos depois: um marxista se propôs a escrever um texto sobre as contradições do capitalismo. Quando o autor entregou o texto, Sartre se encontrava ausente e foi Merleau-Ponty, redator-chefe, que o recebeu. Decidiu fazer uma curta apresentação para o artigo, na qual, convidava o autor, numa próxima oportunidade, a analisar também as contradições do socialismo.

⁵² JUDT, Tony. **Passado imperfeito.**, 2007, p. 283. **L'Observateur** revelou-se como um dos mais importantes jornais da França até os dias atuais. A partir de 1964, passou a se chamar **Le Nouvel Observateur**.

⁵³ **La force des choses I**, p. 18. “Les masses marchaient derrière le P.C.; le socialisme ne pouvait triompher que par lui; [...] Aucune réticence ne gênait l'amitié que nous portions à l'URSS; les sacrifices du peuple russe avaient prouvé que dans ses dirigeants s'incarnait sa propre volonté.”

⁵⁴ WINOCK, Michel. Trad. Eloá Jacobina. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 639.

Quando retornou às suas funções, Sartre foi avisado do ocorrido por um dos colaboradores da revista e, sem conseguir entrar em contato com Merleau-Ponty, por sua vez fora da cidade, decidiu publicar o texto sem a apresentação: “Adivinha-se o resto e que Merleau, após alguns dias, de posse da boneca da revista, percebeu que seu texto havia sido suprimido e recebeu isto muito mal. [...] Ele não apareceu mais na **Temps Modernes** e nunca mais se ocupou dela.”⁵⁵

Merleau-Ponty havia desistido de fazer análise da conjuntura atual. Sartre o acusou então de pregar o apolitismo e de servir aos interesses da direita: “a crítica que lhe faço, e que é bem mais severa, é por você abdicar, em circunstâncias nas quais tem de decidir como homem, como francês, como cidadão e como intelectual, valendo-se da filosofia enquanto álibi”.⁵⁶ Merleau-Ponty explicaria suas escolhas:

Decidi, desde a guerra da Coreia, [...] não escrever mais sobre os acontecimentos à medida que eles se apresentam. Isto, por razões que dizem respeito à natureza mesma desta época, e também por outras razões que são permanentes. Deixemos estas últimas de lado. Elas não são decisivas.⁵⁷ O engajamento em cada acontecimento isoladamente torna-se, em período de tensão, um sistema de “má fé”... [...] o mais das vezes, o acontecimento só pode ser apreciado no quadro global de uma política que lhe muda o sentido, e seria artificioso e astucioso requerer o julgamento sobre cada ponto separado de uma política, em vez de considerá-la na sua ordem e em sua relação com a do adversário: isso permitiria fazer engolir no varejo o que não seria aceito no atacado, ou, ao contrário, em tornar odioso, pela soma de pequenos fatos verdadeiros, aquilo que, visto em conjunto, está na lógica da luta.⁵⁸

Enquanto Sartre acusava Merleau-Ponty de não se engajar; Merleau-Ponty acusava Sartre de fazer um engajamento no escuro, sem uma análise séria da realidade, buscando apenas a sensação de participar da história. Em 1955, Merleau-Ponty publicou o livro **As**

⁵⁵ SARTRE, Jean Paul. Merleau-Ponty vivant. In: **Les Temps Modernes**. Paris: Gallimard, 1961, n°184-185. “On devine le reste et que Merleau, quelques jours plus tard, reçut les justificatifs de la revue, s’aperçut qu’on avait supprimé son texte et prit la chose au plus mal (...) Il ne parut plus aux **Temps Modernes** et plus jamais ne s’en occupa.”

⁵⁶ SARTRE, Jean-Paul. Carta a Merleau-Ponty, 07/1953. A correspondência do mês de julho de 1953 entre Merleau-Ponty e Sartre foi originalmente publicada em 1994, pela revista **Magazine Littéraire**. No mesmo ano, o jornal **Folha de São Paulo**, no suplemento **Mais**, publicou as cartas, com tradução de Renato Janine Ribeiro e comentários de Marilena Chauí. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha> . Acesso em: 25/11/2010.

⁵⁷ É o próprio Merleau Ponty quem puxa uma nota explicativa neste momento de sua carta: “Escrever sobre o acontecimento cotidiano, para quem não pertence a um partido (e mesmo quem, embora filiado a um partido, tem a inclinação filosófica), ao mesmo tempo exige e bloqueia a elaboração de seus princípios. Seu comentário sobre o dia 28 de maio fez que você desejasse escrever seu livro sobre a História, mas impede-o, ainda, de começá-lo.”

⁵⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. Carta a Sartre, 08/07/1953. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha> . Acesso em: 25/11/2010.

aventuras da dialética, no qual praticamente metade do livro é ocupada por um capítulo intitulado “Sartre e o ultra-bolchevismo”. Neste texto, Merleau-Ponty empreendeu uma análise do pensamento filosófico de Sartre, contrapondo-o às suas opções políticas. Também explicava publicamente sua saída da **T.M.**: não era possível escrever com autonomia numa revista dirigida por alguém preso a uma instituição – no caso, o comunismo.⁵⁹

Sartre não reagiu, mas Beauvoir respondeu ao texto num artigo publicado no mesmo ano pela **T.M.** e lançado posteriormente num livro com mais três escritos de sua autoria, **Privilèges**. No mesmo, ela acusa com todas as letras Merleau-Ponty de falsificador, mentiroso, de pessoa cômica e delirante, de agir de má-fé e o trata ironicamente de exegeta de Sartre. No prefácio do livro, apresenta o ensaio da seguinte maneira:

Nosso último artigo é a análise de um caso particular. Pelo fato de a cultura ser ela mesma um privilégio, muitos intelectuais se põem do lado da classe mais favorecida: veremos por meio de quais falsificações e sofismas um deles se esforça de novo por confundir interesse geral e interesse burguês. Em todos esses casos, o fracasso era fatídico: é impossível para os privilegiados assumir no plano teórico sua atitude prática. Eles não têm outro recurso a não ser a leviandade e a má-fé.⁶⁰

Um ano depois, Beauvoir se lançaria na aventura de contar sua própria história, na qual Merleau-Ponty tem um papel assaz importante. Também nesta narrativa, a apreciação que elaborou sobre o colega não costumou ser nada elogiosa.

3.1.1.2. A criação autobiográfica do outro: entre Jean Pradelle e Merleau-Ponty

Burguês covarde e conservador: tais parecem ser os traços mais marcantes de Merleau-Ponty, segundo as autobiografias de Beauvoir. Na primeira delas, **Memórias de uma moça bem comportada** (1958), a autora chamou o colega de Jean Pradelle. Percebo dois objetivos principais para a utilização do pseudônimo: garantia, teoricamente, a privacidade de Merleau-Ponty e permitia a Beauvoir falar sobre o mesmo sem maiores entraves. Comentei anteriormente os motivos que levaram a autora a escrever uma

⁵⁹ Cf. WINOCK, Michael. **O século dos intelectuais**, p. 644 – 646. Oficialmente, Sartre nunca se filiou ao Partido Comunista, contudo, mostrava-se comprometido com sua causa desde meados da década de 1940.

⁶⁰ BEAUVOIR, Simone de. **Privilèges**. Paris: Gallimard, 1955, p. 8. “Notre dernier article est l’analyse d’un cas particulier. Du fait que la culture est elle-même un privilège, beaucoup d’intellectuels se rangent aux côtés de la classe la plus favorisée: on verra par quelles falsifications et quels sophismes l’un d’eux s’efforce à nouveau de confondre l’intérêt général et l’intérêt bourgeois. En tous ces cas, l’échec était fatal: il est impossible aux privilégiés d’assumer sur le plan théorique leur attitude pratique. Ils n’ont d’autre recours que l’étourderie et la mauvaise foi.”

autobiografia: entre eles, encontrava-se a possibilidade de desabafar e comunicar. No caso da narrativa de sua relação com Merleau-Ponty, era exatamente este o caso. O grande público poderia ficar em dúvida sobre a verdadeira identidade de Jean Pradelle por algum tempo.⁶¹ No entanto, Merleau-Ponty identificou-se imediatamente e tomou conhecimento pela primeira vez da mágoa antiga que Beauvoir nutria por ele. Ao mesmo tempo, oficialmente, até então, as dissensões entre Beauvoir e Merleau-Ponty continuavam restritas ao plano intelectual e não se poderia acusá-la facilmente de “misturar as coisas”, afinal de contas ela não estava expondo a intimidade do jovem Merleau-Ponty, mas sua relação de amizade com um certo Jean Pradelle.

Beauvoir começou a redigir sua primeira autobiografia em 1956, um ano após a publicação de **Privilèges**. Na narrativa, a autora não nega o grande afeto que sentiu por Merleau-Ponty. A descrição do início da amizade entre eles coincidia em grande parte com os comentários feitos no seu diário de trinta anos antes:

Um rosto límpido e bastante bonito, o olhar aveludado, um riso de estudante escolar, a abordagem direta e alegre: ele me foi imediatamente simpático. [...] Eu apreciava seu amor pela verdade, seu rigor; [...] Ele me obrigava a refletir, a fazer um balanço. [...] Pradelle me prestou um grande serviço reanimando meu gosto pela filosofia. E um maior ainda talvez me ensinando de novo a alegria: eu não conhecia ninguém alegre.⁶²

Beauvoir reconhece a grande proximidade que existia entre eles: educados no seio do catolicismo, tinham se tornado descrentes, ambos eram amantes das letras e procuravam na filosofia as respostas para suas inquietações existenciais.⁶³ Mas, ao mesmo, tempo, aponta

⁶¹ Na tentativa de despistar os leitores, Beauvoir faz neste livro referência a Merleau-Ponty pelo seu verdadeiro nome. Ao comentar o estágio de docência que prestou num liceu (Beauvoir se preparava para concorrer à *agrégation*, concurso que permitiria que ela se tornasse professora da rede pública de ensino da França), ela diz: “Eu tinha como colegas Merleau-Ponty e Lévi-Strauss; conhecia um pouco todos dois. O primeiro sempre havia me inspirado uma simpatia distante. O segundo me intimidava por sua fleuma”. (**Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 411). Todavia, o anonimato de Merleau-Ponty não durou muito tempo, uma vez que era razoavelmente fácil descobrir de quem se tratava. Basta dizer que Beauvoir contava na sua autobiografia que Pradelle tinha sido o terceiro colocado na listagem final dos exames para o curso de filosofia geral na Sorbonne, em 1927. Não é complicado ter acesso a esta listagem.

⁶² **Mémoires d’une jeune fille rangée** pp. 340 – 344. “Un visage limpide et assez beau, le regard velouté, un rire d’écolier, l’abord direct et gai: il me fut tout de suite sympathique. [...] J’appréciais son amour de la vérité, sa rigueur; [...] Il m’obligeait à réfléchir, à faire le point; [...] Pradelle me rendit un grand service en ranimant mon goût pour la philosophie. Et un plus grand encore peut-être em m’apprenant à nouveau la gaieté: je ne connaissais personne de gai.”

⁶³ Algum tempo depois de terem se conhecido, Merleau-Ponty se declararia novamente cristão: cf. **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 369.

diferenças gritantes: “Pradelle era como eu um intelectual: mas ele continuava adaptado à sua classe, à sua vida, ele aceitava de todo coração a sociedade burguesa.”⁶⁴

No perfil que traça do colega, ela não esconde o quanto o considerava leviano, egoísta e irresponsável, características reveladas pelo comportamento que adotou face às dificuldades enfrentadas durante seu romance com Zaza. Enquanto esta sofria desesperadamente devido às imposições maternas, Merleau-Ponty mostrava-se circunspecto como sempre. Beauvoir interpretava sua reação como frieza, covardia e insensibilidade. No seu entendimento, para não desapontar a família e contrariar os costumes burgueses, ele havia preferido deixar Zaza entregue às tiranias da mãe. Beauvoir não conseguia compreender os motivos que impediam este casamento ou, pelo menos, o noivado entre os amigos. Pressionava-o:

Sugeri uma solução que parecia se impor: a Sra Mabile [a mãe de Zaza, cujo verdadeiro sobrenome era Lacoïn] se preocupava com as relações indecisas de Zaza com Pradelle. Bastava que ele lhe pedisse, formalmente, a mão de sua filha. [...] Irritei-me com Pradelle: por que ele rejeitava a solução que propus? Escrevi-lhe. Sua irmã, respondeu-me, acabara de noivar; seu irmão mais velho – casado há muito tempo, em quem ele nunca falava – ia partir para o Togo; anunciando à sua mãe que ele também premeditava deixá-la, ele lhe daria um golpe fatal. E Zaza? [...] Ele não se dava conta que ela se esgotava nessas lutas? Repliquou que ela aprovava sua atitude e embora eu me obstinasse, ele não cedeu.⁶⁵

Na última parte de **Memórias de uma moça bem comportada**, Beauvoir transcreveu longos trechos de cartas que recebeu da amiga, que mostram sua crescente angústia, em boa parte, motivada pela fleuma demonstrada por Merleau-Ponty.⁶⁶ A Sra. Lacoïn pretendia que a filha passasse um ano em Berlim. Zaza “encarava este exílio com horror”. E Merleau-Ponty?

‘Um ano não é um século’, dizia Pradelle irritado. Esta sensatez, longe de reconfortar Zaza, punha duramente sua confiança em prova; [...] Minha previsão se justificava: Pradelle não era fácil de amar, sobretudo para um coração tão violento quanto o de Zaza. Com uma sinceridade que se assemelhava ao narcisismo, ele se queixava a ela de carecer de paixão, e ela não podia se impedir de concluir que ele a amava com mornidão. Sua conduta não a tranquilizava; em relação à sua família ele tinha delicadezas

⁶⁴ Ibid., p. 343. “Pradelle était comme moi un intellectuel: mais il restait adapté à sa classe, à sa vie, il acceptait de grand coeur la société bourgeoise.”

⁶⁵ **Mémoires d’une jeune fille rangée.**, p. 493, p. 496. “Je suggèrai une solution qui me paraissait s’imposer: Mme Mabile s’inquiétait des indécis relations de Zaza avec Pradelle. Il n’avait qu’à lui demander, dans les formes, la main de sa fille. [...] Je m’irritai contre Pradelle: pourquoi repoussait-il la solution que j’avais proposée? Je lui écrivis. Sa soeur, me répondit-il, venait de se fiancer; son frère aîné – depuis longtemps marié, dont il ne parlait jamais – allait partir pour le Togo; en annonçant à sa mère que lui aussi il prémeditait de la quitter, il lui porterait un coup fatal. Et Zaza? [...] Ne réalisait-il pas qu’elle s’épuisait dans ces luttes? Il répliqua qu’elle approuvait son attitude et j’eus beau m’acharner, il n’en démordit pas.”

⁶⁶ Ibid., pp. 488 – 500.

excessivas e não parecia de maneira alguma se importar que ela padecesse com isto.⁶⁷

O fato é que, em seguida a todos esses problemas, Zaza morreu. Na leitura de Beauvoir, mais do que isso: Zaza fora, na verdade, assassinada e Merleau-Ponty havia sido cúmplice deste crime, ainda que inconscientemente. Afinal de contas, ele tinha se comportado como um representante dos valores burgueses que pregavam a mentira, a aparência e o “espiritualismo” (na acepção que Beauvoir empregava)⁶⁸, que acabaram por derrotar sua amiga. Esse mesmo burguês leviano pretendia, três décadas depois, desmoralizar Sartre publicamente. Era inadmissível. Beauvoir decide então não apenas revelar publicamente o suposto falso intelectualismo de Merleau-Ponty (o que faz no artigo sobre o pseudo-sartismo), como se convence definitivamente de que era preciso pôr em marcha seu antigo projeto de contar a história da sua juventude e expor sua versão do assassinato de Zaza.⁶⁹

Beauvoir só descobriria o principal impedimento para a união de Zaza e de Merleau-Ponty depois da publicação de **Memórias de uma moça bem comportada**.⁷⁰ Procurada tanto por uma irmã mais nova de Zaza, como pelo próprio Merleau-Ponty, soube então que, à época, a família Lacoïn contratou um detetive para investigar a família do pretendente de Zaza. Tomaram assim conhecimento de que Maurice Merleau-Ponty era filho de um relacionamento adúltero da sua mãe e ameaçaram revelar toda esta história publicamente caso Zaza continuasse insistindo na ideia do casamento.

Mesmo assim, Merleau-Ponty reconheceu o sofrimento que seu comportamento apático gerou na então namorada: “ler essas cartas [de Zaza], bem como seu livro, fez com que eu me desse conta, intensamente, desesperadamente, de quão passivo, inconsciente e inexistente eu era naqueles anos. Tudo o que diz de mim é verdade.”, confessa ele numa carta a Beauvoir.⁷¹

⁶⁷ Ibid., p. 497. “Un an, ce n’est pas la mer à boire”, disait Pradelle avec agacement. Cette sagesse, loin de reconforter Zaza, mettait sa confiance à rude épreuve; [...] Ma prévision se justifiait: Pradelle n’était pas facile à aimer, surtout pour un coeur aussi violent que celui de Zaza. Avec une sincérité qui ressemblait à du narcissisme, il se plaignait à elle de manquer de passion, et elle ne pouvait s’empêcher de conclure qu’il l’aimait avec mollesse.”

⁶⁸ Cf. 2.2.5.

⁶⁹ Nas conferências feitas no Japão em 1965, Sartre descreveria a figura do falso intelectual: “o inimigo mais direto do intelectual é o que chamarei de ‘falso intelectual’ e que Nizan chamava de cão de guarda, suscitado pela classe dominante para defender a ideologia particularista com argumentos que se pretendem rigorosos [...]. Assumem, portanto, a maneira de ser do intelectual e começam por contestar, como ele, a ideologia da classe dominante; mas é uma contestação falsificada e constituída de tal maneira que se esgota por si mesma e mostra assim que a ideologia dominante resiste a qualquer contestação”. (SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. Trad. Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994, p. 38).

⁷⁰ Cf. 2.2.5, nota 87.

⁷¹ A carta não é datada, mas, segundo Hazel Rowley, que teve acesso à correspondência (hoje em dia mantida no arquivo pessoal de Sylvie Le Bon de Beauvoir), foi enviada, provavelmente, no início de 1959, ou seja, poucos

Em **A força das coisas** (1963), livro no qual narra a recepção da sua primeira autobiografia, Beauvoir comentou sucintamente a revelação: “Deram-me sobre sua morte [de Zaza] detalhes que eu ignorava, e também sobre as relações de seus pais com Pradelle, cujas reticências consegui entender muito melhor. Era romanesca, esta descoberta do meu passado a partir da narrativa que eu havia feito dele.”⁷² No início da década de 1980, ela revelaria para sua biógrafa Deirdre Bair sua sensação ao saber de toda a história:

Eu ignorava tudo deste caso. Que idade eu tinha então – dezenove anos, vinte anos? De todo modo, eu pensava que tudo era culpa de Merleau-Ponty e tive raiva dele durante anos. De fato, ele havia dito a verdade a Zaza, mas nem um nem outro tinham confiança suficiente em mim para me falar sobre isto – talvez eles tivessem vergonha demais, éramos todos tão inocentes então - tanto que fiquei anos sem vê-lo por que eu o responsabilizava pela morte de Zaza. Continuei a ter raiva de Merleau-Ponty até quando eu já tinha quarenta anos e quando escrevi as Memórias, e, no entanto, quando éramos jovens, eu gostava muito dele. Mas como ninguém me disse a verdade a respeito da morte de Zaza, utilizei suas cartas e sua história **da forma como eu acreditava conhecê-la** no meu livro para acertar as contas com todos aqueles que eu considerava responsáveis.⁷³

Explicados os silêncios, reconhecidos os erros, não houve, todavia, tempo e condições suficientes para que a amizade estilhaçada pudesse ser refeita. As diferenças já não se resumiam à esfera pessoal; no campo intelectual e político, as dissensões haviam tomado tamanha dimensão que impossibilitaram uma reaproximação com Merleau-Ponty. Talvez ela viesse a acontecer, como imaginava Sartre, mas não houve tempo para tanto.⁷⁴ Dois anos após este acerto de contas, Merleau-Ponty morreu subitamente, aos 53 anos, em decorrência de um ataque cardíaco. Era maio de 1961.

meses após a publicação de **Memórias de uma moça bem comportada**. Cf. ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**, p. 50.

⁷² **La force des choses II**, p. 249. “On me donna sur sa mort des détails que j’ignorais, et aussi sur les relations de ses parents avec Pradelle, dont je m’expliquais beaucoup mieux les réticences. C’était romanesque, cette découverte de mon passé à partir du récit que j’en avais fait.”

⁷³ BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. “J’ignorais tout de l’affaire. Quel âge avais-je alors – dix-neuf ans, vingt ans ? En tout cas, je pensais que tout était de la faute de Merleau-Ponty et je lui en ai voulu pendant des années. En fait, il avait dit la vérité à Zaza, mais ni l’un ni l’autre ne me faisaient assez confiance pour m’en parler – peut-être avaient-ils trop honte, nous étions si innocents alors – si bien que je suis restée des années sans le voir parce que je le rendais responsable de la mort de Zaza. J’ai continué à en vouloir à Merleau-Ponty alors que j’avais déjà quarante ans et que j’écrivais les Mémoires, et pourtant, lorsque nous étions jeunes, je l’aimais beaucoup. Mais comme personne ne m’a dit la vérité au sujet de la mort de Zaza, j’ai utilisé ses lettres et son histoire comme je croyais la connaître dans mon livre pour régler mes comptes avec tous ceux que je tenais pour responsable.” Grifo da autora.

⁷⁴ “Quando Merleau-Ponty morre, em 1961, Sartre, que tem o dom das orações fúnebres, redige um magnífico artigo em homenagem àquele que foi o redator-chefe e diretor político de sua revista, quando a primeira equipe de redatores se dispersou. ‘Nada a concluir, a não ser que essa longa amizade, nem feita nem desfeita, liquidada quando iria renascer ou quebrar-se, permanece em mim como uma ferida indefinidamente aberta.’” (WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 646). O artigo em questão é “Merleau-Ponty vivant”, publicado na **T.M.**, conforme referência anterior.

O retrato de Merleau-Ponty elaborado por Beauvoir nas suas autobiografias não foi dos mais lisonjeiros. É na figura do outro que, predominantemente, ele aparece. Na época em que escreveu **Merleau-Ponty ou le pseudo-sartrisme** (1955) e **Memórias de uma moça bem comportada** (1956), Beauvoir ainda tinha razões (motivadas pela raiva e pelo rancor, como ela mesma admite) para desconfiar do caráter do colega e descrevê-lo como um fleumático conservador. Contudo, no início da década de 1960, quando narra o momento em que escreveu os dois textos em questão, nada a impedia – se fosse do seu interesse – de ter amenizado a imagem do colega, coisa que não fez, a não ser pela breve menção de que passara a melhor compreender as reticências de Pradelle.

Ao narrar suas atividades no ano de 1946, Beauvoir comenta que, neste período, costumava ver Merleau-Ponty com frequência, até mesmo por que, na ausência de Sartre, eram eles os principais responsáveis pela T.M. As dissensões ainda não ocorriam em âmbito político, mas Beauvoir evidencia as diferenças existentes entre eles do ponto de vista do comportamento pessoal e intelectual. Eram como se, oriundos de um mesmo lugar, tivessem seguido caminhos opostos:

Nossas carolas infâncias burguesas criavam um laço entre nós; mas nós reagíamos a ela de maneiras diferentes. Ele guardava a nostalgia dos paraísos perdidos: eu não. Ele se sentia bem com pessoas idosas, desconfiava dos jovens a quem eu preferia de longe aos velhos. Ele tinha nos seus escritos um gosto pelas nuances e falava com hesitação: eu era a favor das opções nítidas. Ele se interessava pelas franjas do pensamento, pelas nebulosidades da existência, mais do que pelo seu núcleo duro; comigo era o contrário.⁷⁵

Beauvoir apreciava o presente e apostava no futuro, tendo confiança nas novas gerações; Merleau-Ponty era nostálgico e conservador. Enquanto ela era vivaz, apaixonada, cheia de opiniões categóricas; ele era ponderado, vacilante. Por esta descrição, vê-se que, próximo dos quarenta anos, Merleau-Ponty continuava, de acordo com o retrato que Beauvoir fez de Pradelle, bem parecido com o que fora aos vinte. Da mesma forma, Beauvoir permanecia fiel ao seu temperamento radical e enérgico.

Tão radical permaneceu Beauvoir que, mesmo depois dos cinquenta anos, não conseguia admitir que era possível discordar do pensamento de Sartre por outros motivos que

⁷⁵ **La force des choses I**, p. 91. “Nos pieuses enfances bourgeoises créaient un lien entre nous; mais nous y réagissions de manières différentes. Il gardait la nostalgie des paradis perdus: pas moi. Il se plaisait avec les gens âgés, il se défiait des jeunes que je préférais de loin aux vieux. Il avait dans ses écrits le goût des nuances et il parlait avec hésitation: j’étais pour les options tranchées. Il s’intéressait aux franges de la pensée, aux nébulosités de l’existence plutôt qu’à leur noyau; moi c’était le contraire.”

não fossem a ignorância ou a má-fé. “Eu achava que ele compreendia mal o pensamento de Sartre”⁷⁶, diz ela a respeito de Merleau-Ponty. Não compreender a complexidade da filosofia sartreana não significava um sinal de estupidez, muito pelo contrário: Beauvoir, pelo menos até meados da década de 1950, mostrava-se verdadeira entusiasta dos livros e dos ensaios de Merleau-Ponty. No entanto, para conhecer bem o pensamento de Sartre, Beauvoir julgava imprescindível ler atentamente o conjunto de sua obra. Caso contrário, caía-se no erro de Merleau-Ponty: criticar Sartre por não conhecer devidamente sua filosofia.

As razões apontadas por Merleau-Ponty na carta a Sartre para não fazer análise de conjuntura não parecem ter convencido Beauvoir.⁷⁷ Ela lamenta a neutralidade assumida pelo colega quando ainda era membro da equipe editorial da **T.M.**, que se refletia no conteúdo do periódico:

Amigos se espantavam que a revista ainda não tivesse consagrado nenhum artigo sobre a guerra da Coreia. **L’Observateur** deplorou que ela não se detivesse mais na atualidade. Merleau-Ponty, que na prática a dirigia, tinha se convertido ao apolitismo por causa da guerra da Coreia: ‘Os canhões falam, só nos resta calar’, nos disse ele em outras palavras.⁷⁸

Era mais um sinal do afastamento entre eles. Todavia, até a publicação de **As aventuras da dialética**, Beauvoir entendia que Merleau-Ponty se opunha a Sartre por desconhecimento e, provavelmente, por certo conformismo; posteriormente, ela qualificaria suas críticas de perfídia. Ao explicar os motivos que a fizeram defender Sartre no seu artigo de **Privilèges**, Beauvoir reforça a ideia de antagonismo nas relações entre eles e Merleau-Ponty e o aproxima da descrição que Sartre elaboraria alguns anos depois sobre a figura do falso intelectual⁷⁹:

Pareceu-nos necessário distinguir na “esquerda” nossos verdadeiros aliados e nossos adversários. A equipe da **Temps Modernes** decidiu elucidar o sentido desta etiqueta aviltada. [...] Abordei a questão pelo avesso, tentando definir as ideias que professa a direita, hoje. [...] No mês de junho [1955], em **As aventuras da dialética**, Merleau-Ponty a quem a atitude política de Sartre irritava, reconstruiu seu pensamento de maneira fantasiosa. Ligado na época à *La Gauche nouvelle* [grupo que Beauvoir caracteriza como “uma

⁷⁶ Ibid, p. 91. “... je trouvais qu’il comprenait mal la pensée de Sartre.”

⁷⁷ Cf. nota 53.

⁷⁸ **La force des choses I**, p. 317. “des amis s’étonnaient que la revue n’eût encore consacré aucun article à la guerre de Corée. **L’Observateur** déplora qu’elle ne mordît plus sur l’actualité. Merleau-Ponty, qui en pratique la dirigeait, avait été converti à l’apolitisme par la guerre de Corée: ‘Les canons parlent, nous n’avon plus qu’à nous taire’, nous dit-il en substance.”

⁷⁹ Todavia, levando em conta outro texto de Sartre, “Merleau-Ponty vivant” (1961), não me parece que o mesmo compreendesse Merleau-Ponty nesses termos.

nova roupagem da direita”], ele a servia desacreditando o “ultra-bolchevismo” de Sartre; e desse modo alegrava a extrema direita [...].⁸⁰

Segundo ela, o pensamento de Sartre havia sido, mais uma vez, vilipendiado. Eram inúmeras as más leituras das suas ideias: nunca Sartre havia se proposto a fazer uma filosofia do sujeito, tampouco tratava o homem como uma abstração, como afirmavam alguns. O texto de Merleau-Ponty não era nada além do que mais uma falsificação. No início do próprio artigo “Merleau-Ponty e o pseudo-sartrismo”, ela enfatiza que o colega agiu de má-fé, valendo-se tanto da sua reputação de filósofo respeitável como da sua posição próxima a Sartre (durante anos compartilharam a direção da **T.M.**) para servir aos interesses da direita.⁸¹ Em **A força das coisas**, escrito cerca de sete anos depois, Beauvoir parece conservar a mesma opinião: Merleau-Ponty não apenas não compreendia a filosofia de Sartre, como também estava agindo de má-fé. Algo precisava ser feito e ela não se negou: “Quis restabelecer a **verdade**. [...] As frases que eu citava dele [Sartre] contradiziam termo a termo, as alegações de Merleau-Ponty. Disseram que cabia a Sartre responder: nada o obrigava; em compensação, qualquer sartreano tinha o direito de defender uma filosofia que havia feito sua.”⁸²

Surpreendentemente, encerrando o relato deste episódio, Beauvoir anuncia - contrariando muito do que havia escrito sobre sua relação com Merleau-Ponty - que, não obstante todas as querelas, havia uma forte amizade entre eles.⁸³ Como fervorosa sartreana que era, só se pode imaginar que ela também concordava com Sartre na concepção de que “só existe realidade na ação”.⁸⁴ No caso em questão, isto significava que o valor de um afeto, de

⁸⁰ **La force des choses II**, pp. 60-61. “Il nous parut nécessaire de distinguer dans ‘la gauche’ nos vrais alliés et nos adversaires. L’équipe des **Temps Modernes** entreprit d’élucider le sens de cette étiquette galvaudée. [...] Moi je pris la question à l’envers, tentant de définir les idées que professe la droite, aujourd’hui. [...] En juin, dans **Les Aventures de la dialectique**, Merleau-Ponty qu’agaçait l’attitude politique de Sartre reconstruisit sa pensée de la manière la plus fantasque. Lié à l’époque à *La Gauche nouvelle*, il la servait en discréditant l’‘ultra-bolchevisme’ de Sartre; et il réjouissait ainsi la droite la plus extrême...”

⁸¹ **Privilèges**, p. 203. “Falaram com tanta frequência de Sartre sem conhecê-lo ou pelo menos sem compreendê-lo que o próprio excesso desses erros cometido a respeito dele tira-lhes, normalmente, qualquer importância. Merleau-Ponty entretanto goza de um certo prestígio filosófico, ele conhecia Sartre há tempo suficiente “On a si souvent parlé de Sartre sans l’avoir lu ou du moins sans l’avoir compris que l’excès même des erreurs commises à son propos leur ôte, d’ordinaire, toute importance. Merleau-Ponty cependant jouit d’un certain prestige philosophique, il a connu Sartre assez longtemps pour que le public imagine qu’il connaît aussi sa pensée; naquere il a exhorté ses adversaires à ‘apprendre à lire’ avec tant de force qu’on pourrait supposer qu’il sait déchiffrer un texte sans parti pris et le citer sans le tronquer; dans ces conditions, le travestissement devient abus de confiance et il ees nécessaire de le dénoncer.”

⁸² **La force des choses II**, pp. 61 – 62. “Je voulus rétablir la vérité; [...] Les phrases de lui que je citai contredisaient, terme à terme, les allégations de Merleau-Ponty. On a dit que c’était à Sartre de répondre: rien ne l’y obligeait; en revanche, n’importe quel sartrien avait le droit de défendre une philosophe qu’il avait fait sienne.”

⁸³ **La force des choses II**, p. 62.

⁸⁴ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 21. Col. **Os Pensadores**, vol. XLV, p. 19. Neste mesmo texto, Sartre também afirma que “para o

uma amizade só podia ser avaliado a partir daquilo que se vivenciou. Ora, durante décadas, o elo entre Beauvoir e Merleau-Ponty foi muito frouxo; na última década de vida deste, esta relação tornou-se visivelmente hostil. De que amizade, falava então Beauvoir? Talvez, nostálgicamente, ela se referisse à relação dos primeiros anos de convivência. Mas é possível - e esta hipótese me parece mais plausível - que Beauvoir tenha destacado este vínculo de amizade com outra motivação: amizade ou não, a verdade precisava ser dita – “Platão é meu amigo, porém mais amiga é a verdade” (“*Amicus Plato sed magis amica veritas*”), como diria Aristóteles. E qual seria a verdade para Beauvoir? Aquela que professavam ela e Sartre.

A apreciação feita por Beauvoir sobre Merleau-Ponty em **A força das coisas** não tem, no meu entendimento, o mesmo propósito do relato passional que fez do mesmo em **Memórias de uma moça bem comportada**. Não era um desabafo, uma maneira de extravasar mágoas, nem mesmo era a Merleau-Ponty, já falecido àquela altura, que ela se dirigia. Eram outros seus destinatários: a crítica era endereçada a todos aqueles que se opunham ao pensamento e à prática política de Sartre. Tomando um caso exemplar, Beauvoir avisava que prezava a verdade acima de tudo. Em nome dela, não hesitava em desconstruir os argumentos de um amigo – que por sua única responsabilidade havia escolhido se tornar um outro - por que hesitaria em fazer o mesmo com qualquer outra pessoa?

De modo geral, boa parte desta terceira autobiografia é consagrada a refutar críticas, tanto dos seus próprios adversários, como dos oponentes de Sartre. Explicando por que motivos ela e Sartre estavam certos e Merleau-Ponty errado, tentava convencer seus leitores, e possíveis oponentes, de que lado estava a verdade, e ela não tinha dúvidas de que era do lado dela. De modo parecido, construiu seu relato a respeito da relação que desenvolveram com Albert Camus, que examino em seguida.

3.1.2. Albert Camus, um estrangeiro

Assim como na narrativa sobre Merleau-Ponty, foi também em **A força das coisas** (1963), que Beauvoir concentrou a maior parte das considerações sobre Albert Camus, contando aos leitores a história de uma amizade que se tornou estranhamento. Conheceram-se nos últimos anos da Segunda Guerra. **O Estrangeiro** (1942) havia sido objeto de uma resenha de Sartre um tanto ácida, apesar de bastante elogiosa: “há tempos nenhum novo autor francês

existencialista, não há amor diferentes daquele que se constrói; não há possibilidade de amor senão a que se manifesta no amor” (p. 19).

havia nos tocado tão fortemente”, lembra Beauvoir.⁸⁵ Alguns meses depois, Camus se apresentou pessoalmente ao seu crítico. Foi admitido como membro da “família”, tal era a palavra que Beauvoir e Sartre usavam para se referir aos amigos do dia-a-dia.

No começo, o convívio entre eles parece ter sido tranquilo e bastante feliz. Beauvoir o descreve como alguém muito vivaz, alegre, irônico, simples e visivelmente satisfeito com a notoriedade adquirida. Admiravam o talento de escritor de Camus e o papel que desempenhou junto ao movimento de resistência – fazia parte do movimento “Combat”, que, se expressava através de um jornal clandestino homônimo. Encontravam-se com frequência, junto a outros amigos, e faziam planos para quando a guerra acabasse:

Prometíamos permanecer para sempre unidos contra os sistemas, as ideias, os homens que condenávamos; a derrota deles se anunciava; o futuro que se abriria então, caberia a nós construí-lo, talvez politicamente, mas em todo caso no plano intelectual: deveríamos fornecer ao pós-guerra uma ideologia.⁸⁶

Entretanto, a união gerada pelo sentimento comum de repulsa ao cerceamento da liberdade não se manteve após a desocupação. Provavelmente, porque é sempre mais fácil manter-se unido na dor comum do que diante das múltiplas possibilidades que o devir oferece. A partir de então, a convivência entre eles deveria ser sobretudo marcada pela ambiguidade: ao mesmo tempo que descreve repetidas vezes sua admiração por Camus – pelo seu espírito enérgico e apaixonado, Beauvoir narra vários episódios de desavenças entre eles. Pela própria especificidade do campo autobiográfico, a narrativa destes desentendimentos assume em boa parte das vezes uma perspectiva mais íntima. Sem descartar as diferenças políticas e intelectuais, é principalmente pelas dissensões pessoais que Beauvoir expõe os motivos dos choques entre ela e Camus. De modo geral, são os valores do colega que Beauvoir reprova.

Exemplo disto seria o suposto gosto de Camus pelas pompas, nas quais Beauvoir enxergava o reflexo de certo pernosticismo tipicamente burguês. Para comprovar sua opinião, contrasta o comportamento público de Camus com o de Sartre:

Ele [Sartre] sofria acusações pelo fato de permanecer fiel à regra que nos fixamos: reagir à situação sem representação de si. Ele não mudou seus hábitos: vivia no hotel e no café, vestia-se de qualquer jeito, fugia das

⁸⁵ **La force de l'âge**, p. 599. “Il y avait longtemps qu'aucun nouvel auteur français ne nous avait si vivement touchés.”

⁸⁶ *Ibid.*, p. 643. “Nous nous promettions de demeurer à jamais ligués contre les systèmes, les idées, les hommes que nous condamnions; leur défaite allait sonner; l'avenir qui s'ouvrirait alors, il nous appartiendrait de le construire, peut-être politiquement, et en tout cas sur le plan intellectuel: nous devons fournir à l'après-guerre une idéologie.”

mundanidades; [...] Poderiam ter desculpado essas singularidades se Sartre tivesse se refugiado por trás de seu personagem de escritor. Ele nunca o fez; [...] Sua simplicidade se voltava contra ele na medida em que não se curvava aos costumes burgueses. O fato é que ela tinha algo de suspeito: implicava em convicções democráticas muito extremas para que a elite não sentisse suas superioridades contestadas.⁸⁷

Algumas páginas depois, Beauvoir descreve Camus com uma postura praticamente oposta à de Sartre. Nos momentos de descontração, Camus se mostrava engraçado, emotivo, espontâneo, mas nas “horas sérias”, no trabalho, assumia um ar pernóstico e arrogante. Ele se abrigava por trás do personagem de escritor:

Frequentemente, ele voltava a um tema que o preocupava: seria preciso um dia escrever a verdade! O fato é que nele havia um fosso mais profundo do que em muitos outros entre sua vida e sua obra. [...] Caneta na mão, ele se tornava com rigidez um moralista em quem eu não reconhecia nada do nosso alegre companheiro noturno. Ele se dava conta que sua figura pública não coincidia de maneira alguma com sua verdade privada e às vezes isso o incomodava.⁸⁸

Apesar de reprovar esta incoerência, Beauvoir demonstrava-se um tanto sensibilizada: bem ou mal, a verdade ainda inquietava Camus. O grande problema, para ela, surgiu quando Camus assumiu por completo o papel de um moralista arrogante. Camus adotou posições que, segundo Beauvoir, o aproximavam cada vez mais do campo da direita: era um anticomunista declarado, pregava a valorização do indivíduo e opunha a moral à práxis. Passou um bom tempo sem colaborar com nenhum texto para **Combat...**

Todavia, sob o título de **Nem vítimas, nem carrascos**, foi de novo com considerações éticas que ele retornou ao jornal no meio de novembro de 46. Ele não gostava das hesitações e dos riscos que a reflexão política implica; era-lhe necessário estar seguro de suas ideias para estar seguro de si. Ele reagia às contradições da situação, desinteressando-se dela e o trabalho feito por Sartre para adaptar-se o impacientava.⁸⁹

⁸⁷ **La force des choses I**, pp. 65-66. “Il prêtait le flanc du fait qu’il resta fidèle à la règle que nous nous étions fixée: réagir à la situation sans représentation de soi. Il ne changea pas ses habitudes: il vivait à l’hôtel et au café, s’habillait n’importe comment, se dérobait aux mondanités; [...]. On aurait excusé ces singularités si Sartre s’était abité derrière son personnage d’écrivain. Il ne l’a jamais fait; [...] Sa simplicité se retournait contre lui dans la mesure où il ne se pliait pas aus moeurs bourgeoises. Le fait est qu’elle avait quelque chose de suspect: elle impliquait des convictions démocratiques trop extrêmes pour que l’élite ne sentit pas contestées ses supériorités.”

⁸⁸ *Ibid.*, pp. 79 -80. “Il revenait souvent sur um thème qui le préoccupait: Il faudrait un jour écrire la vérité! Le fait est que chez lui il y avait un fossé plus profond que chez beaucoup d’autres entre sa vie et son oeuvre. (...) Plume en main, il devenait avec raideur un moraliste en qui je ne reconnaissais plus rien de notre joyeux compagnon nocturne. Il se rendait compte que sa figure publique ne coïncidait pas du tout avec sa vérité privée et parfois cela le gênait.”

⁸⁹ *Ibid.*, p. 152. “Poutant sous le titre **Ni victimes, ni bourreaux**, ce fut de nouveau par des considérations éthiques qu’il fit sa rentrée dans le journal au milieu de novembre 46. Il n’aimait pas les hésitations ni les risques

De acordo com a autobiógrafa, a postura idealista de Camus era decorrência de uma fragilidade: sendo a política um terreno instável, ele preferia não se arriscar, gostava de falar apenas daquilo sobre o que tinha certeza. Preferia então precaver-se; por isto, se preocupava mais em discutir moral do que em fazer análise de conjuntura. Seu temperamento agressivo se manifestou com maior frequência quando, segundo ela, compreendeu que sua fase áurea havia passado. Autor consagrado, militante vitorioso pela libertação do território francês da ocupação nazista, Camus tinha se acostumado ao êxito e não gostava de ser contrariado. O pós-guerra, no entanto, oferecia mais contradições do que ele esperava. Entre a Doutrina Truman e a ditadura stalinista, vários caminhos eram possíveis e todos podiam se mostrar de alguma forma equivocados em algum momento. Quando compreendeu que a realidade tinha mais obstáculos do que imaginava, decidiu não enfrentá-los e se esquivar sempre que possível:

Num dia em que eu preparava uma conferência, ele me deu um conselho que me deixou estupefata: “Se lhe fizerem um pergunta embaraçosa, responda com outra pergunta.” Mais de uma vez estudantes ficaram decepcionados com suas evasivas. Ele folheava os livros ao invés de lê-los, ele cortava o assunto em vez de refletir. Já falei que prudência essa preguiça encobria. Ele amava a natureza sobre a qual reinava, mas a história contestava seu individualismo e ele se recusava a dobrar-se a ela.

Sua atitude visivelmente aborrecia Beauvoir. Todavia, embora admiradora declarada da postura de Sartre, ela mesma tinha naquele período um comportamento bastante parecido com o de Camus: assim como ele, Beauvoir se refugiava em termos abstratos para não tratar diretamente da configuração na qual estava inserida. Entre 1945 e 1946, Beauvoir escreveu quatro artigos para a **T.M.**, que, posteriormente, foram publicados sob o título homônimo a um dos textos: **O existencialismo e a sabedoria das nações (L’existencialisme et la sagesse des nations)**. Cerca de quinze anos depois, ao comentar o conteúdo destes artigos, Beauvoir reprova seu então excesso de abstração:

De fato, os homens se definiam para mim pelos seus corpos, suas necessidades, seu trabalho; eu não colocava nenhuma forma nem valor acima dos indivíduos de carne e osso. [...] Mas então, para justificar a importância fundamental que eu lhes reconhecia, por que passei pelo desvio

qu’implique la réflexion politique; il lui fallait être sûr de ses idées pour être sûr de soi. Il réagissait aux contradictions de la situation en s’en désintéressant et le travail accompli par Sartre pour s’y adapter l’impatiait.”

de valores outros que a própria necessidade? Por que eu escrevia **liberdade concreta** no lugar de **pão** e subordinava ao sentido da vida a vontade de viver? Não me limitava a dizer: é preciso que essas pessoas comam porque elas têm fome. Era, no entanto, o que eu pensava.⁹⁰

Ela também reconhecia que sua perspectiva da realidade política era sobretudo condicionada pela análise de Sartre. Ainda que atenta ao peso da história e convencida da importância do coletivo, nem por isso Beauvoir se mostrava inclinada a se envolver politicamente de maneira mais ativa.⁹¹

Beauvoir explica este apego à “moral desencarnada”⁹² como um mal que afetava boa parte da intelectualidade da época. A reflexão moral, segundo ela, era uma forma de tentar recuperar a suposta preeminência atribuída aos intelectuais: “é duro depender dos outros quando havia se acreditado ser soberano: desta ilusão, comum aos intelectuais burgueses, nenhum de nós se curava sem esforço.”⁹³ Beauvoir se esforçava e trabalhava duro para superar esta condição; Camus, segundo ela, não. Teimoso, obcecado com a própria imagem, não se mostrava disposto à auto-reflexão: “ele tinha uma ideia a respeito de si mesmo à qual nenhum trabalho nem nenhuma revelação poderiam fazê-lo renunciar.”⁹⁴

A publicação do segundo volume de **O segundo sexo** suscitou uma verdadeira explosão de críticas e detrações em relação a Beauvoir.⁹⁵ Nas páginas de **A força das coisas**, nas quais narra a conturbada recepção do livro, a autora faz um balanço geral sobre os prováveis motivos que ocasionaram tamanha fúria, mas quando se refere à reação de Camus, aproveita para traçar resumidamente um perfil do companheiro. Na verdade, tratava-se de reforçar mais uma vez certa imagem do mesmo, já descrita anteriormente.

Camus a acusou de ridicularizar o macho francês e menosprezar um dado importante: o homem sofria muito pela mulher não ser sua igual, em quem pudesse encontrar uma verdadeira companheira. Beauvoir entendeu isto como mais uma manifestação da cólera

⁹⁰ **La force des choses I**, pp. 99 – 100. “[...] En fait, les hommes se définissaient pour moi par leurs corps, leurs besoins, leur travail; je ne placai aucune forme ni aucune valeur au-dessus des individus de chair et d’os. [...] Mais alors, pour justifier la fondamentale importance que je lui reconnaissais, pourquoi passais-je par le détour de valeurs autres que le besoin même? Pourquoi écrivais-je **liberté concrète** au lieu de **pain** et subordonnais-je au sens de la vie la volonté de vivre? Je ne me bornais jamais à dire: il faut que ces gens mangent parce qu’ils ont faim. C’était pourtant ce que je pensais.” (grifos da autora)

⁹¹ Cf. **La force des choses I**, p. 459; **La force des choses II**, p. 126. Esta realidade mudaria nas décadas seguintes. Sobretudo nos anos de 1960, Beauvoir passa a ter uma inserção política mais forte, sobretudo no campo do feminismo.

⁹² Cf. **La force des choses I**, p. 182.

⁹³ *Ibid.*, p. 152. “Il est dur de dépendre des autres quand on s’était cru souverain: cete illusion, commune aux intellectuels bourgeois, aucun de nous ne s’en guérit sans peine.”

⁹⁴ *Ibid.*, p. 153. “Il avait une idée de lui-même à laquelle aucun travail ni aucune révélation n’aurait pu le faire renoncer.”

⁹⁵ Deter-me-ei mais enfaticamente nesta discussão quando tratar da recepção das obras na perspectiva de Beauvoir. Por ora, destaco sua relação com Camus.

machista do colega. Em tom de brincadeira, Camus dizia não admitir ser avaliado por uma mulher; mas, segundo Beauvoir, não se tratava de mera pilhéria; na verdade, ele realmente não acreditava em reciprocidade na relação entre mulheres e homens.⁹⁶ Para reforçar seu argumento, Beauvoir descreve ao longo do texto algumas situações nas quais comprovou de perto, “na pele”, o machismo de Camus. Nos primeiros anos de convivência, diz ela, era comum que os dois saíssem em *tetê-à-tête*. Nessas ocasiões, geralmente, Camus se mostrava menos defensivo: “Pelo fato de eu ser uma mulher – portanto, como ele era feudal, não exatamente uma igual, - acontecia-lhe de se confiar a mim de maneira íntima: ele me fazia ler passagens de seus cadernos de anotações, me falava de seus problemas pessoais.”⁹⁷

A relação de Camus com Sartre tinha uma base bastante diferente: era sobretudo do ponto de vista de suas atividades públicas que os escritores mais se aproximavam e, ambigualmente, mais se afastavam. “Eram ambos polivalentes”, diz Michel Winock, “passavam dos ensaios filosóficos ao teatro, do teatro ao romance, do romance ao jornalismo [...]. Eram traduzidos, ouvidos, adulados, detestados, em geral pelas mesmas pessoas. Mas esse dueto encobre uma rivalidade entre personalidades de origem social muito diferente.”⁹⁸ Sartre vinha de uma família burguesa, assim como Beauvoir e Merleau-Ponty; mais privilegiado financeiramente do que estes dois, na verdade. Camus, por sua vez, cresceu no bairro operário de Belcourt, em Argel; por sorte, pôde prosseguir seus estudos até se doutorar. Contudo, as diferenças entre eles iam além das origens: refletiam-se nos posicionamentos políticos assumidos pelos escritores, sobretudo no que se refere ao comunismo.

3.1.2.1. Intelectuais revoltados: ex-comunista X recém-convertido

O vórtice do comunismo também foi o centro das mais profundas desavenças entre Sartre e Camus. Ainda que desde cedo demonstrasse certa desconfiança em relação às instituições políticas, Camus foi, durante certo tempo, seduzido pelas propostas soviéticas. Na juventude, chegou a ser filiado ao Partido Comunista. Segundo Dominique Cellé, as motivações de Camus para tanto

encontram suas fontes nas suas origens modestas. O partido comunista é aos olhos do rapaz, o partido que mais se preocupa com a condição dos operários

⁹⁶ **La force des choses I**, p. 264.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 79. “Du fait que j’étais une femme – donc, car il était féodal, pas tout à fait une égale, - il lui arrivait de se confier intimement à moi: il me faisait lire des passages de ses carnets, il me parlait de ses problèmes privés.”

⁹⁸ WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**, p. 641.

e das pessoas modestas. Desse modo, a atividade de Camus vai consistir principalmente em aliar seu gosto pela arte e cultura e seus talentos literários a ações de assistência e solidariedade para os mais desfavorecidos.⁹⁹

Todavia, sua participação como membro do P.C. foi bastante efêmera, durando apenas dois anos (1935 – 1937). Apesar de teoricamente apoiar os movimentos de independência das colônias, o Partido Comunista priorizava a luta contra o fascismo. Qualquer coisa que pudesse enfraquecer a França (o Partido Comunista da Argélia estava, em grande parte, subordinado ao francês) era evitada. Camus se posicionou abertamente a favor dos movimentos anticolonialistas e acabou sendo expulso do P.C. Segundo Cellé, esta experiência gerou nele “uma feroz hostilidade em relação aos quadros do Partido e aos homens políticos em geral. A política ela mesma, tal como é praticada só lhe inspirava amargura.”¹⁰⁰

Camus se mudaria definitivamente para Paris em 1942. Teve, como já comentei anteriormente, uma participação ativa na Resistência, muito mais significativa do que a do casal “Sartre/Beauvoir”. Neste período, a luta contra um inimigo comum aproximava diferentes correntes e Camus dialogava sem grandes problemas com os comunistas.

Em agosto de 1944, após a libertação de Paris, o jornal clandestino **Combat**, do qual Camus era o redator-chefe, passou a ser publicado às claras. O título do seu artigo neste primeiro número é lembrado por muitos até hoje: “Da Resistência à Revolução”. Havia tudo a ser feito, anunciava Camus nos textos subsequentes, era preciso buscar a justiça e a liberdade para todos os homens, garantindo a democracia. Para tanto, era preciso procurar uma terceira via de acesso, fora do capitalismo e do comunismo: um socialismo democrático. O jornal se sobressaía em toda imprensa recém-autorizada da França: o diretor Pascal Pia e Camus “conseguem torná-lo, conforme pretendem, um jornal independente, nem partidário nem estipendiado, nem ‘popular’, nem oficial. [...] Era preciso, portanto, ‘libertar os jornais do dinheiro’, um ‘estilo e uma verdade’, uma linguagem que respeite o público.”¹⁰¹

A política editorial de **Combat** e o entusiasmo de Camus durariam pouco. A conjuntura internacional - ou seja, a consolidação do mundo bipolar e a decorrente

⁹⁹ CELLÉ, Dominique. **Camus et le communisme**. 1997, 160f. (Maîtrise em história contemporânea. Orientador: Jean-François Sirinelli). Université Charles de Gaulle - LILLE III, 1997, p. 06. Disponível em: <http://webcamus.free.fr/download/ac-pcf.pdf> Acesso em: 30/10/2010. “... elles trouvent leurs sources dans ses origines modestes. Le parti communiste est aux yeux du jeune homme, le parti qui se préoccupe le plus de la condition des ouvriers et des gens modestes. Ainsi, l'activité de Camus va principalement consister à allier son goût pour l'art et la culture et ses talents littéraires à des actions d'assistance et de solidarité pour les plus démunis.”

¹⁰⁰ Ibid., p. 11. “... une farouche hostilité aux cadres du Parti et aux hommes politiques en général. La politique elle-même, telle qu'elle est pratiquée ne lui inspire qu'amertume.”

¹⁰¹ WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**, p. 527. Cf. Igualmente: CELLÉ, Dominique. **Camus et le communisme**, pp. 42 – 43.

possibilidade de um fim trágico para toda a humanidade – foi um dos principais motivos que levou o escritor a doravante apostar mais fortemente na razão razoável do que na razão racional. Em maio de 1947, diria: “o tempo do Apocalipse passou. Entramos no da organização medíocre e das acomodações sem grandeza. Por sabedoria ou por amor à felicidade, é preciso escolher este, ainda que se saiba que, com mediocridade, volta-se ao Apocalipse.” Deste modo, Camus “sai da revolta e professa a moderação, a reforma, em conformidade com um desespero atuante, um humanismo ateu, um espírito de fraternidade sem ilusão” enquanto Sartre, a cada ano que se passava, ia se tornando mais radical nos seus posicionamentos em prol da ideologia comunista, em grande parte, amarrada à hegemonia stalinista.¹⁰²

Pouco a pouco, as diferenças iam se tornando consideravelmente maiores do que o elo que os mantinha unidos. A convivência se tornava impossível. Beauvoir evoca alguns episódios de arroubos - vindos sobretudo da parte de Camus, frisa ela. Um deles ocorreu no final de 1946. Numa festa, Camus acusou Merleau-Ponty de defender o stalinismo. Sartre tomou a defesa deste último: “Camus, com o ar transtornado, bateu a porta; Sartre e Bost se precipitaram, correram atrás dele na rua mas ele se recusou a voltar. A desavença deveria durar até março de 47.”¹⁰³ Dali em diante, a relação se tornaria cada vez mais difícil. Longe de lutarem unidos contra ideias e homens condenáveis, combatiam, antes e cada vez mais, a postura um do outro.

Em 1952, os conflitos ideológicos entre Sartre e Camus chegaram ao ápice e os dois romperam relações de maneira definitiva. A gota d’água foi o livro de Camus, **O homem revoltado** (*L’homme révolté*, 1951), unanimemente odiado, segundo Beauvoir, pela equipe da **T.M.**¹⁰⁴ Neste longo ensaio, Camus se propunha a analisar os motivos das revoltas humanas, tomando os dois últimos séculos como base. Para tanto, examinava a concepção de revolta em vários pensadores, tais como Rousseau, Dostoievski, Sade, Nietzsche, Hegel e Marx. Na introdução da obra, explica seus objetivos: gostaria de entender se a revolta, ou seja, a recusa do homem em ser quem é “pode apenas levá-lo à destruição dos outros e dele mesmo, se toda revolta deve terminar em justificativa do assassinato universal, ou se, ao

¹⁰² WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**, pp. 530 - 531. Cf. Igualmente: ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre**. Trad. Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, pp. 154 – 166.

¹⁰³ **La force des choses I**, p. 157. “Camus, l’air bouleversé, claqua la porte; Sartre et Bost se précipitèrent, ils coururent après lui dans la rue mais il reusa de revenir. Cette brouille devait durer jusqu’en mars 47.” Cf. igualmente as pgs. 151 – 153 do mesmo livro.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 345.

contrário, sem pretensão de uma inocência impossível, ela pode descobrir o princípio de uma culpabilidade razoável.”¹⁰⁵

Muitos entenderam o livro como um manifesto anticomunista, inclusive Beauvoir: “enquanto Sartre acreditava na verdade do socialismo, Camus defendia mais e mais deliberadamente os valores burgueses: ele se filiava aos mesmos em **O homem revoltado**.”¹⁰⁶

De fato, Camus não poupava críticas à política soviética:

Hoje, a nação russa inverteu a direção do progresso. A guerra, fria e morna, é a servidão do Império mundial. Mas tornada imperial, a revolução está num impasse. Se ela não renuncia aos seus falsos princípios para voltar às fontes da revolta, ela significa somente a manutenção, por várias gerações, e até a decomposição espontânea do capitalismo, de uma ditadura total para centenas de milhões de homens...¹⁰⁷

Mas, nem por isso, declarava explicitamente qualquer tipo de apoio aos Estados Unidos. De qualquer maneira, nenhum membro da **T.M.** se dispunha a fazer a resenha do livro. Sartre, diz Beauvoir, “não admitia, por amizade, que falassem mal dele; contudo nenhum de nós pensava bem do mesmo. Perguntávamo-nos como sair deste impasse.”¹⁰⁸ Por fim, um dos colaboradores da revista, Francis Jeanson, aceitou fazê-la e o resultado não foi nada elogioso. Na edição de maio de 1952, finalmente foi publicado o artigo **Albert Camus ou a alma revoltada**, que, desde o título, criticava o suposto idealismo de Camus. Jeanson reprovava tanto a forma quanto o conteúdo do livro: seu estilo refinado de escrita foi entendido como uma estratégia para mascarar a inconsistência das suas reflexões, tanto na análise que fez de pensadores como Hegel e Marx, como também nas considerações que teceu a respeito da arte realista e da arte formal. Jeanson também acusava Camus de colaborar com a direita, servindo aos interesses da burguesia.¹⁰⁹ Segundo Beauvoir, a crítica original de Jeanson era ainda mais severa: “Sartre conseguiu que ele atenuasse algumas durezas, mas não

¹⁰⁵ CAMUS, Albert. **L’homme révolté**. Paris: Gallimard, 1951, p. 19. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/camus_albert/homme_revolve/homme_revolve.html Acesso em 20/09/2010. “... ne peut l'amener qu'à la destruction des autres et de lui-même, si toute révolte doit s'achever en justification du meurtre universel, ou si, au contraire, sans prétention à une impossible innocence, elle peut découvrir le principe d'une culpabilité raisonnable.”

¹⁰⁶ **La force des choses I**, p. 354. “Alors que Sartre croyait à la vérité du socialisme, Camus défendait de plus en plus résolument les valeurs bourgeoises: il s’y ralliait dans **L’homme révolté**.”

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 248. “Aujourd'hui, la nation russe a renversé la direction du progrès. La guerre, froide et tiède, est la servitude de l'Empire mondial. Mais devenue impériale, la révolution est dans une impasse. Si elle ne renonce pas à ses principes faux pour retourner aux sources de la révolte, elle signifie seulement le maintien, pour plusieurs générations, et jusqu'à la décomposition spontanée du capitalisme, d'une dictature totale sur des centaines de millions d'hommes...”

¹⁰⁸ **La force des choses I**, p. 345. “Il refusait, par amitié, qu'on en dit du mal; cependant chez nous personne n'en pensait du bien. Nous nous demandions comment sortir de cette impasse.”

¹⁰⁹ JEANSON, Francis. Albert Camus où l'âme révoltée. **Les Temps Modernes**. Paris: Gallimard, mai/1952.

havia censura na revista. Camus, fingindo ignorar Jeanson, dirigiu a Sartre uma carta a publicar na qual ele o chamava de ‘Senhor diretor’. Sartre replicou no mesmo número. E tudo acabou entre eles.”¹¹⁰

A carta pública de Camus era bastante ácida: respondia às críticas feitas sobre o livro, mas não se atinha às mesmas:

Visando Sartre, ele vitupera “esses intelectuais burgueses que querem expiar suas origens [...] ainda que a preço da contradição e de uma violência contra sua inteligência.” Sartre, por seu lado, profundamente atingido, publica a resposta de Camus no número de agosto de **Les Temps modernes**, seguida de um incisivo anúncio fúnebre: “Meu caro Camus, nossa amizade nunca foi fácil, mas sentirei por ela...”¹¹¹

Camus também acusava a **T.M.** de negar o óbvio, minimizando a violência representada pelos campos de trabalho forçado da URSS. Por sua vez, Sartre replicou que, embora Camus tivesse sido pobre um dia, naquele momento, era tão burguês quanto ele próprio; portanto, não podia valer-se de uma posição teoricamente privilegiada para avaliar e condenar a aliança entre intelectuais e comunistas. Também se pronunciou a respeito dos campos de concentração soviéticos: a **T.M.** nunca os negou, mas era preciso cautela com a veracidade das informações.

“O que é um homem revoltado?” Pergunta Camus no seu ensaio. E responde em seguida: “um homem que diz não. Mas se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde seu primeiro movimento.”¹¹² Seguindo esta definição, é patente que tanto Sartre quanto Camus se encaixam nela. Revoltaram-se ao dizer não à organização política vigente na França para se engajarem em outros caminhos, cada um a seu modo. Em resumo, como bem observa Michel Winock, Sartre não

adere ao stalinismo, mas desaprova Camus por destruir toda a esperança no socialismo com uma crítica unilateral. Albert Camus, na verdade, não renunciou ao socialismo, mas o vê sob a forma da social-democracia, à sueca, ou de um trabalhismo adaptado na França. Cortou inteiramente os elos com o historicismo marxista-leninista; quanto a Sartre, prepara-se para abraçar a causa do proletariado comunista.¹¹³

¹¹⁰ Ibid., p. 354. “Sartre obtint qu’il atténuaît quelques duretés mais il n’y avait pas de censure à la revue. Camus, affectant d’ignorer Jeanson, adresse à Sartre une lettre à publier où il l’appelait ‘Monsieur le directeur’. Sartre riposta dans le même numéro. Et tout fut fini entre eux.”

¹¹¹ WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**, p. 642.

¹¹² CAMUS, Albert. **L’homme révolté**, p. 21. “Qu’est-ce qu’un homme révolté? Un homme qui dit non. Mais s’il refuse, il ne renonce pas: c’est aussi un homme qui dit oui, dès son premier mouvement.”

¹¹³ WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**, p. 643.

Em 1956, Sartre romperia com o comunismo, tal como se materializava no modelo soviético. O relatório Kruschov, divulgado durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, acabava com toda e qualquer dúvida sobre a veracidade dos crimes cometidos por Stalin em nome do comunismo. Em novembro, a insurreição húngara, que destituiu o governo comunista vigente, foi violentamente sufocada pelas tropas da URSS: a violência continuava mesmo depois de Stalin. No dia nove deste mesmo mês, Sartre anuncia: “Rompo com tristeza, mas inteiramente, minhas relações com meus amigos, os escritores soviéticos que não denunciam (ou não podem denunciar) o massacre na Hungria. Não é mais possível ter amizade pela facção dirigente da burocracia soviética: é o horror que domina.”¹¹⁴

Este rompimento não o reaproximaria de Camus. Nunca mais voltariam a dirigir a palavra um ao outro. Beauvoir também cortou definitivamente relações com o colega. Não pareceu lamentar a amizade perdida: “pessoalmente, esta ruptura não me afetou”, diria ela cerca de dez anos após a desavença, “O Camus que me havia sido caro não existia mais há muito tempo.”¹¹⁵

3.1.3. Estratégias autobiográficas: combater o outro para reafirmar o eu

Mais desentendimentos entre “Sartrebeauvoir” e Camus estavam por vir; desta vez, seriam vividos à distância. A guerra da Argélia (1954 – 1962) foi acompanhada com horror por Beauvoir, sobretudo, a partir de 1957. Assim como Sartre, ela apoiava incondicionalmente os movimentos pró-independência da colônia francesa. Posicionaram-se explicitamente contra a política colonial francesa, denunciando as torturas a que eram submetidos os insurretos, pressionando o governo do general De Gaulle a reconhecer a independência da Argélia. Segundo sua mais famosa biógrafa, Annie Cohen-Solal, Sartre se tornaria a partir de então “o porta-voz do Terceiro Mundo, o alto-falante dos marginais e excluídos”.¹¹⁶ Ele passou a intervir na política não apenas por meio de considerações escritas, mas também de outras formas:

Sob esse aspecto, 1960 foi seu grande ano, o ano de sua plena dedicação política, talvez o ano mais intenso de sua vida. O ano durante o qual se transformou num contra-embaxador da França, em que viajou a Cuba, ao Brasil, à Iugoslávia e à União Soviética, também aquele em que foi recebido

¹¹⁴ Ibid., p. 656.

¹¹⁵ **La force des choses I**, p. 355. “Personnellement, cette rupture ne me toucha pas. Le Camus qui m’avait été cher depuis longtemps n’existait plus.”

¹¹⁶ COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2005, p. 34.

como visitante oficial por alguns chefes de Estado – como Castro, Tito e Krushev. Ano, enfim, em que se tornou, ao dar seu apoio às redes de sustentação da FLN [Front de Libération Nationale, partido que dirigiu o movimento de libertação da Argélia] argelina, o arauto de toda uma parcela da intelectualidade de esquerda e o bode expiatório da direita reacionária. “Fuzilem Sartre!”, gritarão em outubro do mesmo ano militantes de extrema direita. “Não se prende Voltaire”, responderá simbolicamente, dois meses mais tarde, o general de Gaulle.¹¹⁷

Beauvoir não economizou tinta na narrativa deste período. Praticamente, toda a segunda parte de **A força das coisas** foi ocupada com a descrição desses anos tristes, durante os quais se sentia em exílio no próprio país:

Eu reconhecia este nó na minha garganta, este nojo impotente e raivoso: é o que eu sentia quando avistava um S.S. Os uniformes franceses me davam hoje o mesmo arrepio que as cruzes gamadas outrora. [...] Sim, eu morava numa cidade ocupada, e detestava os ocupantes com mais aflição do que aqueles dos anos 40, por causa de todos os laços que eu tinha com eles.¹¹⁸

Neste mesmo ano de 1960, Beauvoir interveio publicamente em favor dos revoltados argelinos. Em defesa de Djamila Boupacha, jovem muçulmana, membro da FLN, brutalmente torturada, escreveu um artigo para **Le Monde**, denunciando a barbárie praticada pelos soldados franceses.¹¹⁹ Juntos, Sartre e Beauvoir, assinaram o manifesto dos “121”, que reunia assinaturas de intelectuais a favor da independência da Argélia.

Por seu lado, Camus evitava intervir diretamente no conflito. Manifestava-se apenas pontualmente, expressando desconforto. Numa dessas poucas ocasiões, em 1956, proferiu uma conferência em Argel, “Por uma trégua civil na Argélia”. Nela, descrevia-se como um incansável batalhador em prol da conciliação entre os dois povos, franceses e argelinos. Também se dizia um homem não político, havia decidido pronunciar-se em relação ao conflito na tentativa de evitar a morte de inocentes. Para tanto, julgava que um acordo entre a França e a Argélia fazia-se urgente: “por mais sombrio que seja, o devir argelino ainda não está inteiramente comprometido. Se cada um, Árabe ou Francês, fizesse o esforço de pensar nas razões do adversário, ao menos, os elementos de uma fecunda discussão poderiam ser

¹¹⁷ Ibid., p 112.

¹¹⁸ **La force des choses II**, p. 146. “Je reconnaissais cette boule dans ma gorge, ce dégoût impuissant et rageur: c’est ce que j’éprouvais quand j’apercevais un S.S. Les uniformes français aujourd’hui me donnaient le même frisson qu’autrefois les croix gammées. [...] Oui, j’habitais une ville occupée, et je détestais les occupants avec plus de détresse que ceux des années 40, à cause de tous les liens que j’avais avec eux.”

¹¹⁹ Dois anos depois, apesar de só ter escrito o prefácio para o livro de Gisèle Halimi sobre o caso Boupacha, Beauvoir assumiu a co-autoria, tentando, com a notoriedade de seu nome, evitar que a colega sofresse perseguições políticas.

resgatados”.¹²⁰ Não obstante seu tom moderado, a atmosfera era visivelmente hostil; franceses da Argélia, os chamados *pieds-noirs*, ligados à extrema-direita, o acusavam de traição e gritavam: “À morte, Camus!”¹²¹

A intensificação dos atos de violência, tanto por parte dos contrários como dos favoráveis à independência da Argélia, levou-o a fazer, poucos meses depois deste pronunciamento, uma declaração que chocou a muitos: “Se um terrorista joga uma granada no mercado de Belcourt que minha mãe frequenta, e ele a mata, eu seria responsável caso, para defender a justiça, eu tivesse defendido igualmente o terrorismo. Amo a justiça, mas também amo a minha mãe.”¹²² Reafirmaria este posicionamento no ano seguinte, dois dias depois de receber o prêmio Nobel de literatura. Beauvoir mostrou-se estarecida. Anos depois, continuaria reprovando a atitude do colega, conforme se percebe pela narrativa que fez do ocorrido:

A tortura [imposta pelos soldados franceses aos rebeldes] era então um fato tão bem estabelecido que mesmo a Igreja teve que se pronunciar sobre sua legitimidade [...]. Entre os laicos, tantos silêncios consentintes! O de Camus me revoltava. Ele não podia mais alegar, como durante a guerra da Indochina, que ele não queria fazer o jogo dos comunistas; então ele resmungava que a metrópole não compreendia o problema. Quando veio a Estocolmo receber o prêmio Nobel, ele se expôs mais. [...] Diante de um vasto público, declarou: “Amo a justiça; mas defenderia minha mãe antes da Justiça”, o que equivalia a ficar do lado dos *pieds-noirs*. O engodo, é que ele fingia ao mesmo tempo situar-se acima desta mixórdia, fornecendo assim uma caução àqueles que desejavam conciliar esta guerra e seus métodos com o humanismo burguês.¹²³

Não obstante o que afirmava Beauvoir, Camus expressou publicamente seu medo de que a URSS incentivasse a independência das colônias para, em seguida, dominá-las ao seu

¹²⁰ CAMUS, Albert. Pour une trêve civile en Algérie. In: **ACTUELLES III**; Chroniques algériennes, 1939-1958. Paris: Gallimard, 1958, pp. 115 - 118. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/camus_albert/actuelles_III/actuelles_III.html Acesso em 15 nov. 2010. “Si sombre qu’il soit, l’avenir algérien n’est pas encore tout fait compromis. Si chacun, Arabe ou Français, faisait l’effort de réfléchir aux raisons de l’adversaire, les éléments, au moins, d’une discussion féconde pourraient se dégager.”

¹²¹ Cf. CELLÉ, Dominique. **Camus et le communisme.**, p. 133; COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre.**, pp. 114-115.

¹²² CELLÉ, Dominique. **Camus et le communisme.**, p. 133. “Si un terroriste jette une grenade au marché de Belcourt que fréquente ma mère, et s’il la tue, je serais responsable dans le cas où, pour défendre la justice, j’aurais éalement défendu le terrorisme. J’aime la justice mais j’aime aussi ma mère.”

¹²³ **La force des choses II**, pp. 144-145. “La torture était à présent un fait si bien établi que l’église même avait dû se prononcer sur sa légitimité. [...] Parmi les laïques, que de silences consentants! Celui de Camus me révoltait. Il ne pouvait plus arguer, comme pendant la guerre d’Indochine, qu’il ne voulait pas faire le jeu des communistes; alors il grommelait que la métropole ne comprenait pas le problème. Quand il vint à Stockholm recevoir le prix Nobel, il se découvrit davantage. [...] Devant un vaste public, il déclara: ‘J’aime la Justice; mais je défendrai ma mère avant la Justice’, ce qui revenait à se ranger du côté des *pieds-noirs*. La supercherie, c’est qu’il feignait en même temps de se tenir au-dessus de la mêlée, fournissant ainsi une caution à ceux qui souhaitaient concilier cette guerre et ses méthodes avec l’humanisme bourgeois.”

modo.¹²⁴ Não se pode dizer que ele não tivesse motivos para raciocinar deste modo, contudo, contrariando sua avaliação, o movimento de independência da Argélia parece nunca ter se submetido às exigências soviéticas.

Camus se ausentou progressivamente do debate sobre o conflito. A distância entre ele e “Sartreebeauvoir” cresceria ainda mais. Isto não impediu uma sincera comoção do casal ao receber a notícia inesperada da morte do colega nos primeiros dias de 1960. Três dias depois do trágico acidente automobilístico, Sartre publicaria um texto no qual lamentava profundamente o desaparecimento do colega e fazia um balanço da relação entre eles:

Estávamos brigados, ele e eu: uma briga não é nada – mesmo se não deveríamos rever-nos nunca mais – apenas uma outra maneira de viver junto e sem se perder de vista no pequeno mundo estreito que nos é dado. Isto não me impedia de pensar nele, de sentir seu olhar na página do livro, no jornal que ele lia e de me dizer “que diz ele disto? Que diz ele disto neste momento?”¹²⁵

Tempos depois, Beauvoir escreveria sobre a tragédia na sua autobiografia. Apesar de enfatizar a angústia provocada pelo desaparecimento do colega, fez um balanço de suas relações bem mais severo do que aquele realizado por Sartre:

Estava sozinha na casa de Sartre, numa tarde de janeiro, quando o telefone tocou: “Camus morreu ainda há pouco num acidente de carro”, me disse Lanzmann. [...] Desliguei o telefone, a garganta apertada, a boca trêmula: “Não vou começar a chorar, disse pra mim mesma. Ele não significava mais nada pra mim.” Fiquei em pé contra a janela, olhando a noite descer sobre Saint-Germain-des-Prés, incapaz tanto de me acalmar como de mergulhar num verdadeiro desgosto. [...] Não era o homem de cinquenta anos que eu lamentava; não era este justo sem justiça, de arrogância desconfiada e severamente mascarado, que havia riscado meu coração com seu consentimento aos crimes da França; era o companheiro dos anos de esperança, cujo rosto nu ria e sorria tão bem, o jovem escritor ambicioso, louco pela vida, pelos seus prazeres, pelos seus triunfos, pela camaradagem, pela amizade, pelo amor, pela felicidade.¹²⁶

¹²⁴ CAMUS, Albert. Algérie 1958. In: **ACTUELLES III**; Chroniques algériennes, 1939-1958. Paris: Gallimard, 1958, p. 139.

¹²⁵ SARTRE, Jean-Paul. Albert Camus. **France-Observateur**, 7 janvier 1960. "Nous étions brouillés, lui et moi: une brouille ce n'est rien – dût-on ne jamais se revoir-, tout juste une autre manière de vivre ensemble et sans se perdre de vue dans le petit monde étroit qui nous est donné. Cela ne m'empêchait pas de penser à lui, de sentir son regard sur la page du livre, sur le journal qu'il lisait et de me dire 'qu'en dit-il ? Qu'en dit-il en ce moment?'" Posteriormente, o texto foi publicado em Id. **Situations IV**; portraits. Paris: Gallimard, 1964, p. 127.

¹²⁶ **La force des choses II**, pp. 276 – 277. “J'étais seule chez Sartre, un après-midi de janvier, quand le téléphone sonna: 'Camus s'est tué tout à l'heure en auto.', me dit Lanzmann. [...] Je reposai l'écouteur, la gorge serrée, la bouche tremblante: 'Je ne vais pas me mettre à pleurer, me dis-je. Il n'était plus rien pour moi.' Je restai debout contre la fenêtre, regardant descendre la nuit sur Saint-Germain-des-Prés, incapable de me calmer comme de sombrer dans un vrai chagrin. [...] Ce n'était pas l'homme de cinquante ans que je regrettais; ce n'était pas ce juste masqué, qu'avait rayé de mon coeur son consentement aux crimes de la France; c'était le compagnon des

A imagem de Camus cristalizada na autobiografia de Beauvoir é a de um outro arrogante, omisso; tão falso intelectual quanto Merleau-Ponty havia se tornado, ao fazer uso de assertivas humanistas para disfarçar seu compromisso com a burguesia. Praticamente todos os estudiosos do pensamento de Beauvoir concordam no que se refere à rigidez com a qual ela tratava seus rivais.¹²⁷ Neste sentido, Danièle Sallenave observa que é muito comum que os frequentes balanços da sua existência, realizados nas suas autobiografias, sejam precedidos por um “vivo ataque contra adversários e inimigos, que põe prontamente o leitor em posição de apoiá-la e defendê-la. A confissão dolorosa de seus reveses (relativos) e de suas obsessões vem então conferir-lhe uma simpatia de uma natureza um pouco diferente, pessoal, quase íntima.”¹²⁸ Partindo de alguém cuja postura fosse respeitável, as críticas dirigidas ao casal “Sartrebeauvoir” poderiam ser consideradas plausíveis. Vindas, porém, de um pernóstico egocêntrico, que valor elas poderiam ter? No meu entendimento, se Beauvoir eternizou na sua escrita o perfil do intelectual burguês autocentrado tanto para Merleau-Ponty quanto para Camus, foi, sobretudo, pelo esforço em desqualificar as críticas que estes endereçaram às escolhas políticas e intelectuais do célebre casal. Deste modo, a autobiógrafa criava mais possibilidades para que a ideia que fazia de si mesma e de Sartre se difundisse. Não estou afirmando que Beauvoir não possuísse outras motivações para condenar o comportamento destes colegas; ao contrário, é possível perceber muito claramente as diferenças ideológicas que os separavam. Todavia, o que pretendo destacar é que, nas suas autobiografias, as críticas ao outro têm como principal função a construção da sua identidade autobiográfica, do seu “eu”.

Em boa parte do seu texto, este “eu” é construído por inversão: ao descrever os outros, seus adversários, Beauvoir permite que o leitor entenda quem ela não é e não deseja ser. Deste modo, por oposição, ela busca responder à pergunta-chave do gênero: como me tornei quem sou? Como resposta a este complexo processo de construção, a autora escolheu, entre outras vias, expor as falhas de raciocínio e de caráter que enxergava nos seus oponentes. Beauvoir

années d’espoir, dont le visage nu riait et souriait si bien, le jeune écrivain ambitieux, fou de la vie, de ses plaisirs, de ses triomphes, de la camaraderie, de l’amitié, de l’amour, du bonheur.”

¹²⁷ Cf. entre outros: SALLENAVE, *Castor de guerre*, 2008; BAIR, *Simone de Beauvoir*, 1991; FRANCIS, GONTIER, *Simone de Beauvoir*, 1979. Sallenave, por exemplo, lembra que, para a autora, a verdade costuma ser apenas uma e alojada num único campo, o dela própria. (p. 378.) Também comenta a respeito de seu embate público com Merleau-Ponty: “fica-se com a impressão um pouco incômoda que o Castor procede por afirmações sem provas: ‘Sartre tinha razão’, e Merleau-Ponty ‘estava errado’. Eis tudo.” (“... on en retire l’impression un peu gênante que le Castor procède par affirmations sans preuves: Sartre ‘avait raison’, et Merleau-Ponty ‘avait tort’. Voilà tout.” (p. 405).

¹²⁸ SALLENAVE, Danièle. *Castor de guerre*, p. 491. “... d’une attaque vive contre adversaires et ennemis, qui met aussitôt le lecteur en position de la soutenir et de la défendre. La confession douloureuse de ses échecs (relatifs) et de ses hantises vient alors lui assurer une sympathie d’une nature un peu différente, personnelle, presque intime. ”

apresentou Merleau-Ponty como alguém leviano e individualista; por sua vez, Camus foi descrito como autoritário, pernóstico e deslumbrado com a fama. Estas qualificações depreciativas, todavia, foram expostas pela autobiógrafa de forma a convencer o leitor de que, se retratava os colegas desta maneira, era tão somente por que eles de fato eram assim; aquela era a verdade (pelo menos, a sua).

Deste modo, Beauvoir se esforçava em apresentar argumentos convincentes: queria deixar claro que não era por ressentimento que tecia qualquer comentário negativo sobre seus colegas. Da mesma maneira que fez menção à sólida amizade entre ela e Merleau-Ponty, a autora também destacou o forte laço que a ligava a Camus. Exemplo disto é a narrativa do seu choque ao saber da morte prematura do colega, conforme mencionei anteriormente. Todavia, ela lamentava, como se viu, não o “justo sem justiça”, o falso moralista, mas o companheiro perdido em quem ainda se reconhecia. Ela havia se mantido semelhante àquela imagem – ávida pela vida, pela liberdade - afinal de contas, como ela mesma afirmava dizia sempre se reconhecer em meio a todas as mudanças, e permanecer fiel ao seu projeto original, amplo e ambicioso, “saber e expressar”.¹²⁹ Mas Camus, não: havia se transformado num outro. Cita, para comprovar sua afirmação, uma gama de situações que exemplificavam, segundo ela, a postura equivocada do ex-amigo.

Um olhar mais apurado sobre sua escrita autobiográfica permite entender que tais descrições permitiam à autora valorizar suas escolhas intelectuais e políticas. Expondo seus próprios argumentos e explicando por que assumiu determinadas posições e combateu outras tantas, Beauvoir tinha a chance de convencer o leitor da pertinência de seus argumentos e de suas decisões.

Assim como no caso da narrativa feita a respeito do embate público com Merleau-Ponty, escrever sobre as desavenças com Camus era, sobretudo, uma forma de rebater críticas e acusações que visavam a ela e - principalmente talvez - a Sartre; em especial, aquelas contemporâneas à sua referida autobiografia (início da década de 1960). Creio ser desnecessário comentar novamente o empenho muitas vezes demonstrado pela autora em fundir sua imagem com a de Sartre.¹³⁰ Não é, pois, de se estranhar que ela, como responsável pela memória escrita de ambos, tenha-se dedicado com afinco a rebater os detratores do seu

¹²⁹ Sobre o projeto original de Beauvoir, conferir o subtópico 2.1. do capítulo precedente.

¹³⁰ Cf. o subtópico 1.3.2 do primeiro capítulo e o 2.3.2 do segundo. Sobre o lugar que ocupa na autobiografia de Beauvoir, disse Sartre em 1965: "se ela me implicou tão fortemente nos três volumes de suas memórias [O balanço final só seria publicado em 1972], se num sentido ela falou de mim e de minha relação com ela, isto quer dizer que estou inteiramente de acordo com o que ela disse sobre mim e sobre nossa relação." In: BONAL, Gérard; RIBOWSKA, Malka. **Simone de Beauvoir**. Paris: Seuil/Jazz, 2001, p. 4. ("si elle m'a impliqué si profondément dans les trois volumes de ses mémoires, si elle a en un sens, parlé de moi et de mon rapport avec elle, cela veut dire que je suis complètement d'accord avec ce que'elle dit sur moi et sur notre relation.")

companheiro, notadamente aqueles que eram considerados seus pares: os intelectuais de esquerda.

3.2. Recepção das críticas: a resposta da autora

1943 representa o início da vida pública de Beauvoir. Pela primeira vez, um livro seu, **A Convidada**, havia sido lançado. Apesar de seu nome já ser razoavelmente conhecido no meio intelectual devido à sua exótica ligação com Sartre, foi só a partir de então que ela passou a ser avaliada pelo seu trabalho, pela sua própria produção. Nos quarenta anos seguintes, Beauvoir ainda publicaria uma peça de teatro, cinco romances, uma dezena de ensaios (dentre os quais, o famoso **O Segundo sexo**), uma novela, quatro autobiografias, sem contar com os diversos artigos escritos para periódicos. Todos estes textos estiveram sob a mira muitas vezes ácida da imprensa e de adversários, no geral. Beauvoir, mais uma vez, valeu-se do espaço autobiográfico para rebater ataques e expor sua versão.¹³¹

Conforme adiantei anteriormente, nas suas autobiografias, eram frequentes seus comentários sobre a recepção de suas obras por parte de críticos e do público. Com exceção de **Memórias de uma moça bem comportada**, cuja narrativa se encerra muito antes de ela se tornar uma autora publicada, em todos os outros volumes, Beauvoir trata de contar como reagiu às críticas de seus livros, além de efetuar ela mesma um balanço deles. O único dos seus livros a não ser mencionado nas suas autobiografias é justamente o último de todos: **A cerimônia dos adeuses** (1981). Publicado em 1979, sete anos após sua última autobiografia, **Quando o espiritual domina** também não recebeu nenhuma análise por parte da autora a respeito de sua recepção; todavia em **A força da idade**, Beauvoir descreveu detalhadamente o processo de composição desta obra na década de 1930.

Sendo a autora dos mesmos, Beauvoir deixava que o leitor percebesse nas entrelinhas que ela era a única apta a lhe fornecer informações privilegiadas, narrando o processo de elaboração do texto desde o momento em que surgiu a ideia da temática até sua materialização – algo que nenhum crítico, por mais bem informado que fosse, era capaz de fazer. Entendo que, com esta “carta na manga”, Beauvoir esperava garantir a confiança do

¹³¹ É possível encontrar um inventário parcial dos artigos críticos sobre os livros de Beauvoir surgidos na França depois de 1954 no livro do sueco Björn Larsson, especialista em literatura francesa: **La réception des mandarins**; le roman de Simone de Beauvoir face à la critique littéraire en France. Lund: University Press, 1988, pp. 210 – 216. Ibid. Apesar de enfatizar a recepção de **Os Mandarins**, Larsson faz um importante estudo sobre a recepção do conjunto da obra de Beauvoir na França.

leitor de que a sua versão era a mais verdadeira.¹³² Todavia, Beauvoir não fazia apologia – pelo menos, não declaradamente – dos seus escritos: expunha seus equívocos, demonstrando, na maioria das vezes, extrema severidade consigo mesma. Os detratores de seus livros estavam errados, segundo ela, não porque seus livros não tivessem defeitos - ela mesma não tinha dificuldade em reconhecê-los e apontá-los; o problema, no seu entendimento, era que estes censores agiam de má-fé e reprovavam seus livros por que, no fundo, não conseguiam alcançar sua verdadeira proposta.

Em várias passagens de suas autobiografias, Beauvoir dizia-se imune à crítica daqueles por quem não tinha especial consideração.¹³³ Se não era importante, por que gastou então tantas páginas defendendo-se? A autora explica: seria uma pena perder possíveis leitores por causa de uma avaliação errada e irresponsável de sua obra. Tenta, então, reconquistar seu público e restabelecer a suposta verdade, que lhe é tão cara. A meu ver, existe também outro motivo. Beauvoir poderia ter ignorado essas detrações, sobretudo as de baixo calão. Optou por mencioná-las como um meio de torná-las parte de seu projeto autobiográfico, mostrando, através da resposta às mesmas, quem ela de fato era; ou melhor, quem ela se dizia ser.

Para construir, descrever e legitimar sua identidade autobiográfica, Beauvoir valeu-se de alguns recursos. Um deles foi apresentar sua história de vida como um todo coerente e racional. Outro, foi silenciar certos aspectos de sua história que não condiziam com a ideia que queria passar de si mesma. Com o mesmo objetivo, escolheu expor algumas situações de conflito: o eu também se forma pela relação com o outro. Da mesma forma que seus embates com Merleau-Ponty e Camus contribuíram para moldar a imagem pela qual ela queria ser lembrada, ou seja, a de alguém coerente, firme, cheia de vitalidade e comprometida com a verdade; sua reação aos ataques vindos da imprensa e dos críticos em geral contribuiu com seu projeto na medida em que, referindo-se aos mesmos, ela podia refutar estas acusações, expondo seus argumentos e construindo a imagem de si que gostaria de ter divulgada.

A acolhida crítica das obras de Beauvoir abrangiu diferentes tipos de reações. Tanto é possível observar resenhas longas e detalhadas, como panoramas gerais, bastante breves, de seus textos. Existiam igualmente aqueles artigos que, sob pretexto de comentar uma obra recém-publicada, acabavam se detendo na autora, oferecendo uma pequena biografia da

¹³² Sobre a relação entre verdade e escrita autobiográfica, conferir o subtópico 1.1.4, “Autobiografia e ficção” no primeiro capítulo e o 2.2.5., “*Mise en marche* das promessas iniciais: relato autobiográfico”, do último.

¹³³ Cf., por exemplo, **Tout compte fait**, pp. 131 – 151.

mesma. Muitos também eram os textos desenvolvidos a partir de certa polêmica criada entre os próprios críticos – pró e contra Simone de Beauvoir:

Se fosse preciso caracterizar, em poucas palavras, a acolhida do conjunto da obra beauvoiriana, seriam termos como “engajado”, “emocional”, “partidário” ou “ideológico” que seria preciso empregar. E se pudessemos brevemente resumir os pontos de discórdia que suscitam as emoções dos críticos, mencionaríamos, entre outros, o ateísmo, o estilo, o cuidado com a verdade, a atitude em relação ao comunismo, o feminismo, a vida em si de Simone de Beauvoir (e em particular sua união livre com Sartre), sua crítica da vida burguesa e o problema do *roman à thèse*.¹³⁴

Apesar de contar com um número considerável de admiradores e defensores de seu trabalho entre os críticos literários, é mais frequente observar hostilidade em relação à sua obra. Muito disto se explica, é verdade, por questões de moral e costume: Beauvoir transgredia o meio burguês no qual nasceu pelas suas escolhas cotidianas e isto se refletia no teor de seus livros. Não obstante, as reprovações não se resumiam ao conteúdo destes, mas também à forma da sua narrativa literária.

Beauvoir comentou uma destas críticas no final do primeiro volume de **A força das coisas**. A publicação de **Os mandarins** (1954) e sua quase imediata indicação ao Goncourt suscitaram uma explosão de resenhas e avaliações. Nathalie Sarraute (1900 – 1999) reprovou o tradicionalismo do livro: segundo ela, Beauvoir não havia conseguido captar a realidade na sua sutileza. Esta se defendeu veementemente e atacou a colega: “É que ela confunde a exterioridade com a aparência. Mas o mundo exterior existe. A partir de um psicologismo apodrecido não é impossível escrever bons livros, mas não se saberia certamente deduzir do mesmo uma estética válida.”¹³⁵ Beauvoir aproveitou então o ensejo para refutar outras críticas. Condenavam o estilo do livro, mas seu tom coloquial era proposital, afirmava ela: queria retratar a vida no seu jorrar, na sua dinâmica, nas suas imperfeições, e, ademais, não existe um estilo certo, *a priori*, responde a autora.

Geralmente, mesmo quando analisa severamente seus próprios livros, especialmente os do início de sua carreira, Beauvoir não costuma concordar com as falhas apontadas pelos

¹³⁴ LARSSON, Björn. **La réception des mandarins**; le roman de Simone de Beauvoir face à la critique littéraire en France. Lund: University Press, 1988, p. 155. “S’il fallait caractériser, en un peu de mots, l’accueil de l’ensemble de l’oeuvre beauvoirienne, ce serait des termes comme ‘engagé’, ‘émotionnel’, ‘partisan’, ou ‘idéologique’ qu’il faudrait employer. Et si on pouvait brièvement résumer les points de discorde qui éveillent les émotions des critiques, on mentionnerait, entre autre, l’athéisme, le style, le souci de vérité, l’attitude envers le communisme, le féminisme, la vie de Simone de Beauvoir elle-même (et en particulier son union libre avec Sartre), sa critique de la vie bourgeoise et le problème du roman à thèse.”

¹³⁵ **La force des choses I**, p. 369. “C’est qu’elle confond l’extériorité avec l’apparence. Mais le monde extérieur existe A partir d’un psychologisme périmé il n’est pas impossible d’écrire de bons livres, mais on ne saurait certainement pas en déduire une esthétique ”

críticos. São outras as razões que a fazem reconhecer as limitações de seus escritos, tais como a inexperiência e certo apego ao idealismo. De certa forma, é como se seu texto lhe pertencesse perpetuamente, como se apenas ela estivesse habilitada a reconhecer os erros do texto, ninguém mais. Nem de longe parece concordar com Paul Valéry (1871 – 1945) na sua conhecida afirmação de que “não há sentido verdadeiro num texto. Não há autoridade do autor. Quisesse dizer o que quisesse, escreveu o que escreveu. Uma vez publicado, um texto é como um aparelho de que cada um pode se servir do seu jeito e segundo seus meios: não é certo que o construtor o utilize melhor do que qualquer outro.”¹³⁶ Decididamente, não era esta a perspectiva de Beauvoir. Nelson Algren, a grande paixão de Beauvoir, condenou publicamente o que classificou como autoritarismo de escrita de sua ex-companheira, ou seja, a imposição ao leitor daquilo que ela julgava correto:

Nenhum cronista de nossas vidas desde Theodore Dreiser combinou uma paixão tão fiel pela justiça humana com uma falta de sensibilidade tão asfíxiante quanto Mme. de Beauvoir. Enquanto outros escritores censuram delicadamente o leitor, ela esfrega-lhe o nariz no quadro-negro, bate-lhe com uma régua de 30 centímetros e avisa-lhe que se ele não começar a agir feito adulto, ela prenderá a respiração até ele fazê-lo. Quando Madame está certa, está **certíssima**. E, quando está errada, é absurda...¹³⁷

Uma das críticas que também recebia com certa frequência referia-se à sua suposta falta de imaginação no que se refere à criação de situações fictícias. Acusavam-na de simplesmente transcrever elementos da realidade para as páginas de seus livros. Seu romance de estreia, por exemplo, foi compreendido por muitos como um *roman à clef*, no qual Beauvoir apenas narrava em código – muito mal protegido - a experiência que viveu no trio, com Sartre e Olga Kosakiewicz. Beauvoir seria Françoise; Sartre, Pierre Labrousse; Olga, Xavière; Jacques-Laurent Bost, Gerbert:¹³⁸

“É Sartre retratado em sua inteireza”, disse a um amigo o antropólogo Claude Lévi-Strauss, “e ele aparece como um filho da mãe torpe.” Raymond Queneau observou em sua revista: “Extraordinária veracidade da descrição,

¹³⁶ VALÉRY, Paul. “Il n'y a pas de vrai sens d'un texte. Pas d'autorité de l'auteur. Quoi qu'il ait voulu dire, il a écrit ce qu'il a écrit. Une fois publié, un texte est comme un appareil dont chacun peut se servir à sa guise et selon ses moyens : il n'est pas sûr que le constructeur en use mieux qu'un autre.” In: À propos du Cimetière marin. **Œuvres**. Paris: Gallimard, 1933. Bibliothèque de la Pleiade, pp. 1506-1507.

¹³⁷ ALGREN, Nelson. The question of Simone de Beauvoir. Harper's, maio de 1956. Apud. ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, pp. 353 – 354, grifo do autor.

¹³⁸ Sobre a relação do trio, cf. o item 2.2.5. do capítulo anterior. Jacques-Laurent Bost (1916-1990) havia sido aluno de Sartre no liceu do Havre. Foi um dos mais importantes colaboradores da **Les Temps Modernes**. Teve um relacionamento amoroso com Beauvoir e veio a se casar com Olga Kosakiewicz, que desconhecia a ligação entre ele e Beauvoir. Marcel Mouloudji (1922 – 1994) era um ator francês que frequentou o círculo da “família” de Sartre e Beauvoir por algum tempo.

total falta de imaginação. Até quando S de B atribui uma infância diferente a um de seus personagens, é a de outra pessoa – por exemplo, a infância de Gerbert (J-L Bost) é a de Mouloudji.¹³⁹

Da mesma forma, **Os Mandarins** (1954), sua mais importante obra literária, também foi entendida como o resultado de uma simples transferência de personagens reais para as páginas escritas – Beauvoir seria Anne; Sartre, Dubreuilh; Nelson Algren, Lewis; Albert Camus, Henri, etc. Quando, tempos depois, narrou o processo de composição destes livros, Beauvoir não negou a visível inspiração fornecida pelo seu cotidiano; todavia, insistia que estes escritos eram apenas evocações e não reproduções fieis de sua realidade e de seus desejos:

Pois, contrariamente ao que pretenderam, é mentira que **Os mandarins** seja um *roman à clef*; tanto quanto as vidas romanceadas, detesto os *romans à clef*: impossível dormir e sonhar se meus sentidos continuam despertos; impossível ligar-se a um conto permanecendo ancorada no mundo. Se visa ao mesmo tempo imaginário e o real, o olhar do leitor se turva, e é preciso ser um autor muito malvado para lhe infligir esse peso. **Pouco importa em que medida e de que maneira a ficção se inspira do dado real**: ela só se edifica pulverizando-o, fazendo-o renascer para uma outra existência.¹⁴⁰

Sobretudo após a publicação póstuma de seus escritos – principalmente de sua correspondência – foi possível constatar que em algumas cenas de seus romances, Beauvoir havia descrito momentos “reais” de sua vida. É o caso, como lembra Hazel Rowley, da cena na qual Françoise e Gerbert, personagens de **A Convidada**, iniciam uma ligação amorosa. O diálogo é praticamente idêntico à conversa entre Beauvoir e Bost quando viveram a mesma situação. Na carta que enviou a Sartre, contando o início deste relacionamento no verão de 1938, Beauvoir disse:

Aconteceu comigo uma coisa ótima, que eu não esperava quando parti: três dias atrás, transei com o pequeno Bost. Fui eu que sugeri, claro. [...] Afinal, olhei para ele e ri como uma idiota. E ele disse: “Por que está rindo?” e eu disse: “Estava tentando imaginar sua cara se eu lhe sugerisse que transasse comigo”, e ele disse: “Achei que estivesse pensando que eu queria beijá-la e não me atrevia.”¹⁴¹

¹³⁹ ROWLEY, Hazel. **Tête à tête**, p. 170.

¹⁴⁰ **La force des choses I**, pp. 364 – 365., grifo meu. “Car, contrairement à ce qu’on a prétendu, Il est faux que **Les Mandarins** soit un roman à clef; autant que les vies romancées, je déteste les romans à clef: impossible de dormir et rêver si mes sens restent en éveil; impossible de se prendre à un conte tout en demeurant ancré dans le monde. S’il vise à la fois l’imaginaire et le réel, le regard du lecteur se brouille, et il faut être un bien méchant auteur pour lui infliger ce cumul. Peut importe dans quelle mesure et de quelle manière la fiction s’inspire au donné: elle ne s’édifie qu’en le pulvérisant pour le faire renaître à une autre existence.”

¹⁴¹ Apud. ROWLEY, Hazel. **Tête à tête**., p. 105.

No romance, narrou o episódio da seguinte maneira:

Ela sorriu nervosamente. “Por que você está rindo?” Disse Gerbert. “Por nada”, disse Françoise. [...] “Eu ria ao me perguntar que cara você faria, você que não gosta de complicações, se eu lhe propusesse transar comigo”. “Achei que estivesse pensando que eu estava com vontade de beijá-la e não me atrevia”, disse Gerbert.¹⁴²

Embora tenha durado alguns anos, Beauvoir nunca mencionou na sua autobiografia, seu relacionamento amoroso com Jacques-Laurent Bost. Ainda que o tivesse mencionado, inclusive contando o referido diálogo, isto não seria suficiente, a seu ver, para comprovar sua falta de criatividade. O grau de proximidade entre realidade e ficção não era importante, insistia a autora. Todos os elementos tirados da sua experiência foram, segundo ela, triturados, alterados, martelados, distendidos, transpostos, torcidos e revirados para pulverizar devidamente o dado real e criar outro universo.¹⁴³ Deste modo, o diálogo em questão, por mais semelhante que fosse àquele vivenciado, adquiriria, de acordo com ela, uma dimensão nova a partir do momento em que se inseria numa trama diferente, ilusória, ficcional.

Muitos eram os que discordavam desta perspectiva, mesmo antes que outros textos sobre Beauvoir viessem à tona e revelassem mais semelhanças entre sua vida e passagens de sua obra. Nelson Algren sentiu-se profundamente ofendido com o personagem criado por Beauvoir espelhado nele (Lewis, de **Os mandarins**). Beauvoir tentou se justificar em **A força das coisas**, livro no qual também narrou o envolvimento dos dois:

De todos os meus personagens, Lewis é aquele que mais se aproxima de um modelo vivo; estranho à intriga, ele escapava das necessidades dela, eu era totalmente livre para pintá-lo ao meu modo; ocorria que – rara conjuntura – Algren era na realidade, muito representativo do que eu queria representar; mas não segui uma fidelidade anedótica: utilizei Algren para inventar um personagem que devia existir sem referência no mundo dos vivos.¹⁴⁴

Sua explicação não parece ter convencido Algren. Horas antes de morrer, teceu o seguinte comentário a respeito de Beauvoir durante uma entrevista: “Já estive em bordeis no

¹⁴² **L’invitée**, pp. 457 - 458. “Elle sourit nerveusement. – Pourquoi souriez-vous? dit Gerbert. – Pour rien, dit Françoise. [...] – Je riais en me demandant quelle tête vous feriez, vous qui n’aimez pas les complications, si je vous proposais de coucher avec moi. – Je croyais que vous pensiez que j’avais envie de vous embrasser et que je n’osais pas, dit Gerbert.”

¹⁴³ Cf. **La force des choses I**, p. 367.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 364. “De tous mes personnages, Lewis est celui qui se rapproche le plus d’un modèle vivant; étranger à l’intrigue, l’échappait à ses nécessités, j’étais tout à fait libre de le peindre à ma guise; il se trouvait que – rare conjuncture – Algren était dans la réalité, très représentatif de ce que je voulais représenter; mais je ne me suis pas arrêtée à une fidélité anecdotique: j’ai utilisé Algren pour inventer un personnage qui doit exister sans référence au monde des vivants.”

mundo inteiro, e a mulher ali sempre fecha a porta, seja na Coreia, seja na Índia. Mas essa mulher escancarou a porta e chamou o público e a imprensa.”¹⁴⁵

Mesmo quando Beauvoir não utilizava um modelo real para seus personagens, era comum que seus críticos sugerissem que ela sempre descrevia nos seus livros uma situação que vivenciou de perto. Neste sentido, seu mais famoso ensaio também foi entendido como uma indiscreta revelação da autora. Nunca a crítica havia se manifestado tão agressivamente antes da publicação de **O segundo sexo**. Os diversos assuntos referentes à condição feminina que Beauvoir abordou no segundo volume da obra, tais como o aborto, o lesbianismo, a frigidez, a prostituição, etc., foram entendidos por alguns como confissões da autora. Também foi em **A força das coisas** que Beauvoir comentou este momento, resumindo em cerca de dez páginas as acusações recebidas. Elas vinham dos mais diferentes grupos: extrema direita, extrema esquerda, católicos e intelectuais, sendo boa parte das mesmas acompanhadas de grosserias centradas na sexualidade:

Que festival de obscenidade, sob pretexto de fustigar a minha! O bom e velho espírito gaulês correu a borbotões. [...] Insatisfeita, gelada, priápica, ninfomaníaca, lésbica, cem vezes abortada, fui de tudo, até mesmo mãe clandestina. Ofereciam-me curar minha frigidez, saciar meus apetites de vampira, prometiam-me revelações, em termos obscenos, mas em nome do belo, do bem, da saúde e mesmo da poesia, indignamente devastados por mim.¹⁴⁶

Numa carta enviada a um dos colaboradores da **T.M**, François Mauriac (1885 - 1970) - respeitado escritor francês, ganhador do Prêmio Nobel de literatura de 1952 - informou que, graças ao livro, aprendera tudo sobre a vagina de Beauvoir. Camus, conforme comentei anteriormente, acusou-a de ridicularizar o macho francês. Muitos diziam-na humilhada pela sua condição de mulher, alguns a acusavam de negar as diferenças entre homens e mulheres, outros descreviam-na como misógina. **O segundo sexo** foi posto no Índice dos livros proibidos pela Igreja Católica. Apesar de muito inspirado no marxismo, o ensaio também foi severamente criticado pela esquerda: as operárias tinham coisas mais importantes e urgentes com que se preocupar, diziam certos militantes; os problemas das mulheres seriam todos resolvidos quando a Revolução fosse feita.

¹⁴⁵ WEATHERBY, W.J., “The Life and Hard Times of Nelson Algren”, Sunday Times, 17 May 1981. Apud. ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 355.

¹⁴⁶ **La force des choses I**, p. 260. “Quel festival d’obscenité, sous prétexte de fustiger la mienne! Le bon vieil esprit gaulois coula à flots. [...] Insatisfaite, glacée, priapique, nymphomane, lesbienne, cent fois avortée, je fus tout, et même mère clandestine. On m’offrait de me guérir de ma frigidity, d’assouvir mes appétits de goule, on me promettait des révélations, en termes orduriers, mais au nom du vrai, du beau, du bien, de la santé et même de la poésie, indignement saccagés par moi.”

Como de costume, Beauvoir procede a uma auto-crítica, para, logo em seguida, destacar os pontos positivos de sua obra: “Oh! Admito que critiquem o estilo, a composição. Eu retalharia facilmente dentro dele uma obra mais elegante: descobrindo minhas ideias ao mesmo tempo que as expunha, não pude fazer melhor.”¹⁴⁷ Também reconhece certo idealismo que persiste em aparecer em sua obra; se tivesse que reescrever o livro, daria ao mesmo uma base mais materialista, mais realista. Todavia, não foi por estes motivos que sua obra recebeu tantas críticas, e sim por que, mais uma vez, um livro seu havia sido, no seu entendimento, mal lido e mal interpretado.

Obra de maturidade, **A mulher desiludida** (1968), seu último livro de ficção, também foi compreendido em termos parecidos: “muitos dos leitores pretendem me encontrar em todos meus personagens femininos.”¹⁴⁸ Tratando de situações dolorosas vividas por mulheres – a solidão, o fracasso, a decadência – alguns viram nessas páginas um desabafo da própria autora. Desta vez, foi em **O balanço final** que Beauvoir contou a recepção do livro e sua decorrente reação. O escândalo suscitado pela publicação destas novelas devia-se, mais uma vez, segundo a autora, à má leitura do livro e/ou à má-fé dos seus detratores. Até mesmo entre as feministas o livro foi mal recebido, muitas entenderam o livro como uma traição. Beauvoir se explica: descrever o sofrimento não significa pregá-lo; “nada impede que se tire uma conclusão feminista de **A mulher desiludida**: o sofrimento dela [da personagem] vinha da dependência à qual consentiu.”¹⁴⁹ Outros qualificaram a novela que dá nome ao livro como romance para mocinhas, quando Beauvoir “nunca tinha escrito nada tão sombrio quanto esta história: toda a segunda parte é apenas um grito de angústia e o despedaçamento final da heroína é mais lúgubre do que uma morte.”¹⁵⁰ Muitos deixavam subentendido que o livro era resultado da senilidade de Beauvoir ou então da sua depressão, fruto do suposto término de seu relacionamento com Sartre. Para expor seus argumentos, Beauvoir valeu-se da defesa da obra realizada por outras pessoas:

O despropósito dos meus censores não me espantou. O que não entendi, foi por que este pequeno livro desencadeou tanto ódio. Defendendo-o contra Pivot ao longo de um debate público retransmitido pela O.R.T.F. [Office de Radiodiffusion-Télévision Française], Claire Etcherelli quase se deixou

¹⁴⁷ Ibid., p. 266. “Oh! j’admets qu’on critique le style, la composition. Je retaillerais facilement dedans un ouvrage plus élégant: découvrant mes idées en même temps que je les exposais, je n’ai pas pu faire mieux.”

¹⁴⁸ **Tout compte fait**, p. 145. “... beaucoup de lecteurs prétendent me retrouver dans tous mes personnages féminins.”

¹⁴⁹ Ibid., p. 145. “Rien n’interdit de tirer une conclusion féministe de **La femme rompue**: son malheur vient de la dépendance à laquelle elle a consenti.”

¹⁵⁰ Ibid., p. 144. “... je n’ai jamais rien écrit de plus sombre que cette histoire: toute la seconde partie n’est qu’un cri d’angoisse et l’effrètement final de l’héroïne est plus lugubre qu’une mort.”

levar. “O que você faz não tem nada a ver com crítica literária”, disse-lhe ela com uma voz que tremia de indignação: ele suscitava risos da assistência com brincadeiras grosseiras. [...] Minha irmã foi entrevistada na Televisão por ocasião de uma de suas exposições, seu interlocutor lhe perguntou: “Por que a senhora escolheu ilustrar este livro que é o mais medíocre que sua irmã escreveu?” Ela o defendeu com ardor e completou: “Existem duas categorias de pessoas que gostam dele: as pessoas simples que são tocadas pelo drama de Monique; os intelectuais que captam as intenções do livro. Os que não gostam dele, são os semi-intelectuais, não suficientemente sutis para compreendê-lo, muito pretensiosos para lê-lo com um olho inocente.” Não é, de certo, totalmente verdade. Pode-se captar minhas intenções e concluir-se que é um fracasso. Mas o fato é que fui apoiada pelas pessoas que mais estimo e os que me atacaram nunca me deram uma razão válida.¹⁵¹

Quando as críticas iam além da avaliação literária do seu texto, questionando sua vida pessoal, Beauvoir se defendia com ainda mais impetuosidade. É possível sentir isto, principalmente, na avaliação que a autora empreendeu a respeito da recepção das suas autobiografias. A primeira delas, **Memórias de uma moça bem comportada**, começou a revelar um lado de Beauvoir desconhecido de boa parte das pessoas. Vista, com muita frequência, como um personagem irreverente, mãe do feminismo, eterna companheira de um dos maiores pensadores do século XX, não foi sem surpresa que se descobriram certos aspectos de sua história, tais como sua formação carola, seu visível desconforto na juventude com as questões voltadas para a sexualidade e sua suposta submissão intelectual a Sartre.

A continuação da narrativa da sua vida continuaria a suscitar mais espantos, tanto dos setores mais conservadores como também daqueles mais liberais. Tanto era considerada como uma depravada, desrespeitosa da moral e dos bons costumes, como uma traidora da causa feminista.¹⁵² Neste sentido, certas observações feitas a respeito da sua relação com Sartre, em especial, escandalizaram. Era realmente a autora de **O segundo sexo** que escrevia aquelas linhas? Sobre o encontro deles, tem-se a seguinte nota de Beauvoir: “Era a primeira vez da minha vida que me sentia intelectualmente dominada por alguém. [...] Sartre, todos os dias, o

¹⁵¹ **Tout compte fait**, pp. 144-145. “L’*étourderie* de mes censeurs ne m’a pas étonnée. Ce que je n’ai pas compris, c’est pourquoi ce petit livre a déchaîné tant de haine. Le défendant contre Pivot au cours d’un débat public retransmis par l’O.R.T.F., Claire Etcherelli a failli s’en aller. ‘Ce que vous faites n’a rien à voir avec la critique littéraire.’, lui a-t-elle dit d’une voix qui tremblait d’indignation: il suscitait les rires de l’assistance par de grossières plaisanteries. [...] Ma soeur étant interviewée à la Télévision a propos d’une de ses expositions, son interlocuteur lui a demandé: ‘Pourquoi avez-vous choisi d’illustrer ce livre qui est le plus médiocre qu’ait écrit votre soeur?’ Elle l’a défendu avec feu et elle a ajouté: ‘Il ya deux catégories de gens qui l’aiment: les gens simples qui sont touchés par le drame de Monique; les intellectuels qui saisissent les intentions du livre. Ceux qui ne l’aiment pas, ce sont les demi-intellectuels, pas assez subtils pour le comprendre, trop prétentieux pour le lire d’un oeil naïf.’ Ce n’était sûrement pas tout à fait vrai. On a pu saisir mes intentions et conclure à un échec. Mais le fait est que j’ai été soutenue par les gens que j’estime le plus et ceux qui m’ont attaquée ne m’en ont jamais donné de raison valable.” Claire Etcherelli (1934 -) é escritora. Em 1967, tornou-se secretária da T.M. Bernard Pivot (1935 -) é jornalista, crítico literário e animador de programas de auditório na televisão francesa.

¹⁵² Sobre os espantos causados pelas revelações autobiográficas de Beauvoir, conferir, em especial: BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. Trad. Marie-France de Paloméra. Paris: Fayard, 1991, p. 180.

dia todo, eu me media com ele e, nas nossas discussões, não conseguia contrabalançá-lo.”¹⁵³
 No epílogo de **A força das coisas**, Beauvoir tentou explicar sua relação de admiração para com Sartre, mas parte de seu público se sentiu ainda mais consternada:

Este acordo contradiria, queixaram-se a mim, a moral de **O segundo sexo**: exijo das mulheres a independência e nunca conheci a solidão. As duas palavras não são sinônimos; [...] Acontece que filosoficamente, politicamente, as iniciativas vieram dele. Ao que parece, certas jovens ficaram decepcionadas: eu teria aceitado este papel “relativo” do qual eu as aconselhava a fugirem. Não, Sartre é ideologicamente criador, eu não; pressionado por isso mesmo a fazer opções políticas, ele aprofundou as razões mais do que eu estava interessada em fazer: seria recusando essas superioridades que eu teria traído minha liberdade.¹⁵⁴

Imagine-se então o choque provocado quando, décadas depois, as cartas de Beauvoir a Nelson Algren foram publicadas. Numa delas, a autora promete: “serei boazinha, lavarei a louça, varrerei, comprarei eu mesma ovos e bolo com rum, não tocarei nos seus cabelos, suas bochechas nem seu ombro sem autorização. [...] Nunca faria coisas que você não quisesse que eu faça.”¹⁵⁵ Estas contradições, na minha avaliação, integram a identidade de Beauvoir. A ambiguidade faz parte da dinâmica identitária; deste modo, Beauvoir não é uma coisa ou outra; ela é uma coisa e outra: ávida de sua própria autonomia e também carente de certa dominação, seja ela intelectual ou emocional.

Por ora, todavia, concentremo-nos nos impactos provocados pelas suas autobiografias. Destas, a que, sem dúvida, mais suscitou polêmica foi **A força das coisas**. O epílogo da obra, sobretudo, foi alvo de muitas discussões. Beauvoir encerra o livro num tom um tanto quanto pessimista. Fala da esterilidade da sua experiência:

Se ao menos ela tivesse enriquecido a terra; se ela tivesse gerado... o que? Uma colina? Um foguete? Mas não. Nada terá acontecido. Revejo a cerca de aveliras que o vento balançava e as promessas com as quais eu enlouquecia

¹⁵³ **Mémoires d'une fille rangée**, p. 480. “C’était la première fois de ma vie qu’eje me sentais intellectuellement dominée par quelqu’un. [...] Sartre, tous les jours, toute la journée, je me mesurais à lui et dans nos discussions, je ne faisais pas le poids.”

¹⁵⁴ **La force des choses II**, pp. 489 – 490. “Cet accord contredirait, m’a-t-on reproché, la morale du **Deuxième Sexe**: J’exige des femmes l’indépendance et je n’ai jamais connu la solitude. Les deux mots ne sont pas synonymes; [...] Reste que philosophiquement, politiquement, les initiatives sont venues de lui. Il paraît que certaines jeunes femmes en ont été déçues: j’aurais accepté ce rôle ‘relatif’ dont je leu conseille de s’évader. Non, Sartre est idéologiquement créateur, moi pas; acculé par là à des options politiques, il en a approfondi les raisons plus que je n’étais intéressée à le faire: c’est en refusant de reconnaître ces supériorités que j’aurais trahi ma liberté.”

¹⁵⁵ BEAUVOIR, Simone de. **Lettres à Nelson Algren**; um amor transatlântico (1947 – 1964). Trad. Sylvie Le Bon de Beauvoir. Paris: Gallimard, 1997, p.74, “Et je serai sage, je ferai la vaisselle, je balaierai, j’irai acheter moi-même des œufs et du gâteau au rum, je ne toucherai pas vos cheveux, vos joues ni votre épaule sans autorisation. (...) Jamais je ne ferai des choses que vous ne voudriez pas que je fasse.”

meu coração quando eu contemplava esta mina de ouro aos meus pés, toda uma vida para viver. Elas foram cumpridas. No entanto, lançando um olhar incrédulo para aquela crédula adolescente, meço com estupor até que ponto fui enganada.¹⁵⁶

Como aponta Larsson, este último parágrafo marcaria fortemente a imagem de Beauvoir dali por diante. De maneira geral, esta observação foi entendida como niilista, mesmo entre seus admiradores:

Para os inimigos de Simone de Beauvoir, tratava-se de uma prova da exatidão das queixas que lhe eram dirigidas há muito tempo. O existencialismo ateu, o feminismo e a sexualidade livre não levavam à felicidade. Por outro lado, os amigos de Simone de Beauvoir ficaram ou decepcionados ou desconcertados. Para eles, sem dúvida, Simone de Beauvoir e seus personagens romanescos tinham servido de exemplos e de modelos a seguir. A pequena frase colocada no final de *A força das coisas* minava o valor positivo do *exemplum*.¹⁵⁷

Não apenas alguns censores reprovavam a dita negatividade do final do livro, como criticavam a estética do texto em geral: diziam que a autora perdera sua áurea criadora e que se limitava a testemunhar. Beauvoir se defendeu das duas acusações com vigor. No segundo capítulo de **O balanço final** - inteiramente consagrado à recepção de suas obras publicadas entre 1963 e 1970 - deu a sua versão. Antes de qualquer coisa, ressaltou que o livro fora “calorosamente acolhido e muito lido” e que a interpretação equivocada restringia-se apenas a alguns críticos, frequentemente movidos pela má-fé, incapazes de, ou, pelo menos, indispostos a captar sua verdadeira intenção.¹⁵⁸ Em relação à forma do texto, censurou a discriminação sofrida pelo gênero autobiográfico e afirmou que há instância criadora em qualquer estilo de escrita desde que o autor consiga que o leitor escute sua viva voz:

Que se trate de um romance, de uma autobiografia, de um ensaio, de uma obra de história, de qualquer coisa, o escritor procura estabelecer uma comunicação com outrem a partir da singularidade da sua experiência vivida; sua obra deve manifestar sua existência e levar sua marca: e é pelo

¹⁵⁶ **La force des choses II**, p. 508. “Si du moins elle avait enrichi la terre; si elle avait engendré... quoi? une colline? une fusée? Mais non. Rien n'aura eu lieu. Je revois la haie de noisetiers que le vent bousculait et les promesses dont j'affolais mon coeur quand je contemplais cette mine d'or à mes pieds : toute un vie à vivre. Elles ont été tenues. Cependant, tournant un regard incrédule vers cette crédule adolescence, je mesure avec stupeur à quel point j'ai été flouée.”

¹⁵⁷ LARSSON, Bjorn. **La réception des mandarins**, p. 156. “Pour les ennemis de Simone de Beauvoir, c'était une preuve de la justesse des reproches qu'ils lui l'adressaient depuis longtemps. L'existencialisme athée, le féminisme et la sexualité libre ne menaient pas au bonheur. En revanche, les amis de Simone de Beauvoir et ses personnages romanesques ont servi d'exemples et de modèles à suivre. La petite phrase placée à la fin de **La Force des choses** minait la valeur positive de l'*exemplum*.”

¹⁵⁸ **Tout compte fait**, p. 131. “... chaleureusement accueilli et beaucoup lu.” Cf. *Ibid.*, p. 135.

seu estilo, seu tom, o ritmo de sua narrativa que ele a imprime nela. Nenhum gênero é privilegiado *a priori*, nem condenado.¹⁵⁹

Quando se refere ao mal-entendido provocado pela frase final do livro, sua defesa se torna ainda mais veemente: as críticas ao gênero autobiográfico não diziam respeito só a ela, mas a qualquer um que viesse a se aventurar a contar sua própria história; no entanto, o suposto pessimismo no fim do texto era atribuição exclusiva da autora. Como de costume, Beauvoir faz um *mea culpa* e assume parte da responsabilidade: “construí mal o epílogo”, diz ela. Explica que o logro a que faz menção correspondia à angústia que sentia em função não das suas escolhas - da sua dedicação à escrita, da sua relação com Sartre -, mas do horror que encontrou no mundo: “a descoberta da infelicidade dos homens, o fracasso existencial que me frustrou do absoluto ao qual aspirava minha juventude: eis as razões que me ditaram essas palavras: ‘Fui enganada.’”¹⁶⁰

Mesmo admitindo sua parcela de culpa neste mal-entendido, insistia que havia mais do que um erro seu. Segundo ela, ocorreu uma confusão por parte de alguns leitores entre o “eu personagem” e o “eu autor”, entre “verdade literária” e “verdade vivida”. O “eu personagem”, de acordo com a autora, é eterno; o “eu autor”, não: seus instantes são efêmeros. Portanto, ela, Beauvoir, escritora de carne e osso, não tinha parado no tempo e permanecido com a sensação de logro:

É por isso que o escritor detesta ser “pego pela palavra”. A expressão diz bem o que ela quer dizer: pego, amarrado, amordaçado pelas palavras escritas. Elas congelam meu pensamento enquanto este nunca está parado. A dramatização [literária] consistiu em colocar depois da palavra “enganada” um ponto final. Não a renego; mas ela não é a “última palavra” de uma existência que prosseguiu depois dela. Avalio a extensão de minhas antigas ilusões, vejo a realidade com um olho lúcido: mas esta confrontação não me mergulha mais no estupor.¹⁶¹

Finalizando sua versão sobre este livro, informa que esta explicação se dirige aos leitores de boa fé, que, por ventura, se sentiram desconcertados pelas suas palavras. Deixa muito claro que conhece o real motivo de toda esta polêmica: o interesse dos seus adversários

¹⁵⁹ Ibid., p. 132. “Qu’il s’agisse d’un roman, d’une autobiographie, d’un essai, d’un ouvrage d’histoire, de n’importe quoi, l’écrivain cherche à établir une communication avec autrui à partir de la singularité de son expérience vécue; son oeuvre doit manifester son existence et porter sa marque: et c’est par son style, son ton, le rythme de son récit qu’il la lui imprime. Aucun genre n’est *a priori* privilégié, aucun condamné.”

¹⁶⁰ **Tout compte fait**, p. 134. “La découverte du malheur des hommes, l’échec existentiel qui m’a frustrée de l’absolu auquel aspirait ma jeunesse: voilà les raisons qui m’ont dicté ces mots: ‘J’ai été flouée.’”

¹⁶¹ Ibid., p. 135. “C’est pourquoi l’écrivain deteste être ‘pris au mot’. L’expression dit bien ce qu’elle veut dire: pris, ligoté, bâillonné par les mots écrits. Ils figent ma pensée alors que celle-ci n’est jamais arrêtée. La dramatisation, c’est d’avoir mis après le mot floué un point final. Je ne le renie pas; mais il n’est pas le ‘dernier mot’ d’une existence qui s’est poursuivie après lui. Je mesure l’étendue de mes anciennes illusions, je vois la réalité d’un oeil lucide: mais cette confrontation ne me plonge plus dans la stupeur.”

em provar a qualquer custo que sua vida, no fim das contas, não passava de um fracasso. Mais uma vez, a autora aproveitava uma detração para explicar a situação ao seu modo, do seu ponto de vista; e afirmava: não, sua vida não foi um erro; ao contrário, teve muito êxito ao pôr em prática seu projeto original. No entanto, o presente é sempre diferente daquilo que imaginamos como futuro no passado, não adianta combater essa complexidade, mas assumi-la. Explicita isto na citação que tira de uma das obras de Sartre que mais aprecia e tem como referência, **O Ser e o nada**:

O futuro não se deixa alcançar, desliza ao passado como antigo futuro... Daí esta decepção ontológica que atinge o para-si a cada vez que desemboca no futuro. Ainda que meu presente seja rigorosamente idêntico em seu conteúdo ao futuro rumo ao qual eu me projetava além do ser, não é este presente rumo ao qual eu me projetava pois eu me projetava rumo a este futuro enquanto futuro, ou seja enquanto ponto de reunião do meu ser.¹⁶²

Com esta resposta, entendo que Beauvoir pretendeu reforçar sua identidade de existencialista convicta, sensível à complexidade da vida humana, enquanto classificava seus censores de simplistas mal intencionados. Pode-se então perguntar se, no final das contas, Beauvoir não entenderia seus adversários como Outros, com maiúscula, pretendendo tirar-lhes a voz e impor ao devir sua própria versão, silenciando as demais. Na minha perspectiva, não se trata disto. A relação de alteridade, na maior parte das vezes, é construída a partir de muita animosidade. Brigar, combater para dar espaço à sua verdade faz, de certa maneira, parte do jogo. Beauvoir não calou seus rivais. Pelo contrário, valeu-se da voz deles para reforçar a imagem que queria deixar de si mesma. Se ela foi bem sucedida ou não em sua intenção, não me cabe avaliar, seria tarefa – bastante exaustiva, por sinal - para outra ocasião. Neste momento, propus-me apenas a buscar entender de que forma Beauvoir construiu na sua narrativa as relações de alteridade desenvolvidas no meio intelectual e na acolhida crítica de suas obras. E, na minha perspectiva, a autora retomou com muita habilidade o discurso de seus adversários para moldá-lo à sua maneira e reafirmar a identidade autobiográfica que reivindicou para si.

¹⁶² SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1943], pp. 182 – 183. Apud. **Tout compte fait**, p. 134. “Le futur ne se laisse pas rejoindre, il glisse au passé comme ancien futur ... De là cette déception ontologique qui attend le pour-soi à chaque débouché dans le futur. Même si mon présent est rigoureusement identique en son contenu au futur vers quoi je me projetais par delà l'être, ce n'est pas ce présent vers quoi je me projetais car je me projetais vers le futur en tant que futur, c'est-à-dire en tant que point de rejointement de mon être.” Beauvoir faz uma adaptação da citação extraída do segundo capítulo da segunda parte, “A Temporalidade”, da obra de Sartre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quero tudo da vida, ser uma mulher e também um homem, ter muitos amigos, e também a solidão, trabalhar enormemente, escrever bons livros, e também viajar, me divertir, ser egoísta e também generosa... Como você está vendo, não é fácil ter tudo o que quero. Então, quando não consigo, isto me deixa louca de raiva.*¹

Simone de Beauvoir. **Lettres à Nelson Algren** (1947).

Parte significativa da história do século XX foi vivenciada por Simone de Beauvoir. Ao alcançar a maturidade, decidiu socializar sua versão sobre sua vida e sua época. Por meio dessa narrativa, podemos acompanhar alguns fenômenos e características da sociedade da qual fez parte: a valorização da individualidade, o novo papel social da mulher, as mudanças nas relações sociais de gênero - que se verificam inclusive por meio de uma ressignificação da imagem do casal amoroso - , as tensões político-intelectuais do pós-guerra, da guerra fria, os embates no seio da esquerda francesa, entre outras coisas. Alguns propósitos se destacam na sua trajetória. Relembremos alguns deles.

Liberdade e contingência: tal foi o tema da dissertação do concurso de agregação que, em 1929, Simone de Beauvoir prestou ao lado de Jean-Paul Sartre. Por um estranho acaso, feliz coincidência ou imperatividade do destino, este parece ter sido o *Leitmotiv* da sua existência. A liberdade é entendida por Beauvoir como um combate, a justificativa, por excelência, do ser, uma necessidade, quase uma exigência, pois somente graças a ela torna-se possível, no seu entendimento, atingir-se a verdade, seu mais ardoroso objeto de busca. Transcendemos, segundo a autora, quando experimentamos a nossa liberdade e não quando sobrepujamos a realidade ou superamos nossa condição mortal. A liberdade se faz na ação, na luta:

O homem é livre; mas ele encontra sua lei nesta mesma liberdade. Primeiro, ele deve assumir a sua liberdade e não fugir dela; ele a assume por um movimento construtor: não é possível existir sem fazer; e também por um movimento negativo que recusa a opressão para si e para outrem. Na

¹ Carta de Simone de Beauvoir a Nelson Algren, datada de 3 de julho de 1947. In: **Lettres à Nelson Algren**; um amour transatlantique (1947 – 1964). Trad. Sylvie Le Bon de Beauvoir. Paris: Gallimard, 1997. “Je veux tout de la vie, être une femme et aussi un homme, avoir beaucoup d’amis, et aussi la solitude, travailler énormément, écrire de bons livres, et aussi voyager, m’amuser, être égoïste et aussi généreuse... Vous voyez, ce n’est pas facile d’avoir tout ce que je veux. Or quand je n’y parviens pas, ça me rend folle de colère.”

construção, como na recusa, trata-se de reconquistar a liberdade sobre a facticidade contingente da existência, ou seja, de retomar como desejado pelo homem aquilo que é dado, que, primeiro, **está aqui** sem razão.²

Não se transcende a vida, transcende-se na vida: este mundo é nossa única verdade, insiste Beauvoir. A vida só pode ser justificada pela necessidade, pois a liberdade se encontra naquilo que não é contingente: “se acontecesse que cada homem fizesse o que deve, em cada um a existência seria salva sem que houvesse lugar para sonhar com um paraíso onde todos estariam reconciliados na morte”, afirma a autobiógrafa.³ Ainda que a contingência insista em se fazer presente em todos os nossos momentos, devemos empreender uma peleja sem fim contra ela, pois é no dever, na ação, na criação, no cumprimento da vocação de cada um que se encontra a salvação. E qual o principal dever que Simone de Beauvoir se auto-atribui? Escrever. Apesar da sua importância na filosofia e no movimento feminista, é na condição de escritora, notadamente no campo literário, que ela prioritariamente se reconhecia.⁴ Através da escrita, portanto, acreditava exercer sua liberdade de modo mais pleno.

Narrar sua própria história foi uma das formas que encontrou não apenas para salvá-la do esquecimento, mas também de justificá-la. Sua vida lhe foi dada, sem que ela tivesse sido consultada: o acaso decidiu o encontro daquele óvulo com aquele espermatozóide, não havia

² BEAUVOIR, Simone de. **Pour une morale de l’ambiguïté**. Paris: Gallimard, 2003a [1947], pp. 193-194, grifo da autora. “L’homme est libre; mais il trouve sa loi dans sa liberté même. D’abord il doit assumer sa liberté et non la fuir; il l’assume par un mouvement constructif: on n’existe pas sans faire; et aussi par un mouvement négatif qui refuse l’oppression pour soi et pour autrui. Dans la construction, comme dans le refus, il s’agit de reconquérir la liberté sur la facticité contingente de l’existence, c’est-à-dire de reprendre comme voulu par l’homme le donné qui d’abord **est là** sans raison.”

³ Ibid., p. 197. “S’il advenait que chaque homme fasse ce qu’il doit, en chacun l’existence serait sauvée sans qu’il y ait lieu de rêver d’un paradis où tous seraient réconciliés dans la mort.”

⁴ Beauvoir reitera esta disposição para a escrita diversas vezes: no seu primeiro livro autobiográfico, ela relata seu desejo, aos quinze anos, de tornar-se uma autora célebre (BEAUVOIR, Simone de. **Mémoires d’une jeune fille rangée**. Paris: Gallimard: 1988 [1958], p. 196 – 198.); nos volumes seguintes das suas autobiografias, ela reafirma este projeto e nos conta o seu processo de realização (Id. **La force de l’âge**. Paris: Gallimard, 2002a [1960], p. 21; pp. 71, 72; p. 92, p. 173 – 178, pp. 415-417; Id. **La force des choses I**. Paris: Gallimard, 2002b [1963], p. 372-373). Na sua última autobiografia, ela conclui que foi “essencialmente no domínio da criação literária que fiz uso de minha liberdade” (c’est essentiellement dans le domaine de la création littéraire que j’ai fait usage de ma liberté”), (Id. *Tout compte fait*. Paris: Gallimard: 1972, p. 37). Na abertura do Colóquio Internacional Simone de Beauvoir, ocorrido em janeiro de 2008, em virtude do seu centenário de nascimento, não é insignificante o fato da sua filha adotiva, a professora de filosofia Sylvie Le Bon de Beauvoir, profunda conhecedora tanto de sua obra como de sua intimidade, ter convocado os participantes do evento a buscar a reparação de certas deturpações da imagem de Beauvoir, que a afastam, segundo ela, da sua verdadeira propensão, entendida como “essencialmente, radicalmente” de escritora: “desde a sua juventude, ela afirma sua vocação, a vontade de escrever dominou toda sua vida, e agora nos cabe preservar, na imagem que daremos dela, seu status de escritora” (dès sa jeunesse, elle affirme sa vocation, la volonté d’écrire a dominé toute sa vie, et maintenant c’est à nous qu’il incombe de préserver, dans l’image que nous donnerons d’elle, sa stature d’écrivain.” (LE BON DE BEAUVOIR, Sylvie. *Ouverture du colloque Simone de Beauvoir*. In: KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.L.; STRASSER, A. **(Re)découvrir l’oeuvre de Simone de Beauvoir**; du “Deuxième sexe” à “La cérémonie des adieux”. Paris: Le bord de l’eau, 2008, p. 17).

razão lógica para que ela viesse ao mundo, conforme ela mesma disse.⁵ Chegando aos 50 anos, ela retoma a sua vida dada, vencendo “a facticidade contingente da existência” e a representa. Se “não é possível existir sem fazer”, então ela faz a sua vida, ela a reconstrói pelo ato da escrita. Para assumir a sua liberdade, expor a sua verdade, fundamentar a sua existência, por desejar torná-la necessária e não permitir que ela permanecesse uma contingência, Beauvoir se lançou na aventura de se contar, de narrar a história da sua vida. Escrever, para ela, era justificar a coisa bruta, o caos, a materialidade pura, era transcender, representar, dar significado à realidade.

Danièle Sallenave não está enganada quando a define principalmente pelo seu temperamento belicoso, “Castor de guerre”: Beauvoir parecia, de fato, encarar a vida como um combate permanente. Deste ponto de vista, lutar era para ela um modo de exercer sua liberdade. No que diz respeito ao seu empreendimento autobiográfico, fazia-se necessário livrar sua existência das sombras do olvido, justificá-la, provar que tinha sido bem sucedida ao pôr em prática seu projeto original, convencer seu público da verdade que tinha a anunciar, defender-se dos adversários e denunciar os equívocos dos mesmos. Todas essas batalhas integravam, no meu entender, um objetivo maior: a construção da sua identidade autobiográfica.

Tal identidade, conforme destaquei anteriormente⁶, pode ser entendida como um processo construído pela escrita a partir da auto-avaliação da autora bem como de seus interesses, sejam eles conscientes ou inconscientes. Não se trata de algo fixo, mas dinâmico. Paul Ricoeur lembra que a resposta à pergunta iniciada por “quem” só pode ser convenientemente fornecida pelo ato de narrar:

Quem fez tal ação? **Quem** é seu agente, o seu autor? Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio. Mas qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justifica que se considere o sujeito da ação, assim designado por seu nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida, que se estende do nascimento à morte? A resposta só pode ser narrativa. Responder à questão do —quem, como o dissera energeticamente Hannah Arendt, é contar a história de uma vida. A história narrada diz o **quem** da ação. A **identidade** do quem é, **apenas, portanto, uma identidade narrativa.**⁷

⁵ BEAUVOIR, Simone de. **Tout compte fait**, p. 11.

⁶ Cf. o segundo capítulo.

⁷ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997, tomo III, p. 424, grifos do autor.

Considerando, pois, o trabalho de Beauvoir em autobiografar-se, propus-me, nesta tese, a fazer uma reflexão sobre o processo de construção da sua identidade autobiográfica destacando sua condição de sujeito, constituído dinamicamente tanto por aspectos particulares quanto coletivos, tanto pelo *ego*, como pelo *alter*. Ao reiterar que me interessa, sobretudo, entender de que modo Beauvoir queria ser percebida pelos outros, não quero com isto insinuar que a maneira como a autora se descreveu ao mundo era puramente fantasiosa, desconectada da trajetória que de fato viveu. Pretendo apenas ressaltar que tal descrição era uma escolha sua: omitir certos episódios da sua vida, salientar outros, atribuir determinado sentido à sua existência, tudo isto era resultado do modo como Beauvoir escolheu, consciente e/ou inconscientemente, se apresentar publicamente. Fato, aliás, observável em outros sujeitos, em especial nos que empreendem a rota dos escritos autobiográficos. Afinal, como lembra Sartre: “o homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz.”⁸ Beauvoir se recriou ao contar sua história de vida e, por meio deste processo, quis comunicar algo: quem ela era, ou melhor, quem ela queria ser compreendida e lembrada. Sintetizarei aqui alguns aspectos discutidos ao longo desta pesquisa sobre as estratégias da autobiógrafa concernentes ao processo de construção de sua identidade autobiográfica.

No primeiro capítulo, comentei a narrativa de Beauvoir a respeito de sua transformação de uma pessoa auto-centrada e egocêntrica num sujeito consciente da importância da coletividade, bem como da fragilidade e das limitações das suas iniciativas individuais. Nas palavras de Beauvoir, tratava-se da passagem da juventude à maturidade:

Não é possível designar um dia, uma semana, nem mesmo um mês à conversão que então se operou em mim. Mas é certo que a primavera de 1939 marca um corte na minha vida. Renunciava a meu individualismo, a meu anti-humanismo. Aprendi a solidariedade. [...] a História me tomou para não me largar mais.⁹

É possível que Beauvoir tenha enfatizado esse processo de conversão para responder a diversas críticas a respeito de sua apatia, assim como a de Sartre, em relação à ascensão do nazismo e de outros regimes totalitários na Europa, ao longo da década de 1930. Beauvoir, de

⁸ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 21. Col. **Os Pensadores**, vol. XLV, p. 12.

⁹ **La force de l'âge**, p. 409. "Il n'est pas possible d'assigner un jour, une semaine, ni même un mois à la conversion qu s'opéra alors en moi.. Mais il est certain que le printemps 1939 marque dans ma vie une coupure. Je renonçai à mon individualisme, à mon anti-humanisme. J'appris la solidarité. [...] l'Histoire m'a saisie pour ne pus me lâcher."

fato, não nega no seu texto tal “cegueira”, mas, como lembram Lecarme e Lecarme-Tabone, sua aposta na felicidade pessoal continuou, mesmo depois de então, a ter uma dimensão bem mais importante do que a autobiógrafa deixou entrever nos seus escritos: sua “‘conversão’ se revela, pois, mais lenta e mais tardia do que se poderia crer.”¹⁰ A atuação um tanto descomprometida que ela - mais ainda do que Sartre - teve no movimento de resistência durante a Segunda Guerra, conforme vimos, permite entender que o impacto provocado na primavera de 1939 relatado por Beauvoir parece ter demorado mais a transformar seu comportamento *vis-à-vis* do engajamento social.¹¹

Se no tocante à esfera coletiva, Beauvoir enfatiza uma conversão, no que se refere à sua vida pessoal, ela destaca, ao contrário, uma lealdade em relação às promessas que se fez desde cedo. Foi, sobretudo, pela *mise en marche* de seu projeto inicial, “desvendar o mundo”, “saber e expressar”, que a autobiógrafa definiu sua essência: “desde cedo, foi a ideia de escrever que iluminou meu futuro. [...] Minha liberdade consistiu em manter meus projetos originais”¹², diz ela. Não se pode esquecer que ela sempre se reconheceu através de todas as suas transformações, nas suas próprias palavras.¹³ Nesse sentido, suas relações familiares, bem como de amizade desempenharam um papel importante para realização de tal projeto. As diferenças de valores entre seus pais incentivaram certo espírito de contestação nela, conta a autora. Tal espírito, continua ela, mostrou-se determinante para que ela empreendesse uma trajetória intelectual. Além disso, a crise financeira da família agravada pela Primeira Guerra, permitiu que ela seguisse seus estudos muito além do que era desejado para uma jovem naquela época, uma vez que ela teria que ser responsável pelo próprio sustento.¹⁴

As diferenças entre sua maneira de pensar e de agir e a de pessoas queridas, como Poupette e Zaza, assinalavam sua singularidade e confirmavam que, apesar de nem sempre estar feliz consigo mesma, mostrava-se, no fundo, satisfeita e confiante no próprio destino: “conservava a convicção de que sozinha eu conseguiria desvendar a realidade sem deformá-la nem diminuí-la”¹⁵.

¹⁰ LECARME, Jacques; LECARME – TABONE, Éliane. **L’autobiographie**. 2 ed. Paris: Armand Colin, 2004, p. 231. “La ‘conversion’ se révèle donc plus lente et plus tardive qu’on pourrait le croire.”

¹¹ Cf. as críticas ao envolvimento de Sartre e de Beauvoir no conflito no item 1.3.3.

¹² **Tout compte fait**, p. 39, “De bonne heure, c’est l’idée d’écrire qui éclaira mon avenir [...]Ma liberté s’est employée à soutenir mes projets originels.”

¹³ Cf. a segunda epígrafe do segundo capítulo, assim como o subcapítulo 2.3., no qual explícito a construção da identidade narrativa de Beauvoir nesta dimensão.

¹⁴ Cf. item 2.2.2 desta tese.

¹⁵ **Mémoires d’une jeune fille rangée**, p. 158. “Je gardais la conviction que seule je réussirais à dévoiler la réalité sans la déformer ni l’amenuiser.”

A realização de seu projeto original fez de Beauvoir uma intelectual singular, alguém que tinha a ambição de comunicar, de se fazer ouvir, de convencer, de propagar uma verdade: a sua. Com esse propósito, a autobiógrafa também explicou algumas de suas relações de alteridade: ao ouvi-la, ou melhor, ao lê-la, cai-se com muita facilidade na tentação de acreditar que ela se tenha envolvido em todos estes conflitos apenas por amor à verdade. Existiam, certamente, outros motivos, conforme aponte ao longo do último capítulo (desavenças pessoais, legitimação de seu ponto de vista, etc.), o que nos leva à conclusão de que Beauvoir construiu sua narrativa com uma “mão forte”, como lembra Sallénave:

Sua arte extraordinária do convencimento, da persuasão, se duplica às vezes devido a uma verdadeira estratégia da fascinação. A autoridade de sua palavra deve fazer lei. Esta autoridade, todavia, não é, aos seus olhos, o capricho de um eu orgulhoso; é a autoridade da verdade: quem ousaria dela se furtar?¹⁶

Procurei não me deixar seduzir pelos seus argumentos não para encontrar uma verdade supostamente escondida, uma verdade por trás do texto, mas para tentar justamente entender a verdade da autora. Qual seria esta? Beauvoir se descreve como alguém forte, enérgica, leal ao seu projeto original. Sua vida não pode ser compreendida sem que se considerem em especial três linhas de força: sua carreira de escritora, sua relação com Sartre e as circunstâncias existenciais singulares (ou a “sorte”, conforme ela interpretava) que lhe permitiram vivenciar mais densamente essas.¹⁷

Além dessas linhas de força que conferiram certa continuidade ao longo de sua existência, é possível perceber que Beauvoir também destacou certas situações para caracterizar sua identidade autobiográfica. Neste caso, tanto as relações de amizade (outrem) quanto de alteridade (outro) se mostraram formas de a autora construir e situar a si própria, destacando sua singularidade sempre que possível. No que se refere aos relacionamentos desenvolvidos em âmbito intelectual, se, por um lado, o papel dos arroubos sentimentais não pode ser superestimado nos trabalhos históricos, por outro, também é preciso que ele seja considerado.

A configuração da intelectualidade francesa do pós-guerra é, certamente, mais ampla e complexa do que as relações que explorei – Beauvoir/Sartre – Merleau-Ponty – Camus – mas convém ter presente que o meu principal objetivo consistia em compreender o processo de

¹⁶ SALLENAVE, Danièle. Op. Cit., p. 267. “Son art extraordinaire de la conviction, de la persuasion, se double parfois d’une véritable stratégie de fascination. L’autorité de sa parole doit faire loi. Cette autorité n’est cependant pas, à ses yeux, le caprice d’un moi orgueilleux; c’est l’autorité de la vérité: qui oserait se soustraire?”

¹⁷ Cf. 2.3.3.

construção da identidade autobiográfica de Simone de Beauvoir, razão por que me reportei a tais relações de alteridade, na medida em que elas me auxiliavam nesse intuito. Além do mais, é também pelo enfoque de certas situações específicas, pelos detalhes de uma trama, pelo olhar mais atento sobre uma rede de intrigas íntimas que se pode conhecer melhor determinada configuração, como lembra o historiador Jean-François Sirinelli.¹⁸

Segundo a autobiógrafa, fazia-se necessário combater o outro para manter-se fiel a si. Esta regra também valia para seus oponentes no meio da crítica literária: Beauvoir os aponta como obstáculos à divulgação da verdade que tinha a comunicar.¹⁹ A autora tinha motivações tanto emocionais como políticas: queria comunicar sua experiência, bem como legitimá-la.

De acordo com Paul Ricoeur, o autobiógrafo é, concomitantemente, “leitor e escritor de sua própria vida. [...] A história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas.”²⁰ O autobiógrafo, portanto, se auto-interpreta. E, nesse processo, existe, certamente, um componente significativo de imaginação na tarefa de relacionar e racionalizar diversas situações, o que Beauvoir não nega. Ao comentar o início do seu empreendimento autobiográfico, afirma: “durante dezoito meses, com altos e baixos, dificuldades, alegrias me ative a esta ressurreição: uma criação, pois ela apelava à imaginação e à reflexão tanto quanto à memória”²¹.

Do mesmo modo, quando interpretei a narrativa de Beauvoir, apontando hipóteses e selecionando quais aspectos do seu texto deviam ser discutidos, também recorri, em alguns momentos, à imaginação, à criação. Indiquei possibilidades de leitura do seu texto; certamente, não são as únicas. Apontei uma maneira – ao que me consta, inédita – de entender sua existência, articulando elementos da sua narrativa a respeito da sua condição de sujeito histórico, tanto do ponto de vista da sua vida privada, como das relações públicas desenvolvidas com os outros, amigos ou adversários.

Realizei este trabalho a partir de um gênero timidamente explorado até o início do século XXI pelos historiadores: as autobiografias. Todavia, trata-se de um tipo de escrita que suscita um crescente interesse por parte desses profissionais, confirmando uma ampliação de fontes e de abordagens para o conhecimento histórico. No encerramento do Colóquio

¹⁸ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 252.

¹⁹ Cf. 3.2.

²⁰ Ibid., p. 425.

²¹ **La force des choses II**, p. 129. “pendant dix-huit mois, avec des hauts, des bas, des difficultés, des joies je m’attachai à cette résurrection: une création, car elle faisait appel à l’imagination et à la réflexion autant qu’à la mémoire.”

Internacional Simone de Beauvoir, em janeiro de 2008, a historiadora Sylvie Chaperon observava um notável aumento nos estudos, inclusive históricos, centrados nos escritos íntimos da autora:

Estudar Beauvoir como memorialista me parece muito promissor. Que estratégias guiam suas escolhas na *mise en scène* de sua vida? Ela apaga certos eventos, descarta personagens, destaca outros protagonistas, mas segundo que lógicas de “instituição de si”? [...] o objeto é legítimo porque Beauvoir não parou de contar suas experiências íntimas e porque ela quis reinventar o casal e a sexualidade bem antes da revolução sexual. Acrescento enquanto historiadora que ela nos legou fontes particularmente numerosas e ricas, o que não é frequente.²²

Certamente, no que diz respeito à obra íntima de Simone de Beauvoir, muitas perguntas ainda ficam em aberto e podem suscitar o interesse de ulteriores estudos históricos: como Beauvoir avaliava sua participação no seio do movimento feminista? Qual a importância das diversas visitas feitas, ao lado de Sartre, a vários países do mundo (inclusive ao Brasil) no sentido de promover seu ideal de compromisso intelectual? Que mudanças se observam no papel político de Beauvoir a partir de maio de 1968 e de que forma ela descreve tais transformações na sua última autobiografia, que é um balanço de sua existência? São apenas alguns dos questionamentos possíveis, dentre tantos outros.

Encerro esta tese não por que “nada mais deva ser acrescentado”, ao contrário: muitas leituras podem – e devem – ser feitas e refeitas, mas porque o trabalho do historiador está, como bem lembra Keith Jenkins, submetido a diversas pressões: prazos, questões familiares e de trabalho, etc.²³ Encerro também porque acredito ter cumprido, de maneira razoável, a tarefa a que me propus: procurei apresentar elementos que contribuíssem para conhecer um pouco mais sobre determinada experiência humana dentro do contexto histórico no qual existiu, neste caso, aquela narrada por Simone de Beauvoir nas suas autobiografias sobre sua trajetória de intelectual francesa no século XX.

²² CHAPERON, Sylvie. Les études beauvoiriennes aujourd’hui. In: KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.L.; STRASSER, A. **(Re)découvrir l’œuvre de Simone de Beauvoir**; du “Deuxième sexe” à “La cérémonie des adieux”. Paris: Le bord de l’eau, 2008, pp. 468-469. “Étudier Beauvoir comme mémorialiste me semble très prometteur. Quelles stratégies guident ces choix dans la mise en scène de sa vie? Elle gomme certains événements, évince des personnages, met en avant d’autres protagonistes, mais selon quelles logiques ‘d’institution de soi’? [...] l’objet est légitime parce que Beauvoir n’a cessé de faire texte de ses expériences intimes et parce qu’elle a voulu reinventer le couple et la sexualité bien avant la révolution sexuelle. J’ajoute en tant qu’historienne qu’elle nous a légué des sources particulièrement nombreuses et riches, ce qui n’est pas fréquent.”

²³ JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 47 - 48.

REFERÊNCIAS

Fontes:

BEAUVOIR, Simone de. **La force de l'âge**. Paris: Gallimard, 2002a. [1960]

_____. **La force des choses I**. Paris: Gallimard, 2002b. [1963]

_____. **La force des choses II**. Paris: Gallimard, 1999. [1963]

_____. **Mémoires d'une jeune fille rangée**. Paris: Gallimard, 1988. [1958]

_____. **Tout compte fait**. Paris: Gallimard, 1972. [1972]

Bibliografia e webgrafia:

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ANAIS II CIPA. II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica. Salvador, BA: EDUNEB, 2006.

ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre**. Trad. Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. Trad. Marie-France de Paloméra. Paris: Fayard, 1991.

BARRÈS, Maurice. **Sous l'oeil des barbares**. Disponível em: <http://www.inlibroveritas.net/lire/oeuvre8247.html>. Acesso em 15/12/2008.

BEAUVOIR, Simone de. **Cahiers de jeunesse; 1926 – 1930**. Paris: Gallimard, 2008.

_____. **La cérémonie des adieux; entretiens avec Jean-Paul Sartre**. Paris: Gallimard, 1981.

_____. **Le Deuxième Sexe I**. Paris: Gallimard, 1993 [1949].

_____. **Le Deuxième Sexe II**. Paris: Gallimard, 1994 [1949].

_____. **Les Mandarins I**. Paris: Gallimard, 1996a [1964].

_____. **Les Mandarins II**. Paris: Gallimard, 1996b [1954].

_____. **Lettres à Nelson Algren; um amor transatlântico (1947 – 1964)**. Trad. Sylvie Le Bon de Beauvoir. Paris: Gallimard, 1997.

_____. **L'invitée**. Paris: Gallimard, 1998 [1943].

_____. **Pour une morale de l'ambiguïté**, suivi de pyrrhus et Cinéas. Paris: Gallimard, 2003a.

_____. **Privilèges**. Paris: Gallimard, 1955.

_____. **Une mort très douce**. Paris: Gallimard, 2003b.

BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. Sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas I**; magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-232.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**; as aventuras da modernidade. Trad. Carlos F. Moisés e Ana M. L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**; ou o ofício do historiador. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONAL, Gérard; RIBOWSKA, Malka. **Simone de Beauvoir**. Paris: Seuil/Jazz, 2001.

BORGES, Vavy P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 203 – 233.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 183 – 191.

CADIOU, François et al. As biografias. In: **Como se faz a história**; historiografia, método e pesquisa. Trad. Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, pp. 187 – 205.

CAINE, Barbara. **Biography and history**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

CAMUS, Albert. **L'homme révolté**. Paris: Gallimard, 1951. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/camus_albert/homme_revolte/homme_revolte.html Acesso em 20/09/2010.

_____. **ACTUELLES III**; Chroniques algériennes, 1939-1958. Paris: Gallimard, 1958, pp. 115 - 118. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/camus_albert/actuelles_III/actuelles_III.html Acesso em 15 nov. 2010.

CELLÉ, Dominique. **Camus et le communisme**. 1997, 160f. (Maîtrise em história contemporânea. Orientador: Jean-François Sirinelli). Université Charles de Gaulle - LILLE III, 1997, p. 06. Disponível em: <http://webcamus.free.fr/download/ac-pcf.pdf> Acesso em: 30/10/2010.

CHAPERON, Sylvie. Les études beauvoiriennes aujourd'hui. In: KRISTEVA, J.; FAUTRIER, P.; FORT, P.L.; STRASSER, A. **(Re)découvrir l'oeuvre de Simone de**

Beauvoir; du “Deuxième sexe” à “La cérémonie des adieux”. Paris: Le bord de l’eau, 2008, pp. 467 – 469.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

CHAUÍ, Marilena. A era existencialista. **Folha de São Paulo**; Mais. São Paulo, 14 ago. 1994. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>. Acesso em: 25/11/2010.

COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2005.

CONTAT, Michel. Une si navrante occupation. In: **Le Monde**, 11 de outubro de 1991.

CROCE, Benedetto. **História como história da liberdade**. Trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. 2 ed. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DE MAN, Paul. Autobiography as de-facement. **MLN**, Comparative Literature, dez. 1979, vol. 94, n. 5, pp. 919-930.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo**; da história em migalhas ao resgate do sentido. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. **História do estruturalismo I**; o campo do signo (1945 – 1966). Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. **História do estruturalismo II**; o canto do cisne. Trad: Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Introdução à sociologia**. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

FEBVRE, Lucien. **Martin Lutero: um destino**. Trad. Tomás Segovia. Mexico: Fondo de cultura econômica, 1998 [1927].

FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. Trad. Mauro Lando e Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Nova Veja, 2006.

FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande. **Les écrits de Simone de Beauvoir**. Paris: Gallimard, 1979.

FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande. **Simone de Beauvoir**. Trad. Oswaldo Barreto e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

FULLER, Steve. **O intelectual**; o poder positivo do pensamento negativo. Trad. Maria da Silveira Lobo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Trad. Maria Betânea Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GODON, Martin. **La vie de Jean-Paul Sartre**. Disponível em: <http://www.cvm.qc.ca/encephi/CONTENU/philoso/Sartre.htm> Acesso em 04 jan. 2010.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOTHLIN, Eva. Lire Simone de Beauvoir à la lumière de Heidegger. In: **Les Temps modernes**. Paris, n. 619, pp. 53 – 77, jun-jul 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA Ângela (org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis : Vozes, 2000.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al (orgs.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

GULLESTAD, Marianne. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida. In: **Educação & Sociedade**. Campinas: Unicamp, vol. 26, n. 91, p. 509-534, Maio/Ago. 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a11v2691.pdf Acesso em 29 de junho de 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback e Emanuel Cordeiro Leão. Parte I, 6. edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, 1997

_____. Sobre a essência da verdade. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 335. Col. **Os Pensadores**, vol. XLV.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

KAUFMANN, Jean-Claude. **L'invention de soi**; une théorie de l'identité. Paris: Armand Colin, 2004.

_____. **Ego**, pour une sociologie de l'individu. Paris: Hachette, 2004b.

KOFES, Suely. No Labirinto, espadas e novelo de linha: Beauvoir e Haraway, alteridades, e alteridade, na teoria social. Florianópolis, SC: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 16 (3), 424, setembro-dezembro/2008, pp. 865 – 877.

JEANSON, Francis. Albert Camus où l'âme révoltée. **Les Temps Modernes**. Paris: Gallimard, mai/1952.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA Ângela (org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOSEPH, Gilbert. **Une si douce occupation...** Simone de Beauvoir et Jean-Paul Sartre (1940 – 1944). Paris: Albin Michel, 1991.

JUDT, Tony. **Passado imperfeito**; um olhar sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra. Trad. Luciana Persice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1992].

LARSSON, Björn. **La réception des mandarins**; le roman de Simone de Beauvoir face à la critique littéraire em France. Lund: University Press, 1988.

LECARME, Jacques; LECARME – TABONE, Éliane. **L'autobiographie**. 2 ed. Paris: Armand Colin, 2004.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). **História: novos objetos, novas abordagens, novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1976. 3v.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**; biografia. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996.

_____. **L'autobiographie en France**. 2 ed. Paris: Armand-Colin, 2004.

_____. **Signes de vie**; le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**; novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP.

MANGA, Ana Paula Rodrigues. **Nova poética autobiográfica em ambiente de weblogs**. In: 1o Encontro Nacional sobre Hipertexto, 2005, Recife. CD-Rom 1o Encontro Nacional sobre Hipertexto. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em: http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Ana_Paula_Rodrigues_Manga.htm. Acesso em 21 nov. 2008.

MARCOU, Loïc. **L'autobiographie**; anthologie. Paris: Flammarion, 2001.

MARQUES, José Oscar de Almeida. **Rousseau e a forma moderna da autobiografia**. Anais do IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Porto Alegre, 18 a 21 de julho de 2004, p. 1. Disponível em: http://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/Forma_moderna_da_autobiografia.pdf Acesso em 13 dez. 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Humanisme et terreur**; essai sur le problème communiste. Paris: Gallimard, 1947.

_____. Communisme et anticommunisme. In: **Les Temps modernes**. Paris: Gallimard, n: 34, 1948.

_____. **Les Aventures de la dialectique**. Paris: Gallimard, 1955.

MIRAUX, Jean-Philippe. **L'autobiographie**; écriture de soi et sincérité. Paris: armand_Colin, 2005.

MONTAIGNE. **De l'amitié**. Essais, livre 1er, chapitre XXVII. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1890, p. 43. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/delamitimontai00hm#page/n3/mode/2up> Acesso em: 02 de fevereiro de 2011.

MONTEIL, Claudine. **Les amants de la liberté**: l'aventure de Jean-Paul Sartre et Simone de Beauvoir dans le siècle. Paris: Éditions 1, 1999.

_____. **Les soeurs Beauvoir**. Paris : Éditions 1, 2003.

MOSER, Susanne. Entre l'altérité absolue et la reconnaissance des différences: aspects de l'autre chez Simone de Beauvoir. In: STAUDER, Thomas (org.) **Simone de Beauvoir cent ans après sa naissance**; contributions interdisciplinaires de cinq continents. Tubinga: Gunter Narr Verlag, 2008, pp. 235 - 241.

NOVAES, Adauto (org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das letras, 2006

OLIVEIRA, Sarah Luna de. **Desafios da escrita da história**; considerações sobre o anacronismo. Pergaminho, revista eletrônica de história, UFPB: 2005.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, n: 10, 1992/1; Teoria e história. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/idx_edicoes_anteriores.asp

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

_____. **Sur la traduction**. Paris: Bayard, 2004

_____. **Tempo e narrativa**. Trad. Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papirus, 1994, tomo I.

_____. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997, tomo III.

ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre**. Paris: Gallimard 2008.

RENAUT, Alain. **A era do indivíduo**; contributo para uma história da subjectividade. Trad. Maria João Batalha Reis. Lisboa: Piaget, s/d.

_____. **O indivíduo**; reflexão acerca da filosofia do sujeito. Trad. Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

SALLENAVE, Danièle. **Castor de guerre**. Paris: Gallimard, 2008.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**; cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. Trad. Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **Les carnets de la drôle de guerre**; novembre 1939 – mars 1940, Paris: Gallimard: 1983a.

_____. **Lettres au Castor**; et à quelques autres (1926-1939). Paris : Gallimard, 1983b.

_____. **Lettres au Castor**; et à quelques autres (1940-1963). Paris : Gallimard, 1983c.

_____. Merleau-Ponty vivant. In: **Les Temps Modernes**. Paris: Gallimard, 1961, n°184-185.

_____. O existencialismo é um humanismo. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 21. Col. **Os Pensadores**, vol. XLV.

_____. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1943].

_____. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Situations III**. Paris, Gallimard, 1949

_____. **Situations IV**; portraits. Paris: Gallimard, 1964.

SCHMIDT, Benito (org.). **O biográfico**; perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro; FGV, 2009, pp. 155 – 171.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**; as tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das letras, 1988

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre**; ensaios introdutórios. São Paulo, UNESP, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, pp. 231 – 269.

STAUDER, Thomas (org.). **Simone de Beauvoir cent ans après sa naissance**; contributions interdisciplinaires des cinq continents. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALÉRY, Paul. **Œuvres**. Paris: Gallimard, 1933.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: UnB, 1999.

WINOCK, Michael. **O século dos intelectuais**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**; a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.